



**Universidade de Brasília  
Instituto de Psicologia  
Departamento de Psicologia Clínica  
Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura**

**SOBRE/VIVÊNCIAS, CARTAS E DESTINOS:  
A ESCRITA COMO ARTE DO ABANDONO**

Tainá Hilana Oliveira Pinto

Brasília-DF

2021



**Universidade de Brasília  
Instituto de Psicologia  
Departamento de Psicologia Clínica  
Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura**

**SOBRE/VIVÊNCIAS, CARTAS E DESTINOS:  
A ESCRITA COMO ARTE DO ABANDONO**

**Tainá Hilana Oliveira Pinto**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura do Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutora em Psicologia Clínica e Cultura.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Augusto MonneratCeles

Coorientadora: Profa. Dra. Beatriz Carneiro dos Santos

Brasília-DF

2021

Tainá Hilana Oliveira Pinto. Sobre vivências, cartas e destinos: a escrita como arte do abandono. Brasília-DF, 2021.

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília (PPG-PsiCC/UnB), sob a orientação do Prof. Dr. Luiz Augusto MonneratCeles e a coorientação da Profa. Dra. Beatriz Carneiro dos Santos, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutora em Psicologia Clínica e Cultura.

### **Banca examinadora**

**Prof. Dr. Luiz Augusto MonneratCeles**  
PPG-PsiCC/UnB – Presidente

**Profa. Dra. Beatriz Carneiro dos Santos**  
UFR/Université Paris Diderot – Membro externo

**Profa. Dra. Tania Cristina Rivera**  
PPGCA/UFF – Membro externo

**Prof. Dra. Terezinha de Camargo Viana**  
PPG-PsiCC/UnB – Membro interno

**Dra. Iara Flor Richwin Ferreira**  
PPG-PsiCC/UnB – Membro suplente

dedico esse trabalho à memória  
de meu avô que construiu Brasília

José Pinto

escrevendo-o eu vim entender  
aquilo que ele precisou esquecer

para sobreviver

eu precisei lembrar

minhas raízes

meus mortos

me localizam

me posicionam

e me dão lugar

no mundo

## Agradecimentos

À CAPES eu agradeço pelo apoio à pesquisa e também pelo fomento oferecido à produção da tese em mobilidade, que me proporcionou uma experiência tão fundamental de estrangeiramento.

Ao Celes, meu orientador, eu agradeço pela acolhida e pela abertura.

À Beatriz, coorientadora desse trabalho, também eu agradeço pela acolhida hospitaleira nessa cidade outra onde ela me recebeu tão atenciosamente, se fazendo contraponto familiar. A Celes e Beatriz eu agradeço por terem sido minhas cidades, entre as quais pude transitar.

À banca eu agradeço por aceitar o convite de participação. À Iara Flor, por topar dar continuidade à conversa iniciada na banca de qualificação. À Terezinha, por essa conversa que se faz em bancas já desde o mestrado. E à Tania, pelo olhar que, desde a graduação, me aponta a pesquisa sempre lá num ponto inalcançável, no infinito que não devemos nunca deixar de mirar; agradeço pelo olhar que sustenta o impossível.

Ao João Marques eu agradeço pela revisão tão atenta e delicada desse texto recém-nascido.

Ao meu AAA– Ana Rosa Amor, André Felix e Angela Silva – eu agradeço pelas leituras, sem as quais essa escrita não se faria. Vocês foram o lugar onde encontrei alguma cura para meus vícios em mim. Eu agradeço imensamente pelas trocas e parcerias.

Ao Nestor Vaz, o meu velho sábio da psicanálise, eu agradeço pela transmissão sempre tão clínica e generosa.

À Vania Otero eu agradeço por se fazer lugar para mim. Lugar onde primeiro adivinhei ser possível a calibragem de lágrimas.

Aos meus amigos amores refúgios braços abertos, que me oferecem bases afetivas para enfrentar o viver, eu agradeço: Aline, Clara, Felfes, Ivi, Mari e Paula.

E, por fim, eu agradeço à minha família, o meu alicerce. À minha avó Aldenir, memória viva que resiste e me ensina segredos da sobrevivência. Aos meus terceiros avós, Márcia e Jurandir; sou uma pessoa de muita sorte por tê-los em minha vida. Aos meus padrinhos Liliana e Fabrício, pontos de amor e ancoragem sempre presentes. À minha irmã, Tamine, minha parceira de crimes e sonhos com quem quero dar a volta ao mundo. Ao meu pai, a quem um dia eu disse “pai, você é uma mãe” e só depois vim a entender o que isso queria dizer; o amor tem seus caminhos próprios. E à minha mãe eu agradeço por cotidianamente nos dar luz e vida, reinventando a cada vez o viver e mostrando em ato o quanto, para a vida, a gente precisa insistir em a cada vez dizer sim e aceitar nascer outra. Amo muito todos vocês.

## **Resumo**

Este trabalho é realizado nos limites entre psicanálise e literatura, tendo em Sigmund Freud e em Clarice Lispector as bases de sua reflexão, que busca pensar em ato a escrita como via de abandono do eu e de suas posições narcísicas que o centram no mundo. A literatura de Clarice Lispector faz-se o polo atrativo do convite ao descentramento. Memórias, restos, fragmentos de vivências, de leituras, de sonhos, de viagens são o ponto de partida dos textos que vão, como cartas, intimamente endereçadas ao outro. O jogo que se estabelece entre cartas e destinos, amores e lugares vai aos poucos abrindo espaço para um formato outro de escrita, que, em sua transmissão, busca dar notícias do impossível de ser escrito. O primeiro ensaio, a escrita 0, é um relato de estranhamentos suscitados pela escuta na rua, escuta esta vulnerável e desprotegida das paredes do consultório. Em seguida, a escrita 1 inaugura uma série de cartas supostamente endereçadas a Freud; assume-se ali, por questão de sobrevivência, a necessidade do abandono. A escrita 2 é uma proposta de método que pensa a pesquisa como o exercício de abandono de certezas tão estabelecidas que se confundem com pedaços de mim. A escrita 3, por sua vez, a partir de uma carta queimada, tenta alcançar alguma reflexão sobre o luto, já que não é possível abandono sem a realização desse trabalho subjetivo de enlutamento. A escrita seguinte (4/5) é uma consequência (in)direta da terceira; ela trata do que insiste em precisar ser escrito, mesmo quando já não existe mais destinatário. Por fim, a última escrita (6) ensaia, após essa espécie de volta ao mundo, um retorno à rua, esta grande mãe impiedosa. Retorno este que permite colocar uma pergunta sobre como a rua poderia alterar conceitos e práticas psicanalíticas, sobre o que psicanalistas poderiam receber dessa mãe.

**Palavras-chave:** abandono; renúncia pulsional; narcisismo; alteridade; rua.

## **Abstract**

This work is carried out in the boundaries between psychoanalysis and literature, having in Sigmund Freud and Clarice Lispector the basis of its reflection, which seeks to think and propose the act of writing as a way of abandoning the ego in its narcissistic position that center itself in the world. Clarice Lispector's literature becomes the attractive pole of the invitation to decentering. Memories, remains, fragments of experiences, of readings, of dreams, and of trips are the starting point of texts that, like letters and destinies, loves and places gradually makes room for another writing form, which, in its transmission, seeks let know something about the impossible to be written. The first essay, writing 0, is an account of the strangeness aroused by listening in the street, a listening way that is vulnerable and unprotected of clinic's walls. Next, writing 1 initiates a series of letters supposedly addressed to Freud; there, for survival reasons, the need for abandonment is assumed. Writing 2 is a proposal of method that thinks the research as an exercise of abandoning certainties so established that they become confused with pieces of me. Writing 3, in its turn, from a burnt letter, tries to achieve some reflections about grief process, since it is not possible to abandon without a subjective work of mourning. The following writing (4/5) is a(n) (in)direct consequence of the third one; it deals with what insists on needing to be written, even when there is no longer an addressee. Finally, the last writing (6) rehearses, after this kind of tour around the world, a return to the street, this great merciless mother. This return allows us to pose a question about how street could change psychoanalytic concepts and practices, about what psychoanalysts could receive from this mother.

**Keywords:** abandonment; drive renunciation; narcissism; otherness; street.

## Sumário

<b>Resumo</b> .....	6
<b>Abstract</b> .....	7
<b>Apresentação</b> .....	10
<b>0. Ensaio-abertura: de pés descalços</b> .....	16
1. Antes ainda .....	18
2. A céu aberto.....	20
3. O que varia, o que se repete .....	23
4. Os obedientes .....	26
5. O orgulho de quem realiza o nobre papel de ser um anônimo .....	28
6. A massa, a obediência e o lugar do “um igual” .....	30
7. O poeta e o convite à desobediência.....	33
<i>pousa</i> .....	38
<b>1. Escrita é abandono</b> .....	40
1. A grande onda .....	42
2. A escrita como arte do abandono .....	46
<i>pousa</i> .....	52
<b>2. A mala cega é guia</b> .....	55
1. O sonho da mala cega.....	57
2. O cego e seu cão-guia pelas ruas de Itajuípe .....	59
3. Guiar é ser guiado.....	62
4. Em nome da pesquisa .....	66
5. O que o olho cego não vê revela .....	68
6. Ver na escuridão .....	70
7. O inimigo é o eu cego.....	72
8. A mala cega é guia .....	75
<i>pousa</i> .....	79
<b>3. A morte é uma casinha</b> .....	82
1. Descanse em paz .....	83
2. A mala cega é guia .....	86
3. A redoma de vidro .....	89
4. Os bustos de empáfia.....	93
5. As mulheres sem rosto choram descalças .....	95
<i>pousa</i> .....	100
6. <i>Una furtiva lacrima</i> .....	103
7. A cada <i>milágrimas</i> sai um milagre .....	106
8. Um teto todo seu.....	110



9.	A morte é uma casinha .....	114
10.	Talvez luto seja o revés de um parto .....	119
	<i>pousa</i> .....	123
<b>4/5.</b>	<b>Perdoando Deus é direito ao grito</b> .....	127
1.	O bom filho a casa entorna.....	129
2.	A anatomia de um crime .....	134
	<i>pousa</i> .....	140
3.	Em busca da metade perdida .....	142
4.	EU PODERIA TER NASCIDO MACABÉA .....	151
	<i>pousa</i> .....	160
5.	O bom filho a casa entorna.....	162
6.	A anatomia de um crime .....	171
	<i>pousa</i> .....	177
7.	Em busca da metade perdida .....	179
8.	E pelo pinto... amém! .....	184
<b>6.</b>	<b>Ensaio-fechadura: a rua é uma mãe</b> .....	196
1.	Os obedientes: amor é sacrifício.....	198
2.	O que o olho cego não vê revela .....	205
3.	A felicidade é clandestina.....	210
4.	Do amor-sacrifício ao amor sem piedade.....	217
5.	Desdobro especular .....	223
6.	A rua é uma mãe.....	229
	<b>Referências</b> .....	234

## Apresentação

### Carta é destino

O texto que agora o leitor tem em mãos poderia ser uma colcha de retalhos, talvez ele já seja. Ele não é mais do que uma reunião de fragmentos variados. Nada, nada, nada aí é meu. Esses fragmentos, todos e cada um, eu os recolhi no mundo. Como quem cata conchinhas na beira da praia, como quem rouba flores de belos jardins, como quem busca valorosos achados no lixo, como quem revira escombros de uma casa caída. Consigo identificar aí restos de tantas coisas tão diversas que seria impossível enumerá-las por completo.

Há pedaços de céu e pôr do sol, de nuvens, sandálias e cadeiras, de rio e mar, de paralelepípedos e bengalas; há fragmentos de uma menina banguela e pedras de um jogo de dominó, de óculos escuros, de visões e cegueiras, de canções tão antigas, de poemas, de portas, janelas, chaves e fechaduras; há fragmentos de ondas de rádio AM e FM; há pétalas de rosa, restos do pavio de uma vela, pedaços de lápide, palito de fósforo riscado, fios de uma mortalha, cinzas de uma carta queimada; há restos de mundos decaídos; há escombros de monumentos, de fotografias não tiradas; há pedaços de teto; há fragmentos de lágrimas, estrelas e espelhos espatifados, cacos de vidro de redomas e aquários; há casca de ovo, retalhos de finos lençóis, pedaços de tijolo; há lascas de concreto armado, terra seca, cimento e fina poeira vermelha; há restos de um lance de dados e do gira-girar que circula sorte e azar; há pedaços de apagões e de fios desencapados; há gotas de café, de coca-cola e de cachaça que brota debaixo do beliche de um acampamento – *desdobro*, adorei seu nome; há restos de carnaval, o que foi a gota d'água; há vômito, migalhas de cachorro quente, de comida azeda, de ovas de peixe, lascas de gelo de um copo de uísque; há pedaço de gravata, bituca de cigarro e pedaço de uma de piteira de brilhante; há pena de galinha, bico de pintinho, rabo de lagartixa, unha de rato, massa branca do interior do corpo de uma barata; há sangue pisado, sangue derramado; há algumas teclas faltantes de uma velha máquina de escrever, ponta de lápis de pedreiro, tampa de tubo de pasta de dente, lascas da parede secreta de uma caverna inabitada, marcas de pegadas apagadas; há pedaços de grito e restos de eu.

Nada aí é meu. Nada além da escolha de como combinar e costurar esses restos que agora entrego ao leitor. Coisa que eu imagino ter aprendido com a minha avó, a sergipana da Bahia. Ela era doutora na arte de fazer lindas colchas a partir de restos de tecidos outros. Até hoje, quando durmo, é com elas que me cubro. Então todo o meu trabalho esteve aí na organização dessa composição realizada de maneira quase intuitiva; eu não poderia explicá-la, mas faço aqui minha tentativa de apresentá-la. O primeiro ensaio – *De pés descalços* – é fruto de uma reflexão sobre os efeitos que recolho em mim dessa temporada que passei na rua junto a um coletivo de psicanálise da cidade, o Psicanálise na Rua. É um relato dos efeitos de estranhamento suscitados pela escuta sem a proteção das quatro paredes do consultório, as quais eu estava tão habituada. Como o leitor poderá ver, o pensamento de Clarice Lispector já desde esse momento inicial da reflexão se faz presença marcante e vai se tornando cada vez mais. Sem ela eu não conseguiria me lançar na ausência de garantias.

Parece-me importante destacar que esse primeiro ensaio foi escrito entre 2018 e 2019, momento político muito delicado de transição de governo em nosso país. O que era delicado pode revelar-se ainda mais. Todos os outros foram escritos num contexto de crise sanitária e humanitária mundial. Após a deflagração da pandemia da covid-19. Foi assim que me vi subitamente lançada de uma vivência de expansão e ausência de muros para outra absolutamente oposta, de confinamento e privação da rua.

Então, se o leitor topa seguir com a leitura, aviso que a partir daí se entra num espaço outro. Se, por sua conta e risco, o leitor me diz sim, desse ponto em diante, atravessamos juntos uma fronteira que se estende até o início do último ensaio – *A rua é uma mãe*. Esse espaço outro é uma zona de liberdade com fronteiras determinadas que talvez eu tenha precisado criar por questões de sobrevivência. Para dentro dessa zona, infelizmente não conseguir fazer passar a exigência de escrever de acordo com as normas da APA. Já na alfândega ela ficou retida. Por isso, tomei o cuidado de sempre referenciar o leitor através do contexto, situando, no próprio corpo do texto, o título da obra e o nome do autor citado. Nos momentos em que isso não foi possível, lancei mão de uma nota de pé de página.

Já a poesia teve trânsito livre. Quem entende esses critérios alfandegários? Eles sempre me parecem mesmo muito arbitrários. Aproveitei-me disso para oferecer pequenas pausas-poemas, que chamei de *pousa*. Para mim, *pousa* é onde respiro. Ao

longo do texto, fui distribuindo esses convites para uma pausa em que compartilho poemas que me marcaram e me acompanharam ao longo desse processo de pesquisa e escrita. *pousa* é livre, e o leitor decide se quer ou não parar ali para respirar outro ar, mergulhar em outro ritmo, contemplar outra paisagem.

Meu refúgio para o inóspito mundo lá fora começa com *Escrita é abandono*, uma carta que eu escrevo, para Freud, pedindo ajuda para lidar com aquilo que me chegou como anúncio de um fim, do fim de um mundo. Não poderia explicar de onde veio essa minha iniciativa, mas parece que o fim de mundo me pediu a carta. Algo íntimo e endereçado em que posso falar de meus medos, contar histórias, compartilhar alguns devaneios e decisões. Por que para Freud? Talvez porque eu suponha nele um sobrevivente, alguém que atravessou o fim de um mundo. Ali eu conto para ele como foi que cheguei nessa decisão de, à beira do fim do mundo, começar a lhe escrever: foi tirando carta num jogo de tarô que eu decidi que era esse o caminho. E ironicamente a carta com a qual o acaso me presenteou foi: a morte. Interpretei como um recado do destino de que era melhor fazer o que eu tinha vontade de fazer antes que a morte ou o fim do mundo me alcançassem. Foi assim que a carta se fez destino. Lancei-me nessa aventura incerta em que começo contando brevemente a história de minha pesquisa e de como cheguei à questão do abandono, passando antes pela diferença sexual, pela pesquisa infantil e pelo ato de descrença da criança. Há o que é preciso abandonar para se seguir vivendo, a grande norma, os pais e mestres como suposição de todo saber, antigos amores, velhas idealizações, pedaços de mim. Encontrei em *Um sopro de vida* (Lispector, 1978/1999) a minha pergunta: sou capaz de abandonar nobremente? Esse sopro me revelou a escrita como meio para deixar ir o que precisa ser abandonado à beira do fim do mundo. Terminei essa carta pedindo a Freud nada mais que isso: que ele me deixe ir, ir escrevendo, para que eu não me sinta toda só.

Parece que ele deixou! E, à medida que fui indo, quanto mais fui avançando, tanto mais o que eu escrevia parecia ir se distanciando de uma carta. Aos poucos, foi se transformando em algo outro para o qual eu não exatamente tenho um nome. Por isso, cada pedaço de texto eu resolvi chamar de *escrita*. Escrita 0, 1, 2, 3, 4/5 e 6. Até que a última, escrita 6 – *A rua é uma mãe* – retoma o tom inicial do ensaio de abertura.

Se for para falar de método à beira do fim de um mundo, então que seja do meu jeito. A escrita 2 – *A mala cega é guia* – é uma tentativa de reflexão sobre

*comopesquisa*. Novamente, não consigo ver outra maneira possível senão através do abandono. Do abandono de certezas que já se confundem com pedaços de mim. No fim das contas, só faz pesquisa quem aceita perder e se perder. Nessa carta, conto para Freud sobre os meus passeios pelas ruas de Itajuípe com meu avô baiano, meu velho cego. Sobre como a cegueira, ao lhe levar os olhos, arrebatou-me em cheio e me fez fazer da cegueira/visão uma questão incontornável desde a minha infância. Acho que foi com meu avô que eu descobri que há o que não se vê com os olhos, há o que precisa ser adivinhado no escuro. Pesquisar é entregar-se a um movimento de busca que acontece a despeito de mim e que avança na única direção a que uma pesquisa pode avançar: o desconhecido. Para essa entrega, é preciso confiar que há algo outro que me guia; no meu caso, parece que precisei confiar na minha mala cega, que me conduziu aos lugares mais insondáveis.

Na escrita 3 – *A morte é uma casinha* –, convido Freud para um passeio ao ar livre num fim de tarde de outono. Não aviso previamente sobre o nosso destino, apenas peço que ele me estenda a mão e feche os olhos, que ele venha confiando em mim e se deixando guiar pela minha voz, que vai dando notícias do que captura meu olhar. Ele topou! Nessa tarde, conversamos longamente sobre o dia em que Macabéa chorou (Lispector, 1977/2017), conversamos sobre lágrimas e monumentos, sobre casas e tetos, sobre a transitoriedade da vida. O pano de fundo dessa escrita, não tenho dúvida, é a carta queimada. A carta que escrevi para o meu avô, não o cego da Bahia, o cearense de Brasília, que morreu quando eu não estava por perto. Há as cartas que escrevemos para logo em seguida queimá-las. E saber que eu vou queimá-la logo após escrever não faz com que escrever seja menos necessário. Foi aí que eu entendi que a carta é o destino. Há o que insiste em precisar ser escrito, mesmo quando já não há mais destinatário.

A escrita 4/5 – *Perdoando Deus é direito ao grito* – é um desdobramento do que insiste em precisar ser escrito. É um trabalho inacabado. Em algum momento me foi preciso aceitar que Deus a gente não perdoa, Deus a gente segue perdoando. Se Clarice (Lispector, 2016e) deixou o título do seu conto conjugado assim no gerúndio – perdoando –, deve ser porque esse trabalho não acaba nunca. Quantas vezes eu me perguntei por que é que eu fui cair nessa besteira de mexer com Deus? Essa escrita foi o meu maior tormento. Ela crescia, ela crescia; a despeito de mim, ela crescia. Quando me dei conta, ela se desdobrou, se duplicou. Sei lá. Sei que, através dela e a partir de dois textos que Clarice escreveu após suas passagens por Brasília, pude reaver o meu espanto

perdido por essa cidade, a qual talvez eu estivesse por demais habituada: “Um dia eu era criança que nem Brasília. E queria tanto um pombo-correio. Para mandar carta para Brasília. Recebem? Sim ou não?”(Lispector, 1974/2016g, p.617). Foi assim que eu trouxe a datilógrafa Macabéa para essa cidade e, pelos dedos dela, se escreveu o que precisava ser escrito. Ainda há muito mais e, como isso parece trabalho infinito, em algum momento me foi preciso passar ao grito. Ou eu não sairia nunca de lá.

Só muito depois é que eu vim a entender o que aconteceu ali nessa escrita 4/5. Lembrei-me de que, em algum momento, enquanto eu a escrevia, eu a conjurei com versos de um poema (Verunschik, 2017, p.15): “)escrever como quem constrói um labirinto | um amontoado de pedras entre as quais as palavras giram”; “escrever | escrever como quem constrói o próprio chão no qual se pisa”; “escrever como quem se arrisca”; “| escrever como quem constrói um labirinto (”. Acredito que o feitiço virou contra a feiticeira. É preciso ter muito cuidado com o que desejamos quando escrevemos. Não revelo agora os minotauros que encontrei dentro desse labirinto para que o leitor os descubra em sua leitura. Durante um bom tempo, eu considerei dividir essa escrita em duas. Mas quem eu estaria enganando? É uma só e mesma coisa que se desenrola ali. Foi essa a forma que ela quis tomar, não caberia a mim impedir. Por isso deixei assim – escrita 4/5. É uma maneira de não esquecer que entre números inteiros há o infinito. É lá o seu lugar.

Então, se o leitor não se perde nesse labirinto, atravessamos a fronteira novamente. É o fim da zona livre. A escrita 6 – *A rua é uma mãe* – marca uma retomada do tom inicial do primeiro ensaio. Nela eu julgo estar oferecendo, com palavras da língua psicanalítica, o que em Clarice eu entendi ser a travessia do amor e seu inferno. No fundo, penso eu, essa escrita é puro contrabando de tesouro, contrabando das verdades que me foram transmitidas nesse espaço outro, nessa zona livre. Foi com Clarice que entendi que a conquista de alguma liberdade está em se assujeitar a essa arriscada travessia; sobreviver a ela é contingente, mas, se isso acontece, conquistamos outra forma de amar. Por fim, abandono esse trabalho no ponto em que acredito ter encontrado a direção em que vai meu passo seguinte. É que, só bem depois, eu fui entender que, na rua, a economia era outra. A partir daí, foi incontornável; agora eu busco isso que ainda mal posso explicar: dar por pura graça, receber sem dívida. Agora eu busco a graça: é esse o meu destino.

O texto que agora o leitor tem em mãos poderia ser uma colcha de retalhos, talvez ele já seja. Esse trabalho, como a história de Macabéa, foi escrito em “estado de emergência e de calamidade pública” (Lispector, 1977/2017, p.46). Parece que isso, mais do que nunca, me forçou a habitar um espaço entre. Então, essa colcha de retalhos, costurada à beira do fim do mundo, só pode mesmo oferecer um texto fronteiro, que se situa em algum lugar entre um velho mundo e um novo mundo por vir, entre morte e vida, entre Freud e Clarice, entre psicanálise e literatura, entre eu e Macabéa, entre eu e o outro. Deixo aqui os meus sinceros votos de que percorrer, ou sobrevoar, esse entre seja um momento de algum prazer possível, apesar de toda calamidade.

## 0. Ensaio-abertura: de pés descalços

Para que o mendigo na porta do cinema não fosse uma pessoa abstrata e perpétua, ele teria que começar de muito longe, e do primeiro começo (...). “Para que quero tanto?”, insinuou-lhe então o hábito que terminaria de novo por fazer com que a fome dos outros fosse uma abstração, o mesmo hábito que é o medo que um homem tem. (A maçã no escuro, Clarice Lispector, p.137)

E o que consigo fazer agora não é muito, talvez tentar contar uma história.

Eramais uma sexta-feira de atendimento no Conic, chego e abro meu par de cadeiras na praça Zumbi dos Palmares. Sento-me e aguardo por uma alma corajosa que venha ocupar a cadeira vazia ao meu lado. E, enquanto espero, de súbito, sou capturada pela imagem tão repulsiva quanto hipnótica desse pé (chão) que, desde então, sempre retorna em minha memória, em cinza. Um pé que se denuncia há muito descalço pela maneira como se mistura ao asfalto nu. Sua cor cinzaembetumada e suas rachaduras que mimetizam os sulcos do concreto não me permitem discernir o que é pé do que é chão. (Não saberia dizer quanto tempo durou esse instante em que fiquei ali vidrada nessa indistinção. Sei que foi tempo o suficiente para não esquecer essa imagem que retorna, agora, por exemplo, e mais uma vez e de novo). Junto desse pé impregnado/impregnante, vem um homem de camisa rasgada, que se dirige a uma mulher calçada e bem vestida, que passa a poucos metros do local onde estou. Ele mostra a ela a sua ferida. A sua ferida no pé. E pede a ela um par de sandálias. Eu penso no quanto uma ferida dói mais e não cicatriza quando só se pisa descalço no chão duro e sujo. Ele completa dizendo que já viu o preço na loja ali ao lado, custa quinze reais. Ela escuta o pedido e concorda em ir juntos até lá para conseguirem o par de sandálias. Nesse momento, apesar da ferida, ele dá um salto manco de felicidade, e os dois vão caminhando lado a lado até que eu não mais os consiga ver.

Tenho para mim que foi aí que o meu pé afundou dentro dessa experiência que tenho vivido e buscado significar, o Psicanálise na Rua. Já estávamos atendendo na rua há alguns meses, e foi essa captura que me fez pensar que, antes disso, talvez eu estivesse ali com o pé atrás. Um tanto insegura com isso de atender na rua. Afinal, como fica o enquadre? A hora marcada? A transferência? O pagamento? Então me dei conta



de que eu poderia ou fazer das minhas questões um impedimento, ou um motor que me guiasse nessa exploração.

Nesse mesmo dia, uma das almas corajosas que se sentou na cadeira vazia ao meu lado foi um jovem rapaz. Só depois ele me disse que passou um bom tempo nos olhando a certa distância, sentado num banco que há ali nas proximidades. Enquanto observava, decidia se viria ou não. Quando finalmente chegou, já próximo do nosso horário de encerramento, começou me contando que fazia poucos dias que havia saído da rua. Agora tinha um teto. E, para me contar como havia saído, ele achou que precisava me explicar como tinha ido morar na rua e que, para chegar ali, precisava me contar um pouco mais sobre a história da vida dele. E, à medida que ia contando, surgiam buracos, muitas coisas de que ele não se lembrava ou não sabia, datas que não se encaixavam. Os pais não tiveram condições de criá-lo, e ele – desde muito novo – passou de casa em casa de parentes, depois – desde muito novo – de casa em casa de recuperação para dependentes químicos. Em determinado momento, ele hesita, talvez porque tenha se dado conta desses buracos, e me diz que não sabe nem contar a própria história. Imediatamente me lembro dessa frase de Clarice: “E as pessoas precisam tanto poder contar a história delas mesmas” (Lispector, 2016a, p. 343).

A partir daí, pensei que eu poderia ir à rua para ouvir histórias. Apostando um tanto que, ao contar uma história, talvez possamos escrevê-la. E também que, ao narrar, temos a chance de dar um salto e, quem sabe, nos vermos de outro lugar, por outra perspectiva.

É muito curioso como, nessas duas horas e meia da semana que nos colocamos ali, disponíveis para escuta, acontecem tantas coisas imprevisíveis, engraçadas, estranhas (e como eu tomo sustos na rua). Então, quando chego em casa, não durmo, minhas pálpebras mal se tocam, meus olhos vibram em movimentos incessantes como quem viu demais, minha memória repassa frases que eu ouvi, que eu disse, que eu pensei em dizer. São breves horas intensas, que eu levo a semana me lembrando e esquecendo.

Tem sido uma experiência inquietante que me faz, de maneira incontornável, lidar com o quanto eu não sei. Eu não sei o que fazer. Eu me sento e espero? Quando eu seguro a placa, eu grito anunciando o que está escrito nela? (E estar ali me fez atentar para o fato – um tanto óbvio – de que nem todos que passam podem ler o que as placas

tentam dizer). E, quando alguém resolve parar e me perguntar o que é psicanálise, o que eu digo? Há também quem pare para saber o que é que nós queremos ali, atendendo de graça na rua. E eu lá sei!

Então peço licença ao leitor pela possível precariedade de minha proposta e de minha limitação em alcançá-la. Escolhi levar até as últimas consequências a frase de Clarice. O que buscarei fazer aqui, nesse texto, não será mais que a tentativa de contar uma história. A história de como tem sido esse breve período de atendimentos na rua e o que essa experiência tem me feito pensar. Ressalto que, mesmo que essa seja uma experiência vivida e compartilhada por alguns outros, limito-me a falar em nome próprio.

## **1. Antes ainda**

Desde o fim do ano passado, nos juntamos – um grupo de analistas [ou de nãoanalistas? (Lacan, 1967/2003)] – aqui em Brasília. Anunciamos uma primeira reunião pelas redes sociais e nos surpreendemos com a quantidade de pessoas que apareceram. Naquele momento, dizíamos que estarmos juntos, pensando em algo que nos tirasse da clausura dos nossos consultórios, era uma resposta ao golpe político em nosso país, aos desmontes galopantes das políticas públicas, à ascensão despuddorada de discursos violentos ao poder. Dizíamos que era uma resposta. Talvez fosse. Mas, hoje, tendo a pensar que nos organizamos para tentar formular uma pergunta. E quem sabe ela seja essa: a psicanálise pode ir à rua? Uma pergunta que certamente se desdobra – quais efeitos esse deslocamento espacial, dos consultórios à rua, tem/teria sobre a nossa forma de pensarmos nós mesmos e a própria psicanálise?

Buscamos inicialmente colher histórias de iniciativas similares que pudessem nos orientar um pouco em nossas decisões sobre o local, o horário, sobre o público que gostaríamos de atingir (e sermos atingidos por). Além das notícias que tínhamos das iniciativas em curso em São Paulo, tanto da Clínica Pública quanto da Clínica Aberta, tivemos a chance, e a sorte, de termos entre nós pessoas que haviam participado da experiência dos consultórios de rua que aconteceu aqui em Brasília em meados da década de 1990. Uma iniciativa da qual participaram muitos analistas, e, entre eles, um que parece ter lugar especial na memória da cidade: o psicanalista Richard Bucher.

Também fomos buscar textos, um deles de Freud (1919/2017), em que ele fala do quanto as “condições de nossa existência nos limitam a camadas superiores da sociedade”, assim como ele fala da provável necessidade de que a psicanálise venha a fundir o seu “ouro puro” ao cobre da sugestão para que, no futuro, ela venha a alcançar “as amplas camadas populares” (1919/2017, p.201). Será que é mesmo assim que a psicanálise pode alcançar aqueles que ele chama de “pobres”?

Então decidimos que começaríamos pela Rodoviária do Plano Piloto (todo sábado, das 10h às 12h) e pelo Conic (toda sexta, das 16h30 às 19h). Esses são dois pontos de intenso fluxo, uma espécie de encruzilhada para onde convergem as rotas da maioria das pessoas que chegam das cidades-satélites para trabalhar no Plano Piloto.

O Conic fica próximo à Rodoviária e é uma construção antiga e enorme, um centro comercial que já foi muito próspero e que hoje vive a marca de certa decadência, quando comparado aos anos vindouros. O meu relato parte das experiências que vivo lá, e lá tem de tudo: salão de beleza, ótica, bar, *sexy shop*, festas *underground*, igreja evangélica, faculdade de teatro, grupo de capoeira, loja de vinil, de camiseta, sebo de livros, diretórios de partidos políticos, livraria evangélica, sindicatos, loja de doce, de embalagem, consultório de dentista, escritório de advogado, firma de contador, lojinha de capa de celular e de sandálias e sapatos. Às vezes ele parece um labirinto. E, em frente a ele, tem uma praça, a Praça Zumbi dos Palmares, um ponto de resistência política, onde muitas manifestações se iniciam, acontecem ou se encerram. Um dia, por exemplo, foi preciso que encerrássemos os atendimentos um pouco mais cedo porque ali na praça começou uma homenagem à memória da vereadora Marielle Franco (e ainda não sabemos quem executou Marielle). Nessa homenagem, nós acendemos velas enquanto ouvíamos serem pronunciados, um a um, os nomes das mulheres assassinadas no Distrito Federal nesse ano. Depois fiquei pensando no quanto o que se passou ali foi algo como tentar dar à luz os nomes que são apenas números (que o feminicídio existe, uns se lembram mais que outros).

Chegarmos à decisão de começarmos por esses lugares foi o resultado de um processo de discussões e afinamentos. Internamente, entre nós, não havia o menor consenso. Foi necessário, por exemplo, defendermos, entre nós, que sim, a psicanálise é política. Foi preciso fazer questão, entre nós, sobre que rua nos interessava ocupar, questionar se aquilo que visávamos era o mero deslocamento do consultório para uma

rua qualquer. Foi preciso defender que oferecer escuta na Rodoviária ou no Conic não seria a mesma coisa que oferecê-la numa agradável entrequadra arborizada do Plano Piloto, onde, em última instância, circulam apenas nossos “iguais” (noção que retiro de um conto de Clarice Lispector e que retomarei adiante), ou seja, os mesmos que já frequentam nossos consultórios.

Nós fomos, aos poucos, nos organizando e descobrindo que estar junto pode dar muito trabalho. Não basta estar lá no Conic ou na Rodoviária às sextas e aos sábados, tem que encontrar dia e horário em comum para fazer grupo de estudo, para deliberar questões internas em assembleia, para discutir os atendimentos em reunião clínica. E estar junto às vezes é prazeroso, outras vezes é bem difícil. Mal nos conhecíamos e agora compartilhamos problemas, dúvidas, tensões, conversas, celebrações, medos, casas, horas, livros, textos, discussões, discordâncias, concordâncias, diferenças, identificações. Isso me faz pensar que o Psicanálise na Rua é também uma forma de estarmos juntos, nos organizarmos e vivermos todas as dificuldades que uma tentativa de partilha possa implicar.

## **2. A céu aberto**

Num primeiro momento, fomos reconhecer e mapear o território. No Conic, por exemplo, encontramos um lugar perfeito num pátio interno com marquise para os dias de chuva e altas colunas grafitadas de cima a baixo. Em poucas semanas, o espaço foi todo cercado por tapumes e teve início uma obra que até hoje está lá, inacabada. A rua tem dessas coisas.

Foi preciso encontrar outro lugar e foi assim que ocupamos a Praça Zumbi dos Palmares. Chegamos lá (e geralmente estamos em cinco mais um) com nossa placa, em que está escrito “Psicanálise na Rua. Atendimentos Gratuitos”, além dos nossos dias e horários de atendimento no Conic e na Rodoviária.

E nos posicionamos ali, no meio de outras tantas pessoas segurando suas tantas placas: “Compro ouro”, “Exame admissional”; também tem gente distribuindo panfletos com a velocidade e habilidade de um ninja; tem o vendedor de guarda-chuva que grita “Bolsonaro vem aí”. Quem passa lá deve ficar na dúvida se vende ouro, compra um

guarda-chuva para se proteger do que vem aí ou se senta na cadeira para conversar. E escolher um não necessariamente exclui o outro.

Há ainda a maior placa de todas, na porta de uma igreja evangélica: “O dia tem 1440 minutos. Você tem um minuto para Deus? Entre e receba uma oração”. Da última vez, brincamos que talvez essa concorrência fosse um pouco desleal, não só pela diferença no tamanho das placas, mas pela diferença de ofertas. Não temos condições de oferecer orações, nem salvação. Parece que, no máximo, podemos oferecer perder. Perder algum tempo juntos. E seguimos brincando que poderíamos reescrever nossa placa: “Você tem um minuto? Perca ele aqui com a gente!”. Aponto tudo isso para dizer que nós nos ofertamos ali, no meio dessa polifonia cacofônica, onde muitas coisas acontecem e nos afetam de diferentes cantos, ao mesmo tempo.

E tenho me surpreendido, porque as pessoas se sentam. Sempre me interroga por que elas o fazem. As razões são inúmeras e ainda desconhecidas. E, como naquele outro conto de Clarice: “Eu tomo o maior cuidado para não entendê-lo”, já que entender “é a prova do erro” (Lispector, 2016b, p. 304). Há quem se sente dizendo: “todo mundo precisa desabafar um pouco” (e às vezes o desabafo vem, sim, com o bafo de quem acabou de beber uma “quente” ali no bar e junto tomou coragem para se sentar); já houve quem se sentasse para nos entrevistar e acabou voltando de novo e de novo; há quem se sente dizendo que quer saber o que é psicanálise ou dizendo que “sempre quis fazer terapia”; dizendo que quer saber “como é isso aí”. E elas também se sentam por acaso, porque a cadeira estava vazia e as pernas, cansadas. Se sentam porque moram longe, muito longe, e, como vão ter que voltar no dia seguinte muito cedo para trabalhar, já dormem por ali no centro da cidade e assim economizam o dinheiro da passagem.

E às vezes elas voltam dizendo que querem dar uma boa notícia; porque ficaram pensando em algo que você disse; porque perceberam que há tempos não choravam tanto, há tempos não falavam sobre; porque isso de falar sobre fez “lembrar de”. Muitas vezes, você espera e elas não voltam. Também há situações em que as pessoas se assustam com o que falaram ou com o quanto falaram para um estranho, se perguntam por que fizeram isso e, se mandamos a pergunta de volta, já teve quem nos respondesse que era porque nunca mais precisaria nos ver. A rua surpreende.

Lá tenho a impressão de que todo atendimento é único, até que a pessoa volte. Lá a agenda nós chamamos de caderno, e funciona ao contrário, já que, na maioria das vezes, nós esperamos por eles e não eles por nós. Anotamos depois o nome de quem foi atendido no dia; ao lado do nome da pessoa, vai o nome de quem atendeu, mas, como cada um anota de um jeito, nem sempre sabemos de primeira quem atendeu e quem foi atendido.

E lá psicanálise é palavra estrangeira e impronunciável, e às vezes ela vira *Psicanalaise* na boca de quem pronuncia esse nome pela primeira vez, e nós mesmos já escrevemos *Pisicanálise* na placa, e nenhum de nós reparou. E, sendo *psicanalaise*, *pisicanálise*, não importa, estamos lá no Conic toda sexta (exceto feriados) das 16h30 às 19h. Faça chuva ou faça sol, faça sol ou faça sombra, faça chuva ou faça seca. Inclusive, lá, o pôr do sol é lindo na seca, a praça é movimentada, dá vontade de beber água gelada. E conversamos até sobre o clima, porque a associação é livre.

Outro dia, choveu muito, e, como nosso abrigo é bem precário, quando batiam rajadas mais fortes de vento, não tínhamos como escapar do banho frio. E, enquanto isso, alguns de nós atendiam, em pé mesmo. Isso de conversar assim, em pé mesmo, acontece. Tem gente que chega, se aproxima, fica conversando, mas não quer se sentar não. Geralmente, as pessoas fazem isso com quem está ali segurando a placa.

Nós combinamos que segurar a placa é uma função e a nomeamos de acolhimento. A cada sexta, vamos em cinco analistas (ou nãoanalistas?) mais um, o responsável pelo acolhimento. Nós buscamos fazer essa função circular entre nós, o que nem sempre funciona. É uma função mais complexa do que parece, porque, se fosse suficiente segurar a placa, nós a penduraríamos. Tem isso de olhar no olho, às vezes dar um sorriso ou fazer uma piada, responder ou não uma pergunta. O acolhimento é um lugar entre. Entre o passar e o se sentar, entre o cogitar e o decidir, entre o querer saber e o tomar para si (e cada vez eu acho mais importante o que fica entre).

E lá eu converso com homens, mulheres, jovens, velhos, brancos e negros. Outro dia conversei com um índio, ele se apresentou assim, que começou me contando sobre o nome do povo dele. Quando me dei conta, ele já estava falando coisas que eu não sabia sobre o meu próprio nome (Tainá), que vem do tupi, “a verdadeira língua do nosso país”, como ele me disse. É a língua que a gente falava antes. Antes da invasão (sim, fomos/somos colonizados, e disso uns se esquecem mais que outros). Ele me disse que

há quem busque apagar essas histórias, e as pessoas não sabem disso ou não querem saber, não querem que a verdade venha à tona. Porque, se isso acontecesse, ele me disse, coisas horríveis seriam reveladas.

### **3. O que varia, o que se repete**

Escutar na rua é muito diferente de escutar no consultório, não só porque estamos desprotegidos, a céu aberto; é barulhento, e às vezes você está no meio do atendimento e alguém interrompe para vender brigadeiro, pedir dinheiro ou perguntar onde fica a entrada do Eldorado (e a cada vez é preciso pensar o que fazer e como responder ao que interrompe). É diferente também pelas histórias que se escuta. E, talvez porque tenha pouco tempo, eu ainda estranho muito (estou sob esses primeiros impactos). E acho importante tentar dar notícias desse estranhamento, antes que eu me esqueça dele. Até porque depois, aos poucos, as histórias começam a se repetir, e até isso é um dado: o que se repete lá não necessariamente é igual ao que se repete no consultório. As variações são diferentes.

Eu me lembro da primeira vez que eu ouvi, da boca dele, essa frase: “a rua é uma mãe”. Fiquei um pouco desorientada, que a rua pudesse ser mãe eu nunca havia imaginado ser possível. Então, é como se as minhas categorias de impossível se deslocassem um pouquinho. E, depois que ouvi que a rua é uma mãe, pude ouvir de outra forma aquela música que toca na rádio, cujo refrão diz: “todo homem precisa de uma mãe”. E também me fez lembrar daquela outra frase da Clarice: “Mãe é: não morrer” (Lispector, 2016c, p.420). O pisante que calçava seus pés, por exemplo, ele havia encontrado, por acaso, na rua. Fiquei pensando que a mãe é esse outro que nos protege um pouco do desamparo. Que supõe que numa hora temos fome e, noutra, sede. Supõe que nossas necessidades são, em alguma medida, minimamente específicas. E deve haver alguma diferença quando esse outro que embala nosso sono é a rua.

Depois eu ouvi essa mesma frase de bocas distintas; ela começou a se repetir. A rua é uma mãe porque na rua ninguém passa fome, porque quem mora na rua e trabalha vigiando e lavando carros nos estacionamentos públicos ganha muito dinheiro. Ele me disse – “mais dinheiro do que você, e eu nem sei com o que você trabalha”. A rua é uma mãe também porque é um lugar para onde é possível voltar, a rua acolhe quando não há mais lugar para ir. Quando se foge da morte. Quando você estava ganhando dinheiro

com o tráfico e “fizeram uma casinha” para matar você, e, por puro acaso, a bala que era para você atravessou o vão da sua camisa, arrancando o botão, e atingiu, em cheio, o seu amigo que estava ao seu lado. Aí, para não morrer, é melhor sair da sua cidade, deixar tudo e todos para trás, ir para rua. Para sobre-viver, abandonar todo o conforto conhecido até então.

A rua é uma mãe, mas, ao mesmo tempo, na rua, se você abaixar a cabeça, já era. Já mostrou fraqueza. Dormir pode ser muito difícil porque você nunca sabe se o colega ao lado não vai ficar muito “transtornado” depois que usar a droga dele, nunca sabe se não vai sobrar para você. Tem lugar na rua que só pessoas que moram na rua podem circular. Eu nunca tinha ouvido falar do Buraco do Rato, o único que eu conhecia era o do Tatu (e eu tomo cada susto, desses que fazem a gente ficar pensando: onde é mesmo que eu estava antes disso?). E, quando alguém morre, nem sempre tem investigação policial, enterrou nome na lápide.

E lá na rua tem outra coisa que se repete muito: dificilmente o tráfico ou “mexer com drogas” não vai aparecer na história que a pessoa me conta. Já ouvi mãe que perdeu o filho que estava envolvido com o tráfico e “fizeram uma casinha” para ele (eu fico pensando nisso, da morte ser uma casinha); filha que ficou sem pai depois que ele começou a “mexer com drogas”; irmã que chora porque não consegue “tirar” o irmão do tráfico; esposa cansada porque tem que dar conta dos filhos e do marido, que vira quase outro filho porque está “mexendo com drogas”; namorada que terminou namoro porque ele se “desencaminhou nas drogas”; tia assustada que está dando abrigo para o sobrinho, que vem de outro estado porque lá estava “envolvido com drogas”.

Eu posso estar muito enganada, mas por ora a impressão que tenho é de que a lógica da relação com o crime organizado tende a operar de forma totalitária, de modo que ou a pessoa está dentro, ou ela está fora. Quando ela “entra”, não há garantias de que ela possa sair. O trânsito não é livre: a saída nem sempre é uma opção. E quem se “envolve com drogas”, para os seus, se perde, se desgarra. Digo isso porque já escutei quem lamentasse a perda do filho ainda vivo.

Em *Psicologia das massas e análise do eu* (1921/2020), no capítulo que Freud dedica ao estudo da igreja e do exército, ele nos aponta que as massas artificiais são aquelas que empregam certa “coação externa” para se proteger da dissolução e para impedir alterações em sua estrutura: “Por regra, não se pergunta a ninguém ou é deixada



a escolha de querer entrar em uma massa como essa; a tentativa de sair é habitualmente perseguida, ou rigorosamente punida, ou está ligada a condições inteiramente determinadas” (1921/2020, p.165).

Alguns falam da droga como uma espécie de mau caminho que as pessoas tomam e de onde muitas vezes não voltam. Às vezes, a saída é ir para rua, mas outra tentativa de saída muito comum é a igreja – o bom caminho, aquele que recupera. As igrejas, principalmente as evangélicas, recebem esses que se desviaram.

E a presença da igreja nas histórias das pessoas também é notável. Tem namorada que termina com namorado porque ela é evangélica, e ele não, e, na igreja, disseram que Deus não abençoava essa relação; filho que foi mandado para internação em comunidade terapêutica evangélica quando tinha quinze anos de idade porque os pais evangélicos descobriram que ele havia fumando maconha, e isso “Deus não aprova não”; famílias que rompem porque uma parte se torna evangélica, e a outra, não; filho que se deprime porque, em casa, só ele não frequenta a igreja e, cada vez mais, vai se sentindo um estranho no ninho; filho que foi expulso de casa porque é gay, e a relação com a mãe evangélica ficou insuportável.

A lógica totalitária me parece a mesma: ou você é da igreja ou você não é. Na igreja, você “entra”, e a saída pode ser vista como um desvio do “bom caminho”. Quem sai nem sempre é reconhecido; é comum que “os amigos da igreja”, depois da saída, “virem as costas”.

E essa lógica excludente nos atinge; tem gente que, antes de se sentar na cadeira, quer saber se você é evangélico ou não, e isso pode determinar se ela fica ou se vai embora (a lógica parece ser essa: “só me sento se você for um igual a mim”). Mas também já teve quem se sentasse apostando que Deus enviaria uma mensagem pela minha boca. O que me fez pensar que há barreiras, mas também há furos.

Ainda me lembro da primeira vez que ouvi da boca de um homem essa palavra – opressão. O pai o espancava muito quando ele era uma criança. Era insuportável. Saiu de casa aos doze, isso mesmo, doze anos, e se “revoltou contra a opressão”. E muito cedo começou a beber, depois a usar drogas. Ele contava a vida através das internações, elas eram os seus marcos históricos, as suas marcas. Havia pouco tempo, tinha começado um namoro e prometera parar de usar drogas. Não conseguiu. Na semana

anterior, tinha tido uma recaída. Ela estava brava, o expulsou da cama e gritava com ele no telefone, porque ele não havia conseguido chegar à entrevista de emprego que ela lhe havia arranjado. Para ele, escutar grito de mulher era demais, ela estava de um jeito que agora “parecia um homem”. E ele se perguntava se era hora de se revoltar contra essa opressão também, jogar tudo para o ar, voltar para rua, voltar a usar. Esse impulso a desistir, jogando tudo para o ar (em alguns casos até a própria vida), se repete em muitas bocas. A cada vez me lembro dessa outra frase de Clarice: “É liberdade ou estou sendo mandada?” (2016b, p. 311).

#### 4. Os obedientes

Como deve ter sido possível perceber, ultimamente eu tenho lido Clarice. E leio como quem lê Freud ou Lacan. Estar na rua tem me feito lembrar muito desse conto em que ela diz que as pessoas precisam tanto poder contar a história delas mesmas. Ele se chama *Os obedientes*. Parece-me que ele vem bem a calhar com os dias que vivemos. Esse conto se apresenta e se organiza de uma maneira um tanto astuciosa. Tenho pensado que ele pode não capturar o leitor de primeira e que talvez isso seja uma armadilha. Comigo foi assim: ele passou despercebido na primeira vez que o li. Tive a impressão de que nada acontecia nessa história de um casal de meia idade em que nada acontece, nada acontece, nada acontece (mas no fim há um acontecimento súbito que deixa o leitor desorientado). Parece a história de um tédio sem nome. Foi só numa segunda leitura (e nem sei por que voltei) que ele me capturou. Então foi como se um fundo falso se rompesse sob meus pés, e, sem chão, eu afundasse dentro.

Essa talvez tenha sido uma das primeiras aprendizagens que esse conto me proporcionou – a partir do que vivi com ele, me parece que aprendi a reconhecer quando meu pé afunda dentro. E, enquanto se afunda, talvez não seja possível entender o que se passa, ficamos sem chão, sem borda que nos ampare ou apoie. Depois, quem sabe, elaboramos algo. Mas a elaboração é contingente; nesse aspecto, a literatura é radical.

O conto começa assim: “Trata-se de uma situação simples, um fato a contar e esquecer”. A voz que narra curiosamente anuncia que vai contar algo a ser esquecido. No entanto, não somos apresentados ao fato antes dessa espécie de aviso: “Mas se alguém comete a imprudência de parar um instante a mais do que deveria, um pé afunda

dentro” (Lispector, 2016a, p.342). Ou seja, trata-se de uma situação simples, mas parar um instante a mais diante dela pode ser uma imprudência. E estamos avisados.

Parece que, já aí, nessas primeiras frases, somos convidados à reflexão de que, mesmo diante de um fato simples, pode haver um abismo, um terreno incerto, irregular, onde o pé pode afundar dentro. Ou ainda, à ideia de que algo banal e supostamente já conhecido pode, sim, introduzir uma descontinuidade em nossa vida. Na obra de Clarice, testemunhamos que tal banalidade pode ser um cego mascando chicles na parada do bonde (como no conto *Amor*) ou uma barata que sai do fundo do armário do quarto vazio da empregada (como no romance *A Paixão segundo G.H.*). De toda forma, é uma ruptura que se introduz de modo súbito e que vem de onde menos se espera.

A narradora segue: “Cronologicamente a situação era a seguinte: um homem e uma mulher estavam casados” e nos afirma que, já em constatar esse fato, seu pé afundou dentro: “Fui obrigada a pensar em alguma coisa. Mesmo que eu nada mais dissesse, e encerrasse a história com esta constatação, já me teria comprometido com os meus mais desconhecíveis pensamentos” (Lispector, 2016a, p. 342). Parece que constatar um fato nos compromete com os efeitos dele sobre nós, nos implica nos nossos mais desconhecíveis pensamentos. Eu fico pensando se constatar um fato também poderia ser um modo de trazer uma verdade à tona (e eu me lembro do que ele me disse, há verdades que as pessoas preferem não saber, porque coisas horríveis podem ser reveladas).

Então esse homem e essa mulher começam – “sem nenhum objetivo de ir longe demais” – a tentar viver mais intensamente. A tentativa se concretiza em puro fracasso jamais nomeado e não os conduz a um passo além da avareza de uma constante verificação de receita e despesa. Sem jeito, eles Tateavam, mas de nada adiantava esse esforço – “a trama lhes escapava diariamente”. Por alguma razão igualmente inapreensível, não conseguiam discernir o que era do que não era essencial, sendo essa uma palavra que nunca usariam por ser uma palavra que “não pertencia a seu ambiente” (Lispector, 2016a, p. 344).

Essa impossibilidade de discernir o essencial parece caminhar lado a lado com outra: a de viver mais intensamente. Entretanto, nada disso chegava a formar uma situação para o casal, não formava algo que cada um pudesse contar nem para si, nem

para o outro: “E as pessoas precisam tanto poder contar a história delas mesmas”. Os dias passavam, e eles não tinham o que contar nem tinham a impressão de ter vivido.

## 5. O orgulho de quem realiza o nobre papel de ser um anônimo

Incrivelmente, apesar do fracasso não articulado, eles estavam calmos: “porque ‘não conduzir’, ‘não inventar’, ‘não errar’, lhes era, muito mais que um hábito, um ponto de honra assumido tacitamente. Eles nunca se lembrariam de desobedecer” (Lispector, 2016a, p.344). Nesse momento do conto, se introduz uma espécie de quebra narrativa que, em alguma medida, esclarece o que não está dito: algo se ganha nessa vida tão miseravelmente esvaziada de acontecimentos do casal obediente.

O que pode sustentar uma vida tão tediosa e contínua, senão a defesa da própria honra, da nobreza e do brio? Como destaque nessa citação: “Tinham a compenetração briosa que lhes viera da consciência nobre de serem duas pessoas entre milhões de iguais. ‘Ser um igual’ fora o papel que lhes coubera”. A honra parecer estar relacionada a esse ponto em que o sujeito espera ouvir do outro: “Você é um igual (a mim), eu reconheço você aí”. Ou seja, a defesa da honra diz da luta por ser reconhecido pelo outro e conseqüentemente, da luta por pertencer. Ao nobre papel que lhes coubera – o de ser “um igual” –, os dois correspondiam grata e civicamente: “Pertenciam a uma casta” (Lispector, 2016a, p. 344). E o que é pertencer a uma casta, senão poder estar entre iguais?

Isso me faz ficar pensando que buscamos pertencer, em última instância, porque o desamparo é uma condição de nossa existência. Afinal, é preciso ao menos um que reconheça um igual naquele *infans* que esperneia, que suponha que uma hora ele tem sede, em outra, tem fome. Que não haja um que o reconheça como um ser (um igual, um humano), o condena ao desamparo absoluto da própria morte (nesse ponto se revela o quanto a indiferença pode ser fatal, pode ser uma condenação à morte). Precisamos do outro; nos constituímos através do outro; não haveria/há/haverá eu sem outro. Mas o ponto o qual Clarice parece nos convidar a tensionar é – quem eu reconheço como um igual? Quem é um igual a mim? Com quem eu componho casta? Apontando, é claro, que quem eu escolho como um igual diz mais do eu do que do outro.

Lanço aqui essa relevante informação para que possamos retomá-la mais adiante, quando entrarmos nas articulações com o texto de Freud. É importante notar que, no conto, há aquele que escapa desse distinto “clube de pessoas”. E é claro que isso provoca alguma inveja nos iguais. Uma inveja não declarada, que se disfarça de outra coisa, como a “benevolência que uma classe tem por outra”. No conto, esse outro é o poeta. Às vezes, quando o casal queria falar de alguém “excêntrico”, eles diziam: “Ah, esse leva vida de poeta”(Lispector, 2016a, p.345). Ser reconhecido “poeta” parece ter algo a ver com uma maneira outra de conduzir a própria vida. Talvez uma maneira que não leve muito a sério os três mandamentos da obediência: não conduzir, não inventar, não errar.

Eu tenho a impressão de que essa quebra narrativa, que nos apresenta o que pode sustentar uma vida tão contínua e igual, também aponta seus limites. Pode até existir um ganho de reconhecimento e pertencimento, mas a passagem insistente do tempo começa a tornar tudo isso muito diário, diário e diário – “às vezes arfante”. Até que ponto é possível suportar o tédio que faz parte “de uma vida de sentimentos honestos”? Até que ponto é possível suportar o sacrifício que implica essa “vida irremediável para a qual Deus nos quis”? E suportar “com um silêncio de multidão e com o ar um pouco magoado que têm os homens de boa vontade”? Até onde é possível obedecer? Em determinado momento, essa situação que “mal chega a formar situação para o casal”, mesmo sem nome, “vem um dia explodir, como nessa tarde de domingo” (Lispector, 2016a, p.346).

É assim que chegamos ao dia em que a mulher, tendo dado uma mordida na maçã, sente “quebrar-se o dente da frente”. Com a maçã ainda na mão e “olhando-se perto demais no espelho”, ela perde a perspectiva: “com cinqüenta e tanto anos, sem um bilhete, em vez de ir ao dentista, jogou-se pela janela do apartamento”. E ele? “Seco inesperadamente o leito do rio, andava perplexo e sem perigo sobre o fundo com a lepidéz de quem vai cair de bruços mais adiante”(Lispector, 2016a, p.348). É assim que, depois de páginas de uma história em que nada acontece e nada acontece, o leitor é então bruscamente arremessado fora do conto pela janela. Talvez, para a mulher do conto, a única saída possível dessa vida irremediável para a qual Deus a quis.

Tendo percorrido a radicalidadedesse caminho que, em última instância, parece sugerir o suicídio como o destino obediente, o leitor talvez seja conduzido a se

perguntar pela existência de outras saídas possíveis para a sua própria obediência. Haverá outra saída que não pela execução do sacrifício último, da oferta do corpo inteiro, do lançar-se fora da própria vida pela janela?

## 6. A massa, a obediência e o lugar do “um igual”

Em *Psicologia das massas e análise do eu*, há uma passagem interessante para pensarmos esse ganho da obediência. Freud vem apresentando como, em alguns momentos, a massa é contaminada por um afeto que surge e que se propaga quase que por indução. Ele aponta que, por um momento, é como se a massa fosse colocada no lugar da sociedade humana como a que porta a autoridade, cujas punições as pessoas temem, e também por amor à autoridade impõem a si mesmas tantas inibições. Ele diz:

É claramente perigoso colocarmo-nos em oposição a ela, e é mais seguro seguirmos o exemplo que nos cerca, ou seja, eventualmente até mesmo “uivar com os lobos”. Em obediência à nova autoridade, ele está autorizado a colocar fora de ação a sua “consciência moral” anterior e a ceder à tentação do ganho de prazer, que certamente é obtido através da suspensão de suas inibições. Portanto, considerando-se como um todo, não é assim tão estranho ver o indivíduo na massa fazer ou aprovar coisas das quais ele teria se afastado em suas condições habituais de vida (Freud, 1921/2020, p.156).

É perigoso se opor à massa, e isso é algo evidente. Fazer como os demais (e por que não dizer, como os iguais) é o caminho seguro dentro dela. Além de ser o caminho seguro, ainda há essa tentação do ganho de prazer inerente à própria substituição da moral vigente. Na massa, a pessoa está “autorizada” a desativar sua consciência moral anterior, o que implica a suspensão de determinadas inibições (e eu fico pensando nesse momento que vivemos hoje em nosso país, onde de repente surge uma figura que promete punições severas aos “bandidos”, aos desobedientes, e tantas pessoas acreditam e algumas delas se autorizam a ofender mulheres, pessoas negras, nordestinas, estrangeiras, LGBTQ+, tão desinibidamente).

Essa relação entre autorização de desinibição e ganho de prazer a partir da submissão a uma nova autoridade parece apenas retomar aquela ideia de Freud de que qualquer o espírito comunitário tem origem na inveja original. A exigência de que todos sejam iguais, de que um não possa mais que outro, seria a própria raiz da consciência moral social e do sentimento de dever (Freud, 1921/2020). E que um não possa mais que o outro, que todos se privem da mesma forma, diz também de uma regulação dos modos de gozo. Eu me privo de fazer do outro um objeto para o qual direciono minha

crueldade, por exemplo, se ele se privar disso também, se ele não for autorizado a gozar mais do que eu. Eu me abstenho de gozar somente com a garantia de que ninguém gozará mais do que eu.

Entretanto, se uma nova autoridade suspende o antigo pacto moral, isso que até então estava inibido como fonte de prazer pode ser retomado, e essa ideia de que o retorno a um momento anterior de organização implica prazer (regressão) é algo recorrente em Freud. Sabemos de sua proposta nesse texto, aquela em que ele considera que a massa é uma revivescência da horda primitiva. A massa se constitui como uma revivescência da horda porque há uma espécie de empuxo, uma força que impele ao retorno à nossa forma originária de organização social – a horda –, ao submetimento à dominação tirânica do um (o pai primevo). A forma como ele chega a essa conclusão, me parece, passa pela questão do ser “um igual”, que não é uma questão simples, já que coloca em jogo a dimensão de “ser um”, “ser igual” e a complexa justaposição entre as duas coisas.

Freud conclui que a massa revive a horda analisando sua estrutura libidinal, ou seja, os laços que a mantêm coesa. Ele afirma que a massa consiste num certo número de indivíduos que “colocaram um único e mesmo objeto no lugar de seus ideais do eu e que, por conseguinte, se identificaram uns com os outros em seus eus” (1921/2020, p.192). O líder é esse “único e mesmo o objeto” escolhido por todos (e cada um) para ocupar o lugar do ideal do eu.

A todo tempo Freud reitera o quanto esse lugar do líder, um lugar de exceção, é o que funda a massa. Lugar de exceção porque, em última instância, a exigência de igualdade que vale para os iguais não vale para o líder. Todos querem ser *como* ele, mas, se todos fossem ele e fizessem tudo o que ele pode fazer, não haveria coesão. O líder manda e quem tem juízo obedece (ou não!). De alguma forma, sua posição externa opera uma função de causa, pois, se os iguais chegam a se identificar uns com os outros (se eles se tornam iguais), isso é mera consequência de que tenham colocado “um único e mesmo objeto” no lugar de seus ideais do eu.

Assim, é possível dizer que o ideal do eu tem papel fundamental no processo de unificação de uma massa. E que, se quisermos avançar na questão do “um igual”, precisaremos aprofundar no estudo dos ideais, o que não é meu objetivo aqui. Limiteme a complementar apontando que o ideal do eu é também determinante na tentativa de

unificação do próprio eu, ou seja, na própria constituição do narcisismo. Construção que pressupõe algum engodo imaginário necessário para que o eu se acredite uno, idêntico a sua imagem no espelho, por exemplo. Uma identidade sempre problemática, porque sabemos o quão não idêntico a si o sujeito é; afinal, é possível inclusive não reconhecer a própria imagem no espelho (e tomar um daqueles sustos que fazem você ficar pensando: “onde é mesmo que eu estava antes disso?”). Há o que insiste em escapar. Aquilo que tanto a massa quanto o narcisismo, enquanto construções que almejam “ser um”, parecem evidenciar é que toda unidade é sempre forjada, e precariamente forjada, à custa de alguma agressividade, pois a unidade está sempre sob a ameaça de dissolução.

Vejamos o pai da horda, por exemplo. Freud diz que ele era “livre”; que “ele não amava ninguém além dele”; diz que ele não precisa amar ninguém porque ele “tem o direito de ter uma natureza dominadora e absolutamente narcísica” (1921/2020, p.201). Se alguém me perguntasse qual é o problema do pai da horda, eu diria que o problema dele é que ele se acha. Ele se acha “um igual” a ele mesmo, ele se acha único. Ou seja, há uma dimensão de crença envolvida aí: ele se acredita único, idêntico a si. E busca impor essa crença aos pequenos iguais. Imposição que é fruto de uma relação desigual de poder, sempre importante lembrar. De uma forma muito resumida, eu diria que se acreditar único é também a questão do que se pretende hegemônico (a lista pode ser extensa – o homem, o branco, o heterossexual, o cisgênero...). E toda a luta da contra-hegemonia é lembrar ao hegemônico que ele não é único, tampouco idêntico a si.

Importante ressaltar que, entre o líder e os iguais, há uma desigualdade que nada mais é do que uma diferença de lugares. O líder ocupa um lugar diferente de todos os demais. É a captura desse lugar muito específico, do ideal do eu, que o coloca numa posição de poder. O líder pode mais porque ocupa um lugar de exceção. E a tirania, o abuso de poder, me parece, está em esquecer que isso é só um lugar.

Ler Freud com Clarice me faz ficar pensando que a obediência é apenas uma forma possível de nos posicionarmos diante da autoridade (do hegemônico, do que capturou o lugar de ideal do eu), que, em última instância, é sempre uma revivescência da dominação que nos oprime. Ser apenas uma forma quer dizer que existem outras formas possíveis, mas talvez a obediência seja uma bem antiga, dessas que nos garante um mínimo para sobreviver. Como a criança que precisa escolher entre obedecer à



autoridade dos pais ou encarar sozinha o desamparo de não poder contar com a proteção dessa autoridade com a qual seus interesses recorrentemente entram em conflito.

Se, de um lado, está o desamparo e, do outro, a opressão autoritária do “um igual”, a desobediência é o que se coloca entre (alguma medida de liberdade está sempre entre; o sujeito também está sempre entre). E, se a desobediência é um risco, então talvez ela possa ser estratégica. Às vezes a criança desobedece aos pais e eles nem ficam sabendo, por exemplo. Aí ela descobre a inconsistência do outro, que ele não é onisciente; descobre seus furos; descobre, por exemplo, que ela não é transparente e que pode mentir.

E se há algo que resta dessa história de assassinato do pai da horda é o supereu. Se há uma instância psíquica à qual devemos obediência é o supereu. O supereu é nossa herança arcaica (e incontornável) que se identifica às figuras de autoridade e se autoriza a julgar o eu através de imperativos. A instância cruel que, como o pai da horda, opera pela tirania, por mandatos imperativos que subjagam o eu, invadindo, ordenando que ele consuma, consuma-se até a morte.

## **7. O poeta e o convite à desobediência**

Estar na rua só me faz lembrar o quão radical é a nossa condição, essa que nos constitui e faz de nós um efeito. Um efeito de, por um lado, precisar lutar contra o desamparo, buscando pertencer e ser reconhecido por um grupo de iguais; e, por outro lado, lutar contra a inevitável opressão do “um igual”. Formamos castas. E não estamos igualmente expostos nem à opressão, nem ao desamparo (igualmente é uma ilusão). Uns precisam se submeter um tanto mais do que outros. Uns estão mais desprotegidos, vivem a céu aberto e com os pés descalços. E, sim, muitas vezes o abrigo mais próximo é o crime organizado ou a igreja.

Ao fim de *Psicologia das massas e análise do eu*, Freud vem afirmar que cada indivíduo é parte integrante de muitas massas, está multiplamente ligado por diferentes identificações e faz uso dos mais diversos modelos para construir seu ideal de eu; entretanto, ele não é todo determinado por elas. Há alguma medida, mesmo mínima, que escapa da captura imaginária que opera na constituição das massas:

Assim, cada indivíduo é parte integrante da alma de muitas massas, a de sua raça, a de sua classe, a da comunidade de fé, a de seu Estado, etc., e pode, além disso, aceder a uma pequena parcela de autonomia e de originalidade (Freud, 1921/2020, p.207).

Uma pequena parcela, um fragmentozinho que faz toda a diferença (a singularidade). Há algo que escapa à tirania e à opressão do “um igual”. É nessa brecha que encaramos o risco, que é traço e que é perigo. O risco de nos autorizarmos por nós mesmo, de contarmos nossa própria história, de dar o passo fora.

O que enfrentamos quando desobedecemos senão à opressão do próprio supereu? Fico pensando que alguma medida de liberdade possível está na posição que assumimos diante do tirano que nos invade, oprime, coloniza. A instância que nos compele por mandato a sermos idênticos ao “um igual”. E parece que o conto de Clarice oferece uma saída: “Alguma vez eles tinham levado muito a sério alguma coisa. Eles eram obedientes” (Lispector, 2016a, p.346). Como poderia ser possível não levar tão a sério os imperativos de quem nos oprime? Imperativos estes que acabam fazendo do eu o seu próprio inimigo, fazendo do eu o próprio objeto para o qual o sujeito direciona sua crueldade.

Então eu penso no poeta e na sua estratégia para desobedecer. Quando, nesse texto, Freud pensa algo sobre o poeta, ele diz assim: “O mito é, portanto o passo com o qual o indivíduo sai da psicologia das massas” (1921/2020, p.216). Esse passo para fora quem dá é o poeta, quando cria o mito do herói. Outro dia, ouvi uma pessoa se queixando das mentiras do namorado; ela disse: “ele é o rei das historinhas”. Fiquei pensando que toda história é sempre uma historinha mesmo. O mito do pai da horda, por exemplo, o próprio Freud diz que é só uma hipótese que tenta iluminar a escuridão do que não somos capazes de nos lembrar, como ele mesmo diz – é uma “*just-story*”.

O poeta cria historinhas: o herói seria aquele que pretende ter cometido sozinho o ato que só a horda unida poderia ter se atrevido a praticar. O assassinato do pai, a revolta contra a opressão: “O poeta transformou a realidade, fantasiando-a de acordo com a sua saudade” (Freud, 1921/2020, p. 215). E o passo fora é um avanço que ele efetua primeiro em sua imaginação, na fantasia; depois, ele encontra o caminho de volta à realidade, como Freud bem aponta:

Esse herói não é outro, no fundo, senão ele mesmo. Ele se abaixa, portanto, até a realidade e levanta seus ouvintes até a fantasia. Mas os ouvintes entendem o poeta;

eles podem, com base na mesma relação nostálgica com o pai primevo, identificar-se com o herói(Freud, 1921/2020, p.217).

E me lembro de Clarice: “Fizeram-me esquecer o que me deixaram adivinhar” (Lispector, 2016b, p.312). Talvez seja esse o trabalho do poeta: adivinhar. Adivinhar o que me fizeram esquecer. Ou: com o mito, lançar luz de vela à escuridão da memória que a luz elétrica não alcança. Quem sabe assim seja possível operar algum deslocamento dos ideais já estabelecidos: do pai – o ideal temido e venerado por cada um – ao herói, aquele que dá o passo fora da massa, enfrenta o opressor, primeiramente na imaginação.

Finalizando, deixo aqui minha impressão de que esse conto da Clarice parece sugerir que o mero convite a contar própria história talvez já seja um convite à desobediência. Uma vez que ela, a própria história, nunca está pronta, mal pode ser lembrada, mas talvez possa ser adivinhada. É assim que a tentativa de contá-la já introduz a possibilidade de uma ruptura com aquilo que, muito mais que um hábito, é um ponto de honra que se assume tacitamente: “não conduzir, não inventar, não errar”.

Tentar contar a própria história pode introduzir alguma descontinuidade, pode ser uma ousadia dessas que nos faz “lembrar de”. Lembrar de desobedecer. Lembrar de que a vida não precisa ser aquela “irremediável para a qual Deus nos quis”. E a descontinuidade parece operar a favor da possibilidade de diferenciar e se diferenciar, de romper com aquilo que é indistintamente igual. E, claro, romper também com a calma, com o “silêncio de multidão”.

Dessa forma, aquela cadeira vazia ao meu lado, lá na Praça Zumbi dos Palmares, pode ser algo banal, capaz (ou não, já que não há garantia alguma) de introduzir alguma descontinuidade na vida daqueles que se permitem parar um instante a mais do que deveriam? Mesmo que inadvertidamente? E eu diria: até melhor se inadvertidamente, até melhor se o sujeito é pego de surpresa, distraído.

Tentar contar a própria história pode colocar o sujeito face a face com a impossibilidade dessa ilusão (que acalma e silencia) de vir a ser “um igual”. Afinal, essa é a aposta radical da psicanálise: o sujeito é dividido, e, portanto, não idêntico (nem mesmo!) a si mesmo. Contando a própria história, quase que inevitavelmente, o sujeito se depara com sua dimensão singular, original e originária.

Que efeitos esse convite – a contar a própria história – pode ter? Não sabemos, ainda. Por enquanto, posso apenas dar notícias dos efeitos que recolho em mim. Estar ali no meio de uma encruzilhada de transeuntes com nossa placa, ao lado de tantas outras placas, é a melhor forma de fazer esse convite? Não sabemos. Ainda. Mas estamos nos perguntando. E eu fico muito curiosa para saber qual será o nosso próximo passo.



*pousa*

---

antes do sono chegar são seus cabelos  
que se espalham sobre as pernas  
as que não tenho mais antes mesmo  
do sono antes as portas estão vigiadas a  
solidez dos cadeados uma ressaca de mar  
a viagem entre caminhos que a água cava  
na areia o sal a vivência que adere  
à pele antes do sono chegar estou acordado  
perambulo novamente respondo a alguém que  
me chama na rua em frente procuro  
minhas pernas as que perdi entre águas o sal  
a solidez que retorna calcário mar antes  
são as imagens um mar de cabelos sobre  
as pernas o sono interrompido  
a resposta estou indo o poste queimado  
na rua em frente a beirada de uma guia  
seguir os caminhos fincados no cimento as pernas  
onde estão onde você está quem  
me chama na rua em frente no escuro da rua  
em frente vigiado pelo poste queimado mesmo  
antes do sono chegar desperto o corpo estaria morto  
e como seria estar morto senão um gole o último  
quando me penso morto  
penso em alguém fazendo amor com você  
quando não estou por perto penso  
na solidez dos cadeados na necessidade de  
perder as pernas embaixo dos lençóis

quando me penso morto  
penso em alguém fazendo amor com você  
quando não estou por perto  
Charles Bukowski

Annita Costa Malufe

## 1. Escrita é abandono

Eu escrevo como se fosse para salvar a vida de alguém.  
Provavelmente a minha própria vida. Viver é uma espécie de  
loucura que a morte faz. Vivam os mortos porque neles vivemos.  
Um sopro de vida, Clarice Lispector

Meu caro Freud,

Você não me conhece, mas eu estou quase convencida de que, ao longo de meus trinta e dois anos, você foi, provavelmente, o homem a quem eu mais dediquei horas de vida. O que talvez faça de você o meu grande companheiro, até aqui. São muitos anos nesse trabalho lento e cotidiano. Eu nem me lembro de como tudo começou.

Há sempre um texto seu que me leva a outro texto, e eu vou indo, indo, mar adentro, mar adentro, seguindo os rastros apagados dos seus pensamentos. Tentando adivinhar *como* foi que você saltou de uma ilha para a outra, de um conceito para outro, de uma meta para outra. O trabalho maior está em ler o que não está escrito. É como ensaiar reconstituir o fio vermelho e invisível que liga a trama dos seus conceitos. E é assim que, quase a despeito de você, nos tornamos tão íntimos. Eu sei, isso soa estranho. Aos meus olhos, essas constatações ainda são um tanto curiosas. Eu faço isso há tanto tempo e nunca tinha me dado conta do quanto somos íntimos, e você nem me conhece. Mas, se você escreveu, era para alguém ler, e calhou de ser eu a sua leitora, imprevisivelmente. Seus textos encontraram em mim uma morada. Então, aqui estou, peço licença para me apresentar.

Ultimamente as coisas andam esquisitas. É como se respirássemos um velho ar de fim de mundo. Nesse momento, em muitos lugares, as pessoas se confinam em suas próprias casas para se protegerem da contaminação. É um novo vírus que chegou me trazendo a sensação de perda do aqui-agora, uma não localização espaço-temporal. É como se habitássemos o próprio entre – entre a ficção científica e realidade; eu oscilo entre um e outro e, de uma maneira geral, nunca sei onde estou ou quando sou.

Às vezes, parece uma imposição de uma espécie de desaceleração forçada do ritmo geral, não sei. Daqui eu vou acompanhando o mundo pela minha estreita janela



(como gostaria de pelo menos ter uma vista mais ampla) e pensando que alguns têm balcones ao sol enquanto outros mal têm um teto. Pessoas vão morrendo aos montes enquanto outras seguem enriquecendo. É o mundo se acabando, e eu aqui na minha clausura, me alternando entre listas, palavras cruzadas, notícias de jornal e cartas. É um momento muito incerto que estamos atravessando. O que vai acontecer quando essa onda passar (se ela passar), não há um que saiba.

Antes de isso tudo começar, eu estava vivendo a minha vida e escrevendo uma tese que supostamente deveria estar terminando. É uma mistura insólita, para mim, de fim de tese e fim de mundo, não sei qual termina antes. Só posso dizer que é bem angustiante, e eu me pego sempre na dúvida se é o mundo que acaba com a tese ou a tese que termina com o mundo. Ontem eu pensei que pode ser que o mundo acabe mesmo, e não vou negar que fiquei bem surpresa com a minha própria decisão de dedicar meus possíveis últimos dias à tese. Veja bem, eu poderia estar fazendo qualquer outra coisa, mas escolhi tentar terminá-la antes que o mundo se acabe. Vai entender, nem eu me explico. Não sei por quê, só sei que a sensação de fim de mundo me deu vontade de escrever cartas, mandar notícias.

Quando eu escolho um texto seu, eu preciso ir lendo e sublinhando o que me parece importante. É uma espécie de ritual, é quase uma dança. Enquanto leio e me embalo no seu ritmo de escrita, eu vou colando *post-its* nas laterais das páginas. São marcações, comentários. Depois, numa luta contra meu medo de esquecer o que é importante, eu preciso copiar à mão os trechos que julgo mais essenciais de tudo que foi sublinhado. Eu não sei por quê, mas tem que passar pela minha mão; desde tenra idade, fui desenvolvendo essa mania de caderno e caneta para não esquecer. Às vezes, eu paro por aí, mas, quando estou levando você excessivamente a sério, ainda é preciso mais uma etapa: eu digito, transferindo para o computador o essencial à terceira potência. É quase um trabalho de mineração, a extração da valiosa pepita. Texto, caderno, computador. No cantinho da tela, eu vou abrindo comentários em pequenos balões. Eu falo a você cada coisa através de balões. Você nem imagina. Ontem, eu pensei: minha tese está aí. Se eu pudesse, certamente, eu cobriria os pequenos balões com os *post-its* e os faria chegar voando até os membros da banca.

Ir lendo, sublinhando, copiando, digitando, conversando através de *post-its* e balões de texto é trabalhoso. Mas eu já me acostumei; em alguma medida, acho até

prazeroso. O mais difícil, para mim, é transformar tudo isso em um texto. Ao que me parece, não haverá tese sem texto. Tudo indica que, então, eu preciso inventar algum. Eu só não sei muito bem como.

Dáfeu me lembrei de minha avó (a sergipana da Bahia), que fazia colchas de retalhos para os netos. Talvez eu tenha algo a aprender com a costura dessas lindas colchas que até hoje me envolvem e me aquecem enquanto durmo. Talvez eu devesse lê-las, estudá-las; quem sabe aprenderia a alinhar *post-its* e comentários em balões de canto de tela. A minha tese, eu não sei o que ela é; mas eu entendi que ela está aí nesses fragmentos. Eu já perdi as contas de quantos artigos eu comecei a escrever para as tais revistas científicas e acadêmicas e por fim os abandonei. Eu e elas, as revistas, temos um problema de incompatibilidade de gênero: porque eu, na verdade, eu gosto mesmo é de contar uma história. Acho que isso eu aprendi com meu avô (o baiano que ficou cego), o prazer de contar uma história, mesmo que seja da carochinha (e qual não é?). Hoje eu tenho uma para contar a você, sobre como eu cheguei à decisão de tomar coragem e escrever para você essa carta.

## **1. A grande onda**

Essa noite eu tive um sonho; ele me despertou cedo, e eu decidi contá-lo porque eu acho que, de alguma forma, ele é para você. Eu o chamei de “a grande onda” e o anotei assim no meu diário de sonhos (sim, eu alimento um diário): “Uma praia bem bonita que eu não conheço, mas que só pode ser na Bahia. Estamos na beira do mar, eu e minha família. Guarda-sol, canga, filtro solar, havaianas, essas coisas assim. E também o meu computador, com sua capa vermelha de máquina de escrever (o computador eu sempre carrego dentro dessa capa, para cima e para baixo. Parece que até em sonhos ele vai comigo, inclusive para a praia). Em determinado momento, eu estou mais afastada das coisas, acho que conversando com alguém. Vejo uma grande onda se formando lá no horizonte. Olho para o meu computador e penso que não vai dar tempo de salvá-lo da água. É tudo muito rápido. Só dá tempo de dizer: F\*\*eu!!! (desculpa, mas às vezes a gente sonha com palavrão também). Ela cobre tudo. Uma linda grande onda (o pior é achar bonito, mas foi mesmo. É incrível como, depois de uma grande onda, tudo perde seu lugar). Eu corro para a água para tentar salvar alguma coisa. Acho só a capa vermelha de máquina de escrever boiando por ali. Não é o

computador, mas fico feliz (é que eu amo essa capa). Sigo mergulhando e encontro um computador, mas imediatamente reconheço que não é o meu. Entrego-o para as pessoas na praia, que ficam contentes porque eu encontrei o computador do fulano (não me lembro do nome). Sigo mergulhando e começo a olhar para o céu. De repente, já é noite. Minha irmã está ao meu lado, ficamos ali flutuando impressionadas com o espetáculo das estrelas, parece um vídeo de explosão ou nascimento de galáxias, e nós apenas admirando aquelas cores todas, um pouco roxo, um pouco verde, muito brilho. E eu, tentando aceitar a minha perda. Sinto que o mais dolorido é perder todos os resumos que já fiz nos últimos tempos, os artigos inacabados não me pareciam ter grande valor. Então eu me consolo dizendo a mim mesma que a ideia principal para a tese não estava lá no computador, ela está comigo: vou escrever cartas para o Freud”.

Então, antes que eu perca tudo, eu decidi que é hora de acabar. Tem hora que é pelo fim que se começa. Você pode não acreditar, mas calhou de eu me apaixonar, dia desses, por alguém que tem quase o mesmo nome que você, é só uma letra a menos (não vou dizer qual). Às vezes eu vou falar dele para as minhas amigas e o chamo de Freud. Caímos em gargalhadas constantemente. Nessa recente história de fim de mundo, eu e ele, o não-Freud (vou chamá-lo assim), nos desentendemos (mas é tudo tão insólito entre nós que eu não sei nem se ele entendeu que nós nos desentendemos). Incompatibilidade de perspectivas, eu diria que é esse o nosso problema.

Logo antes de dormir e sonhar esse sonho, eu havia jogado tarô para me ajudar com os meus problemas. Você pode não acreditar, Freud, mas eu digo a você que tirar cartas é como fazer ciência. O mais importante é saber formular a pergunta certa. Cada cartomante tem a sua técnica. Eu venho desenvolvendo a minha. Eu elaboro a pergunta de olhos fechados e baralho na mão (tem que passar pela minha mão), respirando com a coluna reta e o peito aberto, embaralhando sem pressa, até que uma carta caia. Eu considero o que deixo cair.

Dessa vez eu precisei de duas jogadas porque estava com aflições em dois campos diferentes. Uma carta foi para o campo amoroso: é hora de deixar essa história para lá? Eu o abandono de vez? Ou, antes, eu respondo a última mensagem que o não-Freud me enviou? Resposta: dois de copas. Segundo o livro que orienta as minhas interpretações, essa carta indica conexão que pode ou não ser de natureza sexual; os dois seres ou as duas partes do eu se unem para brindar o amor, e uma serpente sela a

ligação. Então eu concluí que sim, faria a aposta de insistir um pouco mais. E, sim, eu responderia a última mensagem que ele me enviou, apesar de minha decepção incompreendida.

Já a segunda questão foi mais difícil de formular. Eu estava bastante aflita com essa história de fim de mundo e pensando que precisava encontrar uma maneira de terminar essa tese. Eu ousei me perguntar se uma tese não poderia ser uma carta e, embaralhando as cartas do tarô, eu fiquei especulando que, se o mundo está mesmo prestes a se acabar, a banca não haveria de fazer caso com um detalhe formal tão pequeno como esse. Isto se, é claro, dentro das cartas realmente houver uma tese. Foi assim que eu decidi que, então, só me faltava o endereço para o envio.

Enquanto as cartas iam passando pelas minhas mãos, vários nomes desfilavam diante dos meus olhos. Eu só precisava de um nome (o que nesse caso já seria um endereço). Segui respirando, embaralhando e o seu nome, Freud, me veio impresso em letras garrafais! Eu mesma não acreditei nas reações do meu próprio corpo: estremei por dentro, juro, meu coração acelerou. Como eu nunca tinha pensado nisso antes? Tão óbvio. Parece que já era para você que eu escrevia durante esse tempo todo naqueles balões e *post-its*. Então eu perguntei: é mesmo o Freud o destinatário de minhas cartas? Você não imagina a resposta que o tarô enviou: a morte!

Eu fiquei sem reação e me paralisei diante dessa imagem: uma caveira humana, só os ossinhos e, entorno dela, uma grande serpente, que parece estar trocando de pele. Tremi de novo e dessa vez senti um arrepio me subir pela espinha até a altura da nuca. Como se eu tivesse tomado um choque elétrico, os pelos dos meus braços se eriçaram. Já era tarde, eu estava cansada e não sabia o que pensar dessa carta que o destino me havia enviado – a morte. Fui dormir e sonhar que a grande onda me levava tudo, o trabalho de anos. Agora fico pensando que talvez esse sonho diga algo do meu medo de perder os meus resumos de você.

Então, pela manhã, eu fui meditar sobre as cartas, sobre o sonho. Sim, meu caro Freud, estamos diante da morte. Eu também estou com medo; mas fique tranquilo, ainda não sabemos o que isso significa. Respire fundo. Sinceramente, eu não acho que você vai morrer (não agora). Se isso lhe acalma, eu garanto a você que eu já tirei essa carta antes e sobrevivi para chegar aqui: à beira do fim do mundo (o que não quer dizer que eu já não tenha morrido um pouquinho; parece que, ao longo da vida, morremos de

várias mortes diferentes...). E, imagine só, você aí fazendo suas coisas e um dia recebe uma carta de uma desconhecida, contando que ama ler os seus textos e avisando que fez uma jogada de tarô num dia de angústia e assim previu a sua morte. Que horror! Não, não pode ser essa a história que nos une. Sinceramente, eu espero um pouco mais do nosso destino.

Fui fazer as minhas pesquisas, porque a verdade que eu ainda não contei a você é que tenho pouca experiência com essa história de cartas e adivinhação do futuro. Segundo o meu livro de interpretação, essa carta significa: transformação. O balé entre a vida e a morte seria, justamente, o que transformaria o universo. Então, ela não necessariamente significa o fim de tudo, mas, certamente, um fim, e daí a transformação. Agora só precisamos descobrir qual fim: da tese ou do mundo?

O mesmo livro diz que, quando a morte advém naturalmente, depois de uma vida frutífera sobre a terra, nós a recebemos sem medo; e que, quando ela chega cedo demais – “como ocorre no mundo atual” –, nós sentimos temor e frustração. Sabe, Freud, não dá para acreditar em tudo que lemos por aí (é preciso ter senso crítico). Há mortal que não tema a morte? Eu penso que nunca estamos preparados para recebê-la sem medo; e que, mesmo quando nós a esperamos, ela parece sempre chegar antes da hora, como uma convidada inconveniente (depois eu conto a você com mais detalhes, mas recentemente meu avô morreu – não o baiano que ficou cego, e sim o outro, o cearense de Brasília. Ele estava velhinho, cansado, bem doente e hospitalizado, mas não acho que nada disso tenha nos preparado para a chegada dela).

Então, bem, não dá para sair acreditando em tudo que eu leio nesse meu livro de interpretação, mas também não acho que ele seja de todo ruim. Eu gostei do que ele fala sobre a serpente que envolve a caveira. Pela serpente, ele chega à história de Adão e Eva. Foi ela que ofereceu a fruta do conhecimento para Eva, a fruta proibida que Eva ousou morder, transgredindo a única proibição do jardim. E, assim, Adão e Eva foram expulsos do paraíso e se tornaram (e nos tornaram) mortais. Antes disso, ninguém morria.

Desde as catequeses de minha infância, eu simpatizo com essa coragem de Eva. Se, antes dela, ninguém havia morrido, como ela haveria de saber o que era a morte? Só havia uma forma descobrir. Estou sendo sincera quando digo que, no lugar dela, provavelmente, eu faria a mesma coisa. Mais dia menos dia, não resistiria e acabaria

mordendo a fruta. Como do paraíso só temos a expulsão, ninguém adivinha o tédio que devia ser a vida eterna dentro jardim. Isso é o tipo de coisa que só um confinamento pode nos ajudar a adivinhar. Imagine você que eu, uma pobre latino-americana, quando chego aqui na bendita cidade-luz, por conta de um vírus invisível a olho nu, sou então proibida de colocar o pé para fora de casa. Ninguém suporta só ficar dentro. Isso é castigo. Além do mais, veja só, que curioso: a maneira para um dia conseguir botar o pé lá fora foi morder a fruta do conhecimento e descobrir que gosto havia dentro do nome da fruta proibida.

Então, o que o livro propõe sobre a serpente é que ela nos sirva de inspiração, também porque ela muda de pele. Nessa ocasião, ela procura um par de pedras que possa lhe facilitar o processo de muda. O livro diz que normalmente nos sentimos confortáveis na presença do antigo e tememos o desconhecido; é preciso, segundo ele, não temer perder a velha casca, uma vez que ela impede o crescimento e não deixa a pele nova, interna e brilhante emergir. Conclusão desse parágrafo: não tente evitar a morte a todo custo. Gostei.

## 2. A escrita como arte do abandono

A verdade é que eu achei muito curioso que, nessa jogada para a tese, tenha saído justamente a carta da morte. Porque tem horas que eu acho que esse é o meu próprio tema (nunca sei se da tese ou da vida). A relação entre escrita e morte pode ser tão estreita (apenas pense num nome inscrito numa lápide); há momentos em que talvez elas se confundam. Dias desses, um poema cruzou o meu caminho: *PRINCIPADO EXTINTO*, da Matilde Campilho (esse livro dela – *Jóquei* – é incrivelmente útil para dias de desânimo). Ele me mergulhou em meditação. Começa assim:

Isto é um poema  
fala de amor  
ou do medo do amor  
Fala da morte  
ou do fim da amálgama  
rosto voz alma e cheiro  
que é a morte  
Isto é um poema  
tenha medo  
(...)

Alguns poemas me capturam assim, logo nos primeiros versos: “Fala de amor/ou do medo do amor”. Eu fiquei pensando que, sim, essa carta – a morte – dá medo, mas amar também não é fácil. Talvez assuste tanto quanto; experimente se apaixonar por um

desconhecido que não fala a sua língua. E eu gosto da definição de morte desse poema. A morte é, ao fim, o fim do que há de mais singular, a amálgama rosto voz alma e cheiro:

(...)  
 Isto aqui é um poema  
 fala da permanência inútil  
 de um coração devastado  
 de uma floresta devastada  
 de uma corrida devastada  
 (...)

É um poema o que fala da permanência inútil. Por que um poema precisa falar de tanta devastação? É que talvez só ele, só o poema, possa falar dela (sabe a Floresta Amazônica, Freud? Ela tem queimado tanto, tanto. Às vezes, parece que a notícia de jornal vira um hábito que anestesia a gente toda, enquanto a floresta vira cinzas, cinzas). Parece que o devastado sempre insiste em permanecer em outro lugar. Aí o poema segue:

(...)  
 Fala do poder da erosão  
 que afinal incide sobre  
 pele e nervo e osso e olho  
 Fala do desaparecimento  
 Fala do desaparecimento  
 Fala do desaparecimento  
 (...)

E foi aí que eu me dei conta disso: todos os poemas que eu já li falavam da mesma coisa. No fundo, no fundo, todos eles falavam do desaparecimento. Talvez todo poeta, a cada poema, repita o ato da criança brincando de *fort-da*<sup>1</sup>, inaugurando a linguagem e o mundo depois do desaparecimento da mãe. A palavra talvez seja o carretel que, de uma forma mágica, torna presente o que não mais está, ou melhor, talvez torne suportável a ausência do que não mais está. Então eu suporte – por um tempo – ficar só. O carretel manda notícias. Ele, como o poema, também fala do desaparecimento.

Quando eu comecei o doutorado, há quase quatro anos, eu dizia que o meu tema era a diferença sexual. E agora eis-me aqui, falando da morte. Como é que buscando o sexo, a diferença entre os sexos, eu fui desembocar na morte? Longa história, mas garanto a você que vários outros, assim como eu, partindo de diferentes cantos, devem ter sido conduzidos ao mesmo lugar.

---

<sup>1</sup> Freud, 1920/2020.

Contar essa história seria como contar a história do desaparecimento das diferentes pesquisas que já comecei, esqueci e abandonei pelo caminho até chegar aqui. Acho que, provavelmente, é assim que se pesquisa: de abandono em abandono. No começo, eu dizia que queria estudar a diferença sexual porque, no trabalho clínico, tive a chance de acompanhar algumas transições de gênero. E uma transição, Freud, pode ser uma transformação tão potente. Era tão claro que, diante de meus olhos, algo ali morria ao mesmíssimo tempo que algo completamente novo nascia e se inaugurava no mundo. Eu queria falar disso que os meus olhos testemunhavam, mas minha boca não sabia explicar: ao mesmíssimo tempo, morte e vida, luto e júbilo, luta e dor.

Aí, um dia, eu cruzei com um conto de Clarice que me capturou: *Os obedientes*. Meu pé afundou dentro. Foi incontornável. Talvez, com Clarice, eu tenha aprendido a não levar tão a sério os psicanalistas e seus textos sobre a inveja do pênis. É que agora eu já sei que, se a gente nunca desobedece, então, no instante em que se quebra um dente, em vez de ir ao dentista, a gente se joga da janela do apartamento. Fiquei um bom tempo estudando esse texto, lado a lado com o seu *Psicologia das massas e análise do eu* (Freud, assombrosamente, esse seu texto nunca deixa de ser atual). Aí eu comecei a ler notícias de jornal de outro jeito. Há anos o Brasil é recordista no assassinato de pessoas trans. São assassinatos brutais, espancamento em via pública. Eu acho que isso diz alguma coisa sobre a diferença sexual e sobre como ela é levada tão ferozmente a sério ao ponto de uma pessoa que ousou desobedecer à suposta grande lei (por exemplo, “nascer” menino e tornar-se homem) precisar pagar com a própria vida. Diz algo também sobre a inveja, mas acho que não a do pênis.

Por isso, eu digo que foi Clarice que, na escuridão da transição, me estendeu a mão; e aí, já nem me lembro como, eu cheguei na descrença e nela eu fiquei por um bom tempo. Fiz um belo passeio com você pela Acrópole<sup>2</sup> (foi lá que eu achei o conceito *Unglaube* pela primeira vez), depois eu me demorei um tempo nas teorias sexuais infantis<sup>3</sup> e naquele seu texto sobre o Leonardo da Vinci<sup>4</sup>. Foi lá que eu achei o ato de descrença infantil. Minha conclusão dessa época: descrença é algo que se realiza em ato. Nesse caso, em ato de pesquisa. É porque a criança não mais crê que o papai e a mamãe sabem tudo, inclusive de onde vêm os bebês, que ela vai pesquisar por conta

---

<sup>2</sup> Freud, 1936/2010.

<sup>3</sup> Freud, 1908/2018.

<sup>4</sup> Freud, 1910/2015.



própria e eventualmente elaborar as próprias teorias sobre a origem da vida. Aí, mais uma vez, a roda girou, meu tema mudou.

A próxima parada foi a seguinte: eu queria descobrir como é que alguém se livra de uma crença e deixa de crer no que sempre acreditou. Por exemplo: a crença de que, ao ter sido designada mulher em meu nascimento, então eu não posso me tornar homem. Por exemplo: a crença de que o papai e a mamãe tudo sabem. Por exemplo: a crença de que há Um psicanalista que soube ler Freud. Por exemplo: a crença de que, se eu não mais pecar, eu voltarei para o paraíso. Fiquei um tempo lendo *O futuro de uma ilusão*, tentando encontrar o que diferenciaria uma crença de uma ilusão. Não encontrei, o que não quer dizer que não exista ou que, em algum momento, eu não possa encontrar essa diferença. Mas me parece que não há outro futuro para uma ilusão que não esse: a desilusão (Freud, você já ouviu aquela música do Paulinho da Viola, *Dança da solidão*? Nessa época, o refrão não saía da minha cabeça: “desilusão, desilusão, danço eu, dança você na dança da solidão”). Foi assim que eu cheguei ao tema da melancolia<sup>5</sup>. Desiludir-se e seguir vivendo pode ser insuportável. É isso que a melancolia nos testemunha: a impossibilidade de deixar ir (e é tão pesado não deixar o morto ir, é nessa recusa que você vira o próprio peso morto embaixo das cobertas). Minha conclusão desse pesado período foi a de que não há outra maneira de se livrar de uma crença que não essa: pelo abandono. E abandonar dói (sinto na pele). A escolha será entre: engajar-se no trabalho de abandonar o que se perdeu (o problema é que é difícil reconhecer o que se perdeu quando algo morre) ou então perder a vida.

Foi assim que o abandono se tornou a minha questão. A partir daí, em todos os textos que eu peguei para ler, eu lia procurando o abandono. Reli vários textos que você escreveu procurando o abandono. Ninguém abandona o grande mestre ou a grande norma por livre e espontânea vontade, apenas por imensa e incontornável impossibilidade de seguir acreditando neles. É que uma hora o limite do saber se impõe e se faz necessário se lançar a caminhar pelo desconhecido com os próprios pés. Mas, mesmo assim, há sempre uma espécie de força outra, um empuxo, que nos leva a pensar que talvez não seja aquele mestre, mas sim aquele outro a despontar (como um novo dono da palavra, da razão, do latifúndio do saber), o qual finalmente nos salvará (da dança da solidão?). Esse jogo de forças produz um movimento. Um mestre cai, outro

---

<sup>5</sup> Freud, 1923/2011.

desponta para cair logo ali mais adiante. Ele só não cai enquanto a gente o sustenta lá em cima.

De toda forma, abandonar ou descreer parece exigir um intenso trabalho de luto, que envolve vários “des”: desiludir-se, desapaixonar-se, desidentificar-se. Isso dói, isso dá uma canseira, é pesado que só. Mas, chega uma hora, e eu ainda não sei como (não sei se um dia saberei), que se sente um alívio (você o reconhece porque respira diferente).

A verdade é que se iludir, se apaixonar e se identificar é muito mais gostoso. É por isso que ninguém quer os seus contrários. Mas fazer o quê? Tem hora que não nos resta mais nada além de aceitar perder. Isso é o que fazemos por pura falta de saída, quando nos encontramos ali encurralados contra as quatro paredes da realidade. E eu ousou dizer que o mais dolorido talvez seja aceitar perder o futuro que nunca se teve. Perder o sonho de como teríamos sido felizes para sempre no paraíso *se* a serpente não existisse, *se* Eva não tivesse mordido a fruta proibida.

Justamente porque se trata de uma encruzilhada subjetiva, o abandono só poderá ser um ato singular, sempre a cada vez, sempre uma invenção. Em sua dimensão de descrença, o abandono é o passo para o lado de lá que só o sujeito pode ousar dar por si, por sua conta e risco. Veja bem, pesquisar é um ato de descrença que a criança realiza sozinha, sem pedir autorização e *em segredo* dos pais. Na mesa do jantar, ela pode até fingir que acredita nessa historinha de cegonha que o papai e a mamãe contam do alto de sua grande inocência. A essa altura, ela já sabe que eles mentem. É aí que os lugares se revelam lugares: quando eles subitamente se invertem. E ela finalmente pode mentir também.

Cada um haverá de criar a sua maneira possível de abandonar. E novamente Clarice me leu, ou me escreveu. Em um de seus textos, eu cruzei com a minha tese resumida em um parágrafo. A minha tese me veio de *Um sopro de vida*<sup>6</sup>:

Escrevo ou não escrevo? Saber desistir. Abandonar ou não abandonar – esta é muitas vezes a questão para um jogador. A arte de abandonar não é ensinada a ninguém. E está longe de ser rara a situação angustiada em que devo decidir se há algum sentido em prosseguir jogando. Serei capaz de abandonar nobremente? Ou sou daqueles que prosseguem teimosamente esperando que aconteça alguma coisa? Como, digamos, o próprio fim do mundo? Ou seja lá o que for, como a minha morte súbita, hipótese que tornaria supérflua a minha desistência?

---

<sup>6</sup> Lispector, 1978/1999, p.14.

Eu nunca tinha pensando nisso dessa forma: abandonar é uma arte. E essa arte, para Clarice, passa pela escrita e não é ensinada a ninguém. “Escrevo ou não escrevo?”. Ou você se arrisca e se lança a fazer do seu jeito, do jeito que der, ou espera o fim do mundo chegar ou a morte súbita alcançar você. E, se o fim do mundo se anuncia, como abandoná-lo então?

Freud, eu só quero descobrir como abandonar nobremente. Quando eu comecei a escrever essa carta a você, eu pensava em pedir ajuda para escrever minha tese. Mas, agora, depois de contar tudo isso, eu me dou conta de que a minha própria tentativa de escrever essa tese já será o meu exercício de abandoná-la. É um risco que eu preciso correr. Eu já entendi, Freud, só me resta me lançar ao abandono. Criar minha própria forma de abandonar.

Mas então eu faço a você um pedido muito honesto: não me deixe tão, tão sozinha nesse caminho. Peço apenas que você me leia, e assim você já estará me acompanhando, mesmo que do lado de lá. É claro que tenho medo de me lançar. Mas, agora, só me resta ir. Eu não sei onde vou chegar, o que vou encontrar, o que vai surgir. Só saberei quando chegar lá. Só me resta ir. Me deixe ir para onde a escrita me levar, me deixe ir te escrevendo só para que eu não me sinta completamente só, não toda só. Não sei se isso é pedir muito, mas é o que eu preciso agora. Me deixe ir. Ir te escrevendo, por favor.

Não sei quanto tempo temos antes de o mundo se acabar (se ele for mesmo se acabar). A coisa está feia. Estamos sufocando, morrendo sem ar, do lado de cá. Quando eu pensava em fim do mundo, eu imaginava um meteoro imenso colidindo contra a Terra, uma inundação, qualquer coisa assim gigantesca, e não um vírus que, de tão minúsculo, é invisível a olho nu. Que ironia.

Espero que essa carta te encontrem.

Com carinho,

Tainá Pinto

Paris, \_\_ de março de 2020

*pousa*

---

## a pelo

tenho 6 parafusos  
na coluna sustento uma degeneração  
precoce e uma queda que poderia ter sido evitada  
mas na vida caímos inevitavelmente  
como uma degeneração  
sem saída mais cedo ou mais tarde  
viramos pó em direção ao centro da terra  
sigo com corpos estranhos que me mantêm  
hoje sem rédeas  
e se um dia já tive  
direção não sei  
se um dia já tive  
sustentação não sei  
quando eu tinha 16  
minha coluna já soprava 60 parafinas em brasa  
e debochava do pó das eras geológicas das Idades  
da gravidade que desmontava mas que ainda deixava  
parafusos  
a Torre Eiffel é que é de ferro  
eu sou de titânio e osso  
e sobrevivi às voltas do século XX à cartilagem e fôlego  
e ainda sustento algum afeto porque ainda há heavy metal  
no século XXI baby  
tudo é baixo grave e só há fricção  
em cada passada minha um segundo  
pesa como toda decisão  
e se até o pelo pesa e cai  
no pelo apenas uma letra  
aponta para além do peso  
próximo ao chão e além  
do que seria o paraíso o início  
da queda o princípio nada além  
do chão a gravidade de um apelo  
vamos dançar  
no precipício baby  
vamos em peso no pelo  
a pé não é que esse mundo é grande mesmo  
no sustento que pisa em falso eu já vou chegando

aos 27 tantos se foram  
vamos diferente eu já vou  
chegando à sombra árida dos 27  
nervos que falham ao anúncio  
de sobrevida em 2017 físgadas  
elétricas abrindo os flancos  
no peso vamos  
fazer o céu cair  
precipitando a curva  
do peso para além do peso  
vamos no pelo a pelo direto para  
o cerne no poema  
o caminho deve ser insustentável mesmo  
sem volta  
nem rédeas  
onde a vida é grave  
e inevitável é a queda

Danielle Magalhães

## 2. A mala cega é guia

Meu caro Freud,

Queria ter conseguido mandar notícias antes, mas não deu. O fim do mundo é sem ordem. Parece que ele ainda não acabou de se acabar. Mas não estou certa disso. Sei que a morte segue devastando, assolando, nos levando aos montes, um por um, os contadores não param de girar.

Eu precisei atravessar um oceano, trocar de continente. No meio de uma pandemia provocada por um vírus que justamente se alastrou pelos quatro cantos do globo através dos aeroportos. Provavelmente, depois de tudo isso, os aeroportos (nessa travessia, passei por alguns que mais pareciam aeroportos-fantasma, abandonados do típico zunzunzum da intensa vida, 24 horas no ar; e de repente, aquelas imensas salas de embarque todas vazias e interditadas por fitas plásticas listradas em preto e amarelo, as luzes apagadas, silêncio; lá no meio uma goteira no teto, bem embaixo um balde no chão, o som do que pode ser a gota d'água preenche a escuridão; nas vitrines, os olhos vidrados das manequins parecem fixar o momento exato em que tudo parou no mundo das compras livres de imposto; as praças de alimentação cheias de mesas vazias, imóveis, inúteis; parece que eu estou vendo tudo ao contrário do que sempre foi, é irreal e presente, é aqui e agora, mas não sei onde estou, e os livretos de turismo não me localizam com suas agendas dos imperdíveis shows e peças de teatro que nunca aconteceram, cartazes de filmes que não estrearam marcando o tempo do subitamente obsoleto; e, lá longe, eu vejo vindo um casal, cada um coberto dos pés à cabeça com seu macacão branco, cada um com duas máscaras no rosto, por cima daquela de tecido que agora todos somos obrigados a usar para cobrir nariz e boca e assim nos protegermos uns dos outros de nossas possíveis virulências; há outra, que vai da testa ao queixo, uma espécie de escudo transparente, e eu me pergunto se eles saíram de um laboratório ou se fui eu que entrei num filme de ficção científica; diante deles eu me sinto de cara tão mais exposta e me pergunto se vou ser contaminada por algo outro além do medo que já me assola; me lembro de, em hipótese alguma, tocar com minha própria mão o meu próprio nariz, nem mesmo para me certificar que ele ainda está no mesmo lugar; agora pela minha mão só passa sabão e álcool em gel, e a assepsia parece nunca ser suficiente; é preciso ainda não esquecer de jamais coçar os meus próprios olhos, que, curiosamente

– entre realidade e irreabilidade –, nunca piscaram tanto) nunca mais serão os mesmos. Nem os aviões. Nem eu.

Eu não queria voltar, ao menos não agora, não no meio de uma pandemia. Boa parte dessa recusa, me parece, é medo. Medo do que eu possa encontrar nesse retorno. Mas não teve jeito e, como minha avó já dizia: “o que não tem remédio, remediado está”. Então esses dias eu andei tentando descobrir o que é saber voltar.

Eu cheguei e passo bem. Mas tenho a estranha sensação de ainda não ter aterrissado. Ainda não sinto meus pés no chão. Parece que a realidade se redobra: estou dentro da aeronave, voando em baixa velocidade e, lá embaixo, vejo outro avião em corpo e asas. Estou planando sobre uma delas, a asa esquerda, a asa leste ou, talvez, a asa norte. E, todas as manhãs de domingo, escuto ao fundo o som de fogos de artifício explodindo. Cada estrondo me vem como um estouro surdo que sinto no peito; eles me arrepiam porque não sei o que comemoram, enquanto eu já perdi as contas do número de mortes que morri e dos corpos que enterrei até chegar aqui.

Passo bem, mas estou exausta e desorientada. Não consigo localizar a origem do meu cansaço; pela sua medida, eu poderia até pensar que atravessei o oceano a nado. Estou em um daqueles momentos estranhos em que se sente que há algo muito silencioso acontecendo dentro, você sabe como é isso? Aquele silêncio misterioso que a palavra não alcança.

Como é que se deixa uma cidade, se atravessa um oceano e se pisa os pés em outra quando não se quer voltar? É o que eu tenho me perguntado. Por hora, não tenho nada além de uma longa meditação sobre malas e valises. É muita ginástica para conseguir fazer caber dentro de uma mala os oito meses que vivi lá. Muita coisa não coube, e isto me levou à conclusão de que fazer mala também é uma arte: de encaixe e abandono. O que deixar? O que levar comigo? Nessas horas é que se tem a chance de se perguntar o que é mais essencial na vida. De realizar em ato essa separação entre o que vai e o que fica. Se formos espertos, deixamos a pergunta ecoar para além das meias-calças e calcinhas.



## 1. O sonho da mala cega

Então esse sonho me voltou, vivo, vívido. Chegando aqui, fui procurá-lo nas minhas anotações, nos diários que alimentei nesses meses que passei lá do outro lado. Foi aí que me dei conta de que o tal sonho foi sonhado pouco depois de minha aterrissagem lá, quando justamente eu havia acabado de fazer a travessia marítima, mas ainda no sentido contrário, o da ida apenas. Eu sei que agora minha questão é a volta, mas é que, de alguma forma, um tanto óbvia, ida e volta se conectam. Só pode voltar quem um dia foi. Mas é claro que há lugares de onde nunca se volta. Por enquanto, não é desses que eu falo.

O sonho eu anotei assim: “Não sei se é noite ou dia, a luz é estranha, o céu é cinzento, talvez seja dia sem sol. Talvez seja dia antes de amanhecer. Não há ninguém nas ruas, só eu e essa minha curiosa mala azul-celeste de rodinhas caminhando pelo deserto de Brasília, na altura da plataforma superior da rodoviária, entre o Conjunto e o Conic; lá longe, ao fundo, a Esplanada dos Ministérios. Só que a mala, no lugar da alça de alumínio retrátil, tem um longo cabo, uma espécie de comprida vareta. Para alcançá-la, eu preciso levantar o braço quase na altura de minha cabeça e, por isso, não faz sentido andar e puxá-la atrás de mim, pois a frágil vareta provavelmente se quebraria. Eu ando, e a mala vai à minha frente: é assim que nos deslocamos. Ela vai me conduzindo? Como se ela fosse minha bengala? Como se ela fosse uma antena com a qual exploro e tento descobrir o que vem adiante? Uma mala que guia a cega? Uma mala cega que me guia?”.

Com exceção da estranha vareta-bengala, essa mala se parece com a minha. Eu adoro seu tom de azul, cor do céu. É uma dessas pequenas malas de cabine que precisam ter dimensões específicas e, quando prontas para o embarque, devem pesar no máximo dez quilos. Dentro dela não pode haver nenhum tipo de arma, de objeto cortante, nem substância inflamável. Líquidos só são permitidos em embalagens transparentes e que não ultrapassem 100ml (parece que essa regra é para evitar possíveis explosivos a bordo). É preciso pensar bem o que você vai levar com você dentro dessas pequenas maletas.

Ainda antes de eu nascer, a cegueira me escolheu para me fazer questão: foi cegando o meu avô baiano que ela me acertou em cheio. Ele não nasceu cego, mas se tornou. Depois de certa idade, seus olhos desenvolveram catarata. Dizem que é o

agravamento de vistas cansadas, dizem que é por excesso de exposição à luz solar. Eu não sei. Sei que ele foi perdendo a visão, os olhos foram ficando opacos como se uma fina pele lhe cobrisse os quatro cantos dos globos oculares. A solução indicada pelos médicos: cirurgia. Olho é coisa tão delicada. Eu me arrepio e, numa reação quase automática, cerro minhas pálpebras com muita força quando imagino um bisturi se aproximando das minhas retinas.

Era 1983, no interior da Bahia, quatro anos antes de meu nascimento. Seriam duas cirurgias, um olho de cada vez. E lá foi ele para a primeira operação. Então: escuridão. A luz acabou. Bem no meio da cirurgia, a energia elétrica da cidade falhou. E, ali mesmo, no hospital, ele perdeu a visão do primeiro olho. Mas ainda havia o segundo, e, enquanto havia olho, havia também esperança de enxergar. Mesmo que de um olho só. Ser humano se adapta, e ouvi dizer que, em terra de cego, quem tem um olho é rei.

Ele decidiu ir para a capital fazer a segunda cirurgia. Na recuperação, os médicos indicavam repouso absoluto: cabeça imóvel e nada de esforço durante dias (não sei quantos). Dizem que ele estava fazendo sua recuperação na casa da minha tia que morava em Salvador e, na época, tinha filhas pequenas, minhas primas. Ele estava andando devagar pela casa (eu imagino a cena assim, como tantas vezes vi: geralmente, ele virava de frente para a parede, onde apoiava as duas mãos; uma deslizava à frente, em seguida, a outra vinha ao seu encontro, trazendo o corpo, enquanto os pés se arrastavam lentamente no chão em abertura lateral. Poderia ser uma dança de caranguejo ou quem sabe um tango, mas era a maneira como ele se orientava e se deslocava no espaço quando ia sem a bengala) e havia um velotrol no meio do caminho. No meio do caminho havia um velotrol e ele sabia que não podia se abaixar, pois estava em recuperação e deveria estar em repouso absoluto. Dizem que ele não pediu ajuda a ninguém e se abaixou para tirar o velotrol do meio do caminho e assim poder passar. Dizem que foi aí que ele se cegou definitivamente. Um velotrol no meio do caminho. Escuridão. Um olho de cada vez. Ao fim da segunda perda, já não havia mais nada para a cegueira levar.

Essa história eu levei minha vida construindo. A história da cegueira de meu avô. A história de como um homem teimoso se cegou. Uma coisa que eu adoro é entrevistar a minha avó. Nem sei quantas vezes já a fiz me contar a mesma história –que

nunca é a mesma. Foi só recentemente que, no meio da narração, surgiu uma arma (eu me espantei, e ela se espantou com meu espanto, e só aí entendi que isso era um segredo que ela deixou escapar, provavelmente, pela pura distração de me contar a mesma história pela enésima vez). Parece que, logo depois que tudo aconteceu, por um tempo, ele dizia que ia pegar esse revólver e voltá-lo contra si, ele dizia que ia se matar.

Essa tal arma é só um detalhe, mas fez bastante diferença na maneira como eu pude ver o meu avô. Porque eu nunca tinha imaginado que um dia ele pudesse ter desejado morrer porque ficou cego. Nunca foi essa a energia que ele me transmitia quando eu ia lá para a Bahia passar minhas férias de verão. Ele era uma figura. Vivo. Fazia batuque em caixa de fósforos e em quina de mesa. Ele não combinava em nada com a morte, muito menos com o desejo de morrer. Isso é coisa que não se explica, mas se sente quando nos aproximamos de alguém: desejo de viver/desejo de morrer.

Eu nunca imaginei, mas é tão óbvio, não deve ter sido fácil perder a visão. Mesmo que, em minhas memórias, ele seja essa figura viva e sábia, alguém que soube se reinventar após a perda, agora, depois da tal arma, eu imagino que as coisas não devem ter sido sempre assim. Por um tempo, ele deve ter ficado desorientado em seu desejo de viver/morrer assim que a cegueira o tomou.

A visão ou a vida? Só agora posso supor que escolher a vida sem a visão foi um caminho que ele percorreu (intuo que se trate de um caminho que só se estabelece a partir do momento em que se sabe/se descobre como voltar desses lugares insondáveis nos quais a vida nos arremessa). E não deve ter sido nada fácil saber voltar ao mundo dos que enxergam o velotrol no meio do caminho. Eu mal consigo me imaginar sem minha visão e não sei se saberia voltar de qualquer lugar sem ela. Não sei o que me orientaria nessa travessia. Só sei que, me levando os olhos de meu avô, a cegueira, de maneira incontornável, me escolheu. Desde que eu me entendo por gente, a cegueira me interroga, e eu vejo cegos por onde quer que eu ande.

## **2. O cego e seu cão-guia pelas ruas de Itajuípe**

Eu sei que esse sonho me transporta quase automaticamente a outra cena. Dizem que, logo depois que meu avô ficou cego, foi decidido que era hora de mudança. Julgaram que ele ganharia qualidade de vida indo morar numa cidade menor, lugar onde

a vida fosse mais tranquila. Decidiram que era tempo de voltar para a pequena cidade em que ele crescera, a cidade de sua infância. Quando eu era criança, era para lá que eu ia, nas minhas férias de verão. Foi assim que ele e minha avó saíram de Itabuna, onde criaram seus filhos (entre eles a minha mãe), de volta para Itajuípe. Do interior da Bahia para o mais interior ainda (acho que foi viajando de carro pelo Brasil que eu entendi que o interior pode ser muito infinito).

Então me vem essa memória: eu e meu avô passeando pelas ruas de Itajuípe. Ele, o velho cego de bengala, e eu, a criança gordinha e banguela, a guiá-lo na sua cidade de infância. É claro que essa memória é uma superposição, uma combinação dos vários passeios que fizemos.

Quando eu era criança, em Itajuípe todo ano era verão, e os dias eram quentes e úmidos. Todo mundo era da família. Senão da minha família, da família de alguém. Todo mundo era conhecido do meu avô, e meu avô era conhecido de todo mundo. Ele era o cego da cidade. Eu me lembro de que minha avó não gostava, achava perigoso que ele saísse sem um adulto por perto. Aos poucos, eu e ele fomos combinando nossos códigos para sairmos sem que ela percebesse (é que só ficar dentro de casa cansa, às vezes precisamos sair nem que seja para tomar um ar ou um sorvete). Acho que depois ela se acostumou. Não me lembro.

Nós dois porta afora: ele colocava uma mão no meu ombro; na outra, ia munido de sua bengala com a qual ele tateava os obstáculos invisíveis na escuridão. Quando nós saíamos de casa, às vezes nós descíamos a rua e, lá no fim, virávamos à esquerda; assim chegávamos à praça onde tinha comércio, banco, sorveteria, correio, loteria; era a parte mais movimentada da cidade. Outras vezes, saindo de casa, em vez de descer, nós subíamos a rua e, na esquina, também virávamos à esquerda e assim íamos para o lado oposto da praça central, o lado mais tranquilo da cidade (é que direita e esquerda dependem de para onde o umbigo aponta quando se atravessa a soleira da porta de casa, que dá para a rua).

Quando nós passeávamos pela beira do Rio Almada, eu ia dando notícias da quantidade de vegetação flutuante que havia no meio da água, e, assim, segundo ele, nós medíamos o nível de poluição do rio, que parecia piorar a cada ano. Geralmente meu avô ia cantando músicas que eu não conhecia; elas vinham de outro tempo, e ele sempre dava um jeito de fazer meu nome aparecer no meio delas. Ele também me contava

histórias de quando era criança e nadava naquele rio muito mais caudaloso e limpo. De como ele e os irmãos mergulhavam e tiravam pedras do fundo do rio para ajudar na construção da igreja da cidade (está vendo aquela igrejinha ali? Foi meu avô que ajudou a construir).

Eu acho que, para mim, aquilo tudo era uma brincadeira, uma aventura, em que eu brincava de ser os olhos dele, ou de emprestar os meus para ele. Minha função era simples: eu só precisava avisar se na calçada havia algum buraco ou se no meio do caminho surgia alguma pedra ou desnível inesperado (ou um velotrol, eu ficava de olho, afinal, nunca se sabe).

Dava certo trabalho, exigia alguma concentração, porque em Itajuípe a calçada nunca era plana; ninguém por lá fez chão pensando na estabilidade de cego. Era como se eu colocasse meus olhos a serviço de lhe antecipar uma possível queda. No geral, eu começava bem, bem atenta ao chão que nossos pés pisavam. “Vô, olha o degrau”. Ele procurava e localizava com a bengala, calculava o tempo de não dar o passo em falso. Assim dávamos um jeito de preservar o equilíbrio, até pegávamos um bom ritmo e, quando eu me dava conta, nós estávamos caminhando lado a lado.

Veza por outra eu me distraía e, quando eu percebia, por muito pouco, já era tarde, não dava tempo de ele calcular para não dar uma topada na dura realidade do pedaço de paralelepípedo fora do lugar. Aí, ele tropicava, mas cair, cair mesmo, nunca caiu não. É claro que ele reclamava um monte, dava umas gemidas de dor bem caricatas, que duravam uns dois minutos e depois iam se transformando em uma nova canção que ele inventava ali na hora mesmo. Eu pedia desculpa pela distração, e nós retomávamos embalados pelo novo ritmo.

Meu avô tinha umas belas máximas, por exemplo: quando se dá uma topada na dura realidade de um pedaço de concreto, o dedão do pé fica muito dolorido, e, então, geme-se de dor. É bem sabido que gemer é inútil e não muda nada; porém, na hora da dor, gemer não deixa de ser algo necessário. Meu avô, em sua sabedoria de vida, me dizia: “oh, minha filha, o bom da dor é gemer”.

Não raro ele me surpreendia: ele via o buraco ali no chão, antes de mim, antes que eu avistasse e avisasse. Eu não sei o que acontecia, mas, de alguma forma, ele via. E isso me deixava muito intrigada, me deixava com uma pulga atrás da orelha; acho que

assim eu experimentava os meus primeiros mergulhos no lago da dúvida. Nesse lago, eu não me afogava porque me mantinha suspensa e flutuante, me segurando numa pequena câmara de ar com um buraco no meio. O buraco era a pergunta que eu só podia percorrer pelas bordas: será que ele é realmente cego?

Eu bem me lembro, inclusive, de já ter precisado testar a cegueira de meu avô, de inúmeras formas diferentes. Confesso, por exemplo, que, vez ou outra, nos nossos passeios (especialmente quando eu tinha a sensação de que ele estava vendo o que vinha adiante), eu não avisava, de propósito, só para ver o que acontecia. E tinha vezes que ele via e, claro, me dava uma bronca por eu não ter avisado. Ele dizia: “olha! Bem aqui um buraco! E você não me avisou!”. Cá comigo, eu me perguntava por que a bronca; se ele estava vendo, obviamente, eu não precisava avisar, oras.

Na época em que conheci o não-Freud, eu contei para ele sobre esses meus passeios com meu avô. Ele me leu ou me traduziu a cena como eu nunca tinha lido antes. Ele me disse que eu era o cão-guia do meu avô (*le chien d'aveugle*). Tão óbvio, mas eu nunca tinha me visto assim. Nunca tinha me dado conta de que, nessa vida, um dia eu já fui cão, e justamente cão-guia do meu velho cego. Essa revelação me mergulhou em meditação (esse mergulho tem uma qualidade diferente, tem algo a ver com rio e se deixar levar pela delicada corrente da água). Freud, talvez você esteja se perguntando o que aconteceu com o não-Freud. Só posso dizer que não tenho forças para falar sobre isso. Mas é oficial: eu desisto. Excepcionalmente, ele pode até ter me lido aqui ou ali, num ou noutro ponto qualquer, mas a verdade é que sofremos de alguma séria incompatibilidade. Não falamos a mesma língua, e eu não estou falando do francês. Entre nós não há mais nada; quer dizer, talvez haja – um oceano de silêncio. Não sei dizer o que foi que aconteceu. Por via das dúvidas, chegando aqui, chequei minhas malas algumas vezes. Encontrei Freud, todos os livros de Freud que eu levei e trouxe de volta; mas não encontrei não-Freud – esse não voltou comigo.

### **3. Guiar é ser guiado**

Em estado meditativo, eu fiquei pensando que, se eu servia de cão-guia ao meu avô, isso funcionava, provavelmente, por um único e belo motivo: ele confiava em mim e eu confiava nele (para além do conjunto de nossas precariedades basculantes entre bengala e banguela). Era essa a qualidade da tessitura do laço que nos unia; vai saber se

esse laço não era a coleira entre nós. E é claro que eu nem pensava nessas coisas naquela época, eu só queria passear.

Para além dos meus testes e dúvidas sobre a cegueira dele (talvez eu quisesse só me certificar de que ele não estava usando minhas forças e serviços à toa; talvez, vez ou outra, eu só quisesse recusar a dor da perda dos olhos dele; talvez, porque a esperança é a última que morre, restasse sempre em mim um fio de fé de que algum dia ele pudesse subitamente voltar a enxergar por puro milagre, bem no meio de um dos nossos passeios. E as três possibilidades pareciam coexistir em mim ao mesmo tempo), eu confiava nele e não temia voluntariamente me oferecer como se eu fosse seu cão, ou como se eu fosse seus olhos. Quem sabe, realmente, eu fosse fiel a ele tal qual um cão ao seu dono.

Imagino que ele confiava em mim, porque a própria cegueira, eu suponho, não se confia a qualquer um. Entregar a própria cegueira a alguém, me parece, é como oferecer ao outro os próprios olhos numa bandeja. É conceder ao outro o que você tem de mais frágil, mais vulnerável e delicado. Hoje acho que o nome disso também pode ser *amor*. E este, ao que tudo indica, tem seus mais estreitos laços com querer passear, tomar um ar, dar umas voltas pelas ruas da cidade (do) interior e simplesmente ir confiando nas precariedades um do outro. Afinal, entre eu e ele, ia a cegueira (como a coleira?) a nos unir.

Eu fiquei pensando nesse par: o cego e o cão-guia. E me perguntando: na realidade, quem guia quem? Quem manda em quem? É o cego que manda no cão? É o cão que guia o cego? Já que já fui cão nessa vida, posso afirmar que eu nunca me senti – propriamente – guiando meu avô. Não sei precisar em qual medida não seria possível dizer que fosse exatamente o contrário o que se passava ali: afinal, a cidade era dele, era sua cidade de infância. Ele dizia: “está vendo a farmácia na próxima esquina? Vamos atravessar a rua quando chegarmos lá”. Portanto, facilmente podemos afirmar que ele me guiava. Ao mesmo tempo, quando alcançávamos a farmácia ali na esquina, era eu quem dizia: “Vô, não vem carro, agora sim vamos descer da calçada, vamos atravessar”. Então aí, eu o guiava. E, juntos, atravessávamos a rua a nado, como se estivéssemos no meio do rio.

É mais complexo, percebe? Era eu que o guiava. Não era eu que o guiava. Era ele que me guiava. Não era ele que me guiava. Todas as afirmativas podem ser

verdadeiras. Não consigo decidir. Mas, dia desses, eu encontrei uma saída para esse meu impasse num poema que cruzou o meu caminho.

É um poema lindo e que tira o fôlego do leitor. Ele fala de hipismo, de provade obstáculos, da relação entre o cavaleiro e seu cavalo, e você se sente ali, no meio do jóquei, em cima do lombo do animal, na iminência do salto, diante das longas barras horizontais a serem transpostas no pulo. *Aí vai um salto*, da Danielle Magalhães:

(...)  
 muitas barreiras existem no percurso  
 obstáculos previsíveis que se tornam na hora  
 impassíveis obstáculos imprevisíveis  
 como a vontade  
 de não saltar como um impulso  
 de parar  
 na frente do obstáculo logo antes do salto  
 a simples imprevisibilidade  
 do animal a simples constatação  
 de que um animal é um animal  
 que pode saltar  
 mas na hora H pode não  
 saltar aí não existe isso de governar  
 de comandar de estar no controle  
 não há chicote que adiante  
 há dor se você quiser  
 muita dor  
 mas não há estar em cima  
 de um animal se você não sabe  
 que nisso não há nada  
 de controle se você não sabe  
 que montar é ser montado  
 (...)

O que me faz pensar que, igualmente: guiar é ser guiado. Um só e mesmo gesto. Então, quem sabe esse par – o cego e o seu cão-guia – seja uma parceria em que não há nada de controle porque montar já é ser montado, guiar já é ser guiado. Aqui, nesse par, não existe isso de mandar. Talvez exista isso: saber não estar no controle, saber se retirar do comando. Ou isso: saber deixar-se levar, deixar-se conduzir pelos próprios limites (o que também já serão as próprias potências) do encontro entre o homem e o cavalo, entre o cão e o cego, entre o velho e a criança. E isso vale para as duas partes, igualmente. De modo que talvez isso só funcione se o homem puder se tornar um pouco cavalo, e o cavalo, um pouco homem; o cão, um pouco cego, e o cego, um pouco cão; e o velho, um pouco criança, e a criança, um pouco o velho.

Se um não precisasse do outro, não haveria passeio pelas ruas de Itajuípe (e pode ser muito difícil precisar de alguém). Deve ser aí que a confiança entra. Experimente fechar os olhos e deixar que outra pessoa guie você, Freud, na escuridão; ou fechar os



olhos e deixar que outra pessoa conduza você numa dança. Você verá que, de olhos fechados, você confia seu corpo, seu peso, seus passos mais facilmente a algumas pessoas, e a outras, não. Fiquei pensando que talvez convenha confiar sua cegueira a alguém que não deseje a sua queda, ou a alguém que lhe seja tão sensível a ponto de quase sentir sua dor quando você cair. E eu acho que isso existia entre eu e meu avô. Se, em nossos passeios, ele caísse, não tenho dúvidas, cairíamos juntos, a queda seria minha também.

Depois que o poema me atravessou, eu fiquei pensando no salto. No meio do caminho de qualquer um pode haver um velotrol, um obstáculo, um buraco, uma pandemia, um fim de mundo. E o que o poema indica é que, diante de alguns obstáculos, trata-se de saber saltar. É claro que depende da nossa prática de saltos, depende do tamanho do buraco e da perna, depende da distância entre o pé e o obstáculo, depende do ritmo da marcha, que depende do dia, que depende da hora, que depende do instante exato em que nos deparamos com ele. É que salto tem hora para acontecer: a hora H.

E não importa se você é cego, tem horas que é preciso se lançar em salto (é isso ou ficar do lado de cá do obstáculo, é isso ou nunca descobrir como é o lado de lá). Nesse momento, não há garantias; sempre pode acontecer de falharmos no salto, de nos esborracharmos no chão. Esse passo, o do salto, é sempre um risco. Por isso é um passo que só um homem pode decidir dar por ele mesmo. A hora H é a hora de confiar em si mesmo. E o “si mesmo” mais parece uma espécie de redobra que talvez signifique: confiar no desconhecido animal que me habita. Meu outro. Será um cavalo? Ou um cachorro? Na hora H, ele pode não saltar. Nem sempre eu sei se posso contar com ele: é só na hora H que eu descubro. Nessa hora, nunca se sabe como é que o desconhecido que me habita vai reagir; ele é tão imprevisível quanto o cavalo do poema, que, diante do obstáculo, pode simplesmente desistir de saltar.

Na hora H, entre eu e o outro que me habita, é quando eu sinto na pele que não há isso de comandar, de estar no controle. Há se lançar ou não se lançar em salto: em queda livre. Cada um arrisca por si a descoberta dessa medida: a distância entre salto e queda. Não há outra maneira de descobrir, senão tentando. Nem toda queda mata, mas é claro que algumas são fatais.

E, veja só, Freud: a queda, tal qual a associação, é livre. É cada lugar que precisamos ir para encontrar um pouquinho que seja de liberdade... Às vezes, é no jôquei que a encontramos; noutras, é na análise. E, por ser livre, a queda não obedece a nada além do próprio movimento: cair. Tal qual a associação livre, que igualmente busca obedecer a nada além que a entrega ao movimento de falar o que vier, de se lançar no rio que é o fluxo associativo. O que faz pensar que, em matéria de liberdade, o movimento é soberano.

E, já que “na vida caímos inevitavelmente”, é só se lançando, é só caindo que se pode descobrir as diferenças sutis entre queda, salto e voo. O salto ou o voo só podem vir da queda. Isso também eu entendi com esse poema. Aí vai só mais um pedacinho para inspirar:

(...)  
 neste momento suas mãos  
 fora das rédeas  
 o céu se lança  
 em queda livre  
 escuta  
 este salto  
 é o maior salto  
 que uma queda poderia manter  
 como um voo  
 sem estilo

#### **4. Em nome da pesquisa**

Como eu já disse, não era raro que meu avô me surpreendesse pelo que ele via. Às vezes, era o buraco no meio do caminho; noutras, eram as peças de dominó que eu escondia em minhas mãos. Assim eu dava meus mergulhinhos no lago da dúvida. O tal mergulhinho talvez não passe de um longo instante em que os pés não tocam o fundo. Você perde esse contato exatamente quando descobre que não sabe muito bem em que chão está pisando. Porque, na minha cabeça: ou ele era cego e não podia ver; ou ele podia ver e não era cego. A segunda hipótese faria dele um belo mentiroso a ser desmascarado. E lá ia eu, menina banguela, em busca da verdade.

Minha desorientação me fazia traçar hipóteses a serem verificadas. Entre os testes que precisei realizar, eu me lembro desse muito nitidamente. Eu me lembro de que, em nome da minha busca pela verdade, já parei bem na frente dele, bem na frente dos óculos dele (ele vivia de óculos escuros, mesmo dentro de casa, mesmo de noite) e mostrei a língua. Porque eu sabia que um adulto jamais suportaria calado tal gesto tão

desafiante. Se ele falasse alguma coisa, eu só poderia chegar a uma única conclusão: que ele não era realmente cego. Assim, eu finalmente o pegaria na mentira.

Entretanto, diante de minha língua apontada para o meio de sua testa, na altura do terceiro olho, ele nunca disse nada. Em minha ciência infantil, fui obrigada a concluir que isso não provava nada. Ele poderia decidir sustentar calado o meu gesto desafiante só para não ser desmascarado. Era preciso seguir testando.

Outras vezes, eu tentava chegar de fininho para lhe dar um susto. Tentava me aproximar sorrateiramente, sem que ele visse, e então dizer: buh! Se ele era cego realmente, isso deveria ser fácil. Incrivelmente, eu nunca conseguia e nunca entendia em que é que eu fracassava. Eu fazia o máximo silêncio, ia me aproximando bem devagarzinho. De lá ele já perguntava: “quem é que está aí?”. Antes que eu abrisse a boca, ele dizia: “é Tainá?”. O que novamente me obrigava a concluir que isso também não provava nada – não provava que ele não fosse realmente cego. Com esse teste não cheguei onde queria, mas cheguei a outro lugar: comecei a especular que ele poderia ter olho nas costas (um quarto olho?). Afinal, era muito difícil me aproximar sem ser notada; minha presença podia ser detectada mesmo quando ele não olhava para mim.

Provavelmente, enquanto ia testando minhas hipóteses, através dos mais insólitos métodos, eu também ia pedindo perdão a Deus – o famoso dono do olho que tudo vê –, buscando algum apaziguamento para a minha culpa por tentar assustar, ou por mostrar a língua ao meu velho cego. Consigo me imaginar dialogando com o dono do tal grande olho e Lhe explicando que tudo isso eu fazia em nome de uma causa maior: em nome da ciência do olho e do olhar.

Eu também me lembro de que nossas tardes de férias, geralmente, eram preenchidas por torneios de dominó. Eu não sei se o jogo de dominó, diferente das calçadas de Itajuípe, foi algo pensado para cegos. Mas sei que servia bem a ele. Cada peça, que nós chamávamos de pedra, é dividida ao meio e em cada uma das metades vai um número de um a seis. Esses números são pontinhos, na verdade, buraquinhos cavados na pedra. Então meu avô podia ler as pedras, tocando-as com as pontas dos dedos. Nesses torneios, ele era nosso adversário imbatível. De alguma maneira, no momento mais crucial do jogo, ou seja, próximo do seu desfecho, ele sempre adivinhava as pedras que nós, os netos, tínhamos em nossas mãos. Enquanto isso, nós nos entreolhávamos abismados. E, por fim, ele sempre ganhava.

Assim, nossos torneios duravam somente o tempo que nós suportávamos perder para ele. E eu nunca entendia como ele podia sempre ganhar. Minha mãe diz que é porque ele tinha memória matemática e ia somando as pedras na cabeça e assim sempre sabia quantas faltavam. Mas o que eu ficava (e ainda fico) me perguntando era como ele adivinhava na mão de quem as pedras faltantes estavam e com que olhos ele as via. Só sei que uma hora morríamos do tédio da derrota contínua e interrompíamos tudo, até que a jogatina recomeçava na tarde seguinte (e assim ele ia nos aprimorando na arte de suportar perder um pouco mais).

## **5. O que o olho cego não vê revela**

Como já disse, meu avô vivia de óculos escuros mesmo de noite, mesmo dentro de casa. Eu me lembro da minha imensa curiosidade em um dia poder ver o que havia por trás daquelas lentes. Tão grande quanto a minha curiosidade talvez fosse o meu medo em descobrir o que a cegueira havia deixado ali quando supostamente levou os olhos do meu velho. Experimente ser criança banguela e, pela primeira vez, olhar no fundo dos olhos de um cego. Isso eu já não sei se fiz em nome da ciência, da minha curiosidade, do meu medo ou da minha coragem. Sei que precisei fazer.

Até hoje sinto um fino frio no meu estômago quando tento puxar o fio dessa memória. Acho que foi aí que eu entendi que os óculos escuros que ele portava no nariz, provavelmente, não estavam ali para proteger os olhos dele, e sim os meus. Um escuro escudo, uma barreira, para me proteger de ver o olho que me olha e não vê. Uma barreira entre nós que só eu poderia pedir para que ele retirasse.

Hoje eu acho que aquilo que o olho cego não vê, ele revela. E você sente uma espécie de aperto que se confunde com um vácuo bem aqui entre o peito e a garganta. É como se olhar num espelho e não achar o seu reflexo. É uma mensagem, uma cripta que eu ainda (não) traduzo (sigo insistindo).

A dimensão já traduzida dessa mensagem eu posso enviar a você, Freud, posso compartilhar com você. Ver o olho cego, me parece, é receber a seguinte carta do destino (como uma carta de tarô): poderia ser você. Olho é coisa tão delicada. A luz da sua cidade poderia ter falhado no momento mais crucial da sua cirurgia ou um velotrol poderia ter atravessado o seu caminho de recuperação. Poderia ter sido você. É esta a

mensagem que o olho dele não me deixa esquecer. Penso que esse é o tipo de experiência que pode ser classificada como radical na vida de uma pequena cientista banguela. Ver o olho cego faz marca, delimita um antes e um depois.

Depois, eu não sei muito bem como, o horror se abrandava. E, de manhã cedo, eu podia acompanhá-lo em sua rotina de cuidados e beleza. Mesmo sendo cego, ele nunca deixou de se arrumar diante do espelho, isso sempre me pareceu muito curioso. Eu gostava de vê-lo diante do espelho, se vendo sem se ver. Eu ficava imaginando o que é que ele via. Afinal, ele perdera a visão muito antes de ganhar as rugas. Será que ele via as marcas que o tempo fixava em seu rosto ou será que via o rosto cristalizado de sua juventude?

Era assim: eu me sentava num banco alto, em certa distância e em linha oblíqua ao pequeno armário de parede do banheiro, cuja porta era um espelho centralizado logo acima da pia onde todas as manhãs ele se curvava para lavar o rosto. Em seguida, ele erguia a cabeça, enxugava a face numa toalha que ele alcançava com as mãos cegas. Então, quando ele abria a porta/espelho do pequeno armário para pegar seu pente lá dentro, eu me via refletida da pontinha do nariz para cima. Ele fechava a porta/espelho e, pelo reflexo, eu o via penteando os cabelos, enquanto ele vaidosamente parecia frontalmente mirar a própria imagem, ajustando uns fios brancos na lateral. Só então ele colocava os óculos escuros, e o dia começava. Sempre me perguntei que cor tinha para ele o branco de seus fios.

Hoje posso entender que foram os meus tortos caminhos que me permitiram, em algum momento, uma passagem a uma nova questão sobre a cegueira/visão de meu avô. Eu digo que eles são tortos porque pesquisa de menina banguela não se dá em linha reta (talvez pesquisa nenhuma). Caminhos tortos, então, são uma combinação entre fracassar, fracassar, fracassar em encontrar a saída para o meu impasse e, ao mesmo tempo, recolher algo dos meus insistentes fracassos. Eu não encontrava a verdade que buscava, mas sempre era conduzida a outros lugares.

Em algum momento me foi possível deixar de lado a questão inicial: meu avô é realmente cego? E, assim, construir outra pergunta que talvez me posicionasse melhor em relação ao que me intrigava na cegueira/visão dele. Não posso precisar com exatidão, mas sei que, em algum determinado momento qualquer, me foi possível passar à questão seguinte: *como é que ele vê, mesmo sendo cego?*

## 6. Ver na escuridão

Comecei a seguir outras pistas e pude, por exemplo, passar a me perguntar como ele nos reconhecia e nos diferenciava. Na casa dele, nas férias, sempre éramos muitos netos. E ele nunca nos confundia. Mesmo à distância, muitas vezes mesmo antes de tocar a mão em nossas cabeças, mesmo antes que nós falássemos qualquer palavra – ele nos adivinhava.

Já passei horas me perguntando se ele nos distinguiu pelo som dos nossos passos (meu avô tinha orelhas enormes, acho que elas lhe compensavam a cegueira dos olhos) ou se era pelo nosso cheiro ou, ainda, pelo ritmo singular da respiração de cada um (além de gordinha banguela, eu também era meio asmática; isso devia fazer algum som, foi o que eu comecei a pensar; ou melhor, foram os pensamentos que começaram a vir até mim como as primeiras ideias que surgem na sua mente numa manhã qualquer de lento despertar).

Assim comecei a me dar conta de que talvez ele fosse capaz de nos reconhecer de uma forma que nem nós próprios nos reconheceríamos (como se ele pudesse, por exemplo, ver a marca que minha asma imprimia no ritmo de minha respiração, o que uma fotografia nunca poderia revelar). Talvez aqui eu veja, agora, uma porta se abrindo, me abrindo para uma dimensão outra de mim – desconhecida por mim mesma. Para essa porta, não tenho dúvidas, foram os olhos cegos de meu avô que me apontaram a direção, pois sua cegueira me espantava, não pelo que ele não via, mas justamente pelo que ele via em mim, e que eu, talvez por conta de meus olhos, não podia reconhecer.

Novas perguntas me exigiram novos métodos. Novamente, em nome da pesquisa, passei horas brincando de andar pela casa com os olhos fechados e com uma vareta qualquer nas mãos que me ajudasse a atravessar os estreitos corredores e a localizar os batentes das portas. Eu ia arrastando os pés lentamente e tentando memorizar a quantidade de passos da sala até a cozinha, da cozinha até o quintal, prestando muita atenção em todos os estímulos ao meu redor, todos os sons, os cheiros, as texturas dos objetos em cima da mesa, as diferentes luminosidades nos diferentes cômodos da casa.

Isso mudou radicalmente a direção de minhas pesquisas. Já não se tratava mais de encontrar meios que comprovassem a mentira dele. Agora eu pesquisava *como se* eu fosse cega e me deixava conduzir pelos caminhos a que a pesquisa me levava. Imagino que foi assim que cheguei à escuridão.

Eu me lembro de que a casa de meus avós era comprida, um longo retângulo, um longo corredor. Dessa forma, a luz não se distribuía uniformemente. Os cômodos das extremidades eram muito claros, e os outros, do miolo da casa, muito escuros. Pediam luz elétrica, mesmo durante o dia. Aos poucos, eu fui começando a experimentar não a acender. Entrar no quarto, sem luz, e tentar encontrar o que eu precisasse.

Descobri que, quando você oferece a escuridão aos olhos, no início, você não vê nada, mas, depois de um tempo, eles se acostumam. Aos poucos você vai começando a ver as coisas, mas de outra forma, e vai aprendendo a se localizar em relação aos móveis, a sentir presenças e tentar adivinhá-las. Foi vendo com os ouvidos que me dei conta de que meu avô arrastava suas sandálias de borracha ao caminhar, de que minha avó só usava sandálias de couro e pisava firme e muito mais silenciosamente, de que minha irmã gostava de sair pulando descalça pela casa e, por isso, produzia um som mais surdo e seco.

Assim eu ia desbravando e percebendo que, se, por exemplo, eu parasse ao lado do meu avô enquanto ele estava ali colado ao seu radinho de pilha (que ele adorava sintonizar nas rádios AM, e eu nunca conheci outra pessoa que desse ouvidos a isso), se eu ficasse ali prestando muita atenção, eu conseguia diferenciar o som da respiração dele, baixinha, apesar da falação no rádio.

Se eu suportasse ficar ali quietinha de olhos fechados, mais um pouquinho, um mundo novo se revelava para mim: ele se aproximava aos poucos e vinha lá do quintal, de onde de repente eu começava a ouvir sons antes inauditos, como a revoada de passarinhos depois da festa no pé de mamão ou o barulho que os jabutis de minha avó faziam enquanto se deslocavam pesada e lentamente, carregando nas costas a própria casa, como se eles fossem indiferentes e anteriores a tudo isso, como se o quintal fosse o mundo inteiro e eles o habitassem vivendo sem pressa alguma desde o século passado.

Acho que, de alguma forma, a cegueira dele me apontou que a privação ensina. Ensina a buscar saídas, ensina a fazer algo outro com a escuridão que não simplesmente

procurar com pressa tocar o dedo no interruptor para acender a luz. Sim, a escuridão pode ser desorientadora, mas parece que é apenas a suportando por um instante a mais que outro mundo se revela.

Foi pesquisando como se eu fosse cega que me dei conta de que há coisas que a luz apaga e a escuridão ilumina. Há o que os olhos não podem ver, e, mesmo assim, há o que é possível (ou talvez só seja possível) reconhecer e adivinhar no escuro. Hoje acho que aprender que há outro modo de ver já é descobrir que há outro modo de se ver: aquele que não pode ser verificado no espelho.

É claro que incontáveis vezes eu dei com a cara na parede e com a canela na quina das cadeiras, sobretudo naquelas vezes que eu me sentia mais confiante, o que me permitiu concluir que fazer pesquisa pode ser muito dolorido. Às vezes, é preciso ir mais devagar, e excesso de confiança não é bem-vindo. Mas acho que ninguém pesquisa se não suportar um pouco de dor e de escuridão. E, certamente, trabalhar em nome da ciência também exige muita coragem para que se siga firmemente o fino fio de sua própria curiosidade, que é fio que se rompe à toa, por qualquer besteira, qualquer espanto.

## **7. O inimigo é o eu cego**

Ao longo de minha pesquisa infantil sobre o olho e o olhar, trilhei caminhos muito tortos, mas acho que cheguei a algum lugar. Se me fosse concedido o direito de dar uma dica aos jovens pesquisadores, Freud, eualaria como se eu fosse você. Eu me endereçaria a eles assim: “Meu caro leitor” (eu adoro quando você diz “caro leitor”, sempre me sinto contemplada). Eu diria: “Meu caro leitor, nem sempre é com os olhos que identificamos os obstáculos em nossos caminhos de pesquisa, e os olhos podem ser absolutamente inúteis quando se trata de identificar a si mesmo como o próprio obstáculo no avanço rumo ao desconhecido” (obviamente, a única direção em que qualquer ciência pode avançar). Esse talvez seja o tipo de coisa que se identifica melhor na escuridão.

Não é simples conceber contradições, sobretudo as contradições ambulantes, aquelas que andam sobre duas, três ou quatro patas. Mas como, desde criança, elas teimam em me acompanhar, chega o momento em que se entende que nem tudo



funciona na lógica do ou um ou outro. Ou ele é cego e não vê, ou ele vê e não é cego. Mais dia, menos dia, depois de tanto dar com a cara na parede, entende-se que encontrar saídas para os próprios impasses pode exigir algo que nem sempre se está disposto a ceder.

Muitas vezes, encontrar saídas nos exige desacreditar de certezas tão entranhadas que se confundem com o que somos. Meus caminhos tortos me revelaram que abrir mão de certezas pode significar precisar abrir mão de pedaços de mim. Incrivelmente, sempre se trata de pedaços muito específicos: exatamente aqueles que eu não quero perder.

Porque, mais hora, menos hora, nos damos conta de que não haverá outra maneira de seguir; terminamos por ceder da parte de nós, parte que justamente não queríamos perder. É como dizer adeus a um pedaço de si (e geralmente, depois, só depois, bem depois de um caminho longo e torto, descobrimos que até se vive melhor sem ele). Tem sido sempre assim, uma luta desigual em que o que mais me atrapalha é querer ganhar. Tem horas que é perder ou cortar o fino fio e desistir de tentar. Ou seja, parece que, em pesquisa, só segue quem topa entrar para perder.

Por exemplo, especulo que aquela passagem à outra questão (partir de “ele é realmente cego?” para “como é que ele vê, mesmo sendo cego?”) só me foi possível através do abandono. Foi um pedaço de mim que ficou pelo meio do caminho, e imagino que, livre dele, eu fiquei mais leve.

Para passar à outra questão, me foi preciso abandonar a certeza de que cego não pode ver. O que também já seria abandonar a certeza de que eu era a nãocega, a que via. Via tudo o que eu quisesse ver, afinal, eu tinha olhos. E por isso acreditava piamente que me bastaria olhar para ver. Admitir a possibilidade de que meu avô, mesmo sendo cego, podia ver foi o que abalou o meu “piamente”. Uma espécie de abalo sísmico das estruturas. Tremor no chão. Não se tratava mais de conseguir provar que ele era um velho mentiroso, ou seja, de que ele via e, portanto, não era cego. O abalo colocou em questão a possibilidade de reconhecer como verdadeira a hipótese de que eu não via tudo que quisesse só porque tinha olhos.

No fim das contas, não foi ele que deixou de ser cego, como as minhas pesquisas tentavam provar (como eu no fundo desejava?); fui eu que me descobri cega (como

provavelmente no fundo eu temia?), mesmo tendo olhos. Entre olhar e ver, há um descompasso, e, por essa razão, as cegueiras podem ser de diferentes tipos. Nem sempre estão nos olhos; elas precisam ser localizadas. Por isso, em matéria de cegueira, nem sempre a solução passa pela consulta a um oftalmologista.

Freud, já reparou na quantidade de ditos populares acerca da cegueira? Quem nunca ouviu aquele: o pior cego é o que não quer ver. Por experiência própria, ousou generalizar: aquilo que o pior cego não quer ver tem a ver com um pedaço de si que ele não quer ceder (talvez seja aquele pedaço que ele julga lhe fazer mais inteiro). “Como lidar, especificamente, com esse tipo de cegueira?”, é o que o caro leitor poderia se perguntar. Temo informar que esse é o ponto mais delicado, em que infelizmente pouco posso contribuir com o futuro da produção científica: é preciso que cada um dê os seus pulinhos e descubra como abandonar os pedaços de si que não se quer abandonar. Dos pedaços de mim que eu mesma me recuso a deixar pelo caminho, eu sempre peno para me livrar.

Faz uns anos, eu li essa frase (ou ela me leu) e eu nunca a esqueci: “o inimigo é o eu cego”<sup>7</sup>. Em muitos contextos diferentes, o inimigo é o eu cego, sobretudo no contexto da pesquisa. Não raro é a minha cegueira que me impede de ir além. Portanto, pensar e pesquisar já são também modos de lidar com o meu inimigo, e isso implica descobrir maneiras de reconhecê-lo. Nem sempre será usando os olhos, nem sempre ele virá de fora (às vezes, ele é muito íntimo), e, às vezes, é no espelho que eu o encontro.

Como só Deus tem o tal olho que tudo vê, nós, pobres humanos, parecemos mesmo condenados a jamais poder ver tudo. A sermos sempre um pouco cegos. Talvez seja isso que o olho cego revele: nossa humana condenação à cegueira. Por ser um olho que não vê, ele revela que todo e qualquer olho é limitado e condenado.

Afinal, parece que não há olho sem ponto cego; toda visão tem aquele campo onde as coisas não podem ser vistas. Toda visão, portanto, é um campo que se estabelece pela posição que o sujeito ocupa em determinado lugar, num determinado momento. Tal campo, me parece, tem sua estreita relação com o ponto que apoia aquele olho no mundo. O que me faz pensar que todo olho tem seu pé, seu ponto de sustentação no chão: um determinado lugar no mundo, que permite ver algumas coisas e outras, não (talvez Deus não tenha pé).

---

<sup>7</sup> Cixous, 1989, p. 142.

Há o campo de visão, há o que está fora dele, e há também o que não se quer ver para evitar aquele trabalho de abandonar um pedaço de si, que não se quer perder. É aqui que cada um trava sua própria luta consigo. Eu já vi um homem se debatendo contra sua própria cegueira (não, não era meu avô, e nem era cegueira dos olhos). Foi uma cena horrível, mas eu não poderia fazer muito por ele. A escolha de debater-se contra a própria cegueira é de cada um.

Da mesma maneira, há esse passo que só um homem pode dar por ele mesmo: o de reconhecer e aceitar sua própria cegueira. Só assim, na escuridão, ele poderá usar a cegueira a seu favor. Só assim ele poderá, quem sabe, fazer do inimigo um aliado. Eu suponho que foi reconhecendo e aceitando a própria cegueira que meu avô pode escolher não voltar a arma contra si. Parece que reconhecer e aceitar é algo que leva um tempo. Um tempo de desorientação no desejo de viver/morrer. Mas também parece que, quanto antes se puder aceitar a perda, tanto antes se encontra algo outro que nos oriente. Talvez não haja outra saída dessas desorientações que não reconhecer que a luta contra a cegueira é desigual: diante dela, só nos resta nos curvar aceitando perder o já perdido.

Talvez assim meu avô tenha descoberto outra maneira de utilizar a arma e, em vez de voltá-la contra si mesmo, usá-la a seu favor. Tenho a impressão de que isso passa pela escolha sábia de substituir o revólver pela bengala – outra arma. Não tenho dúvidas de que ela sim foi a arma fundamental que o ajudou a encontrar a estabilidade possível – a estabilidade na instabilidade – para trilhar o caminho de volta do lado de lá para o lado de cá, o mundo dos que enxergam o velotrol no meio do caminho: adivinhando-o na escuridão.

## **8. A mala cega é guia**

Dia desses, eu encontrei um dos meus *post-its* caído pelo chão da casa, imagino que ele tenha se descolado de algum dos meus cadernos e, como uma pluma, tenha pousado leve no chão, dizendo assim: “um enigma é como uma mulher grávida que caminha prene de mistérios pelas ruas da cidade”. Então, penso que, quando ela dá à luz, é um novo enigma que ela põe no mundo.

Era setembro e, do lado lá, ainda era verão, outro verão que eu descobri fora de época. O azul do céu se destacava em contraste ao verde dos extensos gramados, onde o

burburinho da vida ia fazendo piquenique enquanto eu lia o meu primeiro livro ao ar livre. Não saberia dizer se ele foi escolhido ao acaso – *Le Prénom de Dieu* (O nome de Deus)<sup>8</sup>. E foi logo ali, no primeiro parágrafo da primeira página, que eu me deparei com essa imagem insólita, intraduzível, pequeno enigma que me colocou o mundo a girar: *l'aveugle bouche* (a boca cega).

Antes disso eu nunca tinha pensado na boca cega. Não sabia que à boca poderiam faltar olhos, minha imaginação banguela só podia conceber lhe faltar dentes. Qual é a fome da boca cega? Acho que foi o que eu fiquei me perguntando. Talvez, enquanto eu não fazia nada – ali lavando a minha louça ou pregando com linha e agulha o botão que fugiu de sua casa –, talvez fosse nisso que eu pensava. Não sei.

Sei que, no dia seguinte ao encontro com a boca cega, eu acordei desse sonho: o sonho da mala cega a me guiar. A vida vem da vida e um enigma dá à luz outro enigma. Para confirmar essa minha hipótese talvez se fizesse necessário um teste de maternidade enigmática. Não sei se ele existe. Afinal, ouvi dizer que, para o mais verdadeiro, não há prova<sup>9</sup>. De toda forma, sigo achando que a mala cega foi posta no mundo, talvez como um cuspe, pela boca cega.

Será que a mala cega, como a boca, tem fome? Fome de quê? Viajar? Imagino que fome de ir, ir para lá, sempre lá. O que só apontaria o quanto se deslocar já é deixar a segurança do lar para construir o lá. Abandonar o conforto conhecido e seguir em busca do desconhecido, do nunca antes visto.

E, porque o desconhecido é desconhecido, só se pode explorá-lo cegamente. Isso, veja só, não é sem método. Penso no meu avô e no quanto, ao retornar a sua cidade de infância, encontrou uma cidade outra. Tantos anos depois, tantos olhos a menos, tantas vistas a mais; ele já não era o mesmo, nem ela. Então imagino que, por pura necessidade, ele acabou construindo os mais insólitos mapas e instrumentos de orientação. Hoje eu consigo imaginar que ele, na escuridão, concebeu um mapa secreto de Itajuípe que só ele acessava. Ali constavam, provavelmente, quase todos os buracos da cidade. E, como os buracos constantemente mudam de tamanho e de lugar, seu mapa era móvel e se atualizava para acompanhá-los, muito antes do mundo on-line.

---

<sup>8</sup> Cixous, 2019.

<sup>9</sup> “Não se pode dar uma prova da existência do que é mais verdadeiro, o jeito é acreditar. Acreditar chorando” (Lispector, 1977/2017, p. 46).

Eu fico pensando nessa relação estreita entre conceber (um mapa, uma ideia, uma contradição, um filho) e escuridão. É na escuridão, é sempre em outro lugar longe dos olhos, que concebemos. Talvez por isso conceber seja algo tão misterioso, que não se dá a ver e não se revela por completo; em seu passo a passo, algo sempre nos escapa. Algumas coisas talvez se concebam mais facilmente de olhos fechados. É claro que existem maneiras e maneiras de fechar os olhos; aqui não se trata daquela que busca fechar para não ver, trata-se de fechar os olhos para ver. Ver de outra forma. Ou seja, fechá-los como quem se entrega ou como quem se abre. Porque conceber, me parece, requer abertura, entrega ao outro: outra lógica, outro tempo, outro ritmo. Curiosamente, é assim, fechando os olhos ou oferecendo aos olhos a escuridão (como quem oferece um presente ou um dom), que outro mundo pode se revelar e se abrir, que outra sensibilidade pode encontrar campo fértil para se desenvolver e se aprimorar.

Parece que basta ter fome de passeio na borda do rio, basta sair de casa, do conforto conhecido, para nos havermos com o quanto há o que precisamos saber abandonar, saber deixar para poder ir. É nesse ponto que viagem e pesquisa se cruzam e se confundem, porque ninguém faz nem um nem outro sem se lançar no mundo, sem se lançar fora de si. Então, tanto para um quanto para o outro, talvez haja isso: saber entregar-se ao fluxo das ruas, entregar-se ao movimento e ao ritmo que as descobertas do mundo nos convocam. E minimamente confiar na própria cegueira, tentando usá-la ao nosso favor para enxergar na escuridão.

É buscando uma saída para o sem saída que se entra na pesquisa. Por ela só acontece no saber que não está previamente garantido, seus caminhos não terão outra maneira de se estabelecer senão pela errância. Pesquisar envolve suportar ser desbancado das próprias certezas. Para poder saltar, é preciso abandonar a pergunta errada na hora certa.

Esse sonho parece sugerir que, quando nos deslocamos na escuridão, a mala cega é guia. Diferente dos jabutis do quintal de minha avó, eu não carrego minha casa nas costas. Mas o que a mala cega parece indicar é que, ao deixar o conhecido rumo ao desconhecido, há o que levo dentro. Dentro da pequena mala talvez só caiba o essencial:

“o mundo quando rebrilha e se apaga. As pálpebras fechadas – e então abrindo-se como pela primeira vez”<sup>10</sup>.

Freud, espero que essa carta te encontre bem. Agradeço a companhia nesse passeio. Escreverei em breve, tão logo eu consiga pousar.

Com carinho,

Tainá

Itajuípe, verão de 19\_\_

---

<sup>10</sup> Rivera, 2017, p.17.

*pousa*

---

queria me despedir uma última vez  
como se me despedisse por outra pessoa  
que sempre se despede em meu sonho mesmo  
quando a noite é fria mesmo com as janelas abertas  
e uma lua cavando o céu e uma faísca mesmo quando  
não estou há esta pessoa que se despede que acena  
a pessoa que acena e alonga os passos alonga  
a voz colada em passos sem som queria  
me despedir na voz desta pessoa eu  
não tive tempo não tive tempo de explicar  
mas por mim passam estradas países estrangeiros  
passam rios falésias passam cruzamentos  
de sal carros rios ventania me despeço uma última vez  
esta lua cavando o céu os passos sem som  
só uma faísca um flash alguém que fotografa alguém  
que acena e alonga os passos alonga a voz  
a voz ficando um pouco mais a voz colada nos passos  
não tive tempo não tive a voz um fio que acena  
e se cola por um curto instante o instante de um flash  
mesmo acreditando que se prolonga e fica  
preenchendo o espaço entre o que fica e aquele que se vai

Annita Costa Malufe



é daqui que te escrevo desta  
visão presa em objetos pequenos outros  
monumentais uma visão rachada entre tudo o que  
parece tão grande e tudo que adquire  
uma existência microscópica tudo o que se infiltra  
pela roupa os orifícios do corpo as fissuras os poros  
da pele tudo o que lentamente se infiltra e fica  
impregnado nas tramas do tecido uma tinta  
água forte fibras do tecido fios tramas tudo o que parece tão  
grande tudo o que parece tão pequeno objetos pequenos outros  
monumentais

Annita Costa Malufe

### 3. A morte é uma casinha

Meu caro Freud,

Hoje eu quero mostrar a você um lugar onde a minha mala cega me levou. Eu gostaria de convidar você para um passeio ao ar livre. Precisa ser exatamente agora, no fim da tarde, quando a luz do sol é mais bela por aqui. Eu pediria que você me estendesse sua mão e fechasse seus olhos, que você me deixasse guiá-lo como se você fosse o meu avô baiano, o meu velho cego. Eu pediria isso com muito respeito, como um cavalheiro que solicita a uma dama que ela lhe conceda a honra de uma dança. Você toparia?

Venha, me dê a mão. Aqui eu tenho uma entrada favorita, não é a principal. Não sei por quê, mas aqui eu acho a entrada alternativa muito mais bonita. Vamos devagar, passos pequenos até que seus pés se acostumem a esse chão calçado de pedras. Pode confiar em mim, vou conduzir você pelos caminhos mais amplos, mais largos, os mais estreitos são uma aventura para outro momento. Nós vamos caminhando juntos, e você, com os olhos fechados, vai se dedicando a sentir o vento um pouco frio, mas vivificante, tocando o seu rosto; e vai abrindo os ouvidos para os sons ao redor. Enquanto isso, eu vou descrevendo para você o que os meus olhos estão vendo.

A primeira coisa que me captura o olhar aqui é a luz. Nesse horário, ela atravessa obliquamente os galhos altos das árvores, cujas folhas, nesse começo de outono, se alaranjam. Perdem o verde do verão e ganham o fogo do adeus. Aquela coloração que mais parece um anúncio de queda. Em breve, tudo estará diferente, nada será como agora, e os mesmos galhos estarão secos e nus. Estas cores, neste horário, nesta época do ano, acendem em mim uma vontade de abandonar tudo e me dedicar apenas à pintura do instante, à tentativa de eternizar os contrários simultâneos deste agora: as tonalidades quentes das folhas caindo contra o frio que o vento sopra.

Você escuta esse burburinho? Há pessoas por aqui, e elas falam baixinho outra língua. Às vezes, passam uns turistas com suas câmeras fotográficas, eles falam um pouquinho mais alto línguas mais outras ainda. Você escuta? Também passam crianças pequenas e agasalhadas, passam mulheres sozinhas, mulheres acompanhadas. Vez ou outra passa um casal de cabeça branca cujo caminhar mais parece uma coreografia ensaiada ao longo da passagem das décadas. Aqui e ali, há um banco com alguém

sentado, em silêncio, lendo um livro, em silêncio, erguendo o olhar que, de repente, pousa na linha do horizonte e ali permanece contemplativo.

Também há muitas esculturas, as mais diversas, diversas mesmo, acredite em mim. Já vi de um tudo por aqui: esculturas de homens e mulheres tem aos montes; assim como muitos anjos gordinhos, magrinhos, enormes, pequenininhos, todas as formas, mas sempre alados; também há várias crianças, com seus rostinhos eternizados na inocência; há esculturas de gato, de cachorro, de cavalo; passarinhos: de andorinha a pelicano; já vi uma enorme, de câmera fotográfica; uma de velha sapatilha de bailarina; já vi de livro; de pincel e paleta de tinta; de flores, nas mais diversas formas e tamanhos; e também de inúmeras armas de vários tipos, revólver, espingarda, já vi até de canhão. Parece que tudo aqui vira escultura, vira estátua a cristalizar o tempo. Isso aqui é um mundo, um universo repleto de objetos pequenos outros monumentais.

Opa! Ouviu esse som? Não se assuste, é só um corvo, não creio que seja mau agouro, é que há muitos por aqui, eles estão sempre por perto. Por aqui também há cruzeiros, cruzeiros, cruzeiros para todos os lados que eu olho. Estamos cercados por cruzeiros iluminadas contra o sol. Você já consegue adivinhar onde nós estamos?

Sim, é um cemitério. Eu sei; aparentemente, não é um dos destinos mais interessantes para um passeio, apesar de ser o destino inevitável do que vive. Não sei muito bem como eu acabei me afeiçoando a esse lugar. Quando você achar que é a hora, lentamente, abra os olhos. O que você acha de nos sentarmos naquele pequeno banco? Quem sabe eu conto a você como eu vim parar aqui de novo, de novo e de novo e assim fui descobrindo cantinhos, esculturas enigmáticas, árvores frondosas, lápides curiosas.

## **1. Descanse em paz**

O cemitério fica num ponto alto da cidade, e essa aqui é uma das minhas vistas favoritas do pôr do sol. Depois de tantas lápides, aqui perto da capela, o horizonte se abre, e esses banquinhos nos convidam à contemplação. Curiosamente, sempre há riscos no céu. Gosto de me sentar aqui e ficar tentando lê-los, esses aleatórios traços brancos contra o fundo azul-tão-azul dessa época. Fico brincando de tentar adivinhar sua gramática secreta, como se esses pequenos aviões que passam lá em cima riscando o céu estivessem mandando mensagens/enigmas para nós aqui embaixo.

Ah, Freud! Você nem imagina, mas é cada lugar a que uma mulher precisa ir para encontrar um pouco de paz. Experimente, com os olhos fechados, respirar fundo e soltar o ar bem devagar pelas narinas: você consegue sentir o quanto esse lugar é tranquilo? Eu acho muito curioso como às vezes é preciso fechar os olhos para sentir dentro o que está fora. Um pequeno reino de sossego no meio do caos da cidade. Nem sempre, mas tem vezes que eu venho para cá com um livro. Principalmente poesia. Não é *Totem e tabu* o que eu leio quando eu preciso de um pouco de paz (tudo tem o seu momento nessa vida; se for para ler ficção nesse lugar, eu escolho outra coisa).

A primeira vez que eu precisei vir aqui foi para enterrar o meu avô. Não o meu velho cego da Bahia, este morreu faz tempo; mas o outro, o cearense de Brasília. Quando ele morreu, eu não estava lá. Eu não estava por perto. Eu estava do lado de cá. Eu estava do lado de cá, ele estava do lado de lá? Curiosamente, me dou conta agora: o que sempre nos uniu foi a distância, mesmo quando morávamos na mesma cidade. Eu não sei onde ele estava quando eu era criança e, por exemplo, ia passar minhas férias de verão na Bahia. As não-férias, o resto do ano, eu passava em Brasília, onde eu o procuro e não o encontro. Parece que, quando ele entra na minha vida, é me pedindo piedade. Acho que é essa a qualidade do laço que nos une.

Um dia ele sofreu um AVC. É a morte de células do cérebro pela interrupção do fluxo sanguíneo dentro do vaso ou pelo rompimento dele. E então o sangue se derrama lá dentro da sua cabeça. Há quem diga que não adianta chorar pelo sangue derramado. Eu não sei. Sei que ele ficou com metade do corpo paralisado. A metade que ele arrastava. Como se a essa metade do próprio corpo ele tivesse sido amarrado por grossas correntes e cadeados, como um condenado, atado a sua meia morte.

Eu o vejo assim, dividido ao meio por uma linha vertical: meio morto, meio vivo. Eu tinha a impressão de que essas metades, a despeito dele, travavam um combate diário entre elas. Curiosamente, a sensação que ele me transmitia era que a metade morta constantemente ganhava. Na disputa contra a metade viva, ela tomava a dianteira, talvez para compensar o fato de ser sempre, inevitavelmente, a metade que chegava por último quando ele se deslocava.

Então ele não nasceu, mas ele ficou assim: meio morto, meio vivo. Na minha memória, ele não existe senão depois dessa divisão. Quando eu chegava à casa dele, eu perguntava: “E aí, vô, tudo bem?”. Ele, quase invariavelmente, respondia: “Estou aqui

pelejando, ainda não morri”. Vontade de viver, vontade de morrer, isso não exatamente se explica, mas é algo que você sente quando se aproxima de alguém. Parecia que ele estava na terra cumprindo uma sentença em que os dias se desenrolavam como ele: se arrastando com dificuldade. Quando ele ia me contar alguma história, ele sempre começava a frase assim: “No tempo em que eu era vivo...”. E então me falava de alguma viagem a trabalho que ele tinha feito ao Rio de Janeiro, de um elevador que ele tinha concertado, de um sistema elétrico que ele tinha montado... No tempo em que ele era vivo. Hoje, eu tenho a estranha sensação de que parte dele já se dirigia a mim desde seu túmulo.

E sabe o que é mais confuso nessa história toda de divisão? É que, quando ele finalmente morreu, eu não pude decidir se essa foi a derradeira vitória da metade viva ou da metade morta, tamanho o impasse em que ele vivia. Imagina se o AVC virasse para você e perguntasse: “A vida ou a metade do corpo vivo?”. De toda forma, eu decidi que pouco importava de quem fosse a vitória e resolvi vir aqui, enterrá-lo. Num papel, eu escrevi umas palavras – uma espécie de carta para o além –, que logo depois eu queimei. Como se não houvesse outra maneira de fazer essa carta chegar ao seu destinatário senão pelo fogo. As cinzas (*y otrascositas más* dentro de uma caixa de fósforos) foi o que eu trouxe para cá.

Veja bem, você, Freud, eu estava logo ali, sentada naquele banco. Concentrada, sozinha com os meus fones de ouvido, ouvindo umas músicas que eu escolhi dedicar ao meu avô meio vivo, meio morto, quando passa um homem. Inteiramente bêbado. Ele me interrompe a paz me pedindo um cigarro (eu ouvia uma música do Gil<sup>11</sup>: “a chuva não dá sinal/quem seu mal no mel padece/seu bem conserva no sal/vai doer de novo o parto/vai secar de novo o açude/vida aqui tem sala e quarto/quem não couber que se mude”). Eu digo “não tenho, *desolé*”. Eu tento recolocar os fones nos ouvidos, mas ele segue se dirigindo a mim e me pergunta como é que eu consigo estar ali tão calma (ele não sabe como eu estou por dentro, penso eu comigo mesma). Dá um alto soluço e diz “*desolé*” na sequência; fala que jamais conseguiria estar assim: calmo num cemitério. Sem que eu lhe pergunte nada, ele me conta que, para entrar aqui, precisou beber um pouco e, agora que entrou, para conseguir seguir, precisaria pelo menos de um cigarro. Eu não digo nada (afinal, o que é que eu poderia dizer?). Ele insiste: “como as mulheres

---

<sup>11</sup> Talvez o leitor siga melhor nesse passeio se acompanhado de uma trilha: <https://www.youtube.com/watch?v=2bptRS1Qc3k>

conseguem isso, essa paz?” (tenho vontade de dizer que não é contando com a ajuda deles, dos homens, que nós chegamos lá; também penso em dizer que, por dentro, me sinto um vulcão prestes a cuspir larvas incandescentes no lugar de palavras, mas desisto de procurar em mim tantas palavras na língua dele). Então, para me livrar dessa presença de uma vez por todas, eu saco do bolso uma frase autoajuda de yogue: “é preciso encontrar a sua paz interior, *dedans*”, e levo minha mão à altura do meu coração. Dou um sorrisinho e recoloco finalmente os fones no ouvido esperando que ele tenha entendido o recado (a música segue: “o amor daqui de casa/tem um sentimento forte/que nem gemido na telha/quando sopra o vento norte/que nem cheiro de boi morto/três dias depois da morte/quem só conhece conforto/não merece boa sorte”). Tomando distância de mim, ele põe a mão no próprio peito e repete: “*dedans*”. E segue seu caminho em busca de um cigarro. De longe, escuto mais um alto soluço embriagado. Evidentemente, como você bem pode constatar, não é sempre que se encontra paz nesse lugar. Às vezes, na hora que você menos quer ser importunada, bem no meio da cerimônia de despedida do seu avô meio morto, meio vivo, passa um bêbado para lhe perturbar a fina paz conquistada a duras penas (“...o amor daqui de casa/tem um sentimento nu/com gosto de umbu travoso/com cheiro de couro cru...”).

## 2. A mala cega é guia

Essa foi a primeira vez, e, apesar do curto incidente com o distinto embriagado senhor, quando voltei para casa, eu me dei conta de que me sentia um pouco melhor. Mais leve, talvez fosse essa a minha sensação. É que antes eu tinha alguma coisa aqui dentro, meio presa entre o peito e a garganta; talvez uma pesada bola de pelo ou alguma coisa outra, não sei bem.

Só sei que os dias foram passando, e isso foi acontecendo: sem que eu nem percebesse, quando eu me dava conta, cá estava de novo, mais uma vez, buscando algum alívio ou um pouco de paz. Eu achava isso estranho, mas fazer o quê? Quando eu sentia vontade, eu vinha. Aceitei conviver com essa minha esquisitice. Não via por que não (tem uma hora libertadora na vida de uma mulher: a hora em que ela desiste de fazer sentido para ela mesma). E sempre, ao ir embora, eu me sentia um pouco melhor. Mesmo que provisoriamente, mesmo que só até a próxima vinda. Como se algo (e eu não faço ideia do quê) eu deixasse aqui. A cada vez, um esvaziamento. Outra música

que me acompanhou no meu radinho nesse período era *Al vaivén de mi carreta*<sup>12</sup>. Era exatamente essa a minha sensação: a cada vez que a caçamba da minha carreta enchia, era aqui que eu a descarregava. Eu só não sei o que é que ela transportava.

Só hoje, depois de percorrer longos e tortuosos caminhos, é que eu posso entender que, provavelmente, era a minha mala cega que me guiava, me conduzia até aqui, de novo e de novo. Só agora me dou conta de que esses meus passeios sempre me rendiam alguma reflexão, me mergulhavam em alguma meditação e, quando eu chegava em casa, sempre me chegavam umas palavrinhas que mereciam ser anotadas aqui ou ali. Um dia, percebi que eu comecei a anotar essas visitas com um só e mesmo título: “*exercício de estranhamento de vida*”. Depois disso, a anotação seguia com questões sobre essas flores secas sobre os túmulos; sobre flores ainda vivas em cima do que já era morto há longa data; sobre o que seriam essas esculturas sepulcrais tão insólitas; sobre esses presentes curiosos que os turistas vêm de longe deixar nos túmulos dos famosos (já vi de tickets de metrô a beijinhos de batom na lápide); sobre o que é um túmulo; sobre o que é a morte (o que eu descobrir ser o mesmo que me perguntar o que é a vida); sobre o que é o último; sobre o que é uma despedida; e assim eu ia e ia.

Eu não sei muito bem o que eu encontrei nesse cemitério. Às vezes, acho que foi um sopro. Mas não tenho dúvidas de que, no começo, tudo era bem confuso e nebuloso. Tudo era estranho: era estranhamento de estar viva quando ele é morto. Por completo, sem metade que o salve da morte. Duas metades mortas foram mais informação do que estava preparada para receber a minha capacidade de assimilar a morte; desse excesso, nem a distância me protegeu.

No meio dessa confusão, em algum momento, eu me dei conta de que, para realizar os tais “exercícios de estranhamento de vida”, era fundamental uma coisa: estar aberta. Aberta para ecoar o que em mim reverberasse naquela visita. Eu demorei um pouco para entender que, nas primeiras vezes, na verdade, eu vinha aqui para chorar (era isso que a abertura pedia de mim).

Eram lágrimas doloridas, um tanto duras, secas como solo rachado, tinham um granulado pontiagudo que me arranhava os olhos e a garganta. Era como se elas me chegassem de um lugar muito distante e de um tempo muito anterior a mim, mas estranhamente atual. Era quase como se elas viessem de tão longe e de uma maneira tão

---

<sup>12</sup> Caso o leitor deseje seguir com a trilha: <https://www.youtube.com/watch?v=F7gLOA7XNW4>

imprópria e precária que me causavam a sensação de por muito pouco não terem se extraviado pelo caminho. Como se fosse pura sorte terem alcançado o seu destino. Eu tinha que tomar muito cuidado para não assustá-las, como se elas fossem passarinhos pequeninos, desconfiados, ariscos, cansados da longa viagem de dias e dias sem sombra ou terra firme. Uma espécie pouco conhecida de pássaro-lágrima migrante, que, em sua maneira de me alcançar, dava notícias do que se extenua até as últimas forças em nome da travessia. De alguma forma, sem saber, eu sabia que, para eles, o importante era chegar, custe o que custar. Era ir em frente ou ir em frente, talvez porque não tivessem mais terra firme para a qual pudessem retornar.

Então, eu entrava pela porta alternativa, esticava os braços lá em cima, enquanto fechava os olhos e respirava fundo. E aí tomava a direção que me viesse à mente naquele instante. Algumas vezes, me vinha uma vontade súbita de sair dos largos passeios e entrar bem no meio dos amontoados túmulos. Lá, só dá para chegar pisando um pé bem na frente do outro, como faz uma equilibrista pisando sobre a linha, a corda bamba da vida, com muito cuidado para não cair na tumba de algum desconhecido. Era só quando eu chegava lá no miolo que os passarinhos me alcançavam e podiam então me sair livres pelos olhos. E aí, quase imediatamente, algo acontecia aqui no peito, como se um espaço vazio finalmente se abrisse e eu pudesse respirar de outra forma.

Não sei se você reparou, mas esse cemitério é tão denso quanto essa cidade: parece que não tem espaço para mais nada por aqui. Às vezes, sinto que ela é o exato avesso de Itajuípe. Ao contrário de lá, aqui todo mundo se aperta no metrô, na mesa do restaurante, mas ninguém se cumprimenta. Parece que ninguém é da família de ninguém. Certamente não da minha.

Quando eu vim aqui pela primeira vez, essa foi uma das coisas que me chamou muita atenção. O cemitério é quase um reflexo da cidade. Talvez todos os cemitérios o sejam, não sei, mal conheço outros. Sei que essas largas vias, calçadas de pedras por onde caminhamos, contrastam radicalmente com o aperto e a ausência de espaço entre os túmulos, que parecem se proliferar e se amontoar desordenadamente; o espaçamento entre eles não parece ter sido nem um pouco planejado. Talvez, do maior e mais visitado cemitério de Paris, eu só esperasse um pouco mais de organização para a morte. Inicialmente, eu achei isso aqui uma zona, eu anotei: “amontoamento asfixiante, ainda



bem que os que aqui vivem não dependem de ar para respirar”. Mas talvez fosse eu quem estivesse sufocando.

Depois de algumas visitas, algo se acalmou, e já não me vinha mais a vontade de chorar; entretanto, não deixou de ser necessário vir. Tenho a impressão de que a água salgada me lavou os olhos, me limpou a vista e, talvez, me expandiu um pouco a visão. E aí eu comecei a prestar atenção nos detalhes mais insignificantes. De repente, eles começaram a me parecer a coisa mais importante. Eu me perguntava se eu estava em estado de confusão ou sob efeito de luto. Só sei que eles, os detalhes, as coisas bobas em que eu nunca tinha reparado, começaram a me capturar os olhos e a me afetarem intensamente. Eu já não podia não ver. Acho que foi assim que começaram os meus exercícios de estranhamento de vida.

### 3. **A redoma de vidro**

Eu ainda me lembro como se fosse hoje da primeira vez que fui capturada pela beleza enigmática da minha escultura favorita aqui. É uma escultura sobre o túmulo de uma princesa russa (é o que eu especulo pela lápide, mesmo sem saber ler russo). São duas mulheres que se olham docemente. Uma delas está sentada numa pequena cadeira; a outra se ajoelha ao seu lado e apoia os seus braços nos joelhos da primeira e, na ponta de uma de suas mãos, há uma rosa. Elas se olham com suavidade, seus olhares parecem se encontrar a meio caminho. No meio da distância de alturas entre elas. Tem algo aí nesse olhar que eu não sei explicar, mas me provoca a leve sensação de um olhar possível apenas entre duas mulheres. Entre elas, algo delas, que só elas poderiam reconhecer. A meio caminho uma da outra. Talvez um olhar de reconhecimento, que só uma mulher possa oferecer a outra. Não sei. Sei que é uma escultura talhada em mármore branco, como tantas outras por aqui, e que provavelmente não teria capturado meu olhar se não fosse o curioso detalhe: elas estão juntas dentro de uma imensa redoma de vidro.

Aí é que está o “x” da minha captura: essa espécie de enorme aquário, essa caixa de vidro fechada e transparente. Se ele não estivesse ali, provavelmente eu nunca teria parado diante dessas duas mulheres. Explico: é que, exatamente nesse horário, a luz do sol promove um efeito nessa superfície, refletindo de maneira um tanto translúcida as árvores que estão ao redor, e, quando olhamos, não temos muito como distinguir o que

está dentro do que está fora da redoma. A primeira vez que passei aqui eu tomei um susto, porque, por alguns instantes, pareceu-me que árvores haviam crescido dentro da redoma. Estranhamente as mesmas árvores que me cercavam aqui fora. Nesse breve intervalo, os galhos capturaram toda a centralidade da cena; só depois eu reparei nas moças, que ficaram um pouco na sombra, um pouco ao fundo. Pisquei os olhos, me aproximei e então as vi; e só aí percebi o enigmático olhar entre elas. Nesse momento em que elas se destacaram, tive a leve sensação de que, talvez, elas estivessem fora da redoma, tendo deixado lá apenas os galhos que nos circundavam. Você percebe? Parece que essa escultura se mexe, sem se mover.

Não sei dizer como, só sei que fui capturada. Todas as vezes que eu vim passear nesse lugar, clamava em mim o pedido de passar pela minha redoma. Só para ver como ela estava no dia, sob a incidência da luz daquele momento. Se eu viesse ao cemitério e não passasse pela minha redoma, seria como não o ter visitado. Então, todas as vezes, eu parava aqui e ficava alguns instantes. Era como se, baixinho, elas me perguntassem: “Ei, é você mais uma vez; afinal, o que foi que você perdeu aqui?”. Eu dizia: “Não sei, só sei que precisei voltar”. E voltava, e voltava. Esperando um dia encontrar.

O mais provável é que essa caixa de vidro tenha sido colocada ali não para promover esse jogo, mas para proteger a escultura das intempéries climáticas. Como se, curiosamente, esse fosse um monumento que precisasse ser protegido da exposição. De toda forma, essa combinação de elementos me faz pensar que essa escultura poderia ser confundida com uma flor dentro de uma redoma de vidro. Dentro de um microcosmo especificamente autorregulado para preservação do que há de mais belo e delicado: a vida da flor.

O que me faz pensar que essa escultura é meio viva, porque, tal qual uma flor, ela tem a sua hora de ser esplêndida e enigmática: a hora do desabrochar. No caso dela, é o fim da tarde de outono. É tão mágico e bonito, mas dura quase nada. Vou contar a você um segredo, Freud. Um dia, antes de vir para cá, eu reli aquele seu texto lindo – *Transitoriedade*<sup>13</sup>. Eu acho que ali você também foi capturado pela efemeridade de uma flor.

---

<sup>13</sup> Freud, 1916/2015.

Eu adoro esse texto e o que você diz sobre uma hipotética flor que, ao longo de sua existência, floresce apenas por uma única noite. Que dure por apenas uma única noite não desvaloriza em nada seu esplendor. Eu concordo. Para mim, esse texto é cheio de verdades. Ali você diz algo mais ou menos assim: o doloroso também pode ser verdadeiro. Nunca me esqueço disso, é o tipo de frase que eu levo para vida. Ali eu encontro verdades tão doloridas quanto belas; o que me faz pensar que a verdade tem esse poder de fazer dançar beleza e dor num só e mesmo ritmo, talvez como num tango do Piazzolla<sup>14</sup>.

Pois bem, eu li esse texto e vim para cá pensando no que você disse ali sobre o luto (acho que esse é o seu texto mais sensível ao luto). Você diz que ele, o luto, é um grande enigma (e eu concordo absolutamente), e, enquanto tal, é um desses fenômenos que não se esclarecem em si, mas remetem a outras obscuridades. Então, o luto nos ensina algo sobre o enigma, sobre o que não se esclarece em si, mas, em seu não esclarecimento, oferece luz a outro enigma e assim sucessivamente. Um enigma, nesse apontamento, confirma a existência de outro; através de um enigma, se reconhece o outro. Está vendo ali? Para mim, um enigma é como aquela mulher grávida ao lado daquele túmulo. Prenhe de vida, ela passeia pelo cemitério, e, ao dar à luz, será outro enigma que ela colocará no mundo.

Eu posso estar muito equivocada, mas eu suspeito que essa escultura aqui seja um enigma para o qual o luto me apontou a direção. Talvez o luto tenha alguma coisa a ver com precisar passar pela minha redoma de vidro: com a hora da flor; com o olhar de reconhecimento a meio caminho; com a indistinção entre o que está dentro e o que está fora; e com a tentativa de preservar vivo, dentro de um microcosmo, algo muito delicado, belo e, sobretudo, transitório: a vida.

Talvez o encontro da luz com o vidro, ao promover esse efeito de indistinção entre o que está dentro e o que está fora, não nos permita nunca descobrir se é a estufa que está dentro de mim ou se sou eu que estou dentro dela (talvez por isso me falte ar). Parece que luto e vidro se combinam de uma maneira insólita, que faz com que vidro, curiosamente, não esteja ali a serviço de revelar ou deixar ver. É o exato contrário. Está ali para, num jogo de luz e sombra, sobrepor e borrar as fronteiras dentro/fora. Só sei que estufas, apesar de belas, me sufocam. Mas talvez suportar pouco ar seja o preço a se

---

<sup>14</sup> A trilha segue: <https://www.youtube.com/watch?v=vaXNdVTGT0k>

pagar pela proteção contra as intempéries e violências do mundo lá fora. Ao que parece, a redoma é igualmente necessária para me proteger das intempéries climáticas e violências de dentro (meu vulcão).

Como essa proteção guarda tênue proximidade com o que é sufocante, eu gosto de pensar que ela será uma passagem. Não sei. Talvez seja necessário que ela dure enquanto durar a vida da flor, e cada uma tem seu próprio tempo. É isso que é preciso suportar. Talvez o luto tenha algo a ver com a necessidade de criar, dentro de si (e, ao mesmo confuso tempo, fora de si), esse microcosmo autorregulado que forneça condições favoráveis e torne possível a hora da flor. E que ela floresça por uma única noite não fará dela uma flor menos esplêndida. Talvez se trate de necessidade de redoma para que haja o último desabrochar. Eu não sei se o nome disso é despedida ou saudade do que não mais será.

Tem mais uma coisa interessante que você diz ali naquele texto. Você diz que, do mergulho na caducidade de toda beleza (e que eu entendo ser o mesmo que a caducidade da vida), podem derivar dois diferentes movimentos. Ou caímos em triste fastio, incapazes de nos alegrarmos com o que é belo (e transitório como uma flor, como uma vida), ou nos rebelamos contra a realidade do fim e nos colocamos em protesto, em “exigência de eternidade” (do que é belo e breve como uma flor, como uma vida). No fim, eu acho que esses dois polos não passam de nossa tão humana inabilidade em lidar com o fim, com o irreversível. Nossa humana inabilidade em aceitar a transitoriedade, o último enquanto tal.

Tenho a impressão de que o luto é o intervalo (e sabe-se lá quanto isso pode durar) em que as duas coisas acontecem ao mesmíssimo e agudíssimo tempo. Aquela espécie de subversão lógica gramatical em que o “ou, ou” vira “e, e”. Como se, diante do fim, diante da morte do outro, ficássemos ali, sendo arremessados de uma ponta a outra – do triste fastio à rebeldia contra a realidade – como se fossemos uma bolinha de pingue-pongue. Talvez a dilacerante partida de pingue-pongue só acabe quando, desistindo de relançar a bola, aceitamos o fim da vida da flor, sem fastio e sem revolta. O fim apenas. Isso que independe completamente de nossos quereres, dificuldades e desejos. O que apenas é. O que acontece a despeito de nós. O que só nos resta reconhecer como tão exterior a nós: o fim.

Certa vez eu li que o não-luto é agradecimento<sup>15</sup>, como se o avesso do enlutamento fosse a possibilidade de agradecer pelo que chegou ao fim. Como é que se pode agradecer pela morte? Eu nunca tinha concebido luto e agradecimento em continuidade. Acho que isso tem a ver com sabedoria, com acúmulo de saber adquirido ao longo dos anos. Esse é o tipo de frase que eu carrego pela vida, e tenho tentado deixar que ela me guie. Esperando que, em algum momento, eu chegue lá: no agradecimento pela beleza do último desabrochar. Sem triste fastio, sem revolta pelo seu fim. Apenas o reconhecimento de que o último pode ser belo.

Eu me lembro como se fosse hoje da primeira vez que essa escultura meio viva cruzou o meu caminho. Eu fui subitamente capturada e, antes que a luz do dia fosse embora, brotou em mim o imenso desejo de carregar comigo algo desse instante. Talvez fosse um pedido da minha “exigência de eternidade”. Foi aí que eu pensei: “Uma foto! Vou tirar uma foto, por quê não?”. Talvez tenha sido a minha primeira foto desse cemitério; depois vieram muitas outras.

O problema, Freud, o grande problema é que eu não queria nada, só mesmo apreciar esse efeito de indistinção entre o que está dentro e o que está fora; essa confusão entre luz e sombra, que nos revela que, mesmo dentro, há um fora. Só isso já estaria ótimo, eu tiraria a minha foto e iria embora satisfeita com a visita. Mas não, parece que nada nesse mundo pode ser tão simples assim para uma mulher. Do nada, sempre aparece um homem para me perturbar a paz. É incrível.

#### **4. Os bustos de empáfia**

Nesse caso, foi o enorme busto de um senhor careca e de rosto bastante redondo que cismou de estacionar bem na frente da escultura mais interessante desse cemitério. “Com licença, meu senhor, tudo bem? Será que você poderia dar dois passinhos para a esquerda, por favor?”. Ele não se mexeu. “É que eu gostaria de tirar uma foto dessas duas mulheres logo atrás de você”. Ele fingiu que não era com ele. “Por favor, meu senhor, você está atrapalhando, está bem na frente delas”. Nada, nem um passo; apenas permaneceu ali, de nariz empinado. Inabalável.

---

<sup>15</sup>“*Elles sont adieu sublime à la vie: non pas deuil, mais remerciement. Comme tu es belle, ô vie, disent-elles*”: “Elas (as frases) são adeus sublime à vida: não luto, mas agradecimento. Como você é bela, ô vida, dizem elas” (Cixous, 1989, p. 123, tradução nossa).

Frustrada e irritada pela sua presença, eu me dei conta de que aquilo que não falta por aqui é busto de homem. Repare bem. Eu ousaria afirmar que nesse cemitério se concentra a maior densidade de busto de homem por metro quadrado da humanidade (se eu não estivesse tão ocupada com outras coisas, cuidaria de buscar essa estatística). Mas tinha que ter um bendito busto erigido exatamente na frente da minha redoma?

Repare bem, aqui não importa para qual lado você olhe: sempre haverá um busto de homem à espreita. A verdade é que, de tanto vê-los, você se esquece de percebê-los, você se acostuma e os toma como parte da própria paisagem local. Como se eles fossem incorporados ao ambiente e se tornassem naturalmente pertencentes ao lugar. Como se estivessem aqui desde sempre, como se todo o lugar pertencesse a eles.

Eles me parecem tão iguais a eles mesmos; às vezes, tenho a impressão de que a única coisa que muda é o formato do bigode. Todos em branco mármore sustentando a mesma empáfia na ponta do nariz empinado. Observe. Parece até que eles combinaram entre eles a mesma maneira soberba como olhariam para frente, só para frente, apenas para frente e nenhuma outra direção. Como se nunca tivessem olhado para os lados.

Eu só queria tirar uma única foto digna da minha redoma, sem aquele senhor em frente fazendo sombra, mas quem disse que ele saía? Tentei mais uma vez: “Por favor, meu senhor, serei bastante breve”. Nem pelo instante de um *click*, ele não se abalava, permanecia ali no centro, bem no meio. Eu já estava para mandar aquele senhor à M\*\*\*a. Em português mesmo, como uma amiga me ensinou a fazer. Logo que eu cheguei aqui nessa cidade, ela me disse: “Quando eles ofenderem você, você faz a louca e xinga. Xinga mesmo, e na sua língua, que é para eles saberem que é uma raiva que vem de dentro, que vem de um mundo do qual eles não participam”. Isso foi uma lição, tipo de frase que eu carrego para a vida. Mamãe me ensinou a ser educadinha por demais, por isso nunca fui de xingar ninguém, mas, uma hora, é preciso aprender a se defender dessas violências que vêm de fora.

Entretanto, eu estava aqui em busca de paz, não é mesmo? Do que adiantaria xingar um cabeça de pedra incapaz de me dar ouvidos? Respirei fundo e segui caminhando enquanto ainda havia sol, ainda havia alguma luz. Quando dei por mim, eu estava contando passos e bustos. Imediatamente pensei no quanto eu estava me ocupando de uma de métrica absurda. Para que contar?

Alguns bustos, especialmente aqueles que me pareciam mais insolentes, eu dei para mirar bem no fundo dos olhos, enquanto, igualmente fundo, eu inspirava e liberava o ar dos meus pulmões de uma forma bem barulhenta, como quem solta anéis de fumaça de ódio pelas narinas. Como se algo me queimasse por dentro. Aquele ali, eu passei uns minutos encarando, até que, uma hora, disparei: “O que é que o senhor está olhando com esse narizinho de dono do mundo?”. Ele não disse nada.

Então, não que isso fosse resolver minha irritação, mas fiquei curiosa em saber quantos bustos de mulheres havia nesse cemitério. Comecei a olhar para todos os lados, buscando ao menos um que fosse. Imagino que isso me daria aquela leve sensação de paridade de gêneros (não sei se você conhece essa sensação). Penei, e já estava prestes a desistir de procurar quando encontrei um. E relato a você que, em todos os meus passeios, nunca passou do número dois a minha contagem de bustos de mulheres. Enquanto isso, os bustos de homens, por aqui, brotam da terra em pencas, como bananas. Não é que não haja mulheres representadas em esculturas pelo cemitério. Incrivelmente, elas não são menor número. Só que elas não estão aqui sendo bustos. Sabe o que elas estão fazendo?

Chorando, Freud. Quase invariavelmente todas as mulheres aqui nesse mundo-cemitério estão chorando. O que você acha disso? Eu achei isso muito curioso. Primeiro me veio um forte estranhamento porque, quando me dei conta, foi como se subitamente eu me visse estampada nessas estátuas. Foi um grande susto. Foi como ser confrontada com uma espécie de avesso do espelho. Não sei dizer muito bem. Mas é que, geralmente, quando me olho no espelho, é buscando me descobrir mais bonita ou mais feia, com a pele mais brilhante ou opaca; dessa vez, foi como se, de repente, sem nem buscar me olhar no espelho, eu fosse obrigada a me confrontar com esse reflexo: nem mais bonita, nem mais feia, e sim mais estátua. E o que é pior: estátua de sepulcro. Eu me arrepiei. Então eu comecei a tentar olhar essas mulheres, olho no olho, para ver o que mais elas me diziam.

## **5. As mulheres sem rosto choram descalças**

Qual não foi a minha imensa surpresa em descobrir que, olhar olho no olho, eu não conseguiria. Com elas não. Sabe por quê? Não dá para ver os olhos delas, Freud. Elas choram, choram, e nós não temos nem acesso à fonte. A maioria delas tem a

cabeça baixa, coberta por um véu, e levam as duas mãos ao rosto para secarem as lágrimas. Elas têm rostos, mas ninguém pode vê-los. São rostos cobertos pelas próprias mãos, por véus, por lenços. Sabe o que isso me fez pensar? Elas são o exato avesso de um busto, Freud. Elas são absolutamente anônimas. Como se o anonimato delas fosse inversamente proporcional ao destaque “bustial” deles.

Além de terem os rostos cobertos, elas praticamente só olham numa mesma direção: para o chão. Como se estivessem prontas para lavá-lo com as próprias lágrimas. Mulheres anônimas, cabisbaixas, chorosas, sofridas. Veja só como elas se curvam – ombros, pescoço, coluna, como se carregassem um imenso peso nas costas. Talvez uma enorme carga, uma saca de sementes, uma enorme caixa onde dentro cabe toda a humanidade, eu não sei. O que elas carregam nas costas é invisível, mas qualquer um pode constatar a olho nu que está pesado. Eu sei é contraditório, mas às vezes é assim mesmo: há o invisível que se constata a olho nu. Elas são a prova disso. Veja aquela ali como quase se arrasta, com um fardo tão maior do que a força dela.

E, como se não bastasse, Freud, essas mulheres ainda vão descalças. É muita condenação! Socorro! É o que eu tenho vontade de gritar por elas. O corpo todo curvado, o enorme peso nas costas, e a única parte não coberta, a única parte que podemos ver dos corpos dessas mulheres são os pés. Imagina carregar nas costas esse peso todo (seria a cruz do calvário?) e ainda ter os pés nus e expostos. Deve doer um tanto mais, não é mesmo? E elas choram, Freud. Como choram essas mulheres. Parecem inconsoláveis para toda a eternidade.

Um dia eu me sentei do lado de uma delas. Fiquei alguns minutos sem falar nada. Até que eu não aguentei e quebrei aquele silêncio sepulcral: “Bom dia, *madame*. Tudo bem?”. Ela seguiu com a mesma expressão sofrida. Tentei puxar assunto: “O céu está bonito, não é mesmo? Faz bom tempo hoje”. Ela seguiu sendo pura lágrima. Eu insisti: “Você também perdeu alguém?”. Ela não respondeu. Eu me abri um pouco mais, apostando que ela poderia dar o mesmo passo: “Eu perdi meu avô. É difícil lidar com a morte, não é mesmo? Quem você perdeu?”. Ela não disse nada; eu chutei: “Foi seu marido?”. Ela não cessou o choro. Fiquei pensando que eu podia ter acertado. “Sabe, minha senhora, eu tenho frequentado esse cemitério, já vi você por aqui algumas vezes. Eu não sei o que você acha disso, mas eu penso que há algo estranho acontecendo neste lugar. Eu só vejo mulheres chorando a morte e nunca cruzei com um homem que



chorasse. Eles ficam por aqui sendo bustos. Você por acaso já reparou nisso? Nenhum homem chora por aqui. Como eles conseguem passar pela morte sem chorar? Não é estranho?”. E o choro dela parecia me confirmar meu estranhamento. Então, tentando consolá-la, eu disse: “Às vezes, quando alguém morre, a gente acha que é o fim do mundo. Mas nem sempre é. Certa vez, uma bruxa falou para mim: ‘tem perda que é livramento’. Pense bem, minha senhora, se o que você perdeu foi um desses homens-bustos; talvez você não tenha perdido tanto assim quanto está achando. Acho que, quanto antes reconhecermos o que de fato perdemos, mais rápido passa a nossa dor. Eu sei que não é simples, mas tente manter a calma para descobrir o que você perdeu realmente (nem sempre a gente descobre, mas isso não é razão para não tentar, o importante é chegar o mais perto possível). Talvez ainda haja bons motivos para viver, talvez a vida comece agora. Pense bem, querida. Fique calma. Passe bem. Até a próxima”.

Foi conversando com essa sofrida senhora que passei a ser assombrada por essa questão: por que só as mulheres choram por aqui? Tão concreto quanto a dura realidade de uma lápide, esse fato se materializou diante de mim: em todos os meus passeios, eu nunca cruzei com um único homem que chorasse. Nunca. Jamais. Nem ao menos um. Não. Nenhunzinho. Diante do doloroso enigma, diante da morte, eles seguem sendo bustos e não se abalam, Freud, eles não derramam uma única lágrima. Preferem ser bustos de empáfia, sustentando a arrogância na ponta do nariz, para toda a eternidade. Enquanto elas, doloridas, se curvam sobre os túmulos e choram sozinhas por seus mortos. Como se toda a dor que eles não podem sentir, toda a dor que não encontra abertura para atravessar a armadura de empáfia, voltasse e as acertasse em cheio, em toda sua vulnerabilidade que vai de pés descalços. Foi o que eu fiquei pensando ao constatar esses fatos.

Eles só olham para frente, adiante e avante, e não enxergam que tudo que eles não sentem, elas sentem em dobro. Por elas e por eles. Eles não entendem nada de lágrimas, eles não sabem que as lágrimas precisam sair por algum lugar, e, se não saem pelos olhos deles, invariavelmente terão que sair pelos olhos delas. Qualquer um percebe, Freud. Essas mulheres, claramente, estão sobrecarregadas. Condenadas a fazerem, sozinhas, o trabalho dobrado. Por anos a fio, ou pior, para toda a eternidade. Socorro! É o que tenho vontade de gritar. Eu olho para elas de baixo para cima e mal consigo ver uma mulher. Eu vejo apenas pés descalços e lágrimas.

Constatando essa disparidade de pesos, eu tentei, mais uma vez, me aproximar desses bustos. Isso pediu muito de mim: engoli meus anéis de fumaça e parei ao lado daquele senhor ali. “Olá, *monsieur*, tudo bem?”. Ele nada respondeu. Eu já estava acostumada. “Faz bom tempo hoje, o senhor não acha?”. Ele seguiu de nariz empinado como estava. “E está tudo bem com o senhor?”. Ele nada respondeu. Eu comecei a falar: “Sabe, meu senhor, eu tenho reparado que algo muito estranho está acontecendo aqui neste lugar. Não sei se o senhor já percebeu, mas é que, por aqui, só as mulheres choram. O que o senhor acha disso?”. Ele nada disse. Eu fui dando o melhor de mim para conquistar essa aproximação. Mostrei-me aberta: “Sabe, meu senhor, recentemente eu perdi o meu avô, tem sido um pouco confuso porque às vezes acho que só perdi uma metade, aquela que ainda vivia; noutras, me pergunto se não foram as duas metades mesmo; ou ainda me pergunto em que momento eu teria perdido a metade morta. E o senhor, quem você perdeu?”. Ele nada disse. Eu segui: “Olha, nós estamos num cemitério, praticamente todo mundo que está aqui perdeu alguma coisa, você não quer conversar sobre a sua perda?”. Ele seguiu imóvel e de peito estufado. “Tem certeza que o senhor não perdeu nada?” (Nem as pernas? Era o que eu tinha vontade de explicitar, mas não achei que fosse boa hora). “Dias desses, eu estava conversando com aquela senhora ali. Nós conversávamos sobre o quanto não sabemos o que perdemos quando perdemos alguém. O senhor já parou para pensar nisso?”. Ele ficou tão imóvel que nem os olhos piscavam, pensei que ele poderia estar se interessando pelo assunto, mas sem querer dar bandeira. “Pois é, é difícil localizar o que perdemos quando perdemos algo. O que será que o senhor perdeu? Se não tivesse perdido, não estaria sempre aqui, não é mesmo? Não é a primeira vez que eu vejo você neste cemitério”. Nesse instante talvez eu tenha capturado uma sutil expressão de susto ou surpresa que ele tentou dissimular. Então eu disse: “Olha, meu senhor, eu acho que, quanto antes nós pudermos reconhecer o que perdemos (e nem sempre conseguimos, mas isso não é razão para nem tentar), mais rápido a dor passa. Ficar aí de nariz empinado e peito estufado não vai ajudar, adianto a você que o grande prejudicado da história será você mesmo. Talvez o primeiro passo seja esse: admitir a perda. Depois, você tenta descobrir *o que* perdeu na sua perda. Ficar aí fingindo que nem perdeu nada é pior para você, hein, às vezes faz bem desabar”. Petrificado ele estava, petrificado ele permaneceu. Dei meu recado e parti: “Preciso ir, tenha um bom dia, até a próxima”.

E aí eu fiquei pensando, imagina, daqui muitos e muitos anos, quando esse cemitério for soterrado pelo tempo e arqueólogos chegarem aqui para escavarem suas ruínas – o que é que eles vão pensar? Se eles tiverem lido seu texto, *Transitoriedade*, eles correm o sério risco de concluir que, diante do fim, os humanos dessa região, há milhões de anos atrás, se dividiam em dois grupos: um se mantinha total e completamente em triste fastio, chorando para toda a eternidade; e o outro, na absoluta empáfia da “exigência de eternidade”, como se fossem eles que controlassem a hora do fim. Mal sabem que exigir a eternidade (e sabe-se lá a quem eles exigem isso) já é saber que a vida não é eterna.

*pousa*

---

então eu estaria ali  
precisamente no ponto em que  
já não posso dizer estou aqui é  
aqui onde estou um corpo em pedaços estou  
me despedaçando um eminente  
desmembramento eu estaria  
olhando para você mas um você  
vazio uma ficção em alto-mar a ilha  
submersa a falta de civilização horas  
e horas tentando achar um alfabeto achar  
com quem falar precisamente neste  
ponto foi uma intuição eram ficções  
todas ficções ao redor um fio  
esgarçado entre as mãos quatro ou  
cinco mãos esticando-se em direções  
contrárias até o total desmembramento

Annita Costa Malufe

a atenção voltada aos mínimos gestos  
involuntários eu não te reconheço não te  
reconheço olhar ao espelho a face virada me  
disseram que as coisas funcionariam desse modo foi  
como me ensinaram mas eram tempos remotos e  
depois me ensinaram a virar a memória do avesso a  
descartar a memória depois me ensinaram que  
há certas memórias que não possuem lugar certas  
falas que não possuem lugar certas sensações que  
não possuem lugar e depois me ensinaram a virar  
do avesso essas sensações e me disseram as coisas funcionam  
desse modo não de outro os pés são a base da cadeira o  
pescoço a base do crânio todos os dias coloco a gaiola  
neste parapeito para ele respirar neste  
não noutra em seguida são gestos quase involuntários  
a cabeça pendendo para o lado os ombros  
envergando-se à frente me lembro de seu corpo fininho  
ereto sutilmente envergado para frente frágil rápido  
pisando tão leve a casa sempre em ordem tudo  
no lugar todos os dias a gaiola no parapeito eu olhava  
lá de baixo e apontava os travesseiros no sol tudo  
em ordem aplacar as memórias que se reviram aplacar  
o dia que cai antes da chuva

Annita Costa Malufe

## 6. *Una furtiva lacrima*

Não sei se em estado de desorientação por minhas constatações cemiteriais ou se sob o efeito do luto, fui capturada por isso que é tão mínimo: uma lágrima. Este pequeno detalhe insignificante que me saltou aos olhos nesse cemitério. Em minha falha memória, eu fui procurar uma lágrima nos seus textos, Freud; não digo que não exista, só digo que não encontrei (nem mesmo no clássico *Luto e melancolia* encontrei algum vestígio de uma lágrima, e isso me chamou muita atenção. Como é possível falar de luto sem passar pelas lágrimas? Foi o que eu fiquei me perguntando).

Entretanto, quase automaticamente, eu me lembrei de uma lágrima que eu não poderia nunca esquecer: *Una furtiva lacrima*, ou a primeira vez que Macabéa<sup>16</sup> chorou. Não sei se você conhece a história de Macabéa, Freud. Se não conhece, é urgente ler. Talvez você possa fazer isso hoje à noite, depois do jantar (é coisa breve, que não tira nada de ninguém, livrinho finíssimo, como você verá).

Sua história chega até nós graças a Rodrigo SM (na verdade Clarice Lispector) (eu sei, é estranho, mas não estou inventando, pode ir lá conferir). Mais do que um narrador que nos conta muito de perto a vida de Macabéa, Rodrigo SM é o próprio autor da história de Macabéa. Parece que Clarice precisou passar a Rodrigo SM para chegar à Macabéa. Quem entende? O que abre o livro é uma DEDICATÓRIA DO AUTOR, vem impresso em letras garrafais, e, logo em seguida, esse parêntese: (na verdade Clarice Lispector). Mistérios da esfinge. Além desse, tem outros. Como eu disse, o livro é pequeno, mas título é o que não falta para essa história. São treze, talvez catorze, se o leitor decidir que a assinatura em letra cursiva – Clarice Lispector – possa contar como título. É que ela, a assinatura, não vem no fim; vem no meio de todos os outros títulos. Então treze ou catorze títulos. Por quê? Mistério. Eu acho que pode ser porque é preciso lê-lo treze ou catorze vezes. Uma para cada título. E isso não fará com que Macabéa seja menos enigmática ao leitor. Eu garanto.

Rodrigo SM nos diz que essa moça, Macabéa, é uma verdade da qual ele não queria saber. Guarde essa informação, Freud: ela era uma verdade da qual ele não queria saber. Macabéa era quase o contrário de uma existência, ela era quase uma inexistente (seria ela meio viva, meio morta?). Era virgem e inócua, não fazia falta a ninguém, nunca, em sua vida, recebeu uma carta, muito menos um presente. Teve infância sem

---

<sup>16</sup> Lispector, 1977/2017.

bola e sem boneca. Seus pais morreram quando ela era ainda uma pequena criança. Por fim, foi criada por uma tia. Parece que a única coisa que Macabéa recebeu da vida foram os doloridos cascudos que a tia lhe dava com o nó dos dedos naquela parte mais alta e mole da cabeça, além de lhe proibir o queijo com goiabada depois do almoço. Quando pequena, ela teve vontade intensa de criar bicho, mas a tia achava que ter bicho era uma boca a mais para comer. Então, a menina inventou que só lhe cabia criar pulgas, pois não mereceria o amor de um cão (pense no caminho percorrido por ela até que se chegue aí: não se sentir digna de amor de um cão).

Segundo Rodrigo SM, Macabéa era subterrânea e nunca tinha tido floração. Segundo ele: ela era capim (mas observo que ela, de vez em quando, ao receber salário, comprava uma rosa, e esse é um detalhe que acho muito importante). Uma única vez ela teria se feito a trágica pergunta: “quem sou eu?”. Teria se assustado tanto que, por fim, parou completamente de pensar. Tampouco nunca pensara algo do tipo “eu sou eu”, provavelmente porque julgava não ter esse direito; é o que ele nos diz. Segundo Rodrigo SM, Macabéa era um acaso. Nordestina que saiu do interior de Alagoas para a cidade grande (Rio de Janeiro), onde dividia quartinho com mais três companheiras cansadas demais pelo trabalho “que nem por ser anônimo era menos árduo”.

A distração dessa moça, Freud, era o radinho de pilha (emprestado de uma das colegas de quarto), que, todas as madrugadas, ela sintonizava, invariavelmente, na Rádio Relógio, que dava “hora certa e cultura”. De madrugada, não tocava nenhuma música, só pingava som de gotas que caem, cada gota de minuto que passava (tac...tac...tac...tac..). E, principalmente, a rádio aproveitava os intervalos entre as gotas para os anúncios comerciais. Macabéa adorava os anúncios. Também nos intervalos, a rádio dava curtos ensinamentos, aos quais ela prestava muita atenção, pois pensava se tratar de coisas que ela poderia um dia precisar saber.

Certa vez, num desses intervalos, disseram que um homem escreveu um livro chamado *Alice no País das Maravilhas* e que ele, além de escritor, era também um matemático. Falaram em *álgebra*, e ela não fazia ideia do que isso queria dizer. Assim como ela também não sabia o que significava a palavra *cultura*, da rádio que dava “hora certa e cultura” (é que há nomes sem realidade, e eu penso que seria possível fazer uma lista ou, quem sabe, um dicionário dos nomes sem realidade na vida de Macabéa).



Foi nessa mesma rádio que um dia ela ouviu uma música. Linda. Era uma música cantada por um homem chamado Caruso. Macabéa achou sua voz tão macia que até doía. A música se chamava: *Una furtiva lacrima*<sup>17</sup>. E ela não sabia por que não disseram o nome certo – *lágrima*. Ela achava que isso era um erro do homem da rádio, já que nunca na vida lhe ocorrera possível existência de outra língua que não aquela que ela falava. A propósito, me lembro agora: ela achava que aquela língua que ela falava era brasileiro (ela não sabe, mas aqui, nas prateleiras das livrarias, dei de cara com os livros de Clarice em francês, com o seguinte dizer, bem na capa: “traduzido do português brasileiro”. Eu nunca tinha me dado conta de que, para os estrangeiros, eu falasse português brasileiro. O que me faz pensar que Macabéa, apesar de ser falante da língua, tenha uma estreita relação com os estrangeiros a ela).

*Una furtiva lacrima*, ficamos sabendo, fora a única coisa belíssima em sua vida. Quando a ouviu, ela começou a chorar: pela primeira vez. Era só algo que lhe acontecia, ela chorava sem saber por quê. Ah, Freud, nesse instante, até eu chorei com Macabéa. Como se ali, por um átimo, eu pudesse vislumbrar uma transmutação: Macabéa a se desabrochar em flor. Acho que essa é a minha parte favorita desse livro que, obviamente, eu carrego aqui na memória do meu celular. Esse pedaço é importante por demais. Preciso recitá-lo palavra por palavra para você (está vendo? Não é só frase de paz interior de *yogue* que eu tiro do bolso):

Era a primeira vez que chorava, não sabia que tinha tanta água nos olhos. Chorava, assoava o nariz sem saber mais por que chorava. Não chorava por causa da vida que levava: porque, não tendo conhecido outros modos de viver, aceitara que ela era “assim”. Mas também creio que chorava porque, através da música, adivinhava talvez que havia outros modos de sentir, havia existências mais delicadas e até um certo luxo de alma<sup>18</sup>.

É claro que havia muitas coisas e muitas palavras que Macabéa não sabia entender. Por exemplo, a palavra *aristocracia*, ela não sabia o que era e se perguntava se *aristocracia* era graça concedida (acho que ela não estava tão longe assim de, afinal, compreender). E pensava que, se era assim, que assim seja. Mas o mais tocante desse fragmento, como Rodrigo SM bem aponta, é que o mergulho no vasto mundo da música não carece de entendimento. Eu diria que, ao menos, não desse jeito tão vocabular, afinal, ao ouvir essa música, o coração de Macabéa disparou e seus olhos

<sup>17</sup> Caso o leitor deseje desfrutar dessa voz macia: <https://www.youtube.com/watch?v=t936rzOt3Zc>

<sup>18</sup> Lispector, 1977/2017, p.80.

transbordaram. Para mim, isso já é entender (talvez entender em outro lugar, ou de outra forma, ou com outro vocabulário anterior às palavras).

Ooohhh, Freud, será que eu estaria vendo uma pequena lágrima brotar no cantinho do seu olho? Não se envergonhe. Está tudo bem, Macabéa consegue mesmo fazer isso com algumas pessoas (não-todas, é claro). No caso de Rodrigo SM, por exemplo, ele diz que Macabéa foi um grão de areia que entrou em seus olhos e provocou um mar de lágrimas.

Só sei que, depois dessa experiência de *Una furtiva lacrima*, que eu classificaria como radical na vida de Macabéa, ela ficou, de repente, corajosa e arrojando-se no desconhecido de si mesma: ousou, pela primeira vez em sua vida, cantar. E cantou essa música para Olímpico. Ele, poço de delicadeza, por quem Macabéa se apaixonou, disse que ela tinha voz de cana rachada e que mais parecia uma muda cantando. Vê se pode uma grosseria dessas, Freud. É incrível como sempre me aparece um homem para me perturbar a paz, até na história de Macabéa.

## **7. A cada *milágrimas* sai um milagre**

Pode ser que os arqueólogos do futuro, ao escavarem esse cemitério soterrado, tracem a hipótese de que os humanos por aqui se dividiam em dois grupos: um em triste fastio; o outro, em “exigência de eternidade”. Pessoalmente, eu, aqui do presente (mas, certamente, futuro de algum passado), traço a hipótese de que humanos podem ser divididos em dois grupos um pouco diferentes desses. Penso que há aqueles que acreditam em lágrimas (e nas verdades que elas transmitem) e aqueles não acreditam nelas. Lágrimas tocam e comunicam verdades secretas, mistérios (às vezes, de tão secretas, chegam a ser irreconhecíveis e intraduzíveis). Pobres daqueles que não reconhecem a verdadeira potência de uma lágrima.

Mistérios existem, e isso você bem sabe. Nessa noite, depois do jantar, quando você for ler a história de Macabéa, logo no início, na tal dedicatória do autor, você vai cruzar com esse trecho aqui:

E – e não esquecer que a estrutura do átomo não é vista mas sabe-se dela. Sei de muita coisa que não vi. E vós também. Não se pode dar uma prova da existência do que é mais verdadeiro, o jeito é acreditar. Acreditar chorando<sup>19</sup>.

Por isso, digo que a humanidade, em relação a lágrimas e verdades, pode tranquilamente ser dividida em dois grupos: os que acreditam chorando e os que não acreditam. Curiosamente, este trecho sempre me faz pensar em você, Freud. Eu sempre imagino você reescrevendo-o assim: “Não esquecer que a estrutura da pulsão não é vista, mas sabe-se dela. Não se pode dar prova da existência do que é mais verdadeiro, o jeito é acreditar. Acreditar chorando”.

Lágrimas são um instrumento potente de reconhecimento de verdades. O problema das lágrimas somos nós, que temos falhado imensamente em reconhecê-las. Penso que as lágrimas sofrem de desprezo histórico em sua importância não é de hoje. Como se elas fossem caminho menor ou menos importante de acesso ao verdadeiro. Mas isso diz apenas do egoísta exercício do poder sobre as vias de acesso à verdade, exercício daquela parcela da humanidade que não acredita nelas. Na minha sincera opinião – quem desdenha quer comprar. Esse menosprezo não é fortuito. Você poderia me contestar dizendo que existem as lágrimas de crocodilo. Poderia me perguntar como ficaria a relação entre lágrimas e verdades nesse caso. Eu só poderia responder a você que sim, elas existem. Mas, como diria Shakespeare (ou outro Shakespeare), com lágrimas de mentira se pesca uma carpa de verdade.

Por ora, gostaria apenas de deixar registradas as minhas mais sinceras crenças nas lágrimas. Como uma forma de agradecer por tudo que elas me ensinaram. Foi chorando sobre o leite derramado que eu descobri a existência de todo um universo lacrimal. Lágrima não é apenas uma simples mistura de sal e água. Há muito mais mistério envolvido aí do que sonha nossa vã filosofia (Shakespeare ou outro Shakespeare). Existem lágrimas dos mais diversos tipos e qualidades. Só quem se aventura a chorar pode descobri-las.

Foi chorando sobre o leite derramado que eu venho aprendendo a diferenciar uma paleta imensa de nuances: há lágrimas secas, molhadas, elétricas, redondas, quadradas, duras, macias, assustadas, cortantes, afiadas, aveludadas, tímidas, desavergonhadas, espinhentas, leitosas, desatinadas, azuis, ávidas, ensanguentadas, foscas, translúcidas, espiraladas, quentes e geladas. Isso só para citar algumas poucas

---

<sup>19</sup> Lispector, 1977/2017, p.46.

variedades que me ocorrem assim de supetão. Trata-se de um vasto mundo, ainda a ser explorado pela ciência.

Cada lágrima é única e de valor incomparável às demais. É muito importante aprender a reconhecer a sua diversidade porque, geralmente, quando começamos a chorar, é comum já não sabermos mais porque estamos chorando. Justamente como sucedeu a Macabéa. Julgo que isso acontece porque as lágrimas não têm o menor compromisso com o sentido lógico (graças a Deus!). Elas não devem nada à racionalidade. Elas são justamente o que escapa aos restritos muros deste mundo, elas gotejam pelas suas frestas, elas o transbordam. Por isso, se desejamos ter alguma notícia sobre a origem de um choro específico, é preciso saber recolher as lágrimas e fazer análise dos vestígios. Talvez possamos reconstruir alguma coisa acerca de sua origem, como os arqueólogos. Mas é claro: nada é garantido. Muitas vezes, ficamos mesmo sem saber.

As pessoas (ou bustos) que não acreditam nas lágrimas jamais serão capazes de reconhecer as paletas de nuances do mundo lacrimal e muito menos descobrirão algo muito delicado e secreto que daí decorre – melhor seria dizer, escorre. Se levarmos a sério a radical experiência de Macabéa – *Una furtiva lacrima* –,seremos conduzidos a uma pujante observação. Antes dessa grande revelação, gostaria apenas de reafirmar minha opinião de que, neste mundo, pouquíssimas coisas devem ser levadas realmente a sério: a história de Macabéa definitivamente é uma delas. Pois bem, há muito eu já desconfiava dessa hipótese, que em breve anunciarei;foi na história de Macabéa que pude encontrar sua cabal confirmação. Então, vamos a ela.

Uma lágrima, Freud, pode ser uma porta. É isso mesmo, você entendeu certo, eu reafirmo: uma lágrima pode ser uma porta. É claro que nem todas são; entretanto,algumas lágrimas podem sim funcionar como uma porta que se abre e nos permite entrever algo outro nunca antes imaginado. Talvez até outro mundo. É claro que aqueles que não choram jamais verão. Se você bem se lembra, Freud, daquele lindo trecho que li para você, foi chorando que Macabéa, ao ser atingida em cheio pela única coisa belíssima de sua vida, aquela música que lhe atravessou o peito como uma flecha.Ela entendeu alguma coisa que nem ela sabia o quê.

Não sabia o quê, mas sabia que era algo. Rodrigo SM nos diz que ela não chorava pela vida que levava, porque, não tendo conhecido outros modos de

viver, aceitara que com ela “era assim mesmo”. Ela não conhecia outros modos de viver, mas isso não quer dizer que eles não existissem, assim como também não imaginava a existência de outras línguas além daquela que falava. O ponto é que, chorando, ela talvez adivinhasse (no escuro) que houvesse, no mundo, “existências mais delicadas”, ou talvez outros modos de sentir, ou até, quem sabe, um “certo luxo de alma”.

Ou seja, foi pelas lágrimas que algo até então desconhecido se anunciou possível: existências mais delicadas, certo luxo de alma. Coisas nunca antes, repito, nunca antes, o que quer dizer *jamaiscogitadas* por Macabéa, que, nesse instante, mesmo sem saber, foi tocada internamente pela possibilidade de que o mundo e as coisas pudessem ser de modo outro (é que há nomes sem realidade, mas também há realidades sem nome).

Difícil mesmo é levar até a boca, colocar em palavras, o que nós entendemos com a afluência das lágrimas nos olhos. Isso talvez Macabéa não tenha conseguido, mas chegou perto. Eu diria que, nesse exercício de tradução de lágrimas, não tenho dúvidas, aquela parcela da humanidade que nelas acreditam leva a dianteira.

Se não pudermos dizer que uma lágrima pode ser uma porta que se abre para o absolutamente novo, então eu não sei o que se passou ali com Macabéa. Minha própria experiência com o mundo lacrimal também já me revelou que uma lágrima pode ser uma porta, do tipo: saída de emergência. É quase como um milagre quando tudo que você precisa é de uma saída daquele lugar sufocante, por exemplo, e, então, lá longe, você vê uma porta: o coração palpita. Sabe quando o mundo está por demais sendo “assim mesmo”? Nessas horas, encontrar uma saída é urgente.

Importante ressaltar que nem sempre o sentido da saída é para fora, porque, se a saída for uma mera fuga, nada se resolve. Parece que algumas vezes é preciso ter coragem de cavar mais fundo, ou, talvez, de se arremessar um pouco mais adentro para só então encontrar a saída. Eu sei, soa contraditório, mas às vezes, realmente, a saída é mais adentro. Lembro de que foi só depois de sua radical experiência lacrimal que Macabéa pôde, corajosa, arrojarse no desconhecido de si mesma (isso é sair mais adentro: arrojarse no desconhecido de si) e, pela primeira vez, ousar cantar (pena que foi para Olímpico).

Sabe do que eu lembrei agora, Freud? De outra música. Essa foi um passarinho amoroso que me transmitiu pelo radinho que nos sintoniza as ondas. O refrão é uma frase daquelas do tipo “dolorosa verdade”: *a cada mil lágrimas sai um milagre*. Acho que esse refrão resume. Nem toda lágrima é uma porta que se abre para o novo, mas, talvez, a cada mil, brilhe um milagre. *Milágrimas*<sup>20</sup> é o nome dela, dessa música, e fiquei pensando que talvez essa seja uma unidade de medida para as lágrimas.

## 8. Um teto todo seu

Falando em sair para dentro e se arrojarem no desconhecido de si, eu me lembrei desse livro: *Um teto todo seu*, da Virginia Woolf<sup>21</sup>. Acho que estou me lembrando dele agora porque ali fica muito evidente que não é de hoje que as mulheres estão tentando encontrar um lugar tranquilo onde possam ter um pouco de paz. No caso desse livro, encontrar alguma paz para botar umas palavras no papel, para escreverem suas próprias ficções. Para poderem contar as histórias delas – por elas mesmas. “Por elas mesmas” pode parecer um detalhe insignificante, mas eu garanto a você que faz toda a diferença.

Nesse instante, subitamente, eu me lembro de Clarice, quando ela diz que as pessoas precisam tanto poder contar as histórias delas mesmas. Eu fico pensando no por que precisamos tanto poder contar nossas histórias pela nossa própria boca, próprios olhos, própria pena. Aqui, só posso concordar com você, meu caro Freud: contar uma história já é construí-la, como você sugere em *Construções na análise*<sup>22</sup>. Um texto que também é cheio de verdades. Fragmentos. Restos aguardando pelo trabalho dos arqueólogos do futuro. Restos de uma suposta moradia soterrada. Da verdade, nós só temos os escombros, os fragmentos.

Assim, qualquer narrativa/construção de nossa própria história já será reconstrução e remontagem a partir dos restos de uma suposta casa caída. Qualquer ficção, não importa qual (então pode ser a do divã ou a da literatura), trabalhará sempre com o mesmo tipo de matéria-prima: os destroços, os fragmentos. Aquilo que olhos descuidados tomariam por entulho e que depende de olhos atentos para que tenha sua preciosidade reconhecida: os fragmentos da verdade são tesouro arqueológico.

---

<sup>20</sup> Para seguir a trilha: <https://www.youtube.com/watch?v=Dxg3TOPzBro>

<sup>21</sup> Woolf, 1929/2014.

<sup>22</sup> Freud, 1937/2017.

Mas essa frase de Clarice – as pessoas precisam tanto *poder* contar as histórias delas mesmas – também me faz pensar que há algo da ordem do poder envolvido aí. Poder contar a própria história já é poder alguma coisa. Eu fico pensando em Macabéa. Esse poder ela nunca teve; essa moça, datilógrafa, quase analfabeta, não sabia gritar e nunca pensou “eu sou eu”. É mesmo o caso de se perguntar quem pode contar a história e quem não tem condições de contar a própria história.

Essa questão é delicada, e o autor da história de Macabéa é Rodrigo SM (mas é importante não se esquecer daquele parêntese que diz “na verdade Clarice Lispector”). E Rodrigo SM diz que poderia ser outro autor contando essa história, mas teria que ser homem, porque, se fosse autora mulher: “lacrimaria piegas”. Parece que Clarice precisou passar a Rodrigo SM para deixar de lado as lágrimas que lacrimariam piegas. Como se Clarice tivesse precisado passar a Rodrigo SM para que seu relato pudesse então ser “frio” e “impiedoso”. O que sei é que Macabéa, por ela mesma, não pode contar a história dela. Então, poder contar a própria história me parece implicar já possuir algum poder – o que Macabéa não tinha, ela simplesmente não tinha nada. E, se Rodrigo SM (na verdade Clarice Lispector) não tivesse se dado ao trabalho de desenvolver essa narrativa, provavelmente nem saberíamos que um dia Macabéa existiu, uma vez que, antes mesmo de morrer, ela já era uma quase inexistente.

E, cá entre nós, Freud, nós sabemos bem a quem costuma pertencer a dita versão “oficial” das histórias mundo afora. A versão “oficial”, curiosamente, sempre me parece aquela que menos deve ser levada a sério. Geralmente, ela é a mais pobre e conta uma versão única – a dos ditos “vencedores” ou “donos da verdade”. A maior pobreza talvez seja essa de querer ser dono de uma verdade. Por isso que eu não perco mais tempo acreditando nessas histórias ditas “oficiais”. Prefiro as outras. Sempre as outras.

Voltando a *Um teto todo seu*, Virginia Woolf aponta o quanto são dezoito séculos de privação de poder até que as mulheres comecem a escrever e publicar suas ficções por suas próprias penas. Virginia está falando da Inglaterra; no Brasil, a publicação de ficção escrita por uma mulher não acontece antes do século XIX, o que se inaugura com a escritora Maria Firmina dos Reis<sup>23</sup>. Até então, na literatura, as mulheres estavam condenadas e confinadas a serem representadas, invariavelmente, pelos olhos

---

<sup>23</sup> Em 1859, a escritora Maria Firmina dos Reis publica o romance *Úrsula*, mas ainda sem assinar a própria obra. Só em 1975 o romance teve uma segunda edição, dessa vez sim, com o nome da autora.

deles. E isso deve ter algum efeito sobre o que se pensa sobre o que é uma mulher, você não acha? Dezoito *séculos*, dezenove *séculos*: não são dezoito nem dezenove dias. Isso deve ter algum efeito. Os arqueólogos do futuro provavelmente terão de adivinhá-lo.

Virginia certamente tenta nos dar mostras desse efeito. Para mim, um dos pontos altos desse ensaio-ficção é quando ela nos faz esse gentil convite imaginativo: *se* Shakespeare tivesse uma irmã, assim tão talentosa quanto ele (outra Shakespeare), qual seria o destino dessa grande poeta? O que posso adiantar é que não trago boas notícias desse passado imperfeitosubjuntivo. Depois de muito pelear, lutar, enfrentar vastos desencorajamentos, suportar escárnio atrás de escárnio, o seu destino teria sido provavelmente um só: suicidar-se. É essa a história assim reconstruída diretamente do futuro por Virginia.

No tempo de Shakespeare, mulher nenhuma poderia ser poeta na Inglaterra, independente de seu trabalho ou talento. Mulher nenhuma encontraria lugar no mundo das letras porque escrever era coisa restrita ao mundo dos homens. Apenas dos homens. Não era coisa de mulher. Como Virginia bem aponta em seu ensaio, enquanto eles escreviam poemas e ficções sobre elas, enquanto elas brilhavam “como farol” nos trabalhos deles, na realidade, em casa, ela era um ser insignificante, que se prestava a ser explorado, maltratado e surrado. Porque as coisas eram “assim mesmo”.

Então, enquanto os homens se ocupavam das ficções, em suas clausuras domésticas, as mulheres estavam por demais ocupadas com seus trabalhos, cujos olhos deles insistiam em significar como insignificante e invisível. Mas nem por isso eram trabalhos menos árduos. E qualquer uma que não se dobrasse ao confinamento imposto ao seu sexo não teria um destino tão diferente da hipotética irmã de Shakespeare. É claro que, além do suicídio, havia também a possibilidade do enlouquecimento. A mulher e seus destinos: parece que isso inclui também assassinato por métodos bastante cruéis, como, por exemplo, a fogueira.

Mas, retomando o fluxo das insignificâncias, eu quero falar de mais uma coisa minúscula que eu pesquei ali nesse ensaio: eu quero falar da tranca na porta. Um detalhe que faz toda a diferença. Eu juro para você, Freud. Toda vez que eu leio esse livro, parece que eu entro num rio. Então eu me deixo ir, me deixo levar pela correnteza dos pensamentos da Virginia. Pois bem, essa mulher é capaz de criar um rio de palavras, com correnteza e tudo, e é nesse fluxo que se sustenta o principal argumento desse



texto: o que uma mulher precisa para escrever ficção é um tanto de dinheiro na carteira que lhe permita viver (que lhe permita se nutrir: isso inclui alimentos, mas também contemplação) e um teto todo seu, com tranca na porta.

Curiosamente, ter suas vidas circunscritas ao espaço privado e doméstico nunca garantiu às mulheres a possibilidade de um teto todo seu, de um espaço próprio. Um teto todo seu, para Virginia, basicamente seria um aposento em que uma mulher pudesse entrar, permanecer quanto tempo quisesse e, lá dentro, fazer o que bem entendesse, sem ser interrompida. Sabe como eu chamaria isso? *Liberdade*. Eu demorei até entender que liberdade pode depender de uma fechadura. As duas coisas juntas sempre me pareceram antinômicas. Eu não sei, mas acho que estar sob o efeito do luto me abre para a coexistência dos contrários. Liberdade pode sim depender de fechadura na porta, se você, é claro, tem as chaves em suas mãos.

Então, quando Virginia fala da pobreza das mulheres, das mulheres como o sexo pobre, eu acho que ela está tocando muito especificamente nesse ponto: na pobreza de espaço próprio. Talvez, num teto todo seu, com tranca na porta e chaves nas próprias mãos, as mulheres tenham mais condições de começar a inventar outros mundos diferentes, diferente desse que (não é de hoje) anda sendo por demais “assim mesmo”. Parece que invenção pede liberdade com teto: com alguma mínima proteção. Teto para se arrojarem no desconhecido de si, para ensaiar ousadias que, talvez, inicialmente, precisem acontecer apenas para os próprios olhos de quem ousa.

Falando em mulheres e ficção, eu me lembrei do seu texto, *Totem e tabu*; quando eu o leio, sempre fico me perguntando onde é que estão as mulheres nessa ficção. Porque, pense você, se elas estavam lá, sendo sistematicamente violentadas pelo pai da horda, se elas eram oprimidas tanto quanto os irmãos (ou, quem sabe, mais ainda do que eles), é de se presumir que elas tinham o máximo interesse no assassinato daquele senhor violento. Você não acha? Mas não, elas não aparecem a não ser como objeto dos novos proprietários do mundo; os irmãos que fazem banquete, redistribuem as fêmeas entre si, e eles não têm a dignidade de convidá-las a se sentarem à mesa.

De toda forma, sabemos que elas ficaram de fora do banquete e sabemos igualmente que foram séculos e séculos até que as mulheres que estavam presas do lado de fora do mundo das letras, um mundo exclusivamente masculino, pudessem entrar. Ou seja, a tranca na porta (esse detalhe que eu pesquei para você no ensaio da Virginia)

estava lá, mas eram eles, os homens, que detinham o poder sobre ela. Passavam a chave uns aos outros e diziam: “aqui mulher nenhuma entra”.

Deter a chave que tranca a porta é poder determinar quem fica preso do lado de fora, mas igualmente o que se prende do lado de dentro, por exemplo, da casa. Por eles deterem a posse da tranca da porta de casa e do mundo das letras, o espaço domiciliar não era para elas um teto todo delas, mas sim uma prisão. Se a possibilidade de sair quando se deseja não existe, isso é confinamento.

Por isso, há uma linha muito tênue entre ter um teto todo seu e confinamento. Talvez muito facilmente um possa se transformar no outro. Nada é garantido. E eu acho que isso vale para o luto. Eu acho mesmo que o luto pede um teto todo seu. Pede solidão, pede proteção. Pede espaço próprio para deixar a dor doer. Eu posso estar muito enganada, mas acho que o limite entre luto e criação é igualmente muito fino. Eu acho que o luto, como a criação, pede entrega ao desconhecido, pede o novo, pede a transmutação de dor em flor. Mas, se, do teto todo seu, não se encontra saída (e isso pode sim acontecer), então ficamos presos, confinados com a dor, ou dentro dela (talvez seja isso a melancolia: o confinamento, a imobilidade, o sem saída).

O poder sobre a tranca na porta é o que determina a possibilidade de comunicação entre o dentro e o fora. A passagem de um a outro. Poder entrar e poder sair. Se não se pode sair quando se quer, então o teto é prisão. E o fechamento máximo, o absolutamente sem saída, está aqui, diante de nossos olhos, nesse cemitério: é o túmulo. Foi aqui que eu vim a entender um escombro que recolhi lá do outro lado do oceano. Sabe quando um escombro brilha? Aqui, essa frase voltou a piscar intensamente.

## **9. A morte é uma casinha**

Uma vez eu ouvi essa história contada pela própria boca da pessoa que a viveu, ou melhor, da própria boca da pessoa que a ela sobreviveu (histórias servem um tanto para isso – para falar de sobre-vivências). Era uma pessoa que, como outra qualquer, tinha seus amigos e tinha também seus inimigos. Estes, certo dia, decidiram que era a hora do acerto de contas (é que tem dívidas que se paga com a vida) e “fizeram uma casinha” para essa pessoa que me contou essa história. Então, ele estava ali, sentado na

rua, conversando com um amigo, quando eles, os inimigos, chegaram armados. Apontaram a arma. Dispararam. Incrivelmente, e ninguém pode explicar como, o tiro atravessou o vão da camisa dele, lhe arrancou o botão e atingiu em cheio o amigo que estava ao seu lado. Eu gosto de imaginar que o que o salvou foi a casa: a casa do botão. O botão que a bala levou. Essas coisas que mais parecem arte do acaso ou ironia do destino. Ele sobreviveu e fugiu. A casinha que fizeram era para ele, mas quem morreu foi o amigo.

Passei dias pensando nisso da morte ser uma casinha. Eu nunca tinha pensado as coisas assim nesses termos, nunca tinha pensado que a morte é essa casinha que fazem para nós. Então, sob o efeito da desorientação que essa frase me suscitou, fui procurar pela casa nos seus textos.

Lágrima eu não achei, mas casa eu encontrei sim. Algumas. E, qual não foi a minha surpresa, ao descobrir que elas, as casas dos seus textos, corroboram essa hipótese de que a morte seja uma casinha. Estreitíssima relação entre uma e outra. No fim das contas, mais uma vez, não posso dizer que trago boas notícias: ao que tudo indica, ela, a morte, é a única casa com a qual realmente podemos contar. Nossa única casa certa e garantida. Vamos, então, às minhas descobertas.

A primeira casa que encontrei foi aquela da qual o pobre eu descobriu não ser dono<sup>24</sup>. Ao que tudo indica, nossa relação com a casa começa justamente aí: nessa descoberta de não possessão. A vida é assim mesmo. Um dia, você acha que tem casa, no outro, você descobre que não tinha não. A estabilidade da casa própria talvez seja a maior de todas as ilusões. Foi assim com a pessoa que me contou a história da casa do botão. Depois que tudo aconteceu, ele precisou fugir da cidade dele. Precisou abandonar tudo (“a casa ou a vida?” – foi a pergunta que a bala lhe fez). Num dia, ele achava que tinha casa, no outro, morava na rua e em outra cidade que não a sua.

Então, o eu, pobre coitado, descobriu não ser senhor em sua própria casa e, talvez, ele tenha se dado conta de que, além de não ser senhor, ele é serviçal numa casa que a ele não pertence. Incrível como, de uma hora para outra, todas as certezas podem revirar-se de cabeça para baixo. Como se não fosse descoberta pouca, não tardará a

---

<sup>24</sup> Freud, 1917/2010.

chegar a revelação de que ele não serve a um, mas a dois amos<sup>25</sup>. Um bebê exigente e um severo senhor. Dois amos ao mesmo tempo: é de enlouquecer qualquer um.

Então, certamente, o eu precisa de teto, mas um teto todo seu é exatamente o que ele nunca terá. Porque, aonde ele vai, é arrastando ou sendo arrastado por seus dois amos, com quem ele coabita num teto que não é todo seu. De um lado, está o isso, que só quer, quer, quer mais prazer, mais prazer. Para ele, nunca está bom. E o eu tentando adequar os quererdes desse bebê exigente às durezas e aos tempos do mundo externo. Ou seja: tentando o impossível. E, do outro lado lá, está o supereu, o grande pai cruel, que já chega estalando o chicote, julgando cada passo, cada falha do eu em não realizar o impossível: igualar-se ao ideal. Ao qual o supereu gostaria que o eu fosse idêntico. O pobre do eu ainda jura que merece as chicotadas (ou que só merece o amor das pulgas, e não do cão). Que vida. Acho que paz, para o eu, talvez só na morte.

Depois, eu encontrei outra casa. Essa era bem estranha (*Unheimliche*), como você diz lá: casa mal assombrada<sup>26</sup>. Aquela que, ao revelar o que “deveria ter permanecido oculto”, nos suscita horror. Talvez o horror de presentirmos que toda casa mantém alguma estreita relação com um túmulo. Trata-se da revelação dos contrários coexistentes – o que é, ao mesmo tempo, tão estrangeiro e íntimo. É na casa mal assombrada que a sensação de infamiliaridade, de estranheza, se confunde com o é da ordem do horror. Como você diz ali, desde os mais primitivos tempos, talvez nada tenha mudado tão pouco quanto a nossa relação com a morte. Nosso inconsciente teria agora tão pouco espaço quanto antes para a representação da nossa mortalidade. Ou seja, o horror suscitado pela casa mal assombrada tem a ver com o que se sente diante da possibilidade da morte. O que me faz pensar que até o mais antigo dos antigos – até o pai da horda – a temia. Aposto que, ao se deparar com a morte, ele tremeu todinho, dos pés à cabeça. Como todo mundo, como qualquer um. Nessa hora, eu aposto, ele se descobriu bem igual a todos os outros. Caiu do cavalo das suas pretensões de ser a grande exceção. No fim das contas, a morte é o que nos iguala, nos revela o quanto somos todos igualmente mortais. E, justamente porque o somos, precisamos tanto de um teto que nos proteja um pouco.

---

<sup>25</sup> Freud, 1923/2011.

<sup>26</sup> Freud, 1919/2019.

Por último, eu encontrei a casa em construção<sup>27</sup>. Gosto de pensar que ela é parecida com aquela casa da canção infantil, que era muito engraçada e não tinha teto, não tinha nada. Sua construção é incerta, pode levar anos, pode levar uma vida, pode até não acontecer. Mas, acontecendo, a casa terá parâmetros construtivos próprios. Não é preciso que todas as paredes sejam erguidas e todas as janelas sejam colocadas para só então nos ocuparmos com a decoração interior. Esses belos detalhes decorativos não são insignificantes, e os dois trabalhos – construção e decoração – caminham juntos. Um não é menos importante que o outro, e, segundo você, todo analista sabe disso. E, como já conversamos antes, todo o trabalho, seja de construção, seja de decoração, tem a mesma matéria-prima: os escombros de uma suposta casa caída, soterrada. Ao que tudo indica, é essa a única casa que podemos ter em vida: muito precária, muito engraçada, talvez até sem teto e construída com nada além de restos e fragmentos de uma casa que nunca houve.

O que me faz pensar que, da casa, nós só temos a queda. A vida é isso. Um dia, nós achamos que temos casa; no outro, a casa cai, e nós descobrimos que não tínhamos não. Então, estando correto o meu estudo sobre casas, só nos resta admitir que não se trata de tentar não perdê-la (isso seria perda de tempo contra o inevitável, uma vez que uma hora a casa cai); nosso grande salto será, justamente, saber perder a casa, cada vez melhor. Porque, sem casa, nós não vivemos não. Precisamos muito dela. Muito. Entretanto, ela nunca é nossa. Só nos resta suportar perdê-la, a cada vez, abandoná-la. Deixá-la cair.

Se pudermos combinar o estudo da casa com o estudo das estátuas do cemitério (e tudo indica que podemos), então é hora de nos perguntarmos o quanto ser homem ou ser mulher não seria justamente a busca por uma casa. Talvez a busca por algo que dê abrigo à minha desorientação de ter sido dita mulher ou homem no momento de meu nascimento. A verdade (e eu acho que você tende a concordar comigo) é que não sabemos o que fazer com isso, com essa informação que nos chega assim tão antes de mim.

A grande questão, penso eu, é que, muitas vezes, vamos buscando uma casa, um teto, e acabamos encontrando uma prisão, uma casinha que fizeram para mim. O que, mais uma vez, fortalece a hipótese de que, em relação a casas, o melhor a se fazer é

---

<sup>27</sup> Freud, 1937/2017.

saber perdê-las cada vez melhor. Porque há sempre um limite muito tênue entre a casa e o confinamento. Daqui a pouco, quando você se dá conta, se confunde com uma estátua de sepulcro e acha que está se vendo no espelho.

Inclusive, não sei se por estar sob efeito de luto e confusão, ou se por ter meus olhos lavados, dei para viver uns estranhamentos ao sair na rua. Você, por favor, me conte se, por acaso, isso der para acontecer com você também, Freud. Depois de tanto olhar para esses bustos aqui desse cemitério, ao sair à rua, comecei a ter a estranha sensação de cruzar com bustos andantes. Eu já não sabia mais dizer se eram os bustos que imitavam os homens ou os homens que imitavam os bustos. Só sei que, apesar das pernas, a cabeça parecia ainda ser de pedra.

Se aqui, nesse cemitério, atingi a compreensão instantânea dessa frase – “a morte é uma casinha” –, outra coisa de que me dei conta é que a morte é uma casinha, mas, para alguns poucos, ela é um castelinho. Olhe aquele ali, por exemplo, quando eu o vi pela primeira vez, mergulhei em minhas memórias infantis, lembrei-me dos castelinhos de areia que fazia quando criança na beira da praia. Levava horas, caprichava nos detalhes, até que a maré enchia e, na primeira onda mais volumosa: adeus, castelinho! Não é de hoje que eu perco casas e castelos. Fiquei pensando nas minhas precárias tentativas de construir valas e muros que o protegessem da grande onda. Pobre de mim. Ninguém pode nada contra a grande onda. Mas também fiquei pensando no quanto os castelos, sobretudo os castelos, são os grandes reis do confinamento. São tantas muralhas que se constroem para a proteção e justamente elas vão aos poucos se transformando na própria impossibilidade de viver fora delas. Às vezes, parece que, quanto mais muralha se constrói, mais perigoso o mundo fica. É difícil decidir o que vem primeiro (o ovo ou a galinha, o muro ou o medo). Só sei que os castelos ou são levados pela grande onda, ou viram ruínas. Sei também que não sair de dentro deles não nos salvará de morrer.

Foi pensando nisso da morte ser uma casinha (ou um castelinho para poucos), e talvez a última casinha, aquela da qual, uma vez dentro, não se sairá jamais, que eu me dei conta de que, em alguma medida, um túmulo é também um endereço. Nosso último endereço. Para encontrar um túmulo aqui nesse cemitério, por exemplo, você precisará saber em qual divisão ele se encontra. Por exemplo: Oscar Wilde está na 89; Marcel Proust, divisão 85; Jim Morrison (talvez o túmulo mais visitado e grafitado), divisão 6;

Edith Piaf, divisão 97; Allan Kardec (disparadamente o túmulo mais florido desse cemitério), divisão 89.

Talvez por ser um endereço, um túmulo é ainda um local onde é possível realizar envios e entregas. Não é porque a pessoa morreu que cesse o desejo de se enviar algo. Há o que sobrevive à morte. Senão, o que seriam todas essas flores e objetos insólitos que as pessoas vêm deixar e renovar sobre os túmulos? O que é esse gesto tão delicado de vir até aqui e deixar uma flor aos pés da lápide de alguém, senão um endereçamento? Mas será um endereçamento ao morto? Não sei... Às vezes, eu penso que, talvez por ser o último endereço, a última casinha, o envio pode ser justamente ao último. Por que não? Talvez uma maneira de reconhecer que o último pode ser belo.

#### **10. Talvez luto seja o revés de um parto**

Meu caro Freud, o sol está indo embora. Aproxima-se o momento de nossa despedida. Mas antes preciso dizer mais algumas palavrinhas. Queria contar a você o que eu andei pensando sobre o luto aqui nesse cemitério. Eu andei pensando que coisa mais difícil de ser definida é o luto. O luto é mesmo um enigma e, enquanto tal, não se esclarece em si mesmo. É por isso que precisamos ter o máximo de cuidado quando nos aproximamos dele. Entendê-lo já terá sido a prova de nosso erro.

Sei que tenho pensando muito no assunto e curiosamente me dou conta de que nunca precisei tanto de ritmo e música como agora. Tenho a impressão de que não descolo mais do meu radinho, como se ele já fosse parte a mim acoplada. Talvez ele já me conheça melhor do que eu mesma, ele sabe dos ritmos que me embalam o dia, a semana, o mês. Ele sabe o que eu preciso ouvir ao acordar, ao me deslocar, ao adormecer. Se algum dia lágrimas me chegam, e eu já nem me lembro mais como foi que isso aconteceu, então eu pergunto a ele: “Que horas foi que o luto doeu?”. Às vezes, ele me ajuda a lembrar, quase como se me dissesse: “Foi através dessa música aqui que elas chegaram”.

Foi com essa música aqui do ChicoBuarque que o luto do-eu mais fundo. Chico, para mim, é coisa preciosa desde que eu me entendo por gente. Ele é um dos tesouros que eu partilho com os ouvidos estrangeiros somente quando eu lhes concedo participar

um pouco mais do meu mundo. Essa música<sup>28</sup> diz assim: “ó pedaço de mim/oh metade afastada de mim/leva o teu olhar/que a saudade é o pior tormento”.

Ela fala de saudade, e dizem que *saudade* é uma palavra que só existe em português e não encontra boa tradução em outras línguas. Como eu explico que luto é saudade? Como eu explico o sem tradução? Se for para seguir à risca essa música, então eu teria que explicar que saudade é o que eu sinto de um pedaço ausente de mim. Pedaço ausente e que eu posso, para minha surpresa, descobrir corresponder à metade de mim: metade “afastada”, “amputada”, “exilada”, “arrancada” e “adorada” de mim.

Para explicar *saudade* a um estrangeiro, eu teria, então, que dizer que “saudade é arrumar o quarto/do filho que já morreu”. Saudade talvez seja isso que se mantém pela força do hábito do amor? O filho que já morreu ocupa um lugar que não deixa de existir com a sua morte. O que sua morte torna dolorosamente vivo é esse lugar agora vazio. O que fazer se é justamente a ausência do filho que o torna presente e ainda vivo da maneira mais insuportável? O que fazer com o espaço esvaziado pelo irreversível? E se eu descobrir que o espaço vazio não está circunscrito ao quarto? Se esse espaço for uma cidade inteira? Um país? O que eu faço? Para onde eu corro em busca de abrigo seguro contra a saudade? E se eu descobrir que esse abrigo não existe? Para onde vou com a metade desconjuntada que resta em mim?

Talvez por isso a música diga que a saudade é uma “dor”; “o pior castigo”; “o pior tormento”; “pior do que o esquecimento”; “pior do que se entrevar”. A saudade é o que nos deixa sem saída, sem destino, sem lugar no mundo e sem lugar em mim mesma. A dor da saudade é o que só me resta suportar. E, se eu for tentar explicar a um estrangeiro o que é saudade nessa música, então, eu vou ter que dizer a ele que, além de ser o que eu sinto por uma metade afastada de mim, além de ser arrumar o quarto do filho que já morreu, a saudade é também “a mortalha do amor”. Eu posso até dizer que eu não quero carregar comigo essa mortalha. Mas eu não tenho escolha, porque a mortalha do amor talvez seja essa espécie de invólucro tecido pelos fios de minhas recordações, o invólucro de tudo aquilo que me ligava a quem partiu.

Para terminar de explicar a um estrangeiro o que é *saudade*, eu vou ter que dizer: “saudade é o revés de um parto”. Eu passei semanas meditando sobre essa frase. O que é o revés de um parto? Um enigma para o qual o luto me apontou a direção. O grande

<sup>28</sup> Já quase no fim da trilha: <https://www.youtube.com/watch?v=Zj8C9JTSISo>



problema que essa relação entre morte e parto coloca é a seguinte: o que vou expulsar nasce vivo ou nasce morto? É como dar à luz a morte?

Ao que tudo indica, não há parto sem anterior concepção. Parece que uma morte, como um filho, precisa ser concebida. E a maneira como se concebe uma morte talvez seja um mistério, um segredo tão alheio a nós quanto a maneira como se concebe uma vida. Às vezes, eu penso que há o que se conceba melhor no escuro e na entrega ao desconhecido, mas não sei se é esse o caso para morte. Imediatamente penso naquele seu sonho, Freud, na noite que precedeu o enterro de seu pai: pede-se fechar os olhos ou pede-se fechar um olho. Talvez para conceber a morte seja preciso um olho fechado e outro aberto<sup>29</sup>. Não sei. Nessas ocasiões, fechar os dois olhos nos lembra demais das pálpebras do nosso morto, fechadas pelas pontas dos dedos do outro, fechadas para nunca mais se abrirem.

Foi cantando essa música que me dei conta de que não é porque eu não carrego em meu corpo a linha divisória entre minha metade viva e minha metade morta que eu por acaso seja mais inteira do que meu avô meio vivo, meio morto. A verdade é uma só: eu sou toda de metades. Não sou mais do que a composição dos fragmentos soltos e desconjuntados que restaram da amputação, do exílio, do afastamento, da adoração. É por isso que eu achei que você poderia gostar dessa música, Freud. Combina muito com o que você concebe em *O eu e o isso*. O eu é o resultado de suas perdas, de tudo que ele amou e precisou abandonar: suas metades perdidas pelo mundo.

Talvez seja esse o trabalho de um luto: conceber a morte do outro. Conceber outro mundo, sem a presença do outro, mas ainda com o outro. Talvez, no escuro, reconstituir minha perda pelos restos que ficaram em mim. Talvez, para isso, seja preciso vestir a mortalha do amor; quem sabe ela me ajude a adivinhar o que de fato perdi. Esse trabalho enigmático – eu não tenho a menor dúvida de que seja – é invisível aos meus olhos, pode ser que eu o esteja realizando agora, neste instante, mas nunca saberei. Talvez ele esteja se realizando em mim enquanto eu construo com linha e agulha uma casa de botão (um rasgo no tecido, um buraco de bordas reforçadas) ou enquanto eu faço minhas malas, ou enquanto vou ali na esquina (e se eu precisar ir até a China para fazê-lo, como saberei?). Não sei. Pode ser que ele aconteça em mim enquanto durmo, como o trabalho de um sonho. Aquele que se faz em mim, a despeito

---

<sup>29</sup>Freud, 1900/2012, p. 340.

de mim, e que, ao fazê-lo, me sonha e me transforma. Talvez um não vá sem o outro: trabalho do sonho, trabalho do luto. Se assim for, não teremos como identificar precisamente onde começa um e termina o outro, como se eles se continuassem secretamente.

Sabe, Freud, meu avô era eletricista e não era bobo de confiar em luz elétrica. Para a hora de sua morte, pediu roupa branca e uma vela acesa que lhe iluminasse a travessia para o outro lado. Será que ela dura sete dias? Ele sabia bem que há uma escuridão que luz elétrica não ilumina. Alguma luz para a nossa noite mais escura. Oh, meu caro Freud, estou exausta por hoje. Muito obrigada pela companhia<sup>30</sup>. Até a próxima.

Com carinho,

Tainá Pinto

Cemitériodo Père-Lachaise

Paris, outono de 20\_\_

---

<sup>30</sup> Talvez para encerrar a trilha: <https://www.youtube.com/watch?v=xWuUCCxn07U>

*pousa*

---

## MÃO DUPLA

Meu filho tente  
não fazer de ninguém  
uma cidade  
Se por exemplo  
encontrar Sebastião  
como Sebastião  
(assim, cabeludo,  
perfumado de fritos  
e de gás, úmido,  
extremamente fértil,  
brincalhão, um tanto  
ou quanto violento  
como são todos os  
maiores verões)  
Não vá chamar-lhe  
Pedro  
Faça por ingerir  
bem direitinho  
a comida que recebe  
de suas mãos  
Não fique plantado  
na frente de uma manga  
tentando achar  
na superfície fibrosa  
Reflexos  
do cabelo dourado  
de algum homem  
que não se chame  
Sebastião  
Pratique o espanto  
e quem sabe o jogging  
com a melhor das intenções  
Ou seja meu filho  
a intenção da verdade  
na cara de Sebastião  
  
À saída da cidade  
faça-me um favor

faça-se um favor  
Não tente achar  
lascas de manguezal  
nos cabelos do homem  
que mora 10.000kms  
a NE de Sebastião  
Jogue apenas jogos  
que não impliquem  
a morte ou a melancolia  
Jogos sem a presença  
do fogo sobre o tabuleiro  
Meu filho tente  
não fazer  
de uma cidade alguém  
Por exemplo  
se entrar em António  
chame-lhe sempre  
António  
Não vá ficar  
às suas portas  
fazendo contas  
de dedos e cabeça  
dando um jeito matemático  
de descobrir o melhor  
petit-nom para a cidade  
António já era António  
em 1755  
e nem aquele agito  
horroroso da terra  
foi dar cabo  
de seu nome  
Tudo se refaz  
você verá  
Tudo se refaz  
menos os nomes

Faça por acertar  
no nome  
da cidade  
(*gostavas muito*)

*de lhe acertar,  
não gostavas?)  
ou então  
você vai ver  
Ao sair da cidade  
de Sebastião  
você nunca mais  
poderá regressar  
porque Pedro  
te atormentará  
para sempre.*

Matilde Campilho

#### 4/5. Perdoando Deus é direito ao grito<sup>31</sup>

Meu caro Freud,

Já não há mais porque adiar. É chegada a hora de colocar os pés no chão. Eu tenho medo? Sim, e vou com ele. E com você, se você puder vir comigo. Se você puder vir comigo, dessa vez, mantenha os olhos bem abertos. Porque eu preciso ver a expressão que vai nascer em seu rosto no instante em que se deparar com o que quero mostrar a você. O fundamental é apenas isto: chegar do alto. Em sobrevoo. Há muito a ser visto lá de cima. Vamos.

Como é que eu posso explicar a você meu medo? Não sei bem dizer. É um pouco complicado. Mas digamos que eu acredito ter descoberto algo – uma saída. Foi um tanto por acaso e agora eu preciso confirmar essa descoberta. Se, depois de voltar, eu encontrar novamente a saída, não terei mais motivo para temer. E se eu não encontrar? Bem... Novamente, estarei presa, e é esse o risco que preciso correr. Às vezes, tudo que a vida nos pede é coragem.

Estamos indo muito bem, Freud. Lá longe, eu vejo nosso destino se aproximando. Essa cidade eu reconheço pela sua luz. Você percebe? Eu sei, é muito intensa, e não é elétrica. Fechar os olhos sempre me ajudou a enxergar por aqui, tentar entrever algo no excesso de luminosidade. Experimente você também. Fechar, abrir, fechar, abrir. Quantas vezes forem necessárias, até que você se acostume. Provavelmente, você vai olhar para baixo e vai se perguntar se o excesso de claridade não está lhe queimando a retina e fazendo você alucinar contornos loucos. Tome seu tempo. Vamos aos poucos descendo, diminuindo nossa altitude, enquanto nos aproximamos. Tudo bem? Agora me diga, Freud. O que é que você vê lá embaixo? O que são aquelas linhas lá traçadas em concreto? Será um pássaro? Um avião? Ou será um super-homem ao chão?

---

<sup>31</sup> O nome dessa escrita é um jogo com o nome de um conto de Clarice Lispector (2016e) – *Perdoando Deus*. Um conto precioso, em que uma mulher, andando um dia pela avenida Copacabana, no Rio de Janeiro, se vê tomada por um sentimento de que nunca havia ouvido falar. Por puro carinho maternal, ela se sentiu a mãe de Deus. No segundo seguinte a esse pensamento, por acidente, ela pisa um enorme rato morto. A contiguidade desses dois fatos a espanta. A partir daí, acompanhamos sua vingança e sua penosa reconciliação, que passa por Deus tanto quanto passa pelo o rato.

E a que olhos se destinam esses traçados lá embaixo? O que eles dizem? O que eles querem? Eles pedem, afirmam ou interrogam? Se for para brincar de adivinhar os riscos – qual será a sua gramática secreta? É um pedido de socorro – S.O.S.? Um sinal de alerta? Ou será anúncio de local seguro para pouso? Que mensagem ela envia? Para quem se endereça essa mensagem? Quem ergueu uma mensagem de concreto no ar? Quem? Por enquanto, depois de longas meditações, o que eu posso dizer a você é:

se a memória é uma ilha  
de edição  
brasilha é um aquário  
em formato de avião

Vamos começar o sobrevoo mais de perto, para que você possa analisar com mais detalhes o dito Plano Piloto, Freud. Vamos nos aproximar pela Asa Sul. Você vê que larga avenida? A chamam de Eixão, ela atravessa as duas asas longitudinalmente. As vias paralelas são os Eixos, que chamamos de Eixinhos. O que você acha dessa distribuição dos prédios no espaço? Não parece uma maquete com pequenas caixinhas de fósforo coloridas? Agora, chegamos perto do grande eixo transversal. Chamam-no de Eixo Monumental. As coisas por aqui são um tanto assim – monumentais –, e, de repente, somos nós que parecemos existir fora de proporção. Como se fossemos minúsculos anões, visitas indesejadas na cidade dos gigantes. Meu Deus, como a gente se sente pequeno em Brasília! Como! Será que essa cidade é mesmo feita para mim? Talvez para eles, os gigantes, Brasília seja apenas o local de depósito de suas preciosas miniaturas, seus pequenos objetos outros monumentais. Ah, Freud, imagina quando os arqueólogos do futuro chegarem aqui. O que será que eles vão adivinhar sobre essa civilização?

Como você pode ver, Brasília tem lugar para tudo: tem Setor Hoteleiro, Setor Bancário, Setor de Autarquias. Até diversão, Freud, nessa cidade tem lugar determinado para acontecer: Setor de Diversões Sul (SDS) e Setor de Diversões Norte (SDN). E essa veneração pela simetria? Tudo que tem de um lado tem que ser exatamente igual ao que tem do outro: Setor Bancário Sul, Setor Bancário Norte; Setor Hospitalar Local Sul, Setor Hospitalar Local Norte; Comércio Local Sul, Comércio Local Norte. Mas aqui não tem lugar para lágrimas. Isso é grave. Tão grave quanto: essa cidade foi construída sem lugar para ratos.



Além do mais, foi só saindo daqui que eu me dei conta de que, em Brasília, eu nunca me perdi. E eu preciso me perder se eu quiser mesmo me achar. Aqui, basta que você tenha em mente um tabuleiro de *War*, sim, aquele jogo de guerra, conhece? Aquele todo quadriculado. Pois bem, no lugar do mundo, você põe o Plano Piloto bem no centro. Pronto. Agora, basta combinar linha e coluna, letra e número. São dezesseis quadras residenciais do lado norte, e, óbvio, dezesseis quadras do lado sul. Todas simetricamente distribuídas ao longo das duas asas. Combine eixos com números, e isso basta. Nunca mais você se perde nessa cidade, tampouco tem a chance de se encontrar.

### 1. O bom filho a casa entorna

Outro dia, me lembrei de que, quando eu era criança, tentavam me explicar que eu era candanga, e não baiana, como minha mãe. Tendo eu nascido em Brasília e sendo meu avô paterno um candango, ou seja, um operário da construção de Brasília, então era isso o que eu era e só poderia ser. Neta de candango, candanga é. Eu me lembro de que eu chorava como se estivessem me xingando. Acho que era porque eu não sabia o que queria dizer candango, tenho a vaga impressão de pensar que candango era bicho, talvez da família dos calangos, talvez da família dos ratos e camundongos, talvez algo desconhecido entre os dois. Eu chorava e respondia que eu não queria ter nascido em Brasília. Eu dizia: “eu queria ter nascido *em* Bahia”. Simplesmente eu não entendia porque Deus tinha me dado essa condenação de ter nascido fora da Bahia, onde tinha mar e sempre era verão. Mas ninguém escolhe o lugar de nascer, não é mesmo? Uma hora se nasce e só depois é que se descobre onde foi que isso aconteceu. No meu caso, isso veio a acontecer em Taguatinga, uma cidade-satélite de Brasília onde vivi minha infância e início da juventude. Você não sabe o que é cidade-satélite? Como eu explico? Cidades-satélites são todas as cidades que, com sua força de trabalho, giram, giram e assim mantêm o avião suspenso no ar. Você acha que é fácil fazer concreto levantar?

Clarice<sup>32</sup> um dia pisou aqui nessa cidade, com seus próprios pés. Ficou assustadíssima. Viveu o puro espanto. Precisou escrever muito para se recuperar: “Mas se digo que Brasília é a imagem de minha insônia veem nisso uma acusação”. Eu já falei a você que Brasília é um aquário? Pois eu tenho a impressão de que Brasília caiu

---

<sup>32</sup> Ela produziu dois textos perturbadores a partir de suas visitas a essa cidade: *Brasília e Brasília: esplendor*. Todas as citações a seguir são retiradas desses dois textos. Lispector, 2016f; Lispector, 2016g.

de minhas mãos e se espatifou todinha no chão. Foi sem querer, eu juro. Clarice encontrou só os caquinhos e achou que era outra coisa: “Brasília é o fracasso do mais espetacular sucesso. Brasília é uma estrela espatifada. Estou abismada. É linda e nua”.

Só sei que, depois da queda, eu finalmente dormi. Mas não foi que a bendita Brasília deu um jeito de se infiltrar nos meus sonhos? O que é que ela quer de mim? Por que simplesmente ela não me deixa em paz? Foi só eu resolver abandonar essa cidade que danei a sonhar com ela. Brasília: sai do meu pé, chulé! Respeite o meu espaço! Pare de me invadir! Você quer tudo, até os meus sonhos?

Se você quer mesmo saber, Freud, Brasília caiu, se espatifou todinha, e, se fosse exclusivamente por minha vontade, eu a deixaria quebrada pelo chão, a deixaria aos cacos. Não moveria nem mais um dedo por ela. Mas parece que não sou eu que decido. Ao que tudo indica, meu inconsciente resolveu que era preciso recolher os tais caquinhos. Se ele fosse “meu” ele me obedeceria, não é? Pois a despeito de mim, esse bastardo vem reconstruindo essa cidade – caquinho por caquinho – enquanto eu durmo. Que trabalho hercúleo! Parece que agora virei eu o canteiro de obra. Deve ser por isso que eu acordo tão cansada. Você por acaso acha que é mole construir uma cidade? É trabalho duro, é trabalho muito árduo.

O ponto é que a queda foi feia, e os caquinhos se misturaram completamente. Devo reconhecer que este desobediente inconsciente tem feito o que pode. A verdade é que, às vezes, sai uma cidade sombria, e eu acordo assustadíssima; noutras, sai uma cidade engraçada, e eu acordo rindo, assim, ele faz com que ela até me pareça um pouco mais simpática. Depois da queda e da confusão dos cacos, apenas uma coisa é certa: Brasília perdeu completamente seu ordenamento originário. Confesso que dou graças a Deus, pois eu não poderia mais suportar o antigo.

Já que é a despeito de mim, já que ele fez questão de recolher os caquinhos, eu o deixo fazer tudo sozinho. De manhã, no fim do expediente dele, quando eu acordo, eu só contemplo o resultado. Uma noite, eu não sei o que aconteceu, não sei se houve uma guerra, só sei que, quando eu acordei, Brasília era um enorme deserto cheio de tendas e acampamentos improvisados. Meus amigos moravam lá, e, enquanto conversava com eles, eu me perguntava por que raios havia eu voltado para esse lugar. Depois, eu caminhava por entre escombros com o meu gato cinza e estrábico no colo. Até ele tinha medo, e ia agarrado ao meu peito. E, como se eu não tivesse nascido por aqui, eu

buscava um endereço e não encontrava. Buscava e não encontrava. Nada estava no lugar. Brasília era um deserto, e ali, mais adiante, havia um confuso emaranhamento comercial. Então eu entrava numa espécie de salão de beleza para pedir informação: lá dentro, havia apenas chinesas e chineses; eles gostavam do meu gato cinza e estrábico, e eu perguntava se eles sabiam onde ficava o tal lugar que eu buscava.

Outra noite, eu acho que meu inconsciente desistiu. Então sabe o que ele fez? Eu anotei assim: “O mesmo lugar, a janela do sexto andar. Minha irmã olha para baixo e se espanta, imediatamente vejo: Toda nossa família está lá no estacionamento do prédio, eles nos aguardam para partir. Estão todos numa espécie de pau de arara (eu não poderia me lembrar, eu não era nascida, mas dizem que foi assim que meus avós paternos chegaram aqui), a carroceria é grande e tem poucos assentos, improvisados. Os mais velhos se acomodam nesses assentos e os mais novos se sentam no próprio chão da carroceria mesmo. Minha mãe entra pela porta do apartamento daquela sua maneira esbaforida, dizendo que precisamos ir, está na hora. Ela tenta contato por rádio com o meu tio, que está lá embaixo. O aparelho não funciona bem, ela reclama. Apressada, eu pego minha mala e, deliberadamente, deixo coisas em cima da minha cama; é o último lugar para onde olho antes de partir”. Nesse dia, eu acordei tendo certeza de que o desobedienteinconsciente havia, finalmente, se rendido e que nunca mais eu precisaria voltar.

Mas, em seguida, ele insistiu. Reconstruiu a cidade inteira, ao seu modo. Nesse dia, quando eu acordei, eu até que gostei do que ele tinha feito. Magistralmente, ele deslocou o Eixo Monumental, este não ficava mais no meio das duas asas, mas sim na ponta final da Asa Sul. “Mais perto do aeroporto” (eu anotei assim no meu diário). O inconsciente, este desobediente maravilhoso, acabou com a toda simetria! E eu achei isso um esplendor! Além disso, eu imagino que ele tenha decidido que os ministérios ao fundo estragavam a vista. Não se deu ao trabalho de reconstruir nenhum deles. Tampouco o congresso. Em seu lugar, colocou uma torre. E esta, às vezes, era a Torre de Televisão; noutras, a Torre Eiffel. Minha mãe tinha nas mãos uma velha câmera fotográfica e, como se ela pudesse nos enviar diretamente ao passado, fotografava eu e minha irmã, como quando éramos crianças, e ela fazia registros de nossa infância.

Eu não sei o que Brasília quer de mim, só sei que ela começou a me cercar por todos os lados. Fui invadida. Como se não fosse suficiente se infiltrar nos meus sonhos,

ela deu um jeito de dominar também minha vigília. Só me restou ser testemunha do nascimento em mim de uma nova obsessão: ler e reler sem trégua *Brasília e Brasília: esplendor*. Provavelmente são os textos mais enigmáticos com os quais já me deparei em vida. E eu tenho uma fraqueza por enigmas, Freud. Isso é coisa minha muito antiga, um gosto quase infantil pelo perigo. Sempre gostei de história de esfinge: “decifra-me, Brasília, ou te devoro”. Como foi que Brasília descobriu minha fraqueza? Eu não sei. Tampouco sei como ela descobriu que Clarice é uma de minhas escritoras favoritas. Que golpe baixo, Brasília! Só sei que, quanto mais eu lia, menos eu entendia. Quando me dei conta, era tarde demais, eu já havia sido capturada. Não conseguia parar de lê-los. Não faço ideia de quantos bloquinhos de *post-it* eu investi em *Brasília e Brasília: esplendor*. Se, de noite, essa cidade era reconstruída caquinho por caquinho enquanto eu dormia, de dia, uma força desconhecida me obrigava a uma compulsão maluca, que me fazia reconstruí-la com quadradinhos de *post-it*, tijolinho por tijolinho.

Em algum momento, entendi que, se eu não podia evitar, então só restava me render ao movimento que se fazia em mim. Entreguei-me. O meu consolo era pensar que assim talvez eu pudesse ao menos realizar alguns deslocamentos espaciais e construir algo novo. Nem que fossem novas ruínas para essa cidade.

Quando eu era criança, vez outra, ganhava umas figurinhas adesivas de dois personagens, um casal de barrigudinhos pelados que vinham sempre com uma frase em negrito “*Amar é...*” e outra frase que a completasse, definindo esse mistério que é o amor. Sem perceber, eu comecei uma espécie de coleção similar a essa, só substituí “*Amar é*” por “*Brasília é...*”. A coleção era minha, mas as figurinhas eu ia retirando dos dois textos de Clarice. Acho que me espantei com a quantidade de definições absolutamente diversas que ela deu a Brasília; eu parecia, de alguma forma, querer ter todas elas, sem perder nenhuma de vista. Quem sabe assim eu entenderia essa cidade: Brasília é “muito motocicleta”, “sem deixar de ser ova de peixe bem frita e salgada”. Fui retirando dali uma imensa lista. Exemplifico aqui a diversidade de itens da minha mais nova coleção:

*Brasília é...* quadra de tênis

*Brasília é...* vermelha

*Brasília é...* o meu martírio

*Brasília é...* um cabelo na sopa

*Brasília é...* ferrinho de dentista  
*Brasília é...* um dente quebrado bem na frente  
*Brasília é...* um aeroporto  
*Brasília é...* ficção científica  
*Brasília é...* magra. É toda elegante. Usa peruca e cílios postiços  
*Brasília é...* decisão. Brasília é homem  
*Brasília é...* assexuada  
*Brasília é...* alguém, tapete vermelho, fraque e cartola  
*Brasília é...* ouro. Joia. Faiscante  
*Brasília é...* artificial  
*Brasília é...* um pacto que fiz com Deus  
*Brasília é...* uma nota de 500 cruzeiros que ninguém quer trocar  
*Brasília é...* Ceará ao avesso: ambos contundentes e conquistadores  
*Brasília é...* o contrário de Bahia. Bahia é nádegas  
*Brasília é...* uma tesoura de aço puro  
*Brasília é...* barulho de gelinho no copo de uísque às seis da tarde  
*Brasília é...* uma cidade redonda e sem esquinas  
*Brasília é...* fantasma de um velho cego fazendo toc, toc, toc com o cajado  
*Brasília é...* mal-assombrada  
*Brasília é...* uma piada estritamente perfeita e sem erros  
*Brasília é...* suicídio em massa  
*Brasília é...* uma cidade abstrata. E não há como concretizá-la  
*Brasília não vai terminar nunca*

Acho que me ocupar com essa coleção de figurinhas foi, aos poucos, me engatando num novo jogo. Clarice me convidou para jogar com ela? Quando eu me dei conta, eu estava ali lavando a louça ou vendo a chuva cair por trás da janela e me chegavam novas criações de Brasília. Não sei como chegavam até mim, só sei que me vinham frases do tipo: *Brasília é...* cimento em pó solúvel para o café da manhã; ou *Brasília é...* traveseiro de concreto armado; ou *Brasília é...* marmita azeda para o trabalhador; ou *Brasília é...* baixa, baixa umidade relativa do ar; ou *Brasília é...* roubo de sangue do seu nariz enquanto você ainda precisa respirar.

Eu ficava me perguntando como essas frases me alcançavam ou se criavam em mim; e, uma hora, simplesmente desisti de tentar saber. Mas parecia que eu podia

abandonar a origem das frases, mas não as frases em si. Se eu não as transferisse para o papel, então, a possibilidade de esquecê-las me assombrava como se eu estivesse cometendo um grave crime. Foi assim que adotei a técnica de anotá-las assim que elas me chegassem. Isso se tornou uma espécie de gesto semiautomático através do qual eu alcançava um suspiro aliviado. Como se, ao registrar, eu finalmente me liberasse, me liberasse para esquecer.

## **2. A anatomia de um crime**

Freud, você ainda está aí? Você respira? Confira. Nem sempre é fácil respirar por aqui. Vamos voar mais uma vez. Vamos para fora de Brasília. Você precisa conhecer Taguatinga. É que “a cidade de Brasília fica fora da cidade”. Está vendo? Aquela ali. Minha casa de infância. E essa pracinha na frente? Meu Deus! Quantos mundos eu inventei nessa pracinha. Mas tinha hora. As regras sempre foram muito claras. Eu e minha irmã só podíamos ir para a rua depois que o sol tivesse baixado e que nós tivéssemos feito todo o dever de casa. Nesse horário, a pracinha ficava cheia de crianças, e uma das nossas grandes diversões era escalar a estrutura metálica em volta da quadra de futebol e nos pendurarmos de cabeça para baixo, pelos joelhos, nas barras de metal. É muito bom ver as coisas de cabeça para baixo, é como conquistar uma nova perspectiva do mundo.

Nem só de paz e diversão se constrói uma infância. Não me esqueço do dia em que, ao voltarmos para casa, minha irmã se desesperou, pois não encontrava sua boneca – a Magricela. Uma boneca mole, que tinha o corpo todo de tecido e uma cabeça de borracha grande e desproporcional. Elas duas eram unha e carne. Minha irmã não ia a lugar nenhum sem ela. Imaginamos que talvez ela pudesse tê-la esquecido enquanto brincávamos nas barras. Voltamos para checar todos os quatro cantos da pracinha, em busca da Magricela perdida. E qual não foi nosso grande choque quando, no canto extremo em relação a nossa casa, encontramos seus restos mortais. Foi horrível. Ela fora dilacerada, esquartejada e esvaziada desde dentro. Seu recheio de tecido estava todo espalhado pela grama. Não sobrou nada. Só um fiapo de pano preso à cabeça grande e oca de borracha. Como são criminosas as crianças. Por que precisaram esquartejar e estripar uma pobre boneca de tecido? Que crueldade. O que eles matavam ao matar assim tão violentamente a Magricela de minha irmã?

Nossa intuição nos fazia suspeitar que só poderiam ser os meninos da quadra os autores de tamanha barbárie. Da inocência, só temos a perda. Nós jamais descobrimos os verdadeiros responsáveis. Como chorava minha irmã. Inconsolável. No dia seguinte, nosso pai percorreu as lojas de brinquedo de Taguatinga, em busca de uma idêntica Magricela. Mal sabia ele que isso não seria jamais possível, pois, mesmo se ele encontrasse uma boneca igual, aquela Magricela já estava para sempre inesquecível e violentamente perdida. No fim do dia, ele retornou com um novo boneco, disse que era o irmão dela. Eles eram mesmo muito parecidos, o macacão já não era rosa, e sim verde. E minha irmã, mesmo tão fragilizada, foi capaz de adotá-lo: o Magricelo.

Mas o que eu queria contar mesmo a você é que, em *Brasília*, vivi grandes perturbações. Há dois trechos ali que se conectam e que me enviaram ao mais esquecido de mim:

Todo um lado de frieza humana que eu tenho encontro em mim aqui em Brasília, e floresce gélido, potente, força gelada da natureza. Aqui é o lugar onde os meus crimes gélidos têm espaço. Vou embora. Aqui meus crimes não seriam de amor. Vou embora para os meus outros crimes, os que Deus e eu compreendemos. Mas sei que voltarei. Sou atraída pelo que me assusta em mim. – Nunca vi nada igual no mundo. Mas reconheço essa cidade no mais fundo de meu sonho. O mais fundo de meu sonho é uma lucidez.

Logo antes, como uma bruxa que realiza predição, ela diz: “Se há algum crime que a humanidade ainda não cometeu, esse crime novo será aqui inaugurado. E tão pouco secreto, tão bem adequado ao planalto, que ninguém jamais o saberá”. Eu mal tive tempo de me perguntar que crime poderia ser esse. Antes mesmo que a questão terminasse de se formular, irrompeu de minha memória uma antiga lembrança infantil. Lembrança que me confrontou com o meu próprio crime mais incompreensível a mim. Certamente não foi um crime de amor. Era dele que Clarice falava?

Imediatamente brotou em mim algo confuso, entre o desespero e a necessidade de confissão. Eu queria poder sussurrar nos ouvidos de Clarice: você estava certa, o crime mais gélido já foi inaugurado. E o pior: inaugurou-se em mim. E agora, o que faço? É tarde, o mal já está feito. O assassinato foi consumado. Clarice, foi um massacre o que aconteceu aqui. Foi horrível. E o pior do pior: eu tive imenso prazer em exterminar a vida indefesa. Haverá salvação para mim? Afinal, quem nunca se perguntou: “Sou um monstro ou isso é ser uma pessoa?”<sup>33</sup>.

---

<sup>33</sup> Frase de Rodrigo SM em *A hora da estrela*. (Lispector, 1977/2017, p.50).

Eu não me lembro exatamente de quantos anos eu tinha. Eu era pequena, e nossa casa ainda estava em construção. Tenho algumas memórias desse período em que morávamos praticamente dentro de um canteiro de obras – as brincadeiras tinham sempre um ar de perigo e grande aventura. Nós nos desafiávamos em demonstrações de grande coragem. Acho que o grande crime eu não cometi sozinha, mas não tenho certeza. Talvez minha irmã tenha sido minha parceira de crime, talvez ela estivesse comigo, talvez não. Não me lembro.

Lembro-me de que, no corredor externo da casa, aquele que nos levava ao quintal, havia uma baixa e pequena pilha de tijolos vermelhos comuns, de oito furos. Eram poucos. Tijolos para uma obra são comprados aos milheiros. Aqueles provavelmente eram sobras do milheiro anterior e ali aguardavam a compra do próximo. Esses tijolos estavam parados havia algum tempo. Tempo o suficiente para que as lagartixas os descobrissem e os ocupassem. Era uma silenciosa invasão. Provavelmente, elas acreditavam ter encontrado nos furos dos tijolos um habitat seguro para suas desovas. Teriam elas tentado transformar nossos tijolos em seus berçários? Não sei como descobrimos que eles estavam infestados de pequenos ovos. Sei que eram muitos. Provavelmente, ao encontrá-los, meus olhos brilharam como os olhos de quem descobre uma mina de ouro.

Eu sempre tive pavor de lagartixa. Impossível localizar quando isso começou, talvez tenha nascido comigo, talvez tenha me sido transmitido quando eu ainda habitava a barriga de minha mãe. Mas imagino que minha irmã, mesmo tendo passado pela mesma barriga, não foi por ele contaminada. Ela nunca entendeu porque uma pequena lagartixa podia me causar tanto pânico e nojo. Nem eu. Ela, ao menos, podia rir de meus pequenos ataques, enquanto eu só conseguia mesmo me desesperar com a presença de qualquer animal do tipo. Lagartixas, lagartos, calangos, sempre me faziam pensar em jacarés, e suas caras tão primitivas me levavam diretamente aos dinossauros. Não sei explicar, só sei que era assim. Eu não podia suportar.

É uma confusa mistura entre nojo, pavor e primitividade, cuja origem se confunde com a minha. É absolutamente ilocalizável para mim. Desde que eu me entendo por gente, eu me recordo de ser acompanhada por esse inexplicável nojo-horror, como se eu e ele tivéssemos nascido ao mesmo tempo. Eu jamais teria coragem de tocar uma lagartixa, me arrepio só de imaginar o toque de sua pele transparente e



gelada contra a minha. Como já disse, também não posso com ninguém de sua família: calango, lagarto, jacaré ou dinossauro.

Sei que os próprios tijolos foram as armas de consumação do grande crime. Ao desempilhá-los, surgiam novos ovos. Eles eram minúsculos, eram menores que os ovinhos de chiclete que comprávamos na banca de jornal naquela época. Esses, eram ovinhos de dinossauro coloridos e extremamente açucarados, vinham numa pequena embalagem de plástico transparente, que imitava uma caixa de ovos de galinha, e cabiam na palma da mão aberta de uma criança. Os da lagartixa, devo confessar, não me lembro da cor. Talvez fossem acinzentados. Tinham manchas? Não me lembro. Mas não esqueço o imenso prazer que tive ao esmagá-los com o tijolo contra o chão. Aquele som crocante da quebra da casca. O imenso tijolo contra o minúsculo ovinho.

O que é mesmo que eu matava ali ao esmagar ovinhos assim? Tenho a vaga impressão de achá-los mais fortes e resistentes do que eu imaginava. O que me faz pensar que eles resistiram bravamente, como lhes foi possível. E o interior da casca? Talvez tão grande quanto a minha curiosidade fosse também o meu medo de descobrir o que havia dentro. Certamente, eu temia me deparar com um bebê-lagartixa prestes a nascer. Não saberia o que fazer com isso – vê-lo ali com corpo, cauda, patinhas e rosto. Vê-lo mexer-se desajeitadamente, vê-lo pela primeira vez abrir as pálpebras e, com os minúsculos olhinhos pretos de cabeça de alfinete, buscar outros olhos que reconhecessem os seus. Imagino que essa cena eu não suportaria: um bebê pedindo mãe. Isso provavelmente destruiria as minhas forças destrutivas. Diante de um bebê-lagartixa, eu não saberia o que fazer, pois eu precisava matar a lagartixa, e não poderia nunca matar o bebê. Sei que fui rápida e não me dei a chance de testemunhar a vida surgir do ovo. Então não me demorei. E: ovo esmagado, ovo perdido. Restava apenas uma mistura de casca triturada e gosma viscosa no chão.

Recordo-me da avidez com que os destruía e não me esqueço de minha absoluta determinação em esmagar todos, não deixar nenhum. Parecia-me muito sagaz de minha parte não dar nem chance de que daqueles ovos brotasse vida. Imagino que eu tenha me sentido grande e muito maior que meu medo, e, por isso mesmo, poderosa e muito esperta por eliminar tudo assim de uma só vez. Era como se eu pudesse me livrar de meu grande nojo sem precisar atravessá-lo, como se eu pudesse me ver livre dele antes mesmo que ele despontasse em mim. Nunca mais eu precisaria temê-las, pois elas

jamais chegariam a existir. A coragem que eu nunca tive de me aproximar de uma lagartixa, naquele instante, parecia me habitar: eu matava todas, antes mesmo de seu nascimento. Como se eu pudesse eliminar todo o mal pela raiz. Era essa a minha “paz do nunca”.

Provavelmente os trabalhos só terminaram quando não foi possível encontrar nenhum ovo intacto. Era manhã, o clima era ameno, e o dia deve ter transcorrido bem. O massacre deve ter se tornado uma memória de êxtase distante. Imagino que, no fim da tarde, fomos brincar na pracinha e nos pendurarmos de cabeça para baixo nas barras de metal. Deve ter sido ali, pendurada de cabeça para baixo, que a mãe-lagartixa teve sua existência concretizada em meu ser. Então, eu caí na noite escura. No instante em que pensei na mãe-lagartixa dos bebês não nascidos, toda a minha “paz do nunca” desapareceu. Fui bruscamente lançada no inferno do medo sem fim. Eu não podia dormir. Imaginava que a mãe-lagartixa apareceria a qualquer segundo para reivindicar a vida de seus filhos massacrados. Mais hora, menos hora, ela me encontraria. Certamente, buscaria a mim, e não a minha irmã, porque era eu a mais velha. Isso a levaria a crer que a ideia da chacina só poderia ter partido de mim. E ela estaria certa.

Eu temia que ela estivesse registrando meus passos durante o dia, mapeando meus hábitos, meus horários, meu quarto, minha cama. Que, quando eu relaxasse e finalmente dormisse, ela invadiria meu lugar de repouso para se vingar. O que poderia eu fazer? Eu era mesmo culpada, e ela tinha todo o direito de vingar a morte de suas crianças não nascidas. Eu imaginava que, enquanto eu dormisse, ela me subiria pela cabeça e me entraria pelo nariz ou pelos ouvidos, ou até mesmo pela boca. O que eu mais temia era que ela não encontrasse o caminho de saída e ficasse para sempre presa dentro de mim.

Foram dias infintos de aflição. O pavor de lagartixas, que, antes do crime, era grande, depois dele ficou maior ainda. Mas nunca pedi ajuda aos meus pais, não teria coragem de revelar minha maldade. Eu tive imensa vergonha. Algo ali talvez me fizesse pensar que, se eu revelasse a eles a minha pior verdade, eles confirmariam o que eu começava a adivinhar: esse crime era a prova concreta de que eu já não era mais um bebê. Acho que um bebê não é capaz de exterminar a vida assim por puro prazer. Então, sozinha, eu era assolada pela espreira invisível da mãe-lagartixa. Conheci ali o peso do irreversível. O fato de que meu remorso de nada valia. O mal estava feito, a fina casca

havia sido rompida, e eu não teria como devolver a gema da vida ao interior do ovo. O crime fora consumado, e eu reconhecia o grande desejo de vingança da mãe-lagartixa. Talvez porque eu tivesse a certeza de que, se fosse o contrário, a minha mãe faria o mesmo. Se tivesse sido eu o ovo esmagado, ela buscaria justiça até o fim. Enquanto isso, eu não dormia, a não ser completamente envolta com meu fino lençol, dos pés à cabeça. Sentia-me baixa, vil, cruel e, sobretudo: sem saída. Ficava alerta aguardando o grande encontro. Era como descobrir que aquilo que me parecera minha grande coragem não passava de minha maior covardia: eliminar a tijoladas a vida indefesa.

Não poderia me lembrar de como eu saí disso, não sei se algum dia saí. Sei que, até hoje, em noites escuras e de grande medo, preciso cobrir-me com o lençol da mesma maneira como fazia ali. O que me faz pensar que a mãe-lagartixa nunca saiu de mim; pelo contrário, penso que ela se inscreveu em minha pele. Segue sendo algo do qual não consigo me aproximar, nem mesmo em sonhos. Então, é como se eu fosse obrigada a ter nojo de um pedaço de mim, que eu não sei onde está nem onde fica? Entretanto, em algum lugar secreto a mim mesma algo resta, algo que me habita e me assombra?

*pousa*

---

você tinha três ou quatro  
anos quando começou a  
quebrar todos os brinquedos  
eram tardes inteiras sem  
paz você pedia para  
brincar e quebrava tudo  
quebrava qualquer coisa  
que lhe caísse nas mãos

Annita Costa Malufe

### 3. Em busca da metade perdida

A verdade é que foi depois da morte de meu avô que *Brasília* me capturou. Depois do enterro dele, eu seguia com uma confusa sensação de tê-lo enterrado apenas pela metade. Vivia como se me faltasse a outra. Sem nem perceber, eu a procurava nos mínimos cantos. A metade viva? A metade morta? Como saber? Sei que, um dia, distraída, escrevi à caneta no canto de um parágrafo de *Brasília*: meu avô. Só depois me dei conta de que esse gesto desatento era uma evidência de que ali eu havia encontrado algo. Penso que é bem possível que a força desconhecida que me fazia voltar e voltar ao texto fosse uma inexplicável esperança de, em *Brasília*, encontrar essa metade perdida.

Como foi que Clarice capturou meu avô e o registrou ali? Eu não tenho dúvidas, Freud, foi pelo olhar. Clarice era ótima nisso: ela capturava olhares. E os lia como ninguém. Era uma espécie de poder mágico: pela leitura do rosto de alguém, ser capaz de acessar toda sua vida interior. Seria isso um retrato de alma? Não sei, mas vou chamá-lo assim. Sei que, com Macabéa, aconteceu do mesmo jeito, ela é fruto de um “relance de olhar de uma nordestina amarelada” capturado numa rua do Rio de Janeiro – “esse relance me deu ela de corpo inteiro”. Verdade é que: “quando se presta atenção espontânea e virgem de imposições, quando se presta atenção a cara diz quase tudo”. E a cara de Macabéa, de alguma forma, dizia que ela nascera com “maus antecedentes” e parecia “filha de não sei o quê com ar de se desculpar por ocupar espaço”. Seus maus antecedentes: ter nascido “inteiramente raquítica”. Era essa a sua “herança do sertão”. Ninguém escolhe o lugar de nascimento, Freud. Primeiro se nasce, depois se descobre onde. Desse modo, o simples fato de ter nascido no sertão do Alagoas, “lá onde o diabo perdera as botas”, já fazia de Macabéa uma herdeira desse adjetivo: raquítica. Além disso, a moça era órfã, aos dois anos de idade pai e mãe morreram de “febres ruins”. Por muitos anos o único laço dela com o mundo era a tia beata que a criou com muitos cascudos no alto da cabeça e proibição de goiabada com queijo. Parece que algo de tanta privação se fazia estampado na expressão facial da moça. Até mesmo Olímpico (aquele rude que ela amou) certa vez lhe dissera que ela tinha a cara triste, a “cara de quem comeu e não gostou”. Desorientada ela respondeu que talvez ela fosse triste só na cara mesmo, porque por dentro ela se achava “até alegre”. E, além disso, não sabia como fazer outra cara, como “mudar de expressão”. Nem mesmo no espelho ela era

capaz de enxergar o próprio rosto<sup>34</sup>. Ela não podia reconhecer em sua própria face a tristeza que aos olhos dos outros era nítida. É que a moça pensava que gente é obrigada a ser feliz, então ela achava que era.

Eu imaginei a cena. Talvez, em 1962 ou em 1974, numa das passagens de Clarice por aqui, ela e meu avô se cruzaram. Deve ter durado um ou dois segundos, ele nem deve ter se dado conta; mas sua alma fora por ela fotografada. Imagino que os dias que ela passou aqui foram dias de incessante fotografar. É bem possível que ela tenha tirado retratos de todos que lhe atravessavam o caminho. No fim do dia, passava a noite insone enquanto acontecia dentro dela uma espécie de aceleração e reunião de todos os retratos que ela havia tirado ao longo de sua jornada. Até que, desse amontoado, algo se precipita, e ela escreve *Brasília* e *Brasília: esplendor* como se montasse um louco álbum de fotografias de sua viagem e, ao mesmo tempo, extraísse uma gota do óleo essencial de uma cidade que lhe parecera tão enigmática.

Por vezes, pude ler *Brasília* como quem lia um álbum de fotografias. Se você for tentar ler esse texto assim, como se álbum de fotografias ele fosse, então é fundamental não esquecer que Brasília é “o lugar onde o espaço mais se parece com o tempo”. Pois isso dá ensejo a uma sequência fotográfica muito irreverente. Por vezes eu me deparava com fotografias de pessoas e lugares familiares. Mas fiquei absolutamente assombrada com a quantidade de vezes que me deparava com fotografias que me causavam profundo estranhamento. O que significa que, de alguma forma, sim, eu reconhecia Brasília ali, mas, ao mesmo tempo, não, não entendia que Brasília era essa que eu parecia nunca ter visto antes, talvez por tanto tê-la visto sempre pelo mesmo prisma perspectivo. Era como incessantemente ver Brasília pela primeira vez. Era uma espécie de inauguração, tanto minha quanto dela, que acendia em mim o meu espanto adormecido por essa cidade à qual talvez eu estivesse por demais habituada.

Curiosamente, ler *Brasília* foi algo que só pude fazer fora de Brasília; apesar de ter tentado, nunca consegui ler esse texto quando eu morava aqui. Ler *Brasília* foi como me des-habituar a ela, e, ao mesmo tempo, me des-habitar, ou seja, ser lançada fora dela já era também ser lançada fora de mim. Nossa ligação era íntima demais. Que cidade

---

<sup>34</sup>A *hora da Estrela* é atravessado por alguns espelhos. Um deles é esse espelho baço do banheiro do escritório em que Macabéa, atordoada, após ter recebido do chefe Raimundo o seu aviso de demissão, se olha e não se vê: “Pareceu-lhe que o espelho baço e escurecido não refletia imagem alguma. Sumira por acaso a sua existência física?” (Lispector, 1977/2017, p.59).

era essa que eu estava abandonando? Talvez só perdendo uma cidade é que se possa de fato descobrir o que ela é; isso vem pela qualidade do buraco que ela deixa na pessoa. Vou contar a você então sobre a nova Brasília que eu descobri em Clarice.

Acho que é importante começar por essa foto aqui: “Olho para Brasília como olho Roma: Brasília começou com uma simplificação final de ruínas”<sup>35</sup>. Não tenho dúvidas de que, por seu singular método de captura fotográfica, Clarice acessou histórias secretas e nunca antes reveladas dessa cidade. Brasília começou com uma simplificação final de ruínas e é de um “passado esplendoroso que já não existe mais”, uma vez que sua civilização esplêndida desapareceu há milênios. No século IV a.C., Brasília teria sido habitada por homens e mulheres loiros e altíssimos – “que não eram americanos nem suecos e que faiscavam ao sol”.

Então, a grande revelação sobre eles que fez meu coração palpitar: a cegueira. Ela diz: “Eram todos cegos. É por isso que em Brasília não há onde esbarrar”. E muita coisa se iluminou para mim com essa descoberta. Eu pensei: pois não é que é verdade? Em Brasília, você não corre o menor risco de esbarrar com uma pessoa chata na esquina. Sabe por quê? Porque não há esquinas. Já estava tão acostumada com essa ausência que nunca havia me perguntado pela origem dela. Ao que tudo indica, ela veio diretamente de uma antiga cegueira generalizada, a cegueira de uma civilização inteira. Imagine, Freud, uma civilização que, de tão esplêndida, faísca – todos cegos – e só Clarice os viu.

Esses primeiros habitantes de Brasília, os ditos brasiliários, segundo ela, vestiam-se de ouro branco. Essa raça tão nobre teria se extinguido porque quase não nasciam filhos. Veja só, temos aí uma origem infértil de Brasília sendo aos poucos revelada. Parece que, quanto mais belos, mais loiros, mais altos, mais puros e faiscantes: mais cegos e menos filhos (que matemática curiosa). Ela descobriu também que os brasiliários viviam cerca de trezentos anos, pois “*não havia em nome de que morrer*”. Meditei horas sobre essa fotografia. Eles podiam viver cerca de trezentos anos, porque não havia em nome de que morrer. Que vidas plenas, inicialmente eu pensei. Mas plena de quê? E subitamente me pareceram tão plenas de nada.

---

<sup>35</sup> As citações a seguir foram retiradas desses dois textos de Clarice: *Brasília* e *Brasília: esplendor* (Lispector, 2016f, Lispector, 2016g).



Uma hora, me dei conta de que Clarice, com seu louco álbum de fotografias, estava contando uma história outra, a história nãooficial dessa cidade, ou seja, aquela que verdadeiramente me interessa. Parece que, milênios depois da extinção da raça infértil, suas ruínas foram descobertas por “um bando de foragidos que em nenhum outro lugar do mundo seriam recebidos”. “Eles nada tinham a perder”. Segundo Clarice, eles foram chegando e armando suas tendas, acendendo fogo na noite escura e pouco a pouco escavando as areias que soterravam a cidade.

E então, Freud, na linha seguinte, ela descreve essa raça de foragidos: “Esses eram homens e mulheres menores e morenos, de olhos esquivos e inquietos, e que, por serem fugitivos e desesperados, *tinham em nome de que viver e morrer*”. Foi ao lado desse parágrafo que eu registrei: meu avô. Ali estava ele fotografado, e, mesmo estando em meio a outros homens e mulheres, ou talvez justamente porque estava em meio a outros homens e mulheres, eu pude, indubitavelmente, reconhecê-lo. Era exatamente esse o olhar que ele tinha. Parece que ter em nome do que viver determina, num só golpe, ter em nome do que morrer. Sugere-se ser uma só e mesma coisa: sobreviver.

Ela segue: “Eles habitavam as casas em ruínas, multiplicavam-se, constituindo uma raça humana contemplativa”. Arrepiei-me! Seria meu pai ali? Ele chegou aqui tão pequenino, tinha apenas quatro anos. Mas não sei, não dava para ver direito, a composição fotográfica era pouco nítida. Era apenas o dorso de uma criança contemplando a linha do horizonte. Poderia ser ele, mas poderia ser qualquer outra criança. Tive a estranha sensação de que poderia até ser eu, ou minha irmã, por exemplo. Mas como? Clarice poderia ter nos visto antes mesmo de nosso nascimento? Não duvido. Parece que, pela fotografia de alma, ela captura passado, presente e futuro.

Mas o mais importante dessas primeiras fotografias foi o fato de que eu me dei conta de que, pela primeira vez em minha vida, eu reconheci o meu avô em alguma história dessa cidade. Isso me emocionou profundamente. Eu gostaria de dizer à Clarice que tenho algo para completar nosso álbum fotográfico. Clarice! Veja aqui, eu consegui mais uma foto! Veio direto dos meus sonhos. É a foto do meio de transporte que trazia os foragidos desesperados: o pau de arara. Que nome curioso para caminhões. Eles chegavam aqui com a caçamba cheia de carga: homens sedentos por vida nova. Eu sei, eu também acho estranho, caçamba de caminhão não é lugar para transportar gente. Mas eles adaptavam a caçamba com umas tábuas para as pessoas se sentarem meio

empoleiradas (será que por isso chamam de pau de arara?). Por cima, jogavam uma lona para protegeras pessoas do sol. Será que protegia? Não sei. Mas era o que dava para ter. Era assim que eles chegavam: em caravanas. Era uma imensa legião estrangeira. Do Ceará até aqui, quando se tinha sorte, eram sete dias de viagem, atravessando as estradas de terra do sertão. Foi o que meu avô me contou. Veja só, em sete dias dava tempo até de Deus criar um mundo novo, mas parece que Ele quis usar esse tempo para outra coisa. E, já que Deus não criou outro mundo, sobrou para o meu avô tentar inventar algum. Ele veio na frente e só depois mandou vir minha avó com as três crianças de colo. Meu pai era o mais velho. Chegaram aqui do mesmo modo, pelo mesmo meio de transporte. Clarice, você disse que “Brasília é corrida de cavalos”, sim é verdade. Mas Brasília também é pau de arara com a carroceria cheia de nordestinos. E eles têm muita sede. Sede de novo mundo. Oh meu Deus! Pensar que meu avô já chamou Brasília de Eldorado.

Outro retrato crucial; esse aqui fez tudo tremer. Nele estamos eu, minha irmã, meu pai e meus avós: “Como será quem nasce em Brasília quando crescer e virar homem? Porque a cidade é habitada por forasteiros nostálgicos. Os exilados”. Foi esse substantivo aqui – *exilados* – o epicentro de um pequeno terremoto de palavras e memórias, ele fez tudo tremer e se mover em busca de um novo lugar. É que eu nunca tinha pensado a coisa nesses termos de exílio. Isso fez toda a diferença. Clarice me estendeu a mão com a palma aberta como quem oferece um nome ao que nunca, até então, pudera ser nomeado. Era disso que se tratava, eu só não sabia? Eu achava que esse nome – *exílio* – era destinado apenas aos perseguidos políticos de uma nação que são obrigados a se refugiar em outra. Onde foi que eu aprendi isso? Quem foi que disse que retirantes nordestinos não são também os expatriados políticos desse país? Mesmo dentro, eles estão, de alguma forma, presos do lado de fora da pátria. Quantos países diferentes existem dentro de um Brasil? Agora me dou conta de que há paus de arara e paus de arara. Os dois terríveis, cada um a sua maneira.

Reconhecer-me ali, ao lado de minha família, nessa fotografia, foi como, desde dentro, ver-me de fora e, ao mesmo tempo, desde fora, ver-me de dentro: desconheci-me. Eu era algo outro, nós éramos algo outro, Brasília era algo outro, e não sabíamos. Talvez Clarice tenha oferecido um nome a uma confusa sensação de deslocamento e não pertencimento que eu sempre tive em relação a Brasília – a sensação de ter nascido na cidade errada. Ao que parece, o nome de minha cidade era exílio. E eu não sabia.

Essa foto me fez revirar todas as poucas informações que eu tinha sobre essa história que agora recebera nome: a história do exílio de minha família paterna. Precisei tentar contá-la para mim mesma. Haja pesquisa, haja sonhos, haja páginas de diário. Afinal, do que fomos exilados ao sermos exilados em Brasília? Fomos trancados do lado de fora do quê?

Foi assim que cheguei àquele outro mundo perdido, outro país, outro lugar: Macaraú. O lado de dentro que eu nunca conheci? Cidade do sertão do Ceará onde meus avós tinham um pedaço de chão e de onde foram obrigados a se retirar. A princípio, para mim, Macaraú não tinha nem nome, ou melhor, Macaraú era um nome de que eu nunca me lembrava. É que, desde que eles saíram de lá, nunca voltaram. Por isso nunca em minha vida passei férias em Macaraú. Apesar de todos os anos ir para o Nordeste, nunca fui ao Ceará. Tenho a leve sensação de que meu pai, sem nem perceber, sem nem se lembrar, passou a vida fugindo de lá. E me pergunto se essa fuga sem consciência e sem memória, de alguma forma, não se transmitiu a mim também. Quando eu pergunto o que é Macaraú para ele, ele me responde: “Eu não sei. Eu não me lembro de nada, não ficou nada. É só um apagão”.

Macaraú é só um “apagão”. O que seria isso – um apagão? É a escuridão? A ausência absoluta de luz elétrica? Ou é aquilo que foi, que ocupou espaço na memória, mas então uma imensa borracha foi passada, apagando tudo, deixando apenas o espaço vazio do que um dia havia sido? Para mim, Macaraú é terra que mal tinha nome, é uma espécie de estranha ausência, talvez algo próximo de um buraco. Um confuso pedaço de chão mal localizado entre realidade e irreabilidade.

De alguma forma, acho que eu a situava como uma cidade que, um dia, fora amaldiçoada por uma bruxa má. Ela jogou praga forte e disse: “tudo aqui vai secar. Vai ficar tudo seco, seco, seco (som de gargalhada sórdida no ar). Primeiro tudo vai rachar e depois vai evaporar”. De modo que sempre achei que meus avós tiveram muita sorte por terem conseguido fugir de lá logo antes que a cidade se tornasse puro pó. Demorassem mais um pouco, o que aconteceria? Evaporariam eles também? Ou sumiria apenas o chão, e eles despencariam fora do mundo? E aí eu ia nascer onde? No espaço sideral? E lá tem livro para gente ler? Ou será que minha vida ia ser só girar, girar como satélite em volta de algum planeta desconhecido?

Talvez também para mim Macaraú sempre tenha sido um apagão. Uma espécie confusa de perda, de perda não declarada por pura ausência de nome? De perda acontecida antes mesmo de meu nascimento. Que segue existindo em puro apagamento? A perda antes do eu. Será que é isso nascer no exílio? Saber que se perdeu. Sem saber o que se perdeu. Uma passagem da qual se apagaram os rastros? Uma escrita sobre a qual foi passada uma borracha? Um chão que se tornou pó, deixando apenas a fenda? Mas então parece que, do apagão, fica o buraco sobre o papel. O buraco de palavras e nomes desaparecidos.

Seria Macaraú o chão impossível? No instante em que eles saíram de lá, Macaraú deixou de existir? Deixou de ser chão que se pisa e se tornou chão que se apaga? Deixou de existir no espaço e passou a existir apenas no tempo? Apenas no passado de meu avô? Lugar para onde só ele conseguia voltar. Sozinho. Quando mergulhava em suas memórias. E o que de Macaraú nos alcançou no novo destino? O que nos alcançou em Brasília? Vejo aqui mais uma fotografia muito importante e estranha:

Em Brasília não há por onde entrar nem por onde sair. – Mamãe, está bonito ver você em pé com esse capote branco voando. (É que morri, meu filho). – Uma prisão ao ar livre. De qualquer modo não haveria para onde fugir. Pois quem foge iria provavelmente para Brasília. – Prenderam-me na liberdade. Mas liberdade é só o que se conquista. Quando me dão, estão me mandando ser livre.

Essa foto é tão enigmática quanto fantasmagórica para mim. Olhar para ela sempre me assusta e me confronta com algo que não sei bem dizer ainda. Essa fotografia parece sugerir que estar preso na liberdade é um paradoxo tão possível quanto vivível, algo do mundo dos adultos que uma criança é capaz de reconhecer e apontar: é algo de morte e imobilidade em que uma única coisa se move – o capote branco voando no ar. E se essa mulher presa na liberdade for eu? É aí que mora todo meu pavor. Como é então que eu conquisto, de fato, minha liberdade?

Essa fantasmagoria me faz pensar no quanto algo da fuga compulsória da terra seca que os expulsou à revelia deles, parece capaz de irremediavelmente ir se inscrever no novo destino. Mesmo que através da pura ausência de nome, mesmo que através do apagão. O novo endereço parece condenado a sempre conservar algo da necessidade de fuga do destino anterior. O novo destino não é livre do destino que o precedeu, pois tem nele sua apagada origem e é por ele marcado. Afinal, foi a ameaça de desaparecimento da própria terra que os colocou em movimento, e algo desse impulso a se mover resta

inscrito e marcado, nem que seja no apagão. Há o que se conserva aí, mesmo que à revelia deles. Onde estará a liberdade para aqueles que são obrigados a empreender uma fuga em nome da sobrevivência? Ter para onde voltar nunca foi uma opção que existisse na realidade de meus avós. Existia apenas nos sonhos e na saudade, que meu avô sentia muita. E parecia sentir sozinho.

Não ter a opção de retornar parece transformar o suportar ficar em única opção possível a viver. Uma vez que a terra natal, para eles, não era exatamente sinônimo de própria terra, mas de própria perda e que, por ser própria, encontra seus limites na partilha. Isso me remete a uma espécie de diálogo/silêncio que eu vi acontecer de diferentes maneiras e formas, mas que seguia uma espécie de único roteiro. Entre meu avô e minha avó, ele sempre foi o “sonhador”, e ela a “realista”. E era assim que eles pareciam nunca se encontrar, nunca compartilhar ou ter compartilhado o mesmo chão, ainda que sob o mesmo teto. Eu tinha a estranha sensação de que eles não poderiam ter vindo do mesmo lugar ou de que, ao deixarem Macaraú, eles, definitivamente, não tinham perdido a mesma coisa. Sempre que meu avô demonstrava qualquer mínima pontinha de saudosismo e nostalgia pela terra natal, qualquer mínima vontade de um dia voltar para lá, ele era secamente interrompido em seus sonhos diurnos pelas palavras ásperas de minha avó. Que ele ousasse cogitar tal hipótese parecia doer nela como uma grave ofensa. Era sem hesitar que ela lhe replicava secamente: “Voltar para quê? Não tem mais ninguém lá, não ficou ninguém *naquele lugar*”. Ela transformava a cidade de meu avô *naquele lugar*. Qual? Talvez o lugar que não pode ser mencionado. O lugar a ser esquecido. Ao ouvir isso, ele, invariavelmente, murchava seco. Tornava-se ele o ofendido. As palavras dela entravam-lhe pelos ouvidos, mas visivelmente lhe perfuravam fundo o peito. Como quem tenta reter algum ar num balão furado, ele suspirava profundamente, fechava os olhos e abaixava a cabeça. E então? Silêncio. Mais nada.

A partir daí eu imaginava não uma cidade evaporada e desaparecida no ar, mas uma cidade absolutamente deserta – “não ficou ninguém lá”. Eu via uma praça quadrada, ao fundo uma pequena igreja com uma cruz de madeira ressecada presa a sua fachada. Ao redor, algumas poucas casas. Todas vazias, ou melhor, habitadas por nada além de um bafo quente. Aí eu via um redemoinho de poeira atravessando a praça e desaparecendo lá no fim da rua. Fora isso, mais nada se movia nem respirava. Eram secas ruínas abandonadas. Eu sentia que minha avó tinha suas razões para dizer o que

dizia. Afinal, quem poderia suportar habitar tais ruínas? Mas o inabitável nunca pareceu assustar meu avô. Afinal, ele acreditou numa cidade que nasceu de uma “simplificação final de ruínas”; se ele não tivesse tido essa coragem, provavelmente não teríamos chegado a Brasília. Então eu me dividia em achar que ele, assim como ela, também tinha suas razões.

Não havia saída para esse impasse. Para ela, que ele cogitasse sentir saudades daquele lugar, era um delírio, uma espécie de ofensa à realidade. Para ele, dolorido era ela ser incapaz de demonstrar alguma saudade por Macaraú; isso parecia uma ofensa ao passado e à memória. O chão em perda parecia tê-los exilado, cada um de um lado do buraco/precipício. Como se ela fosse obrigada a transformar Macaraú *naquele lugar* ao qual ela precisava dar as costas, dar as costas para a cratera que seguia sempre em seu encaço, obrigada a fugir sem olhar para trás para suportar seguir em frente. E tudo que ela tentava esquecer parecia se fazer vivo em dobro para ele. O buraco que ela tentava deixar para trás talvez se presentificasse bem na frente dele. Como se ele alucinasse diante de si a cidade inexistente, sua Macaraú, que lhe era imposto esquecer. Como se houvesse sempre o risco de que ele desse o passo em falso. Eu tinha constantemente a estranha sensação de que ela era obrigada a lançar mão de duras palavras para evitar que ele desse o tal passo que, de alguma forma, parecia sempre iminente. O passo de quem julga estar entrando no paraíso perdido e então descobre, já na queda, que tudo não passou de uma ilusão. Como, no meio de um deserto, alucinar um oásis e nele se lançar sem hesitação.

Algo do exílio me faz pensar num sopro num dente de leão. Aquela delicada plantinha rasteira. Com o sopro, seus dentes finos e frágeis voam longe, se dispersam com o vento. Mesmo os que caem próximos uns dos outros já caem separados. Talvez nada mais possa uni-los. Mas, quem sabe, ao cair na terra, eles possam dar origem a novos frutos.

Aqui, só mais uma foto para o meu álbum de família: “Que mais? é que não se sabe o que fazer em Brasília. Só fazem os que trabalham *danadamente*, os que danadamente fazem filhos e danadamente se reúnem em jantares de grandes delicadezas”. Graças a Deus Clarice reconhece os lugares onde habitam as delicadezas da vida. Essa foto aqui me conduziu a uma séria pergunta: Meu avô é morto, e o que é que fica? O que é que eu herdo? Fiquei pensando que, já que Macabéa herdou do sertão

de Alagoas um adjetivo – raquítica –, poderia eu herdar do sertão do Ceará um advérbio? Um advérbio capaz de transformar o meu verbo *viver*? Justamente esse aqui da foto: *danadamente*.

Freud, eu não sei se você percebe o quão radical é isso que se passou aqui. Sinto que, em Clarice, encontrei algo que, por circunstâncias da vida, essa minha família nunca teve: um álbum de fotografias. De alguma forma, todas essas fotos parecem gravitar em torno deste nome-chave: *exílio*. O que nunca antes pôde ter sido assim nomeado, provavelmente, pelas mesmas ditas circunstâncias da vida que nos privou também das fotografias. Em *clicks* de palavras, ela registrou nesses textos nossas fotografias não tiradas. Que delicadeza da parte dela.

Afinal, como é que se fotografa o chão em perda? Como seria possível fazer isso, senão com palavras? Como não pensar que foi justamente o exílio que me abriu para elas? Entretanto, me parece que também estas – as palavras – são insuficientes e jamais – jamais – podem recobrir por completo uma ausência-buraco, um apagão. Por não ser possível nunca dizer o que é apagão é que se volta a ele e se tenta dizê-lo mais uma vez. Porque a palavra nunca alcança, é preciso, danadamente, insistir e retornar. Talvez seja essa toda a graça do indizível.

#### **4. EU PODERIA TER NASCIDO MACABÉA**

Acho que não é só a mim que os buracos interrogam. É pelo buraco que agora eu retorno a Macabéa<sup>36</sup>. É sempre num pulo que vou de Macaraú a Macabéa. Eu me lembro do dia em que ela perguntou a Olímpico: “Você sabe se a gente pode comprar um buraco?”. Uma boa pergunta. Afinal, o que é possível fazer com um buraco? Se eu pagar, ele se torna minha propriedade? Eu imagino que também a moça era cercada de buracos por todos os lados, naquela cidade toda erguida contra ela. Uma exilada, não em Brasília, mas no Rio de Janeiro. Se o sertão de nascimento dela não fosse alguma cidade de Alagoas, mas sim do Ceará, essa moça poderia ter nascido parente minha; tenho vários que não conheço, dispersos pelo Brasil afora. Muito antes de me descobrir exilada, eu já farejava Macabéa. Algo já nos unia. Talvez uma distância fina. Talvez uma ausência de nome. Foi pela história dela que entendi que nome é coisa muito complexa.

---

<sup>36</sup> Todas as citações seguintes são retiradas d’ *A hora da estrela* (Lispector, 1977/2017).

Sua história mesma mal sabe exatamente quantos nomes tem. São treze ou talvez quatorze títulos. O leitor pode se aventurar a ler tal história treze ou quatorze vezes, uma para cada nome, como quem adentra um labirinto com treze ou quatorze entradas diferentes. Difícil mesmo é encontrar a saída (será que se encontra?). É impressionante como a história muda e pode até se tornar incrivelmente outra se você a lê a partir da entrada:

*A culpa é minha* ou *A hora da estrela*;  
*Eu não posso fazer nada* ou *Registro dos fatos antecedentes*;  
*Ela que se arranje* ou *Uma sensação de perda*;  
*Direito ao grito* ou *Ela não sabe gritar*;  
*Quanto ao futuro* ou *Lamento de um blue*;  
*Assovio no vento escuro* ou *História lacrimogênica de cordel*;  
*Clarice Lispector* ou *Saída discreta pela porta dos fundos*.

Entretanto, eu julgo ter encontrado o centro do labirinto. O ponto a partir do qual todos os caminhos e perdições irradiam. Ou melhor, talvez eu tenha encontrado não o centro do labirinto, mas sim os pulmões desse texto: o lugar onde se realizam as trocas gasosas, o que mantém esse texto vivo e respirando, o ponto de onde vêm a força e o fôlego que conta essa história.

Não há momento em que mais precisamos de fôlego do que quando temos medo. Já percebeu isso, Freud? É só de lá, do grande medo, que pode vir a coragem verdadeira, a que realmente deveria nos interessar. É de lá que vem toda necessidade e urgência de que essa história se conte e ganhe corpo, nem que seja um corpo fino como o da moça. E o grande medo não se entrega assim facilmente, como tampouco expõe os próprios pulmões e seus alvéolos. Para isso, existem parênteses e caixas torácicas. Para as secretas confissões de pavor:

“(Quando penso que eu poderia ter nascido ela – e por que não? – estremeço. E parece-me covarde fuga de eu não ser, sinto culpa como disse num dos títulos)”.

Reconheci ali, dentro desse parêntese, o meu grande medo secreto confessado pela boca dele, de Rodrigo SM. Não é todo dia que você se depara com essa força da confissão. Isso me fez pensar que talvez eu não fosse a única a temer o risco de poder ter nascido ela. Também me fez pensar que talvez não tenha sido outra força senão o impulso que o medo nos dá que me fez ler a história de Macabéa treze ou quatorze vezes seguidas, como quem reza um rosário; eu estremecida na base pelo susto puro. Eu



poderia ter nascido Macabéa. Não tivesse meu avô subido naquele pau de arara – eu poderia ter nascido ela. Foi por um triz.

Até que, um dia, eu sei lá como, a ficha caiu. Não era o pau de arara que me separava de Macabéa. Que inocência a minha só conseguir ver as coisas por essa minha própria ótica tão estreita. A queda (minha e da ficha) talvez tenha acontecido quando finalmente li, pela primeira vez, esse outro trecho aqui: “ela era um acaso. Um feto jogado na lata de lixo embrulhado em um jornal. Há milhares como ela? Sim, e que são apenas um acaso. Pensando bem: quem não é um acaso na vida?”. Isso foi uma revelação. Quando foi que eu achei que eu não era um acaso na vida? Foi aí que eu entendi: o que me separava de ter nascido Macabéa era nada mais, nada menos do que um lance de dados do destino, ou do que o “gira girar da pequena roda que circula sorte e azar” e que não deixa de ser, ao mesmo tempo, a “gigante roleta do medo”<sup>37</sup>. Era esse, e sempre havia sido esse, o triz que me separava de ter nascido ela: o puro acaso.

O ponto é que “viver é dramático, mas não há escapatória. Nasce-se”<sup>38</sup>. Primeiro se nasce, depois se descobre onde isso aconteceu. Nascer é um acaso. Talvez o maior de todos. E por que é que eu acho que se eu tivesse nascido ela eu me desesperaria e não saberia o que fazer com tanta miséria? À Macabéa recusam tudo – tudo – até mesmo um mero olhar. O que faz dela um ser praticamente invisível ou inexistente: “A pessoa de quem vou falar é tão tola que às vezes sorri para os outros na rua. Ninguém lhe responde o sorriso porque nem ao menos a olham”. E o que ela fez para merecer tanta recusa? Parece que bastou nascer. E ao nascer tornou-se o ponto para onde converge toda a miséria do mundo? É para tentar não nos lembrarmos dessa verdade – eu poderia ter nascido ela – que não olhamos para ela na rua? E não olhar ou não lembrar faz uma verdade deixar de existir? “Era supersônica de vida. Ninguém percebia que ela ultrapassava com sua existência a barreira do som. Para as outras pessoas ela não existia”.

Então *A culpa é minha* se eu não nasci ela? A solução seria eu ter nascido ela para libertá-la da miséria dos outros? Se me ofereço em sacrifício, eu a salvo? Mas quem me salva desse destino funesto? Se eu não nasci ela, então sorte a minha, eu me

<sup>37</sup> Referência ao poema RIO DE JANEIRO – LISBOA, de Matilde Campilho (2019, pp. 16, 17): “no outro dia/a cidade se aborrece/desdignificada pela/gigante roleta/que se chama medo”; ainda: “temendo o gira girar/da peque roda/que circula sorte e azar”.

<sup>38</sup> Lispector, 2016f.

livrei, e *Ela que se arranje*? E se eu tivesse nascido ela e todos dissessem o mesmo para mim? Se eu tivesse nascido ela, como eu me arranjaría se *Ela não sabe gritar*? Socorro! Como é que se resolve problema de nascimento?

Porque eu me sinto culpada por não ter nascido ela, e porque quero me livrar de minha culpa de nascimento, eu dou à moça toda a minha piedade. Oh, coitadinha: “Mas, Macabeazinha, que vida horrível a sua! Que meu amigo Jesus tenha dó de você, filhinha!”. Ah, a piedade! Meditei longamente sobre ela. A piedade é uma cobra ardilosa que a gente aninha no peito. Quando menos se espera, ela dá seu bote. Eu achava que a piedade era irmã da bondade, mas qual não foi a minha surpresa ao descobrir que, na verdade, ela é só a irmã soberba da culpa. Aquela que olha para o mundo do alto de sua pretensa sorte e diz, cheia de caridade: “coitadinho desse pobre ser humano que precisa tanto de salvação. Vou salvá-la, vou dar a ela umas moedinhas para que ela compre o seu cachorro-quente e sua coca-cola do dia”.

A piedade é só uma forma de deixar morrer. Bem lentamente. Alimentando com comida barata e nociva. A piedade é o que de mais pobre podemos oferecer ao outro. É nossa grande miséria, aquela que nos faz sentir grande, rico e sortudo diante do outro pobre coitado. Como afirma Hélène Cixous<sup>39</sup>: a piedade é deformante. Como ela também sugere: onde há piedade pelo outro, já não há mais respeito.

A piedade é também absolutamente assimétrica. Afinal, ela é o que esperamos de Deus. Talvez por isso, em *Brasília*, Clarice diga que: “Nós somos todos deformados pela adaptação à liberdade de Deus”. Quando a piedade entra em cena, dois polos automaticamente se definem: um pobre coitado absolutamente impotente, cuja salvação depende do outro, que, por isso mesmo, torna-se o todo poderoso salvador.

A covarde fuga talvez seja uma vez diante de Macabéa fazer a escolha pelo caminho culposo – *A culpa é minha*. Já que, enquanto eu sofro, meu vão remorso de nascimento nada muda, e a moça segue dormindo com fome toda noite. A covarde fuga não está no fato de que eu não nasci ela, mas na crença de que a salvação da moça passaria por mim, seria eu ter nascido ela. Como o mal já está feito, e eu não nasci ela, minha culpa aqui não serve para nada. Se eu tiver a coragem de tirar a minha culpa da frente dela: o que acontece? Será que finalmente eu vejo a moça? Parece que isso é coisa que só consegue quem tem alguma riqueza. Riqueza de espírito, eu diria:

---

<sup>39</sup> Cixous, 1989, p.130.

(Se o leitor possui alguma riqueza e vida bem acomodada, sairá de si para ver como é às vezes o outro. Se é pobre, não estará me lendo porque ler-me é supérfluo para quem tem uma leve fome permanente. Faço aqui o papel de vossa válvula de escape e da vida massacrante da média burguesia. Bem sei que é assustador sair de si mesmo, mas tudo que é novo assusta. Embora a moça anônima da história seja tão antiga que podia ser uma figura bíblica. Ela era subterrânea e nunca tinha tido floração. Minto: ela era capim).

Sair de si para ver como é o outro. Nem que seja às vezes. Parece que só assim é que se pode finalmente ver a moça. Mas como chegamos lá? Ser capaz de ver Macabéa talvez tenha algo a ver com descer de si para olhar o capim no chão. Parece que descer nos pede coragem, porque tudo que é novo e desconhecido assusta.

O conhecido é confortável, mas o confortável pode ser muito perigoso. Quem não conhece a história de Narciso? Aquele que se apaixonou pela própria imagem e que, de tanta paixão por si, acabou como: morto. Mortinho dentro do seu confortinho. O mundo inteiro se reduziu ao seu espelho. Quando o mundo de alguém fica tão confortável e tão pobre assim, qualquer um sucumbe. Então me lembro daquela frase – “mas afinal é preciso começar a amar, para não adoecer”<sup>40</sup>. Não é para salvar a moça que eu preciso olhar e conseguir vê-la. É para salvar a mim mesma de minha morte por sufocamento no meu confortável mundo reduzido a um eu que preciso olhar a moça e conseguir vê-la. Não esquecer o apontamento de que é através do amor – é preciso começar a amar – que são ultrapassadas as fronteiras narcísicas e seus muros especulares aprisionantes.

Mas como amar Macabéa? Como amar o que ninguém olha, quer olhar ou saber, o que ninguém gostaria de ter nascido, o que ninguém quer ser? Parece que isso nem Freud explica. Porque, se, realmente, a escolha do objeto amado só pode acontecer por dois caminhos, como ele sugere<sup>41</sup>, conforme o tipo narcísico de escolha ou conforme o tipo de apoio, então parece que através de nenhum desses caminhos é possível chegar até a moça.

Se, pela via da escolha narcísica do objeto, a pessoa escolhe o que ela mesma é, foi ou gostaria de ser, quem escolheria Macabéa? Ou, se pela via da escolha do tipo de apoio, a pessoa pode amar sua mulher nutriz ou o seu homem protetor. Isso quer dizer, amar quem primeiro me amou, quem primeiro se ocupou de satisfazer minhas necessidades, me apoiou, me sustentou, me colocou no centro do mundo, me elevou ao

---

<sup>40</sup> Freud, 1914/2010, p.29.

<sup>41</sup> Freud, 1914/2010, p. 36.

trono – *His Majestythe Baby*. Então quem escolheria amar Macabéa? Como amar o que teve o imenso azar de nascer nãoeu? Como amar o capim, que só posso ver se der o passo de descer do trono? Como amar o que me destrona e me descentra no mundo? Impasse.

Posso contar a saída encontrada por Rodrigo SM (na verdade Clarice Lispector): amar sem piedade. Como bem se sabe, só ele ama Macabéa e, por isso, conta sua história, não por piedade, mas justamente para não sufocar: “Bem, é verdade que também eu não tenho piedade do meu personagem principal, a nordestina: é um relato que desejo frio”. É por razões de impiedade que, segundo ele, a história de Macabéa não poderia ser contada por uma escritora mulher: “lacrimejaria piegas. E essas são as lágrimas que não interessam a um escritor, porque não comovem e não tocam ninguém.

Como é difícil escapar da compulsão irresistível a ter dó. A piedade é uma armadilha. Preste bem atenção. Quantas vezes voltei a esse texto, por entradas diferentes, decidida a não sentir pena de Macabéa? Entrava pela porta *Eu não posso fazer nada* e, quando me dava conta, lá estava eu, oferecendo à moça a minha piedade, porque ela tem cheiro morrinhento e ninguém a avisa. Então, eu recomeçava por uma nova porta – *Quanto ao futuro* –, mas, a todo tempo, ela está prestes a perder o emprego de datilógrafa, pois sempre erra as palavras e suja o papel. E novamente eu morria de dó, enquanto ela, antes de dormir, mastigava papel velho bem mastigadinho para enganar a dor de fome no estômago. Quantas vezes eu insisti em entrar por *Ela que se arranje*, convencida de que assim não mais sentiria pena de Macabéa? Nunca funcionou. Eu já estava quase desistindo quando a boa entrada se iluminou: *Saída discreta pela porta dos fundos*. Foram os olhos de HélèneCixous<sup>42</sup> que me apontaram a essa direção. Sempre passei despercebida por essa porta; como estava escrito “saída”, nunca cogitei que pudesse ser uma entrada.

*Saída discreta pela porta dos fundos* é a saída que Narciso não conhece. Essa porta ele não usa. Na verdade, ele nem encontra, porque, para ele, essa porta nem existe. Quem nasceu para ser alguém como Narciso não usa a porta dos fundos, tampouco usa o elevador de serviço. Só quem é um acaso pode descobrir onde fica a tal porta. Só quem suporta não ser alguém encontra a chave para abri-la e desmontar, nem que seja por um instante, a armadilha narcísico-piedosa. Esse instante não dura quase nada.

---

<sup>42</sup> Cixous, 1989, p. 142.

O narcisismo é a armadilha incontornável que faz do mundo um lugar compreensível e confortável ao transformá-lo numa extensão, num espelho de mim. Através dele, eu olho e não vejo a moça. Passo por ela todo dia na rua e não a vejo. Parece que a saída discreta pela porta dos fundos é o que me permite sair de mim para ver como é outro. Algo mágico: reconhecer o que não é eu, o que não é espelho. O mundo. E então eu me espanto ao perceber que eu e ela não somos tão diferentes quanto eu, dentro do meu mundinho especular, me fazia acreditar.

Se bastasse olhar para ver, reconhecer seria muito simples, e Rodrigo SM não precisaria se entregar ao trabalho de produzir essa narrativa que mexe com coisa tão delicada – “a criação de uma pessoa inteira” –, que está tão viva e respira, respira tanto quanto você que a lê: “Cuidai dela porque meu poder é só mostrá-la para que vós a reconheçais na rua, andando de leve por causa da esvoaçada magreza”. Para conseguir escrever essa história, ele precisou andar nu ou aos farrapos, precisou sentir o inosso do mundo, precisou ter a coragem de “abandonar sentimentos antigos já confortáveis”. Para captar a alma da moça, ele precisou se domar, trancar-se num cubículo, não entrar em contato com ninguém, abster-se de sexo e de futebol.

Está vendo o trabalho que reconhecer pode dar? Sim. Reconhecimento é um trabalho. Reconhecer é o trabalho que se realiza pela porta dos fundos. Como propõe Hélène Cixous, reconhecer é trabalho de deslocamento e distanciamento de si na tentativa de aproximar-se do outro. É o trabalho de buscar a distância – mais respeitosa – que não aprisione o outro num espelho de mim. Trabalho de descobrir a distância que permita que o outro permaneça estranho e estrangeiro: “Às vezes é preciso ir muito longe. Às vezes a boa distância está no extremo afastamento. Às vezes é na extrema proximidade que ela respira”. Isso me exige suportar não estar confortavelmente instalado no centro de meu mundo, já que a “boa distância” é aquela obtida à custa de um trabalho lento e árduo de “des-eu-ização”<sup>43</sup>.

Algo como trabalhar para des-ser-eu, descer-eu do trono (*His Majesty the Baby*), trabalho de deixar de sereu, des-eu, de deixar de ser deus. Trabalho para abandonar a crença de que a salvação vem do outro para mim ou vai de mim para o outro. Trabalho para aceitar que a única salvação possível é aquela que eu conquisto, salvando-me, a cada vez, de minhas próprias armadilhas narcísico-piedosas, que rapidamente se

---

<sup>43</sup> Cixous, 1989, p.142.

remontam. Ser menos eu é uma dessas perdas que pode valer por um ganho e que ainda vai salvar o mundo.

Parece que é preciso aproximar-me do outro como quem se aproxima de coisa muito delicada, como o ovo. Aproximar-me tomando o maior cuidado para não “derramar o seu silêncio” e para não entendê-lo. Pois “Entender é a prova do erro. Entendê-lo não é o modo de vê-lo”<sup>44</sup>. E se o outro ou o ovo for a barata? For aquilo de que “eu morro” de nojo? Não por menos, Hélène Cixous<sup>45</sup> retoma a aproximação entre G.H. e a barata quando fala de Macabéa, sugerindo que, em *A hora da estrela*, Macabéa está para o leitor, assim como a barata está para G.H. em *A paixão segundo G.H.* Segundo ela, toda obra de Clarice seria uma preciosa reflexão que sempre busca tensionar os limites do amor ao que é outro, sempre busca colocar o amor à prova. Como amar a barata? Como amar Macabéa?

Nessa busca por aproximação do que me suscita nojo, o vômito também pode ser uma prova do erro. É isso de que nos lembra a autora, mencionando o vômito na aproximação de G.H. em relação à barata que sai do armário do quarto vazio da empregada. Segundo ela, não é caso de tentar dominar o próprio nojo em nome da aproximação. Ao que parece, há saber no vômito; ele indica que o nojo venceu, que algum passo não foi bem dado. Então seria o caso de dar a volta, talvez a volta no mundo, para entrar mais uma vez pela porta dos fundos e recomeçar o passo a passo do trabalho de “des-eu-ização”, de aproximação, de reconhecimento.

Amor sem piedade parece ser o amor capaz de desarmar brevemente a armadilha narcísica, uma espécie de amor despersonalizado. Por isso, a impiedade que vale para a moça precisa valer para mim. Então o eu se torna o próprio laboratório da busca por esse novo amor. Só se pode amar Macabéa sem piedade quando se é capaz de prescindir de demandar piedade para si. Quando eu puder me amar sem piedade, quando puder abrir mão do que lacrimeja piegas, então talvez seja possível amar a moça.

Amar sem piedade é algo que não parece ser possível sem o trabalho do abandono e da desistência. É algo que pede suportar ter as mãos vazias de compreensões. Pede outro uso do espelho. Pede desistir, pede soltar-me dos elevados ideais do que é amor, do que é ser humano, do que é o eu. Pede coragem de entregar-me

---

<sup>44</sup> Lispector, 2016b.

<sup>45</sup> Cixous, 1989, p.156.

à queda de mim. Abrir o peito para o desconhecido, o novo, o desconfortável. Então, o mundo, velho mundo, se abre em novas existências. O que sempre esteve lá, sempre olhei e nunca vi, finalmente corro o risco de reconhecer.

Para Macabéa, isso chegou tarde demais. É só no instante em que ela cumpre seu destino de barata a ser esmagada, só quando vira um corpo estendido no chão depois de ser atropelada por um carro de luxo, “enorme como um transatlântico”, só quando quase já não está mais ali é que as pessoas que passam na rua a espiam, e dessa forma “lhe dão alguma existência”. É essa a sua hora. A hora da estrela: “na hora da morte a pessoa se torna brilhante estrela de cinema, é o instante de glória de cada um”.

Mas Macabéa morreu de muitas outras mortes antes disso. Ela morre um pouquinho a cada vez que lhe recusamos o olhar e o sorriso. Recusar o meu olhar a Macabéa não é o que vai me matar. É o que já está me matando. É o que vai sufocar todos nós. Reconhecer Macabéa é questão de sobrevivência minha e dela. É para não sufocarmos que a verdade desse parêntese – (eu poderia ter nascido ela) – precisa ser mantida oxigenada. Ou ela respira, ou nós morremos.

P.S.: Alô, alô! Freud? Você está aí? Caiu? Alô? Será que não era para você que eu escrevia durante esse tempo todo? O que faço agora? Ainda há palavras aqui, há algo pedindo passagem e saída.

*pousa*

---



)escrever como quem constrói um labirinto | um amontoado de pedras entre as quais as palavras giram | móveis figurantes| carne dolorida | escrever | escrever como quem constrói o próprio chão no qual se pisa | árvores de um lado | gavetas do outro | a luminescência de alguns peixes e as grandes mariposas da memória | escrever | escrever | escrever como quem desenha a pena e tinta uma rota de fuga | uma rota de navegação | a trajetória de um planeta desconhecido | um anel | um brinco | e ainda aqueles animais fantásticos saindo da garganta da terra | aqueles de letras sibilantes | outros de cascos dançarinos | uns de chifres abrasadores | escrever| escrever | escrever | escrever como quem se arrisca | as pontas dos dedos flamejantes | a dura semente que explode em verde tenro e vivo e sangrante| como o desenho de um corpo amado | os olhos abertos | os olhos fechados | escrever | escrever | escrever | escrever | escrever como quem desatina | um outro ciclo | uma outra lua | uma outra língua | e voltar para o mesmo sempre início | precipício | escrever como quem constrói um labirinto (

Micheline Verunsch

## 5. O bom filho a casa entorna

Minha cara Brasília,

Será que você é mesmo minha cara? Será que eu sou a sua? Fico na dúvida. É que andei vendo uns álbuns de fotografia: “Brasília é magra. É toda elegante. Usa peruca e cílios postiços”; “Brasília usa piteira com brilhantes”<sup>46</sup>. De toda forma, estou aqui para contar que voltei. Toc-toc-toc. Posso entrar?

Ah, Brasília! Como foi bom passar um tempo fora. Não imaginava que seria tão. Acho que foi tão que eu não queria voltar. Oi? Você quer saber por que eu não mandei carta enquanto estava fora? Nem um cartão postal? Eu não sei, acho que tive meus motivos. E talvez também porque eu estava com medo de você, Brasília. Acredita nisso? Que besteira, né? Medo de quê? Por muito tempo, era apenas medo, não sabia nem explicar. Agora eu me olho de longe e vejo como a vida dá voltas: antes de partir, eu temia tanto deixar você, Brasília. Eu fui morrendo de medo de chegar lá e me sentir sozinha, triste, perdida e sem lugar numa cidade onde não falam a minha língua. Era medo de me sentir um peixe fora d’água.

Além disso, um receio imenso de me perder. Meu Deus, que loucura, Brasília! Você não imagina como são os endereços por lá. As ruas têm nome! Acredita? E os endereços são combinações de nomes e números. Nada SQN, SGAS, SHN. Não. Nada disso. Como é que eu fazia para achar? Eu me perdia! Era isso o tempo todo, vivia me perdendo.

E, no meio do caminho, havia um detalhe que fez toda a construção prévia desabar. Um pequeno detalhe, absolutamente imprevisto, com o qual eu não contava. Eu fui morrendo de medo de me perder, mas lá eu descobri que: me perder era bom e eu gostava.

Lá, o desconhecido me aguardava em cada esquina. Tudo era absolutamente novo. Eu tinha medo e eu amava. Eu nadava nas novas águas e não me afogava. Na verdade, eu me dei conta, eu ia bebendo aquela nova cidade golinho por golinho. Descobri uma sede em mim que eu nem sabia existir. Era uma sede pura pelo

---

<sup>46</sup> Todas as citações desse trecho do trabalho foram retiradas de *Brasília e Brasília: esplendor* (Lispector, 2016f, 2016g). Serão indicadas em nota de rodapé apenas aquelas provenientes de outros locais.

desconhecido, que vai regando a boca e revelando-a viva. Eu tinha medo até de ir à padaria e não ter língua para pedir o pão. Eu tinha medo e eu gostava desse gosto que ele ia adicionando à vida. Era como se o medo acrescentasse qualquer coisa enigmática, uma letra, um “a” à vida, e então eu ia ávida.

Quando me dei conta de que, mais hora, menos hora, eu precisaria voltar: chorei. Não podia aceitar que tudo isso me fosse tirado assim. E minha sede? O que eu faria com ela? Lá mesmo, passei a ter medo de voltar para cá. Eu temia chegar aqui e murchar triste feito passarinho preso na gaiola. Ah, Brasília. Eu pensava que eu era peixe, mas parece que não sou não. Acho que passarinho que nunca voou tem medo de deixar a gaiola, tem medo de sair debaixo da asa da mãe. É esse mesmo medo que faz a gente acreditar que a gaiola é necessária. Talvez por isso, ao retornar para o meu velho aquário, aí sim me senti um peixe fora d’água.

O ponto é que muita coisa aconteceu entre a gente enquanto eu estava fora, Brasília. Estivemos à beira de uma ruptura. Não sei se você sabe, mas, por um tempo, eu andei decidida a nunca mais voltar. Isso foi depois que meu avô morreu. É que ali, Brasília, nessa morte, algo entre nós duas morreu também. Eu acho que, mesmo à distância, você sentiu. Sei lá que poderes você tem. Sei que, quando eu estava mais decidida a largar você, você é que não largava do meu pé. Eu ia dormir, e você se infiltrava nos meus sonhos; eu ia ler, e você entrava nos meus textos. Dia e noite, era você, você, você me ocupando, me invadindo. Meu Deus! Eu só precisava de um pouco de paz!

Será que você poderia, por favor, aprender a respeitar o meu espaço? Não me cerque assim por todos os lados. Apenas me deixe respirar, me deixe fazer em paz o que eu gosto de fazer. Só estava lendo e pesquisando. Já adianto que descobri muita coisa sobre você, mas sobre isso falamos depois. O quê? Quem era o desconhecido que me matava a sede em cada esquina? O que você está dizendo, Brasília? Você está com ciúmes? Não perca seu tempo com vãs comparações. Esse tempo longe foi ótimo para eu aprender a não comparar. Vocês duas são cidades completamente diferentes, e as duas têm lugar aqui no meu coração. Lugares completamente diferentes. Se alguém aparecer com fofoca sobre Torre Eiffel e Torre de Televisão, já digo logo: Pelo menos a Torre de Televisão faz transmissão; a outra é só enfeite.

Brasília, eu já aceitei que não é o caso de ficar comparando você e ela. E sigo assim, tentando aceitar as coisas como elas são. Você como você é. Tenho tentado aceitar que tem coisas que nem adianta esperar de você, Brasília. Tem coisas que você não pode me dar. O desconhecido a cada esquina, eu nunca terei aqui. Por motivos óbvios ao quadrado: primeiro porque não há esquina; segundo porque conheço você há tanto tempo que não me perco por aqui nem de olhos fechados. Quer dizer, só de olhos fechados é que posso me perder por aqui, quando sonho, invento uma cidade outra, bagunço você toda, destruo seu ordenamento original. Só assim eu me perco, procuro um endereço e não acho. Então eu vou pedir informações aos chineses, mesmo sem falar a língua deles. Só os sonhos me salvam.

Por um tempo, eu quis uma Brasília onde eu pudesse me perder, mas já não tenho mais essa ilusão. Não pediria isso a você. Também já me zanguei muito, achando que você deveria ter me dado pelo menos algum sotaque reconhecível. Mas nem isso eu espero mais. Você sabe disso, não é? Ninguém reconhece meu sotaque, ninguém reconhece de onde venho quando eu abro a boca. Vai me dizer que quem nasce aqui não tem sotaque? Só posso adivinhar que tenho algum, mas ninguém me diz qual. Mas vamos deixar essa história para lá. O que eu estou querendo é outra coisa, Brasília. E eu não sei se você pode me ajudar. Oi? Cafezinho? Sim, aceito. Sem açúcar, por favor. Obrigada.

A situação é a seguinte. Como eu disse, andei lendo. Lendo. Lendo. Você se lembra da Clarice? Ela já esteve aqui. Sim, ela mesma, a escritora. Nem sei quantas vezes eu li aqueles textos que ela escreveu sobre você. Eu lia e não entendia nada. Lia e não entendia nada. Mas o final, meu Deus, o final eu desentendia menos ainda do que todo o resto:

Morro de medo de comparecer diante de um Juiz. Emeretíssimo, dá licença de eu fumar? Dou, sim senhora, eu mesmo fumo cachimbo. Obrigada, Vossa Eminência. Trato bem o Juiz, Juiz é Brasília. Mas não vou abrir processo contra Brasília. Ela não me ofendeu.

Como não? Era essa a pergunta imediata que me contorcia por dentro. Então eu voltava para o começo do texto, relia tudinho para ver se eu entendia porque Clarice não se ofendia, e, no fim, não tinha jeito, novamente eu me contorcia: como não? Foi assim, Brasília, que eu me descobri ofendida por você. Podemos falar sobre isso?

Claro que, por um tempo, eu pensei em abrir processo contra você. Mas, se Juiz é Brasília, sabemos muito bem ao lado de quem a justiça ficaria. Por isso que, depois de muito pensar, pensar, pensar, eu decidi que melhor era vir aqui, conversar de igual para igual, só nós duas. Então eu era uma ofendida e não sabia? Parece que sim. É cada descoberta que a gente faz nessa vida.

Macabéa, por exemplo, descobriu que era infeliz e não sabia. Você sabe de quem eu estou falando, né? Sim, Macabéa, daquele livro de Clarice. Como assim, ela descobriu que era infeliz e não sabia? Foi assim: um dia, ela foi à cartomante e foi essa a grande revelação que veio da boca de Madama Carlota. O quê? Se ela pagou por isso? Para descobrir que era infeliz? Claro que sim. Pagou. O quê? É uma trouxa mesmo? Brasília! Não fale assim de Macabéa! Não a ofenda. Respeite sua memória. O quê? Você não sabia que ela tinha morrido? Evidentemente você não leu a história até o final. Livrinho fino daquele. Que vergonha, hein, Brasília? Ela morreu logo depois de sua grande descoberta. Ironia do destino. Porque foi só se descobrindo infeliz que ela pôde então ter a coragem e a esperança de finalmente ousar ser feliz. Ela nasceu ali, na boca da cartomante. Pena que, ao sair da consulta e atravessar a calçada, foi atropelada por um carro importado, imenso como um transatlântico. Esmagada como uma barata à chinelada. Que Deus a tenha. Mas você veja, ela tinha acabado de nascer. Poderia até ter morrido antes mesmo de ter nascido.

Mas estou aqui para conversarmos sobre as ofensas. Macabéa, em toda vida dela, nunca ganhou presente e também nunca cobiçou nada de ninguém porque ela sabia que as coisas eram dos outros. Uma única vez, por um leve instante, ela cobiçou: um livro, que Seu Raimundo, o chefe dado à literatura, deixara sobre a mesa. Sabe qual era o título estampado na capa do livro? *Humilhados e ofendidos*. Ela olhou, ficou pensativa – “talvez tivesse pela primeira vez se definindo numa classe social”. Mas então pensou, pensou, pensou e “chegou à conclusão que ninguém jamais a ofendera, tudo que acontecia era porque as coisas são assim mesmo e não havia luta possível, para que lutar?”<sup>47</sup>.

Brasília, você sabe que eu poderia ter nascido ela, né? Pois se eu tivesse nascido, eu tinha roubado esse livro. Meu Deus, Macabéa! Estão roubando você e ofendendo você há gerações! Mas você está tão raquítica que não tem mais forças para se lembrar.

---

<sup>47</sup> Lispector, 1977/2017, p.71.

E digo mais, ladrão que rouba ladrão tem cem anos de perdão. E roubar para ler é como roubar para comer, Deus perdoa. Fome de livro, de palavra, de letra e pontuação: tudo isso, Deus perdoa.

Só estou contando a você essa história, Brasília, para que você entenda o quanto uma ofensa não é algo simples de se reconhecer. Às vezes, está ali, embaixo do seu nariz, estampado em letras garrafais, e você não reconhece. É que reconhecer é coisa complexa. E, para alguns, reconhecer ofensa é mais complexo ainda.

E você sabe, Brasília, quando eu estava fora, bem longe daqui, e alguém me ofendia na rua, a solução era fácil. Eu respondia de volta. Eu fazia cara de brava e xingava em português mesmo, que era para a pessoa saber que era uma raiva que vinha de dentro, que vinha de um mundo ao qual ela não tinha acesso, ao qual eu não lhe concedia o direito de participar. Quando eu estava fora, era fácil não levar ofensa para casa. Percebe? Agora me diga, Brasília, como é que eu faço para não levar ofensa para casa quando a ofensa vem de dentro da própria casa? Meu Deus! Será que é sempre assim? Será que casa é o que mais ofende? Por acaso, eu vou ter que xingar você em francês? Dizer *Je t'emmerde!* para você saber que aqui dentro tem um fora cheio de esquinas? Eu quero paz, Brasília. Mas me diz, o que eu faço com as ofensas?

Que ofensas? Você jura que não sabe do que eu estou falando? Quando eu estava lá, eu não mandava carta para você, mas constantemente eu ligava para minha família para contar as coisas horríveis que eu ia descobrindo: Deixa isso para lá, isso é tão antigo; não fale esse tipo de coisa de Brasília. Ela sempre foi tão boa para nós; eu amo Brasília, cidade linda, toda organizada, tudo no lugar, não fale assim dela, nunca vi cidade melhor. O quê? Era para ficar só entre nós duas? Não era para eu meter minha família na nossa história? Como não, Brasília? Como não? Mas não se preocupe, parece que eles estão do seu lado. São cegos de amor por você. Eles me dizem coisas do tipo: Sim, isso pode ter acontecido, mas, graças a Deus, Brasília acolheu seus avós, deu emprego para os seus pais, deu universidade a você. Eu escuto uma coisa dessa e começo a desconfiar que Clarice estava certa: “Brasília é um pacto que fiz com Deus”. Olha, Brasília, agradeço muito: casa, emprego, universidade. De fato, nós precisávamos mesmo de tudo isso. Não negaria nunca que sou uma necessitada. Preciso, preciso mesmo. E reconheço tudo que você fez por mim e pela minha família. Obrigada. Mas, passando um tempo longe, eu comecei a entender algumas coisas.

Quanto saber, Brasília, quanto saber pode haver nas lágrimas de uma criança. Às vezes a gente leva uns trinta anos para alcançá-lo. Mas o que você entende de lágrimas? “Não chorei nenhuma vez em Brasília. Não tinha lugar”. Por que será que, quando eu era pequena, eu chorava pedindo para ter nascido *em* Bahia, quando me diziam que neto de candango, candango é? O que sabiam essas lágrimas? Por que essa sensação de ter nascido na cidade errada?

Eu me dei conta de que, em Brasília, eu sempre tive que ser muito agradecida e educadinha. Sempre precisei dizer muito obrigada, Brasília, por me deixar nascer aqui, por me deixar existir. Talvez, em criança, eu já imaginasse que, *em* Bahia, eu poderia ter nascido livre de dívida. Para mim, lá sempre era verão. Eu acordava e dava bom-dia – assim de graça – para o sol e para o mar. E igualmente de graça eu podia catar conchinhas na beira da praia. Era tudo assim de graça e por pura graça. Eu não agradecia por dívida, nem pela obrigação de ter que ser educadinha, nem pelo medo de parecer ingrata.

Então, porque somos necessitados, temos que engolir tudo? E engolir calados? O quê? Brasília, você está me chamando de rebelde sem causa? Rebelde sem casa, isso sim! Se eu ainda amo você? Brasília, você não está entendendo. Saber se ainda amo ou não amo você não é a minha prioridade neste momento. Talvez eu possa me ocupar disso depois, depois que eu descobrir o que fazer com as ofensas. O quê? Desde que essa tal de Macabéa apareceu em minha vida eu não sou mais a mesma? O que você está dizendo, Brasília? Você está com ciúmes de Macabéa? Pare de desviar o assunto, Brasília. Voltemos às ofensas. Como assim, que ofensas? Você jura que não faz ideia de como me ofendeu? Carnaval de 1959, Brasília. Isso diz a você alguma coisa? Cafezinho? Se eu quero outro cafezinho? A única coisa que você sabe oferecer é cafezinho? Não, obrigada. Não aceito. Estou falando do carnaval de 1959.

Como assim, era carnaval e você nem se lembra? O que importa, se eu nem era nascida? Eu sei que eu nem era nascida. Mas, para você ver a gravidade da situação, eu já era ofendida desde antes de ser nascida. É muito grave, Brasília. Pacheco Fernandes, esse nome diz a você alguma coisa? Nada? Brasília, é muito grave você não se lembrar. Não é você que diz ter pouco mais de 60 anos? Então, você nem tem idade para estar tão desmemoriada assim. Não seja cínica. Você está me deixando sem opção.

Sempre pensei que pacto era o que a gente precisava fazer quando tratava com o Diabo, e não com Deus. Mas parece que, por aqui, nesse “inferno paradisíaco”, é cada pacto que se faz em nome da elevação. “O que será de Brasília no ano, digamos 3000? Quanta ossada. Ninguém se lembra do futuro porque não pode ser. As autoridades não deixam”.

Brasília, eu fui juntando as pecinhas que eu tinha. Eu já sabia, mas tinha esquecido: por que será que eu chorava quando me diziam que neto de candango, candango é? Em Brasília, 19 horas, uma criança já sabe que candango é bicho. Algo entre calango e rato? Em Brasília, 19 horas, e uma criança já sabe que candango, nessa cidade, é tratado feito bicho: comer, dormir, trabalhar. E que, depois de terem suas forças de trabalho sugadas até a última gota, eles são ejetados para fora do avião porque Brasília “foi construída sem lugar para ratos”. E, depois de serem explorados até o último fio de cabelo, levam um chute no traseiro, que os arremessa para bem longe. Talvez para o Centro de Erradicação de Invasões (Ceilândia). Como foi que quem construiu Brasília logo em seguida foi transformado em invasor?

Comer, dormir, trabalhar. Quantos homens, por dia, despencavam dos andaimes desses prédios em construção? Onde estão esses corpos? Quantos homens, por dia, eram engolidos por buracos na terra e imediatamente tinham seus corpos concretados? Quantos homens, em cada viga de cada prédio de Brasília? São 50 anos em 5. Não tem tempo para um minuto de silêncio? Em quantos crânios eu piso quando vou dar uma volta na cidade? Brasília, você só tem olhos para os arquitetos. Você jura que foram aqueles dois que construíram, sozinhos, Brasília inteira? Se fosse um deles despencando andaime abaixo, você se importaria. Teria um minuto de silêncio, teria enterro, teria túmulo, teria até nome na lápide.

“Tem coisa sobre Brasília que eu sei mas não posso dizer, não deixam. Adivinhem”. É cada crime, cada silêncio. O que me fizeram esquecer, o que não me deixaram lembrar, eu adivinhei. E agora? Agora eu já sei. Agora é tarde. Eu adivinhei o crime que nos unia: massacre. Quando eles chegarem aqui, os arqueólogos do futuro, certamente encontrarão as ossadas que você desovou sabe-se lá onde. “Que vergonha. É meu caso de vergonha pública”. Não posso, não posso mais, Brasília. Estou rompendo o pacto. Mudando de lado. Estou passando para o lado das lagartixas. Quanto a você? Salve-se se você puder: “Brasília, seja bicho um pouco também”.



Massacre, Brasília. Massacre. Não há outro nome para o que aconteceu aqui. Agora eu já sei. Carnaval de 1959. “Por que esse direito de matar?”. Agora eu já sei a história que todo candango sabe. Só os arquitetos é que fingem nunca terem ouvido falar. Na escuridão, exterminar a vida antes do rosto: massacre.

“Morri. Morri assassinada por Brasília. Morri para pesquisar. Rezem por mim porque eu morri de costas”.

Brasília, você ainda está aí? Eu estou rompendo a casca por dentro. Olhe aqui os meus olhinhos pretos de cabeça de alfinete. Sou eu, sua lagartixa. Você me reconhece? Eu pensava que era peixe, mas parece que me enganei. Você deve estar pensando: melhor assim, porque *Ela não sabe gritar*. Sim, talvez ela não saiba gritar. Mas, já que Brasília é “máquina de escrever: toc-toc-toc”, parece que não lhe restou outra opção senão aprender a datilografar. Já viu taquigrafia de lagartixa? Em cada letra tão imensa, ela se lança de corpo inteiro. E assim ela vai, saltando de letra em letra, sem deixar espaço entre o “a” e a vida.

Falando em taquigrafia de lagartixa, Brasília, acabo de me lembrar dessa história toda muito insólita. Outro dia, eu estava lendo jornal e dei de cara com uma reportagem rara<sup>48</sup>. Havia um vazamento de água no teto do Salão Verde do Congresso Nacional. Não conseguiam identificar a origem da infiltração. Era só água, mas, silenciosamente, ameaçava, de gota em gota, fazer ruir as estruturas. Foi preciso ir até a laje e lá fazer um buraco numa parede que dá acesso ao que os engenheiros chamam de “caixão perdido”. Um cubículo de três metros quadrados entre as vigas que sustentam uma daquelas grandes cúpulas do Congresso. Justamente, nesse caso, a imensa cúpula que tem a boca virada para cima. Ao entrar no “caixão perdido”, como quem adentra uma caverna secreta há muito inabitada, qual não foi a surpresa da equipe em dar de cara com algo muito estranho: poesia. Poesia escrita a lápis de pedreiro no concreto das paredes. Não contavam com o fato de que pedreiros também podem ser poetas. Como diferenciar um poeta do concreto de um operário da palavra?

---

<sup>48</sup>Recuperado de <http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2011-08-11/descobertas-frases-deixadas-por-trabalhadores-que-construiram-congresso-nacional>

Eram palavras secretas. Vindas de outro tempo e endereçadas ao futuro. Provavelmente foram escritas pouco antes de o caixão ter sido selado, sem previsão de abertura. Um pedido mudo de socorro. Palavras escritas por operários que por ali deixaram suas marcas, como se fossem homens antigos, grafando com pedra as paredes de uma caverna. A equipe que adentrou a caverna encontrou também outros restos da passagem desses homens invisíveis, parece que um tubo de pasta de dente e algumas ferramentas. Registro aqui o que consegui reconstituir a partir de fotografias desfocadas, não tive acesso aos originais, e há quem teime em ser dono da gramática e em sair por aí “corrigindo erros” de poetas:

“Si todos os brasileiros focem digninos de honra e honestidade teríamos um Brazil bem melhor”

“Brasília de hoje Brazil de amanhã”

“Só temos uma esperança nos brasileiros de amanhã”

“Saudade palavra que nunca morre quando morre fica arquivada no coração”

“Amor palavra sublime que domina qualquer ser humano. Goiânia, 22/04/1959. Nelson”

“Que os homens de amanhã que aqui vierem tenham compaixão de nossos filhos e que a lei se cumpra. Duralequesce de lequis. 22/04/1959. José Silva Guerra”

Acontece que Brasília “é palavra bem aplicada”, Brasília “exige gramática”. Por isso se faz de surda e cega? Se não for escrito, carimbado, em papel ofício, ela não sabe ler? Não sabe ler os escritos nas paredes das cavernas? “But I don’tknow, sir, I don’tknowtherules”. Eu imagino que, em abril de 1959, eles sabiam o que tinha acontecido aqui no carnaval do mesmo ano. Essas palavras secretamente endereçadas a um futuro desconhecido parecem insistir em amar, apesar da saudade, em gritar pela justiça, em esperar por um amanhã melhor, nem que seja para a geração seguinte. Brasília, parece que os caixões perdidos estão se abrindo.

Brasília exige gramática, e quero saber, Brasília, o que é que você vai fazer com essa palavra bem erradinha que eu vou sussurrar docinha no seu ouvido. Aí vai palavra nova que inventei só para você: *estrigma*. Fazer brilhar nossos acasos, Brasília. Eu descobri que esplendor para mim é Macabéa: minha estrela, meu estigma, meu enigma. Sinto muito, Brasília, se você foi projetada sem lugar para lágrimas. *Ela que se vire* virou-se contra você. Porque um cisco de *estrigma* veio cair bem aqui nos meus olhos. E um cisco, essa coisa boba e insignificante, pode ser capaz de provocar um mar de lágrimas. Você vê? É a grande onda vindo. Parece que o aquário está prestes a transbordar. É chegada a minha hora, Brasília, a hora d’O revoar.

P.S.: Brasília, esse saco de cimento aí é para você. Logo antes de tomar coragem para vir conversar, eu tentei me sentar para escrever umas palavrinhas. Saiu um vômito estranho assim, um bloco de concreto tão antigo e seco que se desmanchou em pó. Eu não sabia o que fazer com tantos restos. Juntei tudo para você e coloquei dentro desse saco.

## 6. A anatomia de um crime<sup>49</sup>

Apesar da luz que me perfura os olhos, lá longe eu vejo mais um caminhão chegando envolto em nuvem de fina poeira vermelha que se levanta e se mantém suspensa no ar. Depois mais um, e mais um e mais um. Com as caçambas todas cheias. Cheias de homens. Cheios de sonhos. Cheios de medos de novos começos. Só homens. Apenas homens. Magros, queimados de sol. Ombros curvados e cara de susto pálido, com suado chapéu de palha na cabeça. Eles vão descendo da caçamba e se aglomerando assustados. Nos pés, rachadas sandálias de couro. Nas mãos calejadas, uma pequena mala em que carregam tudo o que restou do que nesse instante já podem começar a chamar de vida prévia. No bolso, pouco ou nenhum dinheiro e algum documento. Eles vão lentamente formando uma massa humana de Josés, Severinos, Antônio, Raimundos. O medo é muito e os adere uns aos outros. Assim vai nascendo mais forte a coragem.

Embaixo de sol quente, vão se alinhando na fila da garantia pouca e do conforto nenhum. Alguns olhos se erguem tentando adivinhar o desenho da placa: NOVACAP. Alguém de uniforme passa gritando: Sem documento, não tem cadastro, não tem trabalho. Da soleira da porta já se escuta: Me entregue sua identidade. Quem não entrega, não tem registro. Josés, Severinos, Antônio e Raimundos agora são números. Números com carteiras assinadas. Já podem subir naquele outro caminhão ali. O que vai levar e distribuir homens numerificados pelos canteiros. Atenção, atenção. A partir de agora, ninguém circula por aqui sem cartão de identificação. Todo mundo com seu número no bolso. Colchão, cobertor, travesseiro. Pega aí um beliche no barracão. Copo, prato, colherficam ali a cantina do acampamento. O trabalho começa às 6h e vai até às

---

<sup>49</sup> Este trecho do trabalho é inspirado em informações documentadas sobre a construção de Brasília, informações estas que podem ser encontradas nesse endereço eletrônico do Memorial da Democracia: <http://memorialdademocracia.com.br/card/construcao-de-brasilia>. Especificamente sobre o Massacre da Pacheco Fernandes, indica-se o documentário do diretor Vladimir Carvalho (1990), *Conterrâneos velhos de guerra*.

18h. Mas, se preciso for, é até às 20h, 22h, 24h. Comer, dormir, trabalhar. São 50 anos em 5. Comer, dormir, trabalhar. Deus lhe pague.

É chegada a hora do batismo de fogo, do mergulho no rio de poeira vermelha e cimento em pó, que vai te penetrar por todos os buracos da face exposta. Muito exposta. Agente firme, prenda a respiração, não se afogue não, nada é para já. É muito ruim ter poeira no pulmão. Dela, você nunca mais se livra. Ela adere aos brônquios e vai formando um muco espesso de cimento com catarro, é argamassa pedindo ferro ou estrutura metálica que proteja um pouco essa sua cara exposta, muito exposta, tanto quanto essa caixa torácica frágil e pobre de aço.

“Brasília é linda e nua”. De tão nua chega a ser indecente. E atenção: “há esperma no ar”<sup>50</sup>. Suas pernas torneadas por andaimes, a cintura afinada por firmes espartilhos de madeira e os seios nem vastos nem parcos. Justa medida. Parece até calculada. Se, depois de te engolir, ela te cuspir e você ainda estiver inteiro: fim de semana será na cidade livre. Comércio, cinema, puteiro. Três largas avenidas de chão batido, 500 casas a serem demolidas logo após a inauguração. No fim da avenida principal, Maria-Tomba-Homem a noite inteira.

Cimento, brita, areia; lá longe eu vejo a massa se formando. É concreto sobre o nada, sem deixar de ser muito abstrato. Lá longe: andai, andai, andaime. 50 metros. Mas eu tenho medo de altura. Toma aqui sua pá de pedreiro. Agora sobe. Picareta. Só desce quando eu mandar. Hoje, a noite vai ser de serão sob o luar. Cimento de britadeira. Derramai. Derramai-vos. 50 metros de fundura de buraco. É pouco. Em Brasília, o buraco é sempre mais embaixo. Mas eu tenho medo do inferno. Dessa vez é você quem vai descer. Mais fundo. Picareta vai à frente, você vai atrás. Cavai, cavai-me. Que cova funda. Enche o balde. Puxa a corda. Sobe o balde. Você fica um pouco mais. Ai, que medo do escuro. Você é um homem ou um rato? Cavai, cavai-me. Mais fundo, mais fundo.

Sobre um bloco de concreto: envelope, papel, caneta e selo. Ouvi dizer que, aos sábados, vai ter escrivinha-dor no canteiro. Para quem quiser mandar saudade por escrito para o lado de lá. Pombo-correio. É assim que sábado vai virar dia de carta. Eis que chega um dita-dor de palavras saudosas. Por favor, anote aí: mãe, tô tão cansado. Tomo banho de poeira com cimento todo dia. De noite, não durmo, apago, e tenho

---

<sup>50</sup> Lispector, 2016g.

sonhos de concreto. Comer, dormir, trabalhar. Comer, dormir, trabalhar. Mas, no fim da tarde, o pôr do sol é lindo e chegou por aqui uma novidade. São umas máquinas de soldar aço. Isso aqui não falta, mandam trazer às toneladas, parece que vem até de fora do país. É coisa cara e importada. Quando o sol está indo embora, a gente para o trabalho uns minutinhos para assistir à chuva de faísca de aço no céu. Nunca vi coisa mais linda.

Na semana seguinte, o ditador de palavras saudosas, que falava sobre a chuva de faíscas de aço, subiu na construção como se fosse sólido. 50 metros. Ergueu, tijolo por tijolo, suas paredes mágicas. E, como se atravessasse a rua, deu um passo em falso. Brasília é queda de andaime. Como um saco de cimento, se estourou no chão. Os companheiros correram apressados, desceram 50 metros em 30 segundos. Será que ele ainda respira? Ao chegar lá embaixo: cadê? Virou pó mágico? Desapareceu no ar? Pasmem. Não encontraram nada. Homem caído, número perdido. Passa alguém de uniforme gritando: nada aconteceu aqui, voltem ao trabalho. Não há corpo, não há um minuto de silêncio, não há cova, não há enterro nem lápide. Não há nada. Mãe, morri. Virei poeira de estrela. Brasília me matou.

No mesmo dia, outro dita-dor de palavras a serem escritas, que, no sábado, tinha mandado notícias para família do lado de lá, falando de saudade, cachaça e brilho de tela de cinema, desceu fundo terra adentro. Ele e tantos outros que, no sábado, não haviam mandado notícia para ninguém escavavam os ditos fundamentos. O ritmo das picaretas penetrando o silêncio íntimo do solo vai compondo uma sinfonia surda. Mecanicamente, tudo vibra, até mesmo os corações cuja carne pode ainda amortecer impactos, mas não aquele da perda do chão, da terra que se abre gulosa. Mais um dia de soterramento. Em Brasília, o buraco é sempre mais embaixo. Corpo devorado, número apagado. A obra não pode parar. São 50 anos em 5. São 50 anos em 5. Joga cimento em cima. Mãe, morri. Brasília me engoliu.

No fim de semana, Brasília não quer que você se divirta. É para ficar deitadinho no seu beliche. Operário triste não dá dor de cabeça para arquiteto nem para engenheiro. Pasmem. Brasília tem até dor de barriga calculada. Nas sextas-feiras, no refeitório, os talheres não são fervidos. Os restos de alimento do dia anterior formam ácidos que, em contato com os sucos digestivos, provocam gases. Brasília é dor de barriga com hora marcada. Porque, no fim de semana, Brasília quer você quietinho. Mas ela te eleva até o

trono do banheiro improvisado do acampamento. Atenção: tem que ser rapidinho. Olha a fila. Oh, Brasília, Deus lhe pague.

Cachaça, no acampamento, não pode não. Isso é item de circulação proibida. Operário bêbado dá muita dor de cabeça para arquiteto e engenheiro. Silêncio. Não contem para ninguém. É segredo. Ouvi falar de uma bebida mágica, que passarinho não bebe. Sua fonte brota secreta debaixo de alguns beliches do barracão. Adorei seu nome: *desdobro*. Reconheci ali a potência do que secretamente insiste em resistir. Meu deus, eu também mereço um gole de coragem para encarar o banho frio na noite gelada.

Brasília é cimento que molda a cara do candango, cavando fundas rugas tristes. Brasília é poeira fina que adere ao pulmão, à pele e ao uniforme. Isso aqui não é história não. Dizem que o uniforme, mesmo vazio de homem, ficava em pé. E saía andando sozinho na noite escura. Para resolver o problema, chamavam umas lavadeiras que vinham de Luziânia e que, quando elas mergulhavam as roupas dos homens na água, podiam ler a sorte deles nas borras de cimento. Mas elas não viam o próprio azar. Brasília é estupro de lavadeira no canto do canteiro de obra. Brasília é colchão de palha infestado. É praga de percevejo no deserto. Brasília é inseticida. Haja fogo, haja fogo. É um incêndio.

Lá vai a Guarda Especial de Brasília fazendo desfile de arma de fogo na cintura. Guardadores da ordem, da moral e dos bons costumes. Vai impondo aquele silêncio de GEB por onde passa. Mas é carnaval, não me diga mais quem é você. É carnaval em 1959, e o ritmo é um só: trabalho intenso, sem samba, sem dó. São 50 anos em 5. São 50 anos em 5. A obra não pode parar. Sinto um cheiro estranho de inauguração no ar. Nesse carnaval, ninguém sai do acampamento. Na construtora Pacheco Fernandes, já foi tudo decidido. O pagamento desse sábado ficará retido até a próxima semana, porque operário com dinheiro na mão fica muito saidinho. E tem mais: quando menos esperarem, vão descobrir que a água do barracão foi cortada. Brasília nos quer tristes, cativos e fedorentos, em pleno carnaval. Hoje é domingo, 8 de fevereiro. Brasília é um bandeirão de comida estragada. Hoje é domingo de carnaval e de comida intragável na cantina da construtora Pacheco Fernandes. Brasília, ninguém está pedindo lagosta no almoço, mesmo sabendo que, para alguns, Brasília é *buffet* de frutos do mar no meio do deserto. Só queremos comida que alimente, comida que você também comeria, comida que mate a fome, e não a pessoa, comida que dê força para trabalhar. Mas Brasília quer que você engula tudo que ela dá. Engula calado e sem vomitar. Não é para colocar nada

para fora. É para ficar sem dinheiro, sem banho e com náusea. Sem reclamar. Brasília, diferente de você, eu não tenho nervos de aço. Comida estragada de novo não dá. “Eu não quero humilhar ninguém, mas também não quero ser humilhado”<sup>51</sup>. Você está me deixando sem opção. Opa! É quebra, quebra. Quebra prato, quebra bandeja, quebra mesa, voa talher. Quebra, quebra. Ninguém controla. É revolta no bandeirão de comida estragada da Pacheco. Chama a GEB. Chama a GEB. É claro que ela não poderia falhar em seu desfile carnavalesco: pega operário e quebra perna, quebra braço. Brasília é gravata da GEB no pescoço do operário, sem deixar de ser muito pontapé da GEB na costela. Brasília é chute de bota dura na cara exposta do trabalhador. Quebra nariz, fere o olho. Dá mais um chute aqui,ó. Mais um. Mais um. Agora respira, picareta. Meu deus! Ele vai morrer! É isso mesmo. Brasília quer todo mundo quietinho. Senão,ó, olha aqui, como é que vai ficar a tua cara exposta. Brasília, aí já é demais. É diante da cara do operário deformada pela dura bota da GEB que vai nascendo algo dentro do coração dos trabalhadores, mesmo daqueles que não haviam participado do quebra-pratos. Agora eu vejo outra massa se formando, é a “violenta compaixão da revolta”<sup>52</sup> que os adere. E vão crescendo, e crescendo. É hora de pôr o mal para fora. Partem todos para cima da GEB, porque espancar operário que se recusa a engolir calado a comida estragada: já é demais. A GEB corre. Rabinho entre as pernas. E o acampamento segue sem água, sem pagamento e agora sem alimento.

Cai a noite escura. Brasília é retorno da GEB tão ávida quanto enceguedida por sua vontade de retaliação. Voltam em maior número. Armados até os dentes. Silêncio. Enquanto todos dormem, Brasília é disparo seco no peito exaurido. É a gargalhada vil da vingança vã. Brasília é tiro de revólver na cara exposta do homem sem defesa. Brasília é bala cega contra o beliche ocupado. De baixo para cima, de cima para baixo, para todos os lados. Não acendam as luzes. Na noite escura, Brasília é estouro surdo do covarde. Mantenham as portas fechadas. Brasília é dedo desalmado no gatilho, mira no vulto desarmado. Daqui ninguém sai vivo. Em toda Vila Planalto, de longe, se ouviam os pipocos incansáveis, incessantes. Não vai sobrar nenhum para contar a história. Brasília é caçamba de caminhão cheia de operários. Estão todos mortos. Mãe, morri. Brasília me matou. No dia seguinte, o massacre virou notícia invisível nos jornais. Sobraram apenas as malas sem donos. Só elas sabem o que perderam. Só elas choram.

---

<sup>51</sup> Lispector, 2016g.

<sup>52</sup> Lispector, 2016h.

Há quem fale em 120. Há quem fale em 150, 200, 250 malas soltas, a flutuar no ar do acampamento. Mas Brasília não tem número oficial. Não tem identificação de corpos. Eles por acaso evaporaram? Há quem fale em cova rasa em Planaltina. Há quem fale do fundo da Lagoa Feia, de Formosa. Brasília é vermelha. É puro sangue do indefeso lavando o chão do acampamento. Embaixo dos beliches, há desdobro de corpos. Brasília é mal-assombrada. Se putrefaz fedorenta. Na surdina da noite, passa o fantasma de um jovem homem faminto batendo com sua colher de pedreiro na lata vazia. Toc-toc-toc. Se por aqui ninguém circula sem cartão de identificação, “sem documento, não tem trabalho”, como é que não se sabe quantos e quem são os homens que desapareceram no ar, naquela noite sombria? Brasília é inauguração.

Estou exausta, meu Deus. Cemitério é urgente, preciso de cemitério.



*pousa*

---

## ATÉ AS RUÍNAS PODEMOS AMAR NESSE LUGAR

Lembro-me muito bem do tal cantor basco  
que costumava celebrar a chuva no verão  
Não ligava quase nada para as conspirações  
que recorrentemente se faziam ouvir  
debaixo das arcadas noturnas da cidade  
naquela época do intermezzo lunar  
Foi já depois do fascismo, um pouco antes  
da democracia enfaixada em magnólias  
O cantor, as arcadas, o perfume e os disparos  
me ensinaram que se deve aproveitar a época  
de transição para destrinçar o brilho  
As revoluções sempre foram o lugar certo  
para a descoberta do sossego:  
talvez porque nenhuma casa é segura  
talvez porque nenhum corpo é seguro  
ou talvez porque depois de encarar uma arma  
finalmente seja possível entender  
as múltiplas possibilidades de uma arma.

Matilde Campilho

## 7. Em busca da metade perdida

ISTO NÃO É UM LAMENTO, é um grito de ave de rapina. Irisada e intranquila. O beijo no rosto do morto.(Um sopro de vida, Clarice Lispector)

Caro leitor, sinto muito que você tenha vindo a nascer de um vômito. Será que era para você que eu escrevia desde o início? Faltava-me apenas a coragem de não inventar endereço algum e simplesmente escrever para um rosto desconhecido? Nesse ínterim, entre vômito e nascimento, estive pensando que um revoar, um novo voo sobre essa cidade me fez ver o nunca antes visto. Ao sobrevoar Brasília, meus olhos de ave de rapina viram apenas um imenso cemitério. Monumentos sobre corpos anônimos. Enormes sepulcros arquitetônicos erguidos à custa do suor daqueles que jazem sob a terra. Como se tivessem tido seus próprios corpos ofertados em sacrifício aos grandes olhos que, lá de cima, contemplam os traços de concreto no chão. Meu Deus... Agora vejo: é um cemitério monumental onde faltam as lápides.

Faltam as lápides. Faltam as lápides. Faltam as lápides. Faltam as lápides.

Faltam as lápides em que se inscrevam os nomes daqueles que, tentando fugir da morte em terra seca, a encontraram na árida terra vermelha do cerrado. É essa a sina do retirante? Ao fugir da morte na terra natal, ele não adivinha que ela não fica na terra abandonada, pelo contrário, ela o acompanha a cada passo para que ele venha a morrer no novo destino? Se não há nome na lápide, talvez reste por nome na morte? O que esses trabalhadores encontraram em Brasília foi a emboscada da “morte severina”<sup>53</sup>? “que é a morte de que se morre/de velhice antes dos trinta/de emboscada antes dos vinte/de fome um pouco por dia”. De morte com nome próprio eu nunca tinha ouvido falar, mas parece que, a um só golpe, ela batiza também a vida, a vida severina: “aquela vida que é menos/vivida que defendida”. Batismo de vida/morte que revela a luta que é o viver. Morte e vida lado a lado, passo a passo. Vida, que é coisa muito delicada e precisa de defesa, precisa ser protegida, ser preservada viva, para então, quem sabe, ser vivida.

---

<sup>53</sup> Todas as referências a Severino dizem respeito ao Severino da obra: *Morte e vida severina* (Melo Neto, 1955/2016).

Depois de acompanhar Macabéa até seu último suspiro, dei para seguir os passos de Severino. Aquele Severino “que em vossa presença emigra”. Saindo do interior do Pernambuco, buscando chegar ao mar, chegar à capital, Recife. Talvez por pura ironia do destino, lá ele chega primeiro pelo cemitério. Encostando-se num muro, para descansar um pouco, ele escuta a conversa de dois coveiros. Como sabem das coisas da morte, os coveiros. Se o cemitério é o destino final de todos, esses dois bem sabem que a única coisa que muda é a maneira como se chega lá. Essa maneira determina o lugar que cada um vai ocupar em seu endereço final. As ditas “avenidas do centro” é “onde se enterram os ricos”, elas são como “o porto do mar”. Ali o serviço não é muito e chega, no máximo, “um transatlântico por dia”. Há o setor que é como estação de trem, onde “diversas vezes por dia/chega comboio de alguém”. E há também o setor que está mais para “parada de ônibus/com filas para mais de cem”. Nesse setor, o trabalho é tanto que nenhum coveiro que ficar. É o dito “subúrbio dos indigentes” onde se enterra “a gente sem instituto”: “É a gente dos enterros gratuitos/e dos defuntos ininterruptos/É a gente retirante”. É a gente retirante.

É trabalhando no subúrbio dos indigentes que os coveiros podem constatar que é possível morrer antes de se começar a viver. Ali eles descobrem que: “morre gente que nem vivia”. O que me faz pensar que vida não é luta contra morte, porque, contra ela, pouco podemos, essa luta seria vã. Não é a morte a inimiga da vida, e, às vezes, é mesmo o caso de “a morte ajudar”, como fazem todos aqueles que trabalham com isso: as “rezadoras titulares”, que rezam benditos e cantam excelências, os que “encomendam defuntos”, os que “tiram ladainhas” e enterram os mortos. Morrer é o destino inevitável de tudo que nasce e respira. Da morte, a gente apenas se retira, conseguindo, talvez, adiá-la um pouco mais: “O que me fez retirar/não foi a grande cobiça/o que apenas busquei/foi defender minha vida/de tal velhice que chega/antes de se inteirar trinta/(...)/o que pensei, retirando/foi estendê-la um pouco ainda”. Se, ao migrar, o retirante descobre, como Severino, que ali, no novo destino, “a diferença é a mais mínima”, uma vez que ali a luta em defesa da vida não será menor, é porque “a miséria é mar largo”. Se, ainda hoje, há a vida que perdemos cotidianamente para a fome, é porque a miséria é mar muito largo, que: “precisa ser combatido/sempre, de qualquer maneira/porque

senão ele alaga/e devasta a terra inteira”<sup>54</sup>. Então, na luta pela vida, não é a morte a inimiga, mas sim a miséria. A miséria humana, tão infinita quanto o mar.

Miséria é recusar lápide, nome, singularização, reconhecimento aos que morreram erguendo uma cidade. A luta em defesa da vida é a luta contra essa vasta miséria, que recusa um olhar à Macabéa. É tarefa de cada um reconhecer a moça, reconhecer, em si mesmo, a moça. Não esquecer que: “Quem não tem pobreza de dinheiro tem pobreza de espírito ou saudade por lhe faltar coisa mais preciosa que ouro – existe a quem falte o delicado essencial”<sup>55</sup>. Quem acha que, ao perder Macabéa, não perde nada, talvez já tenha perdido seu delicado essencial. Ao que tudo indica, o destino de quem não reconhece o que perdeu é se tornar busto. Busto de empáfia. E isso não é praga de bruxa má, isso é constatação de um passeio em cemitério.

Eu me lembro daquela historinha aparentemente gratuita que Rodrigo SM nos conta ainda no início do livro. Ele diz que, quando era menino, leu a história de um velho que estava com medo de atravessar um rio. Foi então que apareceu um jovem que também queria passar para a outra margem. O velho pediu: “Me leva também? Posso ir montado nos seus ombros?”. O moço consentiu. Passada a travessia, avisou-lhe: “Já chegamos, pode descer”. Mas o velho respondeu, “sonso e sabido”: “Ah não! É tão bom estar aqui montado que nunca mais vou sair de você”. Rodrigo SM diz que a moça, a datilógrafa, se grudou a sua pele e não quer sair de seus ombros. Mas o que eu fico me perguntando é se nós reconhecemos quando somos nós o velho sonso montado nos magros ombros dela. Afinal, como Rodrigo SM diz em outro momento: “Os senhores sabem mais do que imaginam e estão fingindo de sonsos”.

Ainda sobre “nós, os sonsos essenciais” me lembro do que Clarice diz em *Mineirinho*<sup>56</sup>: “Se eu não for sonsa minha casa estremece”. Será que reconhecemos quando estamos realizando esse papel de sonsos essenciais só para que nossas casas não estremeçam? Ou ainda, quando: “Para que minha casa funcione, exijo de mim como primeiro dever que eu seja sonsa, que eu não exerça a minha revolta e o meu amor, guardados”. Então, enquanto dormimos, “falsamente nos salvamos”. Pois, se somos “essenciais”, somos muito diferentes de *Mineirinho*, o criminoso que a polícia trucida friamente com 13 tiros. Como se nenhum daqueles 13 tiros pudesse nos atingir. Mas, se

---

<sup>54</sup> Melo Neto, 1955/2016.

<sup>55</sup> Lispector, 1977/2017.

<sup>56</sup> Lispector, 2016h.

o primeiro e o segundo tiro eu os escuto com “um alívio de segurança”, o terceiro já “me deixa alerta”, no décimo primeiro “digo em espanto o nome de Deus”, no décimo segundo “chamo meu irmão” e: “O décimo terceiro me assassina – porque eu sou o outro. Porque eu quero ser o outro”.

O ponto delicado é que, nessa luta em defesa da vida, acaba-se descobrindo que nem sempre é do lado do eu que se deve estar. O eu, pelo medo do desconhecido e da perda dos pequenos confortos e casas, pode muitas vezes estar mal posicionado no mundo. Muitas vezes, lutar contra a miséria humana será sinônimo de lutar contra a miséria do próprio eu. Então, para melhor se posicionar nessa luta, pode ser necessário fazer do outro a estreita passagem através da qual se troca de lado. Essa passagem do eu ao outro lado requer uma aproximação do que inicialmente é assustadoramente outro. Tal movimento talvez seja sempre da ordem de uma lenta e penosa reconciliação com o que teve o imenso azar de nascer nãoeu. Penosa reconciliação que nos pede a coragem de caminhar rumo ao desconhecido, para, no outro lado, encontrar a vida ao “nascer o outro que se é”<sup>57</sup>. É nesse movimento de se reposicionar no mundo que se adivinha então que o eu não é mais do que isso: o movimento de descobrir que não se era o que se pensava ser.

Muitas vezes, estar do lado do eu é estar do lado oposto da vida. A morte é uma casinha que fizeram para mim, e o eu é outra: *His MajestytheBaby*. Quem não migra, quem não abandona o trono, não vive. Se Macabéa é tão antiga que poderia ser figura bíblica, deve ser porque não é de hoje que o ser humano é obrigado a migrar para sobreviver. O que só evidencia que o chão não é garantido a ninguém. E, porque ele não o é: “eu preciso dos outros para me manter de pé”<sup>58</sup>. A vida é sempre lá, no lançar-se fora do conforto da casa. Abandonar o eu também é questão de sobrevivência. Minha e da moça.

A luta contra a miséria não é a luta dos retirantes. É a luta da gente, a gente retirante, a luta em defesa da vida. Apenas há aqueles impiedosamente escolhidos num lance de dados para ocuparem a linha de frente da batalha. Diante da miséria que é mar largo, Severino se pergunta se a melhor saída não seria saltar “fora da ponte e da vida”.

---

<sup>57</sup> Lispector, 2016i.

<sup>58</sup> Frase de Rodrigo S.M. em *A hora da estrela* (Lispector, 1977/2017).

José, o carpinteiro que o escuta, lhe diz assim: “nem conheço essa resposta/se quer mesmo que lhe diga/é difícil defender,/só com palavras, a vida”<sup>59</sup>.

Certamente, é muito difícil. Entretanto, é mesmo essa, e não outra, a nossa arma na luta em defesa da vida: a palavra. Como, diante de tanta miséria humana, não se perguntar se a morte não é mesmo a melhor saída? Será que é por isso que, em *Brasília*, Clarice diz: “Brasília é suicídio em massa” O que será que essa mulher viu nas fotografias dela para não titubear nessa afirmação? O que Brasília inaugurou no peito de seus operários? “Me mato?”. Mas é lá mesmo, em *Brasília*, que eu encontro outra saída para essa pergunta: “Não. Vivo como bruta resposta”.

Diante dos olhos de Severino, que testemunha o nascimento de um bebê, e também diante dos nossos, a vida insiste. Insiste em nascer, em brotar, em corromper “com sangue novo a anemia”. E assim ela: “Infecciona a miséria/com vida nova e sadia”<sup>60</sup>. É disso mesmo que se trata nessa luta: insistir em infeccionar a miséria humana com vida. A cada nova vida: nova aposta. Como Macabéa conta a Olímpico, até um ano de idade, ela não tinha nome, não era chamada. A mãe fez uma promessa a Nossa Senhora da Boa Morte, se a criança *vingasse*, então a chamaria Macabéa. Foi aí que eu entendi que há a vingança contra a miséria humana que se executa assim: vivendo. Escolhendo viver como bruta resposta.

Se a palavra é nossa arma na luta em defesa da vida, então é importante não esquecer que ela veio do grito. Ainda temos o grito. E *Ela não sabe gritar*, mas Macabéa é um grito ambulante. Ao atravessar a rua com sua magreza esvoaçada, ela grita nossa grave doença, nossa grande miséria. É através da moça que Rodrigo SM dá seu “grito de horror à vida”. Como ele diz: Macabéa pertence a “uma resistente raça”, raça teimosa que um dia há de “reivindicar o direito ao grito”. Que é o direito que se adquire ao nascer. Pois, como descobre Severino, não é senão com um grito que se “salta para dentro da vida”. É do grito que a vida nasce. E pelo grito é possível afirmar na luta em defesa dela. O grande perigo de usarmos essa arma é que o primeiro grito venha a funcionar como “o grito de alarme de estar viva”<sup>61</sup>, como o grito que desencadeia todos os outros. Daí virá o risco maior: que o primeiro grito venha a

---

<sup>59</sup> Melo Neto, 1955/2016.

<sup>60</sup> Melo Neto, 1955/2016.

<sup>61</sup> Lispector, 1964/2009, p.62.

acordar “milhares de seres gritantes” que podem dar início a nada mais, nada menos que ao grande “coro de gritos”<sup>62</sup>.

## 8. E pelo pinto... amém!

Logo ali, no primeiro encontro dos dois, Olímpico pergunta a Macabéa – “qual é mesmo a sua graça?”, ao que ela responde: “Macabéa”. E ele replica: “Maca, o quê?”, e ela é obrigada a completar: “Béa”, para finalmente ouvir da boca dele: “Me desculpe mas até parece doença, doença de pele”. Ela também achava esquisito o próprio nome, mas fazer o quê? Era esse o que ela tinha, e não outro. Era o nome que lhe fora dado, como já dito, dado pela mãe como promessa a Nossa Senhora da Boa Morte caso a menina vingasse, caso o alto índice de mortalidade infantil não a levasse.

Foi só depois de alguns encontros que Macabéa perguntou ao moço como ele se chamava. E ele mentiu o próprio nome dizendo ser Olímpico de Jesus Moreira Chaves, quando, na verdade, tinha como sobrenome apenas o “de Jesus”, que é o “sobrenome dos que não têm pai”. Ela, inocentemente, dá sequência ao assunto: “Eu não entendo o seu nome – disse ela. – Olímpico?”. Isso foi demais para ele, que sempre lidava mal com as perguntas para as quais não tinha resposta: “Mas ele, galinho de briga que era, arrepiou-se todo com a pergunta tola e que ele não sabia responder. Disse aborrecido: – Eu sei mas não quero dizer!”. Sobrou à moça constranger-se pela iniciativa: “Não faz mal, não faz mal, não faz mal... a gente não precisa entender o nome”.

A gente não precisa? Mas ela mesma parece se perguntar pelo próprio nome, como mostra esse diálogo que acontece um pouco depois, quando o casal, depois do terceiro ou quarto encontro, já não encontra mais matéria sobre o que conversar, e Olímpico se queixa que Macabéa “não abre o bico e nem tem assunto”. Ao que ela, então, dispara aflita uma sequência de informações coletadas na Radio Relógio. Diz, por exemplo, que uma mosca voa tão depressa que, se voasse em linha reta, ia passar pelo mundo todo em 28 dias. Ele a acusa de estar mentindo (quando nós já entendemos que é ele o mentiroso). Ela jura pela própria alma que não está mentido não, diz que isso ela escutou na rádio. Ele se recusa a acreditar. Ela: “Quero cair morta neste instante se estou mentindo. (...)”. Ele: “Vai ver cai mesmo morta. Escuta aqui: você está fingindo que é idiota ou é idiota mesmo?”. Ela: “Não sei bem o que sou, me acho um pouco...de

<sup>62</sup> Ainda em Lispector, 1964/2009, p. 62.



quê? ...Quer dizer não sei bem quem eu sou”. Ele: “Mas você sabe que se chama Macabéa, pelo menos isso?”. Ao que ela responde: “É verdade. Mas não sei o que está dentro do meu nome”<sup>63</sup>.

E quem é que sabe o que é há dentro do nome próprio? Eu me lembro de uma vez, isso já tem algum tempo, que ela havia chegado para mais uma sessão e, deitada no divã, falava sobre nomes e destinos. Eu, sentada na cadeira, a ouvia falar de um amigo que, com o nome tal, só poderia mesmo ter ido parar na área tal. Como se o nome predestinasse a pessoa à própria busca. De repente, ela diz para mim: É como você, com esse seu nome, só podia mesmo ir parar na psicanálise. Eu pergunto: Como assim?. Ela responde: Ora, com esse nome tão fálico – Tainá Pinto –, só podia mesmo ir parar na psicanálise. É aí que eu, ali, atrás do divã, vivo um instante de atordoamento, pois: isso eu nunca tinha pensado. Então, sem que nada mais fosse dito, caímos. Caímos na gargalhada.

Como Macabéa, eu também não sei o que há dentro dos nomes nem dentro do meu próprio. Entretanto, desde muito pequena, sou conduzida a precisar pensar algo sobre o assunto. Talvez, antes mesmo de entender os nomes, já precisasse tentar adivinhar por que afinal as pessoas – adultos ou crianças – invariavelmente davam risinhos a cada vez que eu, desavisadamente, pronunciava meu nome completo. Teria eu dito algo que não se podia dizer? O que os risinhos insinuavam? Por acaso, meu nome próprio seria, na verdade, um nome impróprio?

Provavelmente, aos poucos, fui delimitando a existência de um descompasso. Ao que tudo indicava, uma menina que não mentia seu nome, inocentemente revelava seu pinto. E todos riam; não eram gargalhadas de alegria, eram olhares e risinhos insinuantes de algo que eu precisava adivinhar. Era errado que ele, meu pinto, aparecesse? Então eu deveria ter vergonha dele? Mas por que razão meus primos podiam ostentar com a boca cheia os seus próprios pintos? A eles não era imposta vergonha alguma (com exceção do meu primo Caio...). Enquanto eu, minha irmã, minha primas, sempre ficamos ali, um pouco sem saber o que fazer com os nossos. Nossos pintos nos deslocavam no mundo.

Atordoada com os impasses de sobrenomes e destinos, por um tempo, eu cedi à pressão da vergonha que me era imposta pelos risinhos e olhares alheios. Enquanto eu

---

<sup>63</sup> Lispector, 1977/2017.

não sabia o que fazer com o meu pinto, ao longo de minha infância e adolescência, eu tentei, sempre que possível, escondê-lo. Nem sempre alcançava sucesso nessa missão. Nas aulas de inglês, por exemplo, vivia meu grande suplício, já que os professores insistiam em fazer a chamada nos chamando pelo último nome. E, como o Pinto vinha à frente nesse momento, era como se eu fosse toda pinto. Eram inevitáveis os risinhos. Incrível como, ao longo do semestre inteiro, aula após aula, o ritual se repetia. Afinal, os tais risinhos de canto de boca eram mesmo para mim? E o que eu fizera para merecê-los? Bastou nascer. Apenas deixem meu pinto em paz! Era o que eu tinha vontade de gritar.

Aos poucos, fui me dando conta de que talvez os risinhos dissessem muito mais sobre a língua do que sobre mim. Algo sobre esses pactos secretos em torno de alguns nomes eleitos. Como se pinto não fosse só mais um nome, entre tantos outros. Por que essa supervalorização do pinto? Quando foi que isso começou? Eu e minha irmã, pobre de nós, estamos construindo uma árvore genealógica. Vocês não imaginam que tarefa vã, minha gente! Já fomos longe, muito longe; chegamos em 1860 e, até agora, não nos foi possível remontar a origem do pinto. Ninguém sabe nos dizer ao certo de onde ele vem. É um mistério.

Fato é que eu estava, inescapavelmente, predestinada a ele. É sina dos dois lados da família. Não bastava meu pai ter pinto, por coincidência, minha mãe também tinha desde antes do casamento. Sim, minha gente, para o horror de alguns psicanalistas, eu trago essa revelação: de fato, há mães com pintos. De modo que, por conta dessa imensa coincidência do destino, meus pais, ao se unirem, acabaram por elevar o pinto à segunda potência. Se fossem seguir as regras à risca, eu teria sido premiada com um Pinto Pinto. Talvez por puro golpe de misericórdia, os dois ali, no cartório, diante do tabelião, desistiram de me ofertar tanta potência assim e decidiram que dois pintos para uma pessoa só seriam demais. Então me deram apenas um, provavelmente acreditando que assim me poupariam. Quem poderá dizer? Talvez eu tenha mesmo sido poupada de metade das risadas. Mas o que eu faço com a outra metade? Será que, contando essa história, eu me vingo e consigo o dobro das gargalhadas? A história de como eu escapei de um pinto, mas não pude fugir de outro.

Longo e tortuoso foi o caminho que percorri com meu pinto até aceitá-lo como ele é. Antes que ela falasse aquilo sobre o meu nome, eu realmente nunca havia pensado

que o pinto pudesse ter me conduzido à psicanálise. No fim das contas, penso que não foi um destino ruim. Se todos aqueles que não sabem o que fazer do próprio pinto buscassem uma análise para aceitá-lo como ele é, talvez vivêssemos num mundo melhor. Mas o problema é que uma significativa parcela da população portadora de pinto, por pura defesa, tende a se tornar “galinho de briga”, assim como Olímpico. Por isso, essa parcela não pode suportar perguntas, mesmo que tolas, para a quais não tenha resposta. E o que se faz numa análise, senão isso? Colocar-se perguntas sem respostas, mesmo que tolas. Não saber, não ter respostas arrepiam galinhos de briga, os conduz à impostura. Quando não sabem, mentem, pois não podem não ter uma opinião formada a respeito de tudo. Ou fazem como Olímpico, afirmam que sabem a resposta, mas só não querem dizer.

O que só agora me dou conta é de que meu pinto me levou muito mais longe do que eu poderia imaginar. Além de me conduzir à psicanálise, ao reino do falo encantado, em que fui testemunha do quanto ele cai (mas tem sempre alguém para levantá-lo), ele também me conduziu a outro lugar. Acho que foi pelo pinto que cheguei ao galinheiro de Clarice. Meu Deus! Que terreno fértil! Quantas descobertas sobre o pinto e sua natureza! Não sei se vocês sabem, mas Clarice, desde criança, observa a vida íntima das galinhas. Repare a quantidade de histórias que ela dedicou a esse grande enigma: a galinha. Clarice não gostava de entrevistas e repórteres. Mas uma vez cedeu, deu entrevista na televisão<sup>64</sup>. O entrevistador pergunta a ela se ela se considera uma autora hermética. Ela claramente se irrita com a questão. Mas responde dizendo que não é hermética não, uma vez que ela entende o que ela mesma escreve. Então acrescenta, como quem quase ia esquecendo: na verdade, tem um conto que ela escreveu, mas não entende não. Qual? *O ovo e a galinha*. Vejam, até para a maior estudiosa da vida íntima das galinhas, a galinha é um enigma. Pena que poucos reconhecem a complexidade da questão. E, quase sempre, onde há galinha, há pinto. E, inevitavelmente, onde há pinto, há ou houve galinha.

Foi assim que, em Clarice, eu encontrei outro pinto. A verdade é que pintos há vários, mas minhas pesquisas nos livros infantis da autora indicam que se tem uma coisa que homem não sabe ter é pinto. De um modo geral, o ser humano falha, e muito, em ter um pinto. Dessa arte, talvez só a galinha tenha algum domínio. A verdade é que pinto “é

---

<sup>64</sup> A referida entrevista se trata da concedida a Júlio Lerner, em 1977, no canal TV Cultura, entrevista a qual, depois de gravada, Clarice solicitou que fosse exibida apenas após a sua morte.

bicho que pensa que a gente é a mãe dele”. E, nesse ponto, pinto é igual gente: “fica saudoso do calor da galinha mãe”. O que a gente pode fazer por um pinto que fica piando e chorando de saudade da mãe? A gente pode: “segurá-lo na mão e esquentar o corpo dele”. Assim: “a gente sente seu minúsculo coração batendo dentro do pequeno corpo morno e fofo deles. Pinto é sempre magrinho. E longe da galinha, morre à toa”. Ela mesma, Clarice, confessa já ter comprado muitos pintos: “a maioria deles morreu”. Só continuaram a viver “os pintos que tinham alma mais forte”<sup>65</sup>.

Entretanto, em Clarice, o meu grande encontro com o pinto aconteceu num conto chamado *A legião estrangeira*<sup>66</sup>. Um dia, chega um pinto na casa da narradora dessa história. Foi um presente que veio trazido por “mão que queria ter o gosto de me dar coisa nascida”. Então: “Ao desengradarmos o pinto, sua graça pegou-nos em flagrante”. Perceba o quanto o pinto é cheio dessa graça amarela de “coisa nascida”, e o quanto isso basta para despertar em nós “a curiosidade que junto de uma manjedoura é adoração”.

Diante do pinto “desengradado”, cada um tem uma reação. O marido se aproxima e diz: “ora, e essa agora” é que, ao lado do pinto, ele se sentiu grande demais. As crianças, eram quatro, vão se aproximando com a boca aberta, e ela, que nos narra, na presença do pinto, diz que ficou “feliz”. Já o pinto: esse piava. Piava de puro pavor: “nos desajeitava o medo que o pinto tinha de nós”. Pinto é sempre muito medroso. Parecia que ali ninguém estava à altura de “comparecer a um pinto”: “A cada piar ele nos espargia para fora. A cada piar reduzia-nos a não fazer nada”. Era assim que o pinto – “expulsava-nos sem nos largar”.

Não dá nem para saber onde cabe tanto terror “numa coisa que era só penas”. O pinto é um aterrorizado. E, acreditem, é impossível dar a ele “a palavra asseguradora” que o faça não ter medo. É impossível consolar “coisa que por ter nascido se espanta”. Pai e mãe, diferente das crianças, sabiam quão breve seria a vida do pinto. E desconfiavam que também ele, o pinto, soubesse. Soubesse “do modo como as coisas vivas sabem: através do susto profundo”.

---

<sup>65</sup>Lispector, 1968/2017b.

<sup>66</sup>Lispector 2016i. A partir daqui todo o diálogo acontece com esse conto de Clarice. Serão apontadas apenas citações que venham de outra local.

O pinto, coisa breve e amarela, cheia de graça, era a alegria dos outros e jamais a própria: “Mas era amar o nosso amor querer que o pinto fosse feliz somente porque o amávamos. Eu sabia também que só mãe resolve o nascimento”. Enquanto todos ali o amavam – o pinto tremia, o pinto piava. É então que o filho mais novo, não suportando mais tanto terror, pergunta à mãe: “Você quer ser a mãe dele?”. Ela dizsim. Mesmo já sabendo que a tal missão era falível. Ficam todos ali, olhos abertos, aguardando “com a intransigência da esperança” o primeiro gesto da mãe que traga paz e faça tanto pavor cessar, aquele dito “primeiro gesto de amor eficaz”. Ela fica ali, diante de tantos olhos, querendo dizer a verdade: “não sei como”. Mas é provavelmente com a coragem de mãe que vai(vai mesmo sem saber como) que ela estende a mão. Estende a mão para pegar o pinto. É aí que subitamente ela se lembra. Ela se lembra de Ofélia.

Desde que li esse conto, essa associação tornou-se incontornável para mim também. Eu já não posso mais pensar no pinto sem me lembrar de Ofélia. Com essa pequena garota de oito anos se aprende muito. Pelas avessas, ela nos ensina muito sobre a delicada arte que é saber ter. E, sobretudo: receber. Através dela, é possível tirar alguma lição. Ofélia é um pouco como Olímpico, um galinho de briga. Não saber a arrepia. Por isso ela sabe. Não importa o quê. Ela sabe tudo.

Essa garotinha de oito anos, uma linda “princesa hindu” cheia de cachos e babados, é uma vizinha da narradora que, de uma hora para outra, passa a lhe fazer visitas. A cada vez que tocava a campainha, se anunciava com voz decidida: “Sou eu, Ofélia Maria dos Santos Aguiar”. Não era visita para os filhos da narradora, era para ela mesma. E ela nunca entendia o que essa menina queria ou por que, dia após dia, essa menina voltava.

Do alto de seus oito anos de idade, ela invadia a casa da vizinha quase metralhando o quanto sabia das coisas do mundo: banana não se mistura com leite; empada de legume não tem tampa. Ela sabia tudo e tinha opinião formada a respeito de tudo: a vizinha não criava bem os próprios filhos e aquilo não era hora de ainda estar andando de robe pela casa. “Mas é claro que a Senhora faz o que quiser, cada um sabe de si”. Ela também analisava e julgava, a cada semana, se a narradora tinha comprado legumes demais ou de menos na feira. Opinava se iam estragar ou faltar. E o pior: ela acertava. A cada vez, ela acertava. Ela sabia tudo. Ah, Ofélia! Acertar tanto é o que nos

desencaminha na vida! É preciso errar, minha pequena. É preciso errar. Só o erro nos salva.

Um dia, depois de um longo silêncio entre as duas, Ofélia olha para ela, para a mulher que nos narra e, com tranquilidade, diz: “a senhora é esquisita”. “Por que voltava sempre aquela menina?”, era o que se perguntava a narradora que aos poucos ia adivinhando: “Eu era atraente demais para aquela criança. Tinha defeitos bastantes para os seus conselhos, era terreno para o desenvolvimento de sua severidade”. Até que um dia o inesperado irrompe:

- Que é isso, disse.
- Isso o quê?
- Isso! disse inflexível.
- Isso?

O ponto é que elas ficariam ali “indefinidamente numa roda de ‘isso’ e ‘isso’, não fosse a força excepcional daquela criança, que, sem uma palavra, apenas com a extrema autoridade do olhar, me obrigasse a ouvir o que ela própria ouvia”. No silêncio, ela finalmente escuta o fraco piar do pinto na cozinha; era a “isso” que Ofélia se referia. E diz:

- É o pinto.
- Pinto? disse desconfiadíssima.
- Comprei um pinto, respondi resignada.
- Pinto! repetiu como se eu a tivesse insultado.
- Pinto.

Começa aí a grande luta de Ofélia, e nós somos sua testemunha. Se formos espertos, aprendemos alguma coisa com o sofrimento dela. Ela, que tudo sabe, pela primeira vez é então arrebatada. Arrebatada pela graça do pinto, ela é finalmente destituída de qualquer saber prévio que a garanta. Pela primeira vez ela não tem. Como nos aponta Hélène Cixous<sup>67</sup> em sua leitura desse conto de Clarice: Ofélia tinha medo de precisar. No fundo, talvez seja sempre esse o medo daqueles que tudo sabem: medo de precisar, medo de que algo venha a faltar. Então, eles se defendem do próprio medo: tudo sabem, tentando evitar se arrepiar. Parece que aquilo que se pode aprender com essa pequena garota é que basta não ser como ela, basta não ter medo de precisar, para que o mundo se abra em graça diante de nós.

Ela não tem e ela quer o pinto, mas como ela – pessoa que teme precisar – poder vir a ter alguma coisa se, justamente, sabe tudo e não lhe falta nada? “Se eu não

---

<sup>67</sup> Cixous, 1989.

estivesse ali, por astúcia, ela roubaria qualquer coisa”. O que a mulher lia nos olhos de Ofélia era: “a grande tendência à rapina”. Era a inveja: “Olhou-me rápida, e era a inveja, você tem tudo, e a censura, porque não somos a mesma e eu terei um pinto, e a cobiça – ela me queria para ela”. A inveja que tudo desnuda, tudo quer: “sua inveja que desnudava minha pobreza, e deixava minha pobreza pensativa; não estivesse eu ali, e ela roubava minha pobreza também; ela queria tudo”.

Mas acontece que ter o pinto nos exige condições de recebimento. Quem sabe tudo e tudo tem não precisa de nada, não está em condições de receber. Parece que, para poder receber algo do outro, Ofélia precisará nascer, precisará se transformar. Isso é coisa que acontece, mas que não pode ser “vista a olho nu”. Vamos testemunhando o quanto, diante do piar do pinto, a boca dessa garota de olhar autoritário finalmente vai ficando “um pouco infantil”. E essa mulher que está ali ao lado de Ofélia, nós vemos, dá o seu melhor em nome desse nascimento. Dá a ela seu silêncio sensível, com o qual sente a pergunta que se formula muda na menina: “vale a pena?”, “arrisco?”, “deixo eu sentir?”. Seu silêncio responde: “não sei”. É que a decisão de se render, de finalmente precisar, só pode vir de Ofélia. Processo ao qual ela precisa aceitar se entregar, se dar inteira e por nada, sem garantias, ou então não seria entrega: “Ali, diante de meu silêncio, ela estava se dando ao processo, e se me perguntava a grande pergunta, tinha que ficar sem resposta. Tinha que se dar – por nada. Teria que ser. E por nada”. A menina resiste: “Ela se agarrava em si, não querendo. Mas eu esperava. Eu sabia que nós somos aquilo que tem de acontecer. Eu só podia servir-lhe de silêncio”. Até que sucumbe: “Diante de meus olhos fascinados, ali diante de mim, como um ectoplasma, ela estava se transformando em criança”.

Diante de nossos olhos, Ofélia vai se transformando em criança e se salvando do “alto índice de mortalidade infantil”. É algo como o sim da vida, do parto, do nascimento, o sim do antes da palavra:

A agonia de seu nascimento. Até então eu nunca vira a coragem. A coragem de ser o outro que se é, a de nascer do próprio parto, e de largar no chão o corpo antigo. E sem lhe terem respondido se valia a pena.

Ofélia, agora nascida criança, pode dar mais um passo para se assumir necessitada: “É um pinto?”; “É um pinto, sim”; “Um pintinho?”. Com o maior cuidado, a mulher lhe diz: “Você pode ir para a cozinha brincar com o pintinho”. E, para não brutalizá-la, completa: “Mas só se você quiser”. Tudo isso só para não expor a menina “à humilhação de querer tanto”. Claro que teria sido mais fácil se ela tivesse mandado, e,

então, a menina iria como quem obedece, e não como quem deseja. Mas é que aquele passo, o de ir como quem deseja, só a menina poderia dar sozinha. E, da cozinha, ela volta, espantada, sem pudor, como só uma criança pode se espantar, volta mostrando na mão o pinto: “É um pintinho!”. E repete perplexa: “Mas é um pintinho!”. A mulher ri. Ofélia a olha, ultrajada. E de repente – “de repente, riu”. “Ambas, então, rimos”.

A partir daí, é puro amor tortuoso entre Ofélia e o pinto. Se ele corria, ela ia atrás, se ele se encolhia, ela o protegia: “o protegia com pena de ele estar sob o seu domínio”. Como quem diz: “coitado dele, ele é meu”. Mal sabia ela que o pinto não é de ninguém. É amando demais o pinto que o pior acontecerá. Ofélia era ainda uma recém-nascida nesse mundo dos necessitados. Em algum momento, a narradora se dá conta de que, há muito tempo, havia silêncio na casa. Só então percebe que Ofélia estava ali, sentada diante dela, quieta. Ofélia diz que vai ter voltar para casa e completa com um inesperado: “Se a senhora deixar”. Ela, que nunca pedira autorização para nada. “Ora, se você quiser...”; “Então eu vou”, e foi andando devagar e fechou a porta atrás de si, sem ruído. A mulher retoma o trabalho em sua máquina de escrever, procurando em si mesma o que a poderia estar interrompendo. Ao rememorar o rosto quieto da menina, uma ideia lhe passa subitamente pela cabeça. Empurra a máquina e vai até a porta da cozinha: “No chão estava o pinto morto”.

“Ofélia!”, chama ela pela menina fugida: “Ofélia, tentei eu inutilmente atingir à distância o coração da maneira calada. Oh não se assuste muito! às vezes a gente mata por amor”. Ela queria ter a chance de dizer: “a gente não ama bem”. Repetiu como se pudesse alcançá-la, alcançá-la antes que ela, “desistindo de servir ao verdadeiro”, fosse altivamente “servir ao nada”: “Eu que não me lembrara de lhe avisar que sem medo havia o mundo. Mas juro que isso é a respiração”.

Sem medo de precisar é que se descobre que há o mundo, é que se pode receber a graça, mas o que fazer se, no instante em se recebe algo como o pinto e sua graça amarela, já, imediatamente, não se sabe mais como viver sem ele? Se, no instante em que se tem o pinto, já nos invade o medo de perdê-lo? Parece que Ofélia, uma recém-nascida no mundo dos necessitados, só pôde ter o pinto pelo tempo que suportou ter. A gente não ama bem e, cotidianamente, como Ofélia, nós cometemos nossos crimes de amor, sufocamos o pinto até que ele não possa mais respirar. Com tanto medo de perdê-lo, com tanto medo de já não saber como viver sem ele, o matamos. A narradora,



cansada, se senta à mesa da cozinha. Respira. É dessa mesma mesa de onde nos conta a história; e se dá conta de que é embaixo da tal mesa da cozinha que estremecia “o pinto de hoje”. Aquele que acabara de ser “desengradado” e que a fez se lembrar de Ofélia, a menina que nunca mais voltou.

O que se aprende com Ofélia é algo muito delicado sobre dar e receber. No fundo, só pode receber bem quem não teme precisar. Só pode receber bem quem suportar não ter para, então, vir a ter e, já logo em seguida, retornar à condição anterior de não mais ter. É um movimento incessante em que ter dura um intervalo. Necessitar é a condição que nos salva, nos permite ter. Quem tem medo de precisar não cria as boas condições de recebimento. Parece que, para receber a graça e receber de graça, é preciso, antes, nascer o outro que se é: recém-nascido, desamparado, necessitado. Porque ter necessidade é a minha garantia de que algo me será dado, uma vez que nada pode ser dado a quem não precisa. É essa a torção que o receber exige de nós – entender que precisar é a garantia do ter.

A narradora dá o seu melhor, todo seu silêncio sensível, para ajudar essa menina, que nada precisa, a passar para finalmente precisar. Como propõe Hélène Cixous, a mulher se apaga para que Ofélia possa receber o pinto como algo dado por Deus, para que a menina não se sinta em dívida: “se essa menina precisar dizer obrigada, ela não terá nada”. Nesse mundo onde receber não é uma graça, onde receber dá origem à dívida, então talvez seja a dívida ou o medo da dívida o que coloca a menina num estado de quem não pode ter o pinto – “senão o perdendo no momento em que o tem”<sup>68</sup>.

Ofélia, não tema. Precisar é o que nos salva. Não precisar é solidão: “Não precisar deixa um homem muito só, todo só. Ah! não precisar isola a pessoa”<sup>69</sup>. Ofélia, confie. Precisar é nossa benção. É o que nos abre. É essa, e não outra, a nossa condição. É só reconhecendo-a que nos salvamos. Nos salvamos da impostura, da miséria, da empáfia de negar o que somos: uma legião de necessitados. É essa nossa condição e, a um só tempo, nossa única garantia, porque a necessidade é sempre, sempre, nascente: “Nós somos garantidos por uma necessidade que se renovará continuamente”.

<sup>68</sup> Cixous, 1989, p. 149, tradução nossa.

<sup>69</sup> Lispector (1964/2009). As últimas citações são retiradas d’*A paixão segundo G.H.*, mais especificamente entre as páginas 168-170.

Portanto, é aqui que depositamos nossa fé: “A fé é saber que se pode ir e comer o milagre”. Porque o milagre é isso, simplesmente isso: “é só precisar e ter”. Então é só ir, só ir e comer o milagre: “A fome, esta é que é em si mesma a fé”. Porque a fome é fé, podemos então confiar em nossa carência, nossa necessidade nascente, nosso desamparo. Porque eu sou uma necessitada, posso cantar hinos à carência e confiar que a necessidade é o nosso maior guia: “Basta ver o pinto andando para ver que seu destino será aquilo que a carência fizer dele”. Por isso, Ofélia, minha pequena, confie e não tema! Precisar é o que nos salva!

“Ah, meu amor, não tenhas medo da carência: ela é o nosso destino maior”



## 6. Ensaio-fechadura: a rua é uma mãe

Pois, se ele queria reconstruir o mundo, ele próprio não servia (...) Se queria, como último termo final de seu trabalho, chegar aos outros homens – teria que terminar de destruir totalmente seu modo de ser antigo. Para que o mendigo à porta do cinema não fosse uma pessoa abstrata e perpétua, ele teria que começar de muito longe, e do primeiro começo. (A maçã no escuro, Clarice Lispector 1961/1999, p.137)

Só ao se lançar na aventura de escrever é que se pode contemplar o quanto a escrita é infinita. Parece que, para a escrita, não há fim, mas suponho que haja abandono. Então, antes que eu abandone finalmente esse texto, antes que eu lance a garrafa ao mar ou à lata de lixo do mundo, faz-se necessário um último retorno ao ponto zero em que ele, sem nem que eu soubesse, começou:

Era mais uma sexta-feira de atendimento no Conic, chego e abro meu par de cadeiras na praça Zumbi dos Palmares. Sento-me e aguardo por uma alma corajosa que venha ocupar a cadeira vazia ao meu lado. E, enquanto espero, de súbito, sou capturada pela imagem tão repulsiva quanto hipnótica desse pé (chão) que, desde então, sempre retorna em minha memória, em cinza. Um pé que se denuncia há muito descalço pela maneira como se mistura ao asfalto nu. Sua cor cinzaembetumada e suas rachaduras que mimetizam os sulcos do concreto não me permitem discernir o que é pé do que é chão. (Não saberia dizer quanto tempo durou esse instante em que fiquei ali vidrada nessa indistinção. Sei que foi tempo o suficiente para não esquecer essa imagem que retorna, agora, por exemplo, e mais uma vez e de novo). Junto desse pé impregnado/impregnante, vem um homem de camisa rasgada, que se dirige a uma mulher calçada e bem vestida, que passa a poucos metros do local onde estou. Ele mostra a ela a sua ferida. A sua ferida no pé. E pede a ela um par de sandálias. Eu penso no quanto uma ferida dói mais e não cicatriza quando só se pisa descalço no chão duro e sujo. Ele completa dizendo que já viu o preço na loja ali ao lado, custa quinze reais. Ela escuta o pedido e concorda em ir juntos até lá para conseguirem o par de sandálias. Nesse momento, apesar da ferida, ele dá um salto manco de felicidade, e os dois vão caminhando lado a lado até que eu não mais os consiga ver.

O retorno a esse primeiro começo é o que me permite constatar aquilo que só agora é óbvio: eu presenciei um milagre. Eu fui testemunha de um milagre, apenas me faltavam os olhos para vê-lo. Os olhos que me permitissem reconhecê-lo. Parece que, às vezes, pode ser necessário dar uma grande volta para se conquistar novos olhos. Então, um novo mundo, uma nova lógica se abre diante de mim. Porque “sou uma necessitada”, posso pedir e receber (Lispector, 2016g, p. 608). Milagre: “É só precisar e ter” (Lispector, 1964/2009, p.169).

Depois de uma grande volta, quando se retorna ao mesmo lugar, ele, invariavelmente, já não é mais o mesmo. Precisar é o que permite que algo me seja

gado. É essa a minha condição, e não outra. É essa também a minha única garantia: “nós somos garantidos por uma necessidade que se renovará continuamente” (Lispector, 1964/2009, p.170). Diante desse novo mundo que se abre, seria impossível um fechamento para essa reflexão que acaba de começar.

Não há fechamento, mas talvez haja fechadura. Agora me dou conta de que foi só saindo porta a fora do consultório que tive a chance de me deparar com o que me convocou a pensar algo outro sobre o que eu imaginava saber a respeito do que é ter e perder, a respeito de posse e abandono. O que se pode aprender sobre possessão e despossessão, sobre saber ter, com aqueles que não têm sandália que lhes proteja a ferida no pé?

Depois dessa grande volta, posso retornar àquela frase que me desorientou no mundo quando eu a ouvi pela primeira vez – “A rua é uma mãe” – e nela escutar agora um verdadeiro hino de reconhecimento que canta a graça que é o viver. Que isso fosse possível, que a rua pudesse ser uma mãe, eu nunca havia antes cogitado. Parece que foi só lançando-me na experiência de tentar romper a clausura das quatro paredes do que eu entendia ser minha psicanálise que as fronteiras de minhas categorias de impossível puderam ser deslocadas, expandindo um pouquinho mais o terreno do possível.

Agora, quando releio aquela frase de Freud sobre o “ouro puro” da psicanálise, que provavelmente precisará ser fundido ao cobre da sugestão para que, finalmente, ela, a psicanálise, alcance “o pobre” e as “amplas camadas populares”, chega eu me arrepio:

Muito provavelmente também seremos obrigados, ao utilizarmos a nossa terapia com as massas, a fundir o ouro puro da análise em grande medida com o cobre do sugestionamento direto, e também o influenciamento hipnótico poderia encontrar o seu lugar ali (Freud, 1919/2017, p.202).

Hoje penso que é preciso ter muito cuidado com o “ouro puro”. Ele é um perigo. É que a moça, aquela que “deveria ter ficado no interior de Alagoas com vestido de chita e sem nenhuma datilografia, já que escrevia tão mal” (Lispector, 1977/2017, p. 50), essa moça tem fome, e o tal ouro puro, ao tocar seu pão, pode contaminá-lo. E aí: “a jovem não poderia mordê-lo, morrendo de fome”. Por isso, Rodrigo SM, ao executar seu frio relato, toma o maior cuidado de “não enfeitar a palavra”, pois ele já sabe: “se eu tocar no pão da moça, esse pão se tornará em ouro” (Lispector, 1977/2017, p.50). Ela, morrendo de fome um pouco a cada dia, não poderia comê-lo. Como não fazer da fome do outro uma abstração? Parece ser essa a pergunta que ecoa no ar.

O ouro ou a vida? É que talvez o “ouro puro”, ao reluzir, nos desvie o olhar do que é mais delicado e precioso: “quem não tem pobreza de dinheiro tem pobreza de espírito ou saudade por lhe faltar coisa mais preciosa que ouro – existe a quem falte o delicado essencial” (Lispector, 1977/2017, p.48). Há o tesouro que não brilha como o ouro. Talvez o delicado essencial esteja escondido em outro lugar. Como sugere a pequena Sofia, do conto *Desastres de Sofia*: há o tesouro que se disfarça e que está onde menos se espera. E, quando já nem esperamos mais, acabamos por encontrá-lo nos nossos abandonados e “sujos quintais” (Lispector, 2016j, p.268).

### **1. Os obedientes: amor é sacrifício**

O delicado essencial é o que me conduz de volta àquele casal do conto *Os obedientes*. Essencial é a palavra que o tal casal nunca usaria, pois “não pertencia ao seu ambiente”. Era assim que a sua tentativa de viver, “de viver mais intensamente”, não os conduzia a lugar algum, senão a constante verificação de receita e despesa em que o homem e a mulher buscavam pesar o que era e o que não era importante. Eles tateavam, mas de nada adiantava esse “vago esforço quase constrangido” que faziam. Assim – “a trama lhes escapava diariamente”. Ao fim do dia, mal tinham a impressão de ter vivido. Por isso, quando faziam o balanço de suas vidas: “nem ao menos podiam nele incluir essa tentativa de viver mais intensamente, e descontá-la, como em imposto de renda” (Lispector, 2016a, p.343).

Só agora eu me dou conta do quanto a obra de Clarice pode ser lida como um estudo profundo e atento de um transtorno psíquico não detectado nos manuais psiquiátricos estabelecidos mundo afora: a obediência. De seus textos, é possível extrair observações agudas e potentes sobre esse mal de que muitos de nós padecemos em maior ou menor grau. Um primeiro critério diagnóstico, eu ousaria dizer, é essa incapacidade ou grande dificuldade em discernir o que é do que não é essencial. Normalmente, quanto menor essa capacidade de discernimento, maior a necessidade de cálculos, de economia e de busca por abatimento no imposto de renda.

Há ainda um segundo critério diagnóstico relevante. Obedientes dormem agitados, mas curiosamente são pessoas calmas e reservadas, que não são tocadas pelas mudanças de governo. A respeito daquele casal, ficamos sabendo que: “Era surpreendente como os dois não eram tocados, por exemplo, pela política, pela mudança

de governo, pela evolução de um modo geral, embora também falassem às vezes a respeito, como todo mundo” (Lispector, 2016a, p.346). O que lhes assegura tanta calma? Parece que é cumprir à risca o pacto secreto da vida obediente: não conduzir, não inventar, não errar. Para o casal, muito mais do que um hábito, esse era um ponto de honra assumido tacitamente. Era assim que eles “nunca se lembrariam de desobedecer” (Lispector, 2016a, p.346).

Na boa execução e observância desses três mandamentos do pacto obediente, eles se acalmavam ao realizarem “o nobre papel” que lhes coubera: ser “um igual”. Condecorados, eles pertenciam a uma casta, eles eram membros “como num clube de pessoas”. Se, num ou noutro breve momento, o marido quase corria o risco de experimentar o que seria a desobediência, “uma tal promessa de prazer perigoso”, então de tal perigo ele se safava depressa. O fazia a contragosto, mas sem discutir. Obedecia ao que dele se esperava, afinal, não era “um desertor que traisse a confiança dos outros”. Já para a esposa, esses momentos talvez acontecessem com mais frequência, pois ela “tinha mais lazer e menos o que chamar de fatos, assim como colegas de trabalho, ônibus cheio, palavras administrativas”. Para ela, o mergulho em tais momentos “era intolerável enquanto durava” (Lispector, 2016a, p.345).

Não tolerar e precisar escapar da própria hora perigosa é mais um dos critérios do diagnóstico diferencial do transtorno obediente. Com Ana, personagem do conto *Amor*, temos a chance de aprender um pouco mais sobre isso. É fundamental, só agora entendo, que uma reflexão sobre *Os obedientes* passe pelo *Amor*. Para Ana, também havia uma “certa hora da tarde” que era mais perigosa. Quando os membros da família estavam “distribuídos em suas funções”, o marido no trabalho, os filhos na escola, quando a casa estava vazia e os móveis estavam limpos, quando nada mais precisava dela: ela se inquietava e seu coração se apertava. Disso, ela tratava logo de escapar, saindo para fazer compras ou para levar objetos ao conserto – “cuidando do lar e da família à revelia deles”. É que, nessa hora da tarde, “as árvores que plantara riam dela”. Aquelas que ela plantara como um lavrador, usando “as sementes que tinha nas mãos, não outras, mas essas apenas”. É que, no fundo, ela sempre tivera a necessidade de sentir “a raiz firme das coisas” e, “perplexamente”, isso um lar lhe dera: “O homem com quem casara era um homem verdadeiro, os filhos que tivera eram filhos verdadeiros” (Lispector, 2016d, p.145).

Era assim que a sua juventude anterior lhe parecia uma “doença de vida”. Dessa juventude, ela havia emergido aos poucos para descobrir que: “também sem a felicidade se vivia: abolindo-a” (ressalto mais esse ponto fundamental sobre a obediência – a necessidade de abolir a felicidade). Ao emergir, encontrara uma legião de pessoas que eram antes invisíveis, pessoas que “viviam como quem trabalha”. O que lhe acontecera antes de ter um lar agora não passava de “uma exaltação perturbada que tantas vezes se confundira com felicidade insuportável”. No lugar dessa confusão, criara algo “enfim compreensível”, criara “uma vida de adulto” (Lispector, 2016d, p.146). Uma vida apaziguada por uma espécie de fina casca; eu diria que pela fina casca da normalidade.

Dentro dessa vida de adulto, calma e compreensível, tanto é preciso viver fugindo da própria hora perigosa, quanto trabalhar incessantemente para expulsar a felicidade dos próprios dias. Parece que os obedientes fogem da felicidade como dizem que o Diabo foge da cruz. Se, em algum momento, chega a haver um breve vislumbre de outra forma de viver, então, como sonhadores, eles passarão a sofrer sonhadores, pois, para eles, é heroico suportar. Como para aquele casal: “Calados quanto ao entrevistado por cada um, discordando quanto à hora mais conveniente de jantar, um servindo de sacrifício para o outro, amor é sacrifício” (Lispector, 2016a, p.347).

Nessa frase – amor é sacrifício –, temos o critério diagnóstico mais importante de todos. Para os obedientes, amor é sacrifício. O heroísmo está todo aí – suportar sacrificar-se sempre um pouco mais. Tal concepção de amor parece estar em absoluta consonância com os achados de Freud (1921/2020) em *Psicologia das massas e análise do eu*. É muito curioso observar como, ao tentar atingir alguma compreensão sobre o fenômeno das massas, Freud acaba por escrever um de seus maiores textos sobre o amor.

Como ele argumenta ali, é esse, e não outro o elemento essencial, que constitui e mantém uma massa coesa: o amor. Interrogado sobre o quanto o indivíduo sente, pensa e age de modo diferente quando está inserido numa massa, sobre o quanto ele se deixa suggestionar ou sobre o quanto obedece cegamente a comandos, podendo ser capaz de cometer atos atrozes que provavelmente não realizaria fora dela, Freud é então conduzido, de maneira incontornável, a elucidar o quanto o indivíduo faz tudo isso voluntariosamente, o quanto, numa massa, o indivíduo obedece por amor.



Nesse grande texto sobre essa força que “mantém unido tudo que há no mundo”, a hipnose, de maneira muito curiosa, se revelará um ponto crucial da compreensão tanto das massas quanto do amor (Freud, 1921/2020, p.164). Como Freud ali propõe: uma pessoa apaixonada não age de maneira muito distinta de uma pessoa hipnotizada. Cito:

Do enamoramento não há, evidentemente, nenhum grande passo até a hipnose. As concordâncias entre ambos são notáveis. A mesma humilde submissão, a mesma docilidade, a mesma ausência de crítica tanto em relação ao hipnotizador quanto em relação ao objeto amado (Freud, 1921/2020, p.189).

Se, entre o apaixonado e seu objeto eleito, é possível reconhecer a mesma atitude obediente e servil que testemunhamos entre o hipnotizado e o hipnotizador, a relação entre o indivíduo de uma massa e o seu líder não será em nada diferente:

Por outro lado, também podemos dizer que a relação hipnótica seria – se essa expressão for permitida – uma formação de massa a dois. A hipnose não é um bom objeto de comparação com a formação de massas, porque é antes idêntica a ela. Da estrutura complicada ela isola para nós um elemento, a conduta do indivíduo da massa em relação ao líder (Freud, 1921/2020, p.190).

É assim que a hipnose se revela o meio-termo entre enamoramento e formação de massa. Se, do primeiro, ela se distingue pela ausência de anseios diretamente sexuais, da segunda, ela se distingue pela restrição de número. O que os três – enamoramento, hipnose, formação de massa – têm em comum é a mesma atitude obediente, submissa, dócil e sem crítica em relação ao hipnotizador, ao líder da massa ou ao objeto eleito por quem o indivíduo se apaixona.

Se isso acontece, se ao objeto amado o eu se submete em devoção e autossacrifício, é porque: “o objeto colocou-se no lugar do ideal do eu” (Freud, 1921/2020, p.188). Se uma relação hipnótica se instala é porque ele, o hipnotizador, “entrou” no lugar do ideal do eu. Se uma massa se forma, é porque uma grande quantidade de indivíduos coloca um único e mesmo objeto no lugar de seu ideal do eu, o líder, e, em consequência desse posicionamento, os indivíduos podem então identificar-se uns com os outros dentro da massa.

Se o objeto “entra” nesse lugar do ideal do eu, a partir daí, o autossacrifício do eu é apenas uma mera consequência da idealização. Se, aos olhos do eu, o objeto eleito parece ser de um valor inestimável, o que Freud bem aponta é o quanto essa superestimação do objeto acontece em função de um empobrecimento do próprio eu, que, ao idealizar, transborda sua libido narcísica para o objeto. O aumento de tamanho

ou de valor do objeto é proporcional à diminuição de tamanho e de valor do eu diante do objeto eleito. Ou seja, no enamoramento, é à custa do empobrecimento do eu, é à custa do seu investimento libidinal no objeto, que este pode então ser admirado e desejado como muito valioso.

É assim que Freud realiza uma decomposição do fenômeno amoroso, nos permitindo aceder à compreensão do quanto, no amor, trata-se de uma questão de lugar; mais exatamente, de captura desse lugar bastante específico que é o ideal do eu. A pergunta que pode ser feita, quando se ama, é o quanto o que se ama não é justamente esse lugar, já que parece justo apontar que o objeto que cair ali virá a ser idealizado pelo eu. Rodrigo SM (na verdade Clarice Lispector), parece não perder a chance de apontar o quanto os critérios de captura desse lugar podem ser um tanto arbitrários, uma vez que somos capazes de amar com servilidade e subserviência até mesmo um refrigerante de qualidade muito duvidosa.

Ele inicia seu relato nos lembrando do que ele já quase havia esquecido. Ele nos lembra de que: “o registro que em breve vai ter que começar é escrito sob o patrocínio do refrigerante mais popular do mundo e que nem por isso me paga nada, refrigerante esse espalhado por todos os países” (Lispector, 1977/2017, p.57). Esse refrigerante, diga-se de passagem, teria sido o mesmo que patrocinou “o último terremoto em Guatemala”. Tanta popularidade parece disseminar-se mundo afora, a despeito de sua suspeita qualidade:

Apesar de ter gosto do cheiro de esmalte de unhas, de sabão Aristolino e plástico mastigado. Tudo isso não impede que todos o amem com servilidade e subserviência. Também porque – e vou dizer agora uma coisa difícil que só eu entendo – porque essa bebida que tem coca é hoje. Ela é um meio da pessoa atualizar-se e pisar na hora presente (Lispector, 1977/2017, p. 57).

A partir daí, a pergunta que parece ecoar no silêncio é: por que somos capazes de amar com servilidade um refrigerante de qualidade tão questionável e não somos capazes de amar Macabéa? A essa altura, já não se pode dizer que não somos capazes de amá-la porque ela é inteiramente raquítica e quase careca, tem manchas no rosto, cheiro “morrinhento” e ovários murchos como um cogumelo cozido. Não deve ser essa a razão, já que, apesar do gosto de cheiro de esmalte de unhas, de sabão Aristolino e plástico mastigado, seguimos amando com subserviência esse refrigerante que tem coca, levando-o diariamente ao interior de nossa boca e estômago.

Se, em Freud, o autossacrifício do eu é uma consequência natural do amor, isso, ele bem nos alerta, não é um sacrifício desinteressado. É aí que ele parece desmontar a máquina do amor por dentro. Se o eu transborda sua libido narcísica para o objeto eleito, se, em função disso, o eu se empobrece, é porque, através disso, ele busca reaver algo: “Ele (o objeto) é amado por causa das perfeições que se almeja para o próprio Eu e as quais agora se gostaria de obter, por esse desvio, para a satisfação de seu narcisismo” (Freud, 1921/2020, p.188).

Ou seja, Freud consegue apontar o quanto o enamoramento não passa de um exercício narcísico, de uma tentativa de satisfação do próprio narcisismo, ao tomar o outro como desvio. Isso é algo que já estava posto desde 1914, em sua *Introdução ao narcisismo*. Desde ali, a vida amorosa dos seres humanos é por ele apontada como uma via de acesso ao estudo do narcisismo, essa “alocação libidinal”, ou seja, um lugar, um destino da libido, que, por tanto tempo, permaneceu oculta em suas pesquisas (Freud, 1914/2010, p. 31).

Essa alocação, esse endereço libidinal, que, por tantos anos em suas pesquisas, lhe permaneceu oculto, Freud começa então a acessar a partir do estudo da esquizofrenia, da hipocondria e do amor. Todas essas se revelam vias de acesso ao dito narcisismo secundário. O narcisismo originário é algo que, segundo ele, precisaria ser suposto, algo que não se pode apreender facilmente pela observação direta. Mas, por inferência retrospectiva, ele consegue confirmá-lo. A atitude terna dos pais para com seus filhos, por exemplo, é o que lhe permite reconhecer a revivescência e a reprodução do próprio narcisismo há muito abandonado. Se ele, o narcisismo originário dos pais, precisa ser revivido através da criança, deve ser porque esse abandono nunca é de fato consumado.

Freud nos fala do quanto os pais são levados a atribuir à criança perfeições que um observador externo não encontraria nela, assim como, em nome dessa idealização, precisam ocultar e esquecer os seus defeitos. A criança será “o centro e o âmago”, ela será “*His Majesty the Baby*, como um dia pensamos de nós mesmos” (Freud, 1914/2010, p. 37). Caberá a ela concretizar os sonhos não realizados dos pais. É assim que a imortalidade do eu, “tão acossada pela realidade”, é supostamente obtida através do refúgio na criança: “O amor dos pais, comovente e no fundo tão infantil, não é outra coisa senão o narcisismo dos pais renascido, que na sua transformação em amor objetal

revela inconfundivelmente sua natureza de outrora” (Freud, 1914/2010, p.37). Parece que é assim – amando o filho como gostariam de ser amados – que os pais conseguem atualizar-se e, como se bebessem o refrigerante que tem coca, então, talvez, sintam na boca o gosto de quem pisa na “hora presente”.

É assim que esse “lugar” do eu – o ideal do eu – poderá ser pensando como um vestígio atualizador do narcisismo originário. Um ideal erigido no interior do eu, pelo qual o “eu atual” será sempre medido (Freud, 1914/2010, p.40). Enquanto ideal erigido, o ideal do eu parece apenas dar notícias do quanto não se consegue abandonar a satisfação narcísica obtida nesse momento originário, em que se foi o centro e o âmago do mundo do outro. Erigi-lo é a via para não renunciar a tal antiga satisfação, que se revela, assim, determinante para a escolha dos futuros amores. Já que é através dele, do amor, que se buscará readquirir a satisfação perdida.

Beber o refrigerante que tem coca, amar o filho como se ele fosse a majestade que um dia imaginamos ter sido parecem ser os nossos tortos desvios para atualizarmos o trono perdido. Seguimos amando o que um dia pensamos ter sido. Se é nessa ilusão de ter sido o único, o soberano, que o eu se funda, é na revivescência dela que ele ama. Se, como dizem – o amor é cego –, deve ser porque, sem essa complacência narcísica, que posiciona o outro ali exatamente onde eu gostaria de me ver, não haveria amor.

Então, é como se Freud tivesse encontrado a fechadura do amor: o objeto que conseguir entrar e ocupar esse “lugar” do eu – o ideal do eu – será por ele idealizado. O que nos permite pensar que essa “fechadura” tem seus contornos próprios previamente estabelecidos no narcisismo originário. Nem todo objeto é capaz de entrar ali e de fazer a engrenagem girar. Ou ainda: talvez o objeto precise ser moldado de acordo com os tais contornos previamente definidos por ele. Nem que seja por um rótulo e por muita propaganda mundo afora, como faz o refrigerante que tem coca.

Parece que aí, no buraco dessa fechadura, Macabéa, mesmo sendo muito magra, está condenada a jamais poder entrar. Ela, sendo aquela que ninguém quer ser ou amar, diferente do bebê sua majestade não parece se afirmarem um caminho possível para tal atualização dessa satisfação narcísica perdida.

No jogo do amor, um jogo de cartas marcadas pelo trono, Macabéa parece estar condenada a nunca ser um objeto eleito. Entretanto, se ninguém é capaz de amar

Macabéa, conhecemos Um que diz ter podido realizar esse feito. Rodrigo SM afirma: “Só eu a amo” (Lispector, 1977/2017, p. 62). E, talvez por isso, só ele possa reconhecer, por baixo dos “panos” da moça (em Alagoas, chamam-se assim as suas manchas brancas no rosto), o seu leve “brilho de opala” (Lispector, 1977/2017, p. 60). Parece que, cegos de amor por esse refrigerante que tem coca, perdemos a chance de reparar no brilho raro dessa alagoana. Quando ela passa na rua, ninguém nem ao menos a olha.

## 2. O que o olho cego não vê revela

A dita “hora perigosa do dia”, a hora em que nada mais precisa da força de trabalho das mãos de Ana, muito menos de seu sacrifício, talvez possa ser pensada como a hora vazia. Uma vez que nela o sujeito é livre para fazer o que quiser. É dessa liberdade que os obedientes fogem, talvez porque pressintam que o vazio convoca ao comparecimento do sujeito em sua singularidade. Nele, é praticamente impossível permanecer sem romper com um daqueles mandamentos do pacto obediente: não conduzir, não inventar, não errar.

Mas *Amor*, de Clarice, não é senão o relato do malogro dessa fuga. O relato do quanto o encontro com algo outro, algo com que não se contava previamente, é suficiente para fazer ruir toda a organização dos dias compreensíveis e calmamente apaziguados. *Amor* é a história de como o imprevisível, mais hora, menos hora, irrompe e faz romper a fina casca, convocando o surgimento do sujeito na sua singularidade, para além do que é garantido pelo tácito pacto.

Era fim da tarde e um vento úmido soprava anunciando “o fim da hora instável”, Ana ia sentada no bonde com o novo saco de tricô no colo, pesado e cheio de compras; enquanto o veículo se arrastava e estacava, ela ia pensando que até Humaitá teria ainda algum tempo para descansar. “Foi então que olhou para o homem parado no ponto”. A diferença entre esse homem e os outros homens é que esse estava “realmente parado”: “De pé suas mãos se mantinham avançadas. Era um cego”. E algo mais ali nesse homem a inquietava: “Alguma coisa intranquila estava sucedendo. Então ela viu: o cego mascava chicles... Um homem cego mascava chicles” (Lispector, 2016d, p.147).

Pronto. Isso bastou. O coração então lhe bateu violento no peito, e ela, inclinada, olhava o cego, “como se olha o que não nos vê”. Ela o olhava mascar goma na

escuridão, “sem sofrimento” e com os olhos abertos. O movimento de mastigação parecia fazê-lo sorrir e, de repente, deixar de sorrir: “como se ele a tivesse insultado Ana olhava-o. E quem a visse teria a impressão de uma mulher com ódio” (Lispector, 2016d, p.147). O que havia ali nesse cego? O que ali era capaz de suscitar ódio nessa mulher tão calma?

Ana não conseguia deixar de olhá-lo, cada vez mais inclinada, até que o bonde deu uma arrancada súbita, lançando-a para trás; seu novo saco de tricô “despencou-se de seu colo, ruiu no chão”. Ela dá um grito, o condutor dá ordem de parada, todos os passageiros olham assustados. Incapaz de se mover e apanhar as compras, ela se apruma, pálida: “O moleque do jornal ria entregando-lhe o volume”. Então, ela constata que os ovos – “se haviam quebrado”. A casca se havia rompido, gemas amarelas pingavam dos fios da rede. Enquanto isso, na parada, o cego – “interrompera a mastigação e avançava as mãos inseguras, tentando inutilmente pegar o que acontecia”. Entre os sorrisos dos passageiros e o sinal do condutor, o bonde dá nova arrancada de partida. Pouco depois, já não a olhavam mais, e “o cego mascando goma ficara atrás para sempre”. Mas era tarde: “o mal estava feito” (Lispector, 2016d, p.148).

A rede de tricô tornara-se áspera entre os dedos e não íntima, como quando ela mesma a tricotara: “A rede perdera o sentido e estar num bonde era um fio partido”. Estar num bonde era um fio partido e, de repente, ela já não sabia nem o que fazer com as compras no colo. O que foi que Ana viu ali ao ver um cego mascando goma na escuridão? Por acaso, ela “teria esquecido de que havia cegos?”. Ela respirava profundamente, enquanto “a piedade a sufocava”. A partir dali, mesmo as coisas que existiam antes do acontecimento “estavam agora de sobreaviso”, até mesmo essas coisas tinham um “ar mais hostil” e “perecível” (Lispector, 2016d, p.148). Não havia para onde correr:

O mundo se tornara de novo um mal-estar. Vários anos ruíam, as gemas amarelas escorriam. Expulsa de seus próprios dias, parecia-lhe que as pessoas na rua eram periclitantes, que se mantinham por um mínimo equilíbrio à tona da escuridão – e por um momento a falta de sentido deixava-as tão livres que elas não sabiam para onde ir. Perceber uma ausência de lei foi tão súbito que Ana se agarrou no banco da frente, como se pudesse cair do bonde, como se as coisas pudessem ser revertidas com a mesma calma com que não o eram. O que chamava de crise viera afinal (Lispector, 2016d, p.148).

Um cego mascando chicles... Isso bastou para lhe mergulhar o mundo em “escura sofreguidão”. Justo ela, que “apaziguara tão bem a vida”, que cuidara tanto para

que a vida “não explodisse”, que mantinha tudo em “serena compreensão”. E então um cego mascando goma subitamente fazia tudo isso se despedaçar. Em seguida, é como se ela caísse “numa bondade extremamente dolorosa” e, através da piedade pelo cego, aparecesse a ela “uma vida cheia de náusea doce, até a boca” (Lispector, 2016d,p.149).

*Amor* não é senão o relato do malogro de uma fuga do viver e, da maneira,de como nesse malogro Ana é então invadida por uma vida outra, precível e periclitante, que lhe sobe cheia de náusea até a boca. Parece que o acaso, impiedoso, providencia que um dia aquilo que tanto foi apaziguado venha finalmente a explodir em incompreensão, que um dia todo o espanto abafado e toda desordem friamente suplantada venham finalmente a irromper. De maneira irreversível, pois, uma vez quebrados os ovos, não é mais possível devolver a gema ao interior da casca.

Se, para a Freud, a hipnose revela-se ponto incontornável numa reflexão sobre o amor, então somos obrigados a acompanhá-lo na sua sinceridade quanto aos limites do que se pode saber acerca desse fenômeno, em que “o hipnotizador é o único objeto; nenhum outro será considerado ao lado dele” (Freud, 1921/2020, p.190). Ele chega a dizer o quanto a hipnose resolveria o enigma da formação de massa, não fosse ela própria tão enigmática e cheia de traços que escapam ao esclarecimento racional. Como ele mesmo afirma, ainda há muito nela que precisa ser reconhecido como não compreendido – “como mítico”. Ele segue: “Ela contém um suplemento de paralisia proveniente da relação entre um ser superpoderoso e um ser impotente, desamparado, o que de certa forma nos remete à hipnose por terror em animais” (Freud, 1921/2020, p.191).

É por esse traço “mítico” da hipnose, traço infamiliar o qual parece dar notícias de algo antigo que teria sucumbido ao recalçamento, que Freud vai aos poucos encontrando caminho para colocar uma de suas hipóteses fundamentais desse estudo: aquela ideia de que a massa seria uma revivescência da horda originária. O hipnotizador, ao hipnotizar através do olhar, ao convocar a pessoa a olhar nos seus olhos, faz-se objeto único, uma vez que ele estaria ordenando algo do tipo: “agora se ocupe exclusivamente de mim, o resto do mundo é totalmente desinteressante” (Freud, 1921/2020, p.204). Assim, ele lançaria mão de uma força misteriosa que supostamente rouba do sujeito sua vontade própria.

Parece que é conseguindo fazer-se objeto exclusivo do interesse e da atenção do hipnotizado que o hipnotizador provocaria a revivescência da relação ao pai primevo: “a representação de uma personalidade superpoderosa e perigosa, diante da qual só era possível se posicionar de maneira passivo-masquista, e na qual era preciso perder sua vontade” (Freud, 1921/2020, p.206). Essa seria a única relação possível entre um indivíduo da horda originária e o pai – diante dele, por puro medo, ocupar uma posição passivo-masquista na qual é preciso perder a própria vontade. O líder de uma massa, Freud afirma, continuaria sendo o temido pai: “O pai primevo é o ideal da massa, que, no lugar do Ideal do Eu, domina o Eu” (Freud, 1921/2020, p.206).

Parece que é numa zona indistinta entre medo e fascínio por essa figura ao mesmo tempo tão poderosa e perigosa que a hipnose pode operar. Quando Freud compara a massa a um rebanho obediente que não saberia viver sem um senhor, quando ele nos fala do quanto a massa tem uma “tal sede de obedecer” (Freud, 1921/2020, p.150), ele aponta o quanto essa necessidade da massa vai ao encontro de um líder que precisa, ele próprio, estar *fascinado por uma poderosa crença* para assim despertar a crença na massa (Freud, 1921/2020, p. 151).

Essa mesma questão do fascínio, por outro viés, ele também já a desenvolvia em sua *Introdução ao narcisismo*. Ali ele aponta o quanto nós, pobres mortais que supostamente abandonamos nosso narcisismo originário e partimos para a busca do amor objetal, seguimos capazes de grande atração e fascínio pelo narcisismo daquelas criaturas que parecem dele não ter desistido:

Pois parece bem claro que o narcisismo de uma pessoa tem grande fascínio para aquelas que desistiram da dimensão plena de seu próprio narcisismo e estão em busca de amor objetal; a atração de um bebê se deve em boa parte ao seu narcisismo, sua autossuficiência e inacessibilidade, assim como a atração de alguns bichos que parecem não se importar conosco, como os gatos e os grandes animais de rapina (Freud, 1914/2010, p.34).

Ele sugere que é como se nós os *invejássemos* pela conservação de uma posição libidinal narcísica “inatacável” que nós abandonamos. É por aí que passa o fascínio: pela ideia de que aquele que invejamos supostamente teve sucesso em não renunciar ao que nós, tão frágeis diante das afrontas da realidade, não suportamos sustentar e por fim abandonamos. O nosso maior e primeiro modelo de narcisismo inatacável, como ele sugere em *Psicologia das massas e análise do eu*, só pode ter sido o pai da horda.



Se toda massa é uma revivescência da horda originária, isso dá notícias do quanto seguimos suscetíveis à influência do fascínio do pai, do quanto uma posição narcísica “inatacável” como a sua segue nos hipnotizando. Como se o ideal do eu fosse então o vestígio que busca atualizar essa primeira posição narcísica inatacável – a do pai. É isso que o ideal conserva ao tentar reaver a satisfação narcísica a cada apaixonamento, cada formação de massa e a cada bebê sua majestade. Como se o amor, ao se revelar uma questão de lugar, revelasse também o quanto é sempre para esse lugar tão antigo e originário que, até hoje, endereçamos e transferimos nossa libido. Parece que ainda é por ele, pelo pai da horda, que nos apaixonamos – obedientemente – a cada vez que amamos.

Se isso é algo tão antigo, deve ser porque não somos nós que determinamos nossos fascínios. Somos, antes, determinados por eles. O fascínio parece dizer dessa força de atração que não controlamos; somos, antes, controlados por ela. Sob o seu efeito, nos entregamos e vamos ao encontro do que se faz único e institui uma única maneira de nos posicionarmos diante dele: masoquistamente, abrindo mão de nossa vontade.

O que Ana viu ao ver o cego é um mistério, mas esse encontro, não há dúvidas, desencadeia algo da ordem de uma ruptura. O que mais “despencou-se” junto ao saco de tricô? Além dos ovos que “se haviam quebrado”, o que mais se quebrou? Algo outro se rompe além da fina casca do ovo. Como se, ao ver o cego – como se olha o que não nos vê –, Ana sofresse uma quebra que a desperta para a vida, que sempre estivera ali periclitante, mesmo quando ela não a via. Um abrupto despertar desencadeado pela percepção da existência de algo outro com o qual ela não contava e que, de repente, surge no seu campo de visão: o cego mascando goma na escuridão.

Como se, nesse momento em que ela vê algo outro, uma espécie de comando hipnótico, sob o qual seus dias eram vividos, fosse então rompido. Resta a ela agarrar-se ao banco da frente como quem pode “cair do bonde”, mas estar ali, estar no bonde já era um fio partido. Parece que é tarde para temer; ela já caiu. Já foi vertiginosamente lançada numa ausência de sentido, de leis e garantias. O ponto é que é justamente essa queda que lhe permite estranhar o mundo a sua volta e, em seguida, reconhecer o quanto, por um mínimo equilíbrio, as pessoas na rua se mantêm à tona da escuridão.

Sempre me perguntei por que Clarice escolheu dar a essa história o nome de *Amor*. O que estaria ela sugerindo com esse gesto de nomeação? O amor é cego ou o amor é um cego mascando goma na escuridão? Ao promover esse deslocamento, estaria ela sugerindo que amor é o que há depois de vermos o cego? Amor seria sobreviver ao encontro com o que eu não estava contando existir?

Parece que, em Clarice, esse encontro com algo outro, que pode ser o cego, mas também a barata (Lispector, 1964/2009) ou o rato morto sob o meu pé (Lispector, 2016e), é suficiente para promover uma desorganização do previamente estabelecido e, assim, fazer ruir as bases da “minha civilização”. Um encontro que me desorganiza a ponto de me fazer perder minha “montagem humana” (Lispector, 1964/2009, p. 18). É também esse inesperado encontro que parece dar ensejo para que o sujeito se lance (ou não) numa travessia que detalharemos mais adiante: a travessia “do amor e seu inferno” (Lispector, 2016d, p.155).

Talvez só o que vem a surgir depois dessa incerta travessia é que seja, de fato, amor. Então aquilo que Freud tão magistralmente trabalha nesse seu grande texto, o que ele ali chama de amor, poderíamos pensar corresponder ao que Clarice, mais especificamente em *A paixão segundo G.H.*, chamaria de “pré-amor” aquilo que existia antes do encontro inesperado entre G.H. e a barata. Pré-amor que é “tão mais feliz do que o amor” (Lispector, 1964/2009, p. 28).

### **3. A felicidade é clandestina**

*Amor* também parece sugerir que, se há alguma salvação para o obediente, talvez seja essa: sofrer um estranhamento que o abale e rompa o comando hipnótico sob o qual se vivia. Dessa maneira, ao ser expulso dos próprios dias tão apaziguados, se pode finalmente dar lugar ao espanto que afirma a vida periclitante. Ao que tudo indica, primeiro um obediente precisa perder-se para então tentar se localizar de outra forma no mundo. Claro que isso não é sem riscos: “Perder-se é um achar-se perigoso” (Lispector, 1964/2009, p.101). Quem sabe, assim, ele pode estranhar a maneira como conduz a própria vida, precisando, dia após dia, expulsar o risco da felicidade.

Felicidade. “Nunca vi palavra mais doida, inventada pelas nordestinas que andam por aí aos montes” (Lispector, 1977/2017, p.47). Outra doce obediente retratada

na obra de Clarice é aquela moça nordestina que deveria ter ficado no interior de Alagoas. Macabéa, como uma boa obediente, era infeliz e não sabia: “Ela pensava que a pessoa era obrigada a ser feliz. Então era” (Lispector, 1977/2017, p. 61), o que apenas revela o quanto felicidade depende de um julgamento do sujeito; julgamento que, como qualquer outro, pode ser equivocados. Acreditar-se feliz quando se é infeliz, não se saber infeliz talvez seja só uma maneira de expulsar a felicidade da própria vida. É na consulta à cartomante que sua infelicidade lhe é revelada, e a moça sai de lá desorientada: “Só então vira que sua vida era uma miséria. Teve vontade de chorar ao ver seu lado oposto, ela que, como eu disse até então se julgava feliz” (Lispector, 1977/2017, p.104). Talvez, para Macabéa, isso tenha sido muito mais informação do que ela poderia suportar saber, uma vez que, ao sair assim, tão desorientada da consulta, ao dar um passo para atravessar a rua, ela é subitamente atropelada por um carro importado tão enorme quanto um transatlântico. Saber-se infeliz pode ser muito perigoso, mas parece que não há outra maneira de se posicionar melhor na busca pela felicidade.

Felicidade, palavra mais doida inventada pelas nordestinas e da qual Freud se ocupa longamente. Fui ao *Mal-estar na cultura*, buscando suas reflexões sobre obediência, e qual não foi a minha surpresa ao encontrar ali a felicidade? O que me fez pensar que talvez a questão seja mesmo toda essa: como, no mal-estar, encontrar a felicidade? Eu poderia dizer que basta ir ao segundo capítulo. Está tudo ali. Mas o problema é que não trago boas notícias de lá. Segundo Freud, se a vida humana tem algum propósito, este é determinado pelo programa do princípio de prazer: a busca pela felicidade. Programa que seria, nas palavras dele, “absolutamente irrealizável” (Freud, 1930/2020, p.320).

É que, se nós, humanos, fomos programados para essa busca, então algo aí não foi bem feito. Seja lá quem for o responsável técnico por essa programação, ele definitivamente esqueceu-se de combinar nosso programa com o restante do mundo. Ou simplesmente nos abandonou no mundo errado: “todos os dispositivos do universo opõem-se a ele; poderíamos dizer que a intenção de que o ser humano seja ‘feliz’ não está no plano da criação” (Freud, 1930/2020, p. 320).

Freud aponta o quanto, de saída, nossas possibilidades de felicidade são limitadas pelas características de nossa constituição. A felicidade só nos seria possível

enquanto fenômeno episódico, enquanto “repentina satisfação de necessidades altamente represadas”. De modo que só podemos “gozar o que é contraste”, assim como só podemos “gozar muito pouco o estado” (Freud, 1930/2020, p. 321). A infelicidade, ao contrário, jorraria de fontes inesgotáveis, o que faz com que nossas dificuldades para gozarmos dela ininterruptamente sejam infinitamente menores. Como diria o refrão daquele samba, com o qual Freud certamente haveria de concordar: “tristeza não tem fim, felicidade sim”.

A felicidade, ao que tudo indica, é um breve episódio, é um momento que talvez dure tanto quanto uma dança na chuva depois do longo período anual de estiagem e seca em Brasília, por exemplo. Ela dura o quanto pudermos aproveitar essa dança. Quem seria louco de viver em busca de tão efêmeros momentos? Isso me faz pensar num conto tão breve, de Clarice, que se chama *Felicidade clandestina*. Temos ali duas crianças, duas meninas na cidade de Recife, uma delas tem o que “qualquer criança devoradora de histórias gostaria de ter”: um pai dono de livraria. Que ela: “Pouco aproveitava. E nós menos ainda” (Lispector, 2016l, p. 393). Não preciso dizer que, nessa breve história, a felicidade clandestina não será da menina que pouco sabe aproveitar o que tem, e sim da outra, da que não tem. É que parece que a prerrogativa para aproveitar algo, ou seja, para saber ter algo é, antes, lembrar-se de sempre fazer do não ter o ponto de partida inicial. Coisa que pessoas que são “donas” pouco podem fazer, já que partem de uma posse garantida.

Essa menina arruivada, que tem o que as outras meninas gostariam de ter e que não sabe aproveitar o que tem, parece só poder aproveitar o que tem exercendo o seu “talento para a crueldade”, exercendo “com calma ferocidade o seu sadismo”, fazendo as outras implorarem pelos livros emprestados que ela não lia (Lispector, 2016l, p.393). O que sugere que a miséria da alma humana faz com que aqueles que não sabem gozar o que têm precisem gozar da crueldade de não deixar o outro ter também, de não deixar o outro ser feliz.

Exercendo sua “tortura chinesa”, a menina ruiva informa ter *As reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato, justamente o sonho daquela menina devoradora de histórias, que vê aí “um livro grosso para se ficar vivendo com ele, comendo-o, dormindo-o” (Lispector, 2016l, p.394). A ruiva promete emprestá-lo. A cada dia, a menina que não tem sobe as ladeiras de Recife para buscar o prometido livro, bate à

porta da menina cruel que a cada vez inventa uma desculpa para não emprestá-lo e assim fazê-la voltar no dia seguinte. Sempre o mesmo roteiro: dia após dia, a menina que não tem sobe a imensa ladeira, sonhando o livro prometido, só para, logo em seguida, viver nova queda, para mais uma vez ter assassinada a sua esperança de livro grosso.

Até que, um dia, a “mãe boa” da menina cruel descobre o que estava acontecendo ali entre as duas. Então diz calmamente para a própria filha: “Você vai emprestar o livro agora mesmo”. E, para a outra menina: “E você fica com o livro por quanto tempo quiser”. Por quanto tempo quiser. “Entendem?”. Para a menina, isso valia mais do que se o livro lhe tivesse sido dado. Porque esse intervalo – “pelo tempo que você quiser” – “é tudo que uma pessoa, grande ou pequena, pode ter a ousadia de querer” (Lispector, 2016l, p.395).

Parece que a felicidade tem algo a ver com ter a ousadia de querer ter e não ser dono; com saber aproveitar o livro que ficará comigo por quanto tempo eu quiser. A felicidade tem algo a ver com o que só será meu enquanto eu tiver forças para ter. Ela dura esse intervalo: não ler o livro não é desfrutá-lo, e ler o livro já é perdê-lo. A felicidade dura o quanto eu suportar ter o que não é meu: dura o intervalo entre não ter e ter, que já será não mais ter. Para isso, essa menina tão pequena e já tão esperta cria seus próprios dispositivos. Como propõe Hélène Cixous (1989, p.146), essa menina cria os seus “meios de borda” para prolongar o ter, para que o “por quanto tempo você quiser” seja tão interminável quanto possível. Ela faz assim:

Chegando em casa, não comecei a ler. Fingia que não o tinha, só para depois ter o susto de o ter. Horas depois abri-o, li algumas linhas maravilhosas, fechei-o de novo, fui passear pela casa, adiei mais indo comer pão com manteiga, fingi que não sabia onde guardara o livro, achava-o, abria-o por alguns instantes. Criava as mais falsas dificuldades para aquela coisa clandestina que era a felicidade (Lispector, 2016l, p. 396).

Só partindo da condição de não ter é que se pode não esquecer que ter é “um susto”. Ela inventa suas próprias maneiras para preservar, no ter, um espanto vivo. Para isso, finge perder só para ter o prazer de reencontrar. Ela lança mão das falsas dificuldades e não devora o livro de uma vez, mas devagar, linha por linha, intercalando com pão e manteiga. Então, se Freud lamenta a felicidade enquanto breve intervalo, Clarice parece afirmá-la como intervalo de qualidade interminável. Aproveitá-lo dependerá das astúcias, espertezas e invenções de cada um. Com essa prerrogativa da

necessidade de invenção singular para gozar a felicidade, Freud parece estar totalmente de acordo. Entretanto, inventar, nós já sabemos, é algo que os obedientes se proibem através de seu pacto tácito: não conduzir, não inventar, não errar. O que esse conto parece sugerir é que aqueles que não puderem inventar suas próprias artimanhas para fazer do ter um susto pouco poderão aproveitar o susto que é ter.

O segundo capítulo d'*O mal-estar* é uma pedra rara com a qual Freud nos presenteou. Ele pode ser lido como uma espécie de inventário freudiano, um mapeamento por ele feito dos inúmeros caminhos pelos quais os seres humanos se esforçam em buscar a felicidade, caminhos que ele catalogou a partir das mais diferentes técnicas de sabedoria de vida. O que parece sugerir que felicidade tem algo a ver com sabedoria, saber viver e trilhar caminhos.

Os caminhos ali levantados por Freud são inúmeros e chega a ser hilária a sua singular maneira de apontar o quanto cada caminho é mais difícil e desvantajoso que o outro. O que pode nos interessar aqui muito mais do que a enumeração de cada um deles talvez sejam as conclusões de Freud sobre a felicidade e o caminhar. Ele nos diz que, apesar da incompletude do seu inventário, já lhe parece possível apontar que: “O programa que o princípio de prazer nos impõe, de ser feliz, não pode ser realizado; ainda assim, não temos o direito – não, não podemos – de abandonar os esforços para, de alguma forma, aproximarmo-nos de sua realização” (Freud, 1930/2020, p. 330).

Buscar ser feliz no mal-estar: parece ser essa a causa impossível da qual não se pode desertar. O que faz da felicidade um verdadeiro problema de economia libidinal para o indivíduo, uma vez que, para nos aproximarmos de tal realização, é possível tomar caminhos diversos, mas por nenhum deles alcançarmos o que almejamos. Talvez se os obedientes soubessem disso, que não há um que chegue lá na felicidade, poderiam fugir um pouco menos de sua busca. Porque jamais a alcançaremos, não há nenhum conselho que sirva para todos: “cada um precisa tentar por si a maneira particular para se tornar feliz” (Freud, 1930/2020, p.330). Segundo Freud, tudo depende da combinação de três fatores: de quanta satisfação o indivíduo pode esperar do mundo exterior, de até que ponto o sujeito consegue agir para se tornar independente do mundo exterior e do quanto ele pode dispor de suas próprias forças para modificar o mundo exterior de acordo com o próprio desejo. Parece possível afirmar que a combinação desses três fatores só pode ser algo que se decide a cada vez, ou seja, a cada situação

posta pelo mundo exterior. Suspeito que isso tenha algo a ver com o tal essencial que tanto escapa aos obedientes: o essencial não é algo fixo e estabelecido, ele se decide a cada vez, a cada situação.

Justamente por depender dessa conjunção de fatores, Freud (1930/2020) aponta o quanto não se trata de escolher um único caminho nessa busca, já que decisões extremas são punidas por expor o indivíduo aos perigos que a insuficiência da técnica de vida escolhida, de modo exclusivo, traz consigo. Por isso, ele sugere, seria melhor fazer como o “prudente comerciante” que não aplica todo seu capital num lugar só; seria melhor não esperar toda a satisfação de uma única aspiração.

Interessa-nos bastante o que ele traz no fim do capítulo, sobre a escolha daqueles que optam por se submeterem a um único caminho dito seguro e livre de sofrimento. Aquele caminho que promete a felicidade no fim, nem que seja após a morte, ao custo da submissão irrestrita aos “desígnios inescrutáveis de Deus”. Primeiro, ele reafirma a absoluta inexistência de caminho seguro para a felicidade e, então, aponta o alto preço da escolha por esse caminho que fixa violentamente o indivíduo num “infantilismo psíquico”. Se o indivíduo se acredita realmente incapaz de escolher os caminhos pelo qual buscaria sua felicidade, se ele se acredita incapaz de conduzir a própria vida, ele estaria, com isso, “admitindo que só lhe restou, como última possibilidade de consolo e fonte de prazer no sofrimento, a submissão incondicional”. Impiedosamente, Freud completa: “E se ele está pronto para ela, provavelmente teria podido poupar-se desse descaminho” (Freud, 1930/2020, p.332).

É assim que Freud nos permite concluir que, se na busca pela felicidade, existem inúmeros caminhos possíveis, a obediência, a submissão incondicional, a um caminho único, é o único que não conduz até lá. Em matéria de felicidade, a obediência é, antes, um descaminho, uma desorientação. Buscando a economia segura, eles acabam indo na direção oposta a qualquer felicidade possível. Talvez por isso, em *Brasília*, Clarice (2016f) afirme que ser feliz é uma responsabilidade tão grande. Se ser feliz é o problema da economia libidinal da vida do indivíduo é porque felicidade é sempre investimento de risco; não há caminho certo ou garantido, e só cada um pode decidir por si, a cada vez, em quais combinações vale investir. Não há como fugir do risco de ser feliz/infeliz, pois é sempre de uma aposta que se trata. O que Freud está afirmando, sem hesitações, é do quanto se paga um preço muito maior quando se tenta fugir do risco e

se opta por se submeter incondicionalmente a um caminho dito seguro, que promete a felicidade garantida no final. É esse o cálculo que parece escapar às constantes verificações de receita e despesa da vida obediente. A partir daí, o que se pode perguntar é: com tanta verificação de receita e despesa, tanta economia, o que de fato ganham os obedientes, ao final?

Parece que ganham estrelinhas na testa. Condecorações, como sugere Clarice. É claro que, ao seguirem os preceitos do pacto obediente – não conduzir, não inventar, não errar –, certamente também ganham pertencimento. É assim que se pode ser reconhecido como “um igual” pelos outros obedientes com quem se compõem casta, “como num clube de pessoas”. Abordando o fenômeno religioso e seus impraticáveis mandamentos, Freud aponta que, quanto mais difícil for cumprir um desses preceitos, maior será o mérito obtido. De modo que é essa, apenas essa, a satisfação com a qual um obediente pode contar: “a satisfação narcísica de se ter o direito de se considerar melhor que os outros” (Freud, 1930/2020, p.402). E isso, para Freud, está longe de ser felicidade. Quem seria louco de viver em busca de estrelinhas na testa, condecorações e medalhas?

Nesse ponto, os pensamentos de Freud e Clarice parecem ressoar uma mesma nota. Se o que move o obediente é esse chamado ao mérito e à condecoração pelo elevado e heroico sacrifício em nome da observância de um difícil preceito, o que se obtém daí não é nada além de uma satisfação de qualidade miserável – a satisfação narcísica. É assim que, em busca da condecoração e do mérito, os obedientes parecem caminhar, de sacrifício em sacrifício, absolutamente orientados em direção ao ideal do eu. Corresponder a ele é tão impossível quanto ser feliz no mal-estar. Mas parece se tratar de impossíveis que possuem qualidades distintas. Parece que um caminhar exclusivamente orientado pelo ideal está fadado à infelicidade.

Tanto para Freud quanto para Clarice, a obediência se reafirma como descaminho para a felicidade, e, para os dois, a felicidade não parece estar em ser, muito menos em ser melhor que o outro. Como sugere o conto de Clarice, a felicidade parece estar do lado do saber ter. O que nos permite pensar que a felicidade é não-narcísica, e, essa dica para o tesouro, Clarice talvez já tenha estampado no título: a felicidade é clandestina. Em direção a ela, parece que todos nós só podemos ir como o cego: com as mãos avançadas tateando na escuridão. Além disso, se os ideais são inevitáveis, parece



que alguma felicidade o sujeito encontra ao descobrir a sua melhor maneira – aquela mais singular – de não segui-los, de desviar-se deles, subvertê-los.

#### **4. Do amor-sacrifício ao amor sem piedade**

Finalmente desorientada na vida, Ana só então percebe que há muito passara do seu ponto de descida. Com as pernas débeis, ela, finalmente, salta do bonde e olha em volta, sem conseguir se localizar: “Parecia ter saltado no meio da noite” (Lispector, 2016d, p.150). Depois de ficar parada por um tempo olhando um alto muro, ela dá alguns passos e é assim que atravessa os portões do Jardim Botânico. Ela não sabe, mas, depois de entrar ali, ela certamente não sairá a mesma.

Nisso que aqui estamos propondo se tratar de uma travessia do amor e seu inferno nos textos de Clarice, nos parece marcante a necessidade dessa entrada em um lugar outro, do qual não se sai a mesma pessoa. No caso de Ana, esse lugar é o Jardim Botânico. Se inicialmente a sua vastidão parece acalmá-la, se ali ela consegue regular sua respiração, não tarda até que, com mal-estar, ela sinta ter caído numa “emboscada”: “Fazia-se no Jardim um trabalho secreto do qual ela começava a se aperceber”. Nas árvores, as frutas pretas e doces, no tronco, as luxuosas patas de uma aranha, no chão, “caroços secos cheios de circunvoluções como pequenos cérebros apodrecidos”. Ali dentro, ela ia notando que: “A crueza do mundo era tranquila. O assassinato era profundo. E a morte não era o que pensávamos”(Lispector, 2016d, p. 151). Parece que é pela morte que vai se abrindo um novo mundo diante de seus olhos. Um mundo onde a decomposição se revela profunda e perfumada, um mundo tão rico que apodrece. É com nojo que tudo isso a atinge, mas também com fascínio.

Se a travessia de Ana passa pelo Jardim Botânico, a descida ao inferno de G.H. – uma habitante da cobertura, do último andar – passa pela entrada no quarto de empregada. A empregada, Janair, de quem G.H. custa a se lembrar do nome e do rosto, havia se demitido no dia anterior. É assim que ela tem, só para si, o apartamento vazio e o dia inteiramente livre, que decide dedicar à arrumação. Sua prévia organização para o dia define que a arrumação seria iniciada pelo quarto da empregada, que “devia estar imundo na sua dupla função de dormida e depósito de trapos”. Ela começaria pela “cauda” do apartamento e depois iria “subindo” até o seu lado oposto, que era o

“*living*”, onde, por fim, com tudo limpo, ela deitaria no fim do dia para ler o jornal (Lispector, 1964/2009, p. 33).

Já na porta do quarto, ela é obrigada a lidar com o inesperado. É que, em vez da penumbra confusa e suja, ela se depara com um quadrilátero de branca luz, um quarto inteiramente limpo: “Não contara é que aquela empregada, sem me dizer nada, tivesse arrumado o quarto à sua maneira, e numa ousadia de proprietária o tivesse espoliado de sua função de depósito” (Lispector, 1964/2009, p. 37). Isso basta para que, mesmo dentro do próprio apartamento, ela se sinta como que expulsa de casa, como se o quarto não estivesse “incrustado” nem no apartamento nem no prédio que ela habitava.

A entrada nesse lugar outro, para as duas mulheres, marca a sua expulsão de um lugar onde antes estavam confortavelmente instaladas. Essa expulsão do próprio mundo, essa experiência de estrangeiramento é o que parece abri-las para um estranhamento da própria moral. Para Ana, estar ali, no Jardim Botânico, testemunhando com os próprios olhos o quanto a vida vem da morte, vem da decomposição profunda, basta para que ela constate que: “A moral do Jardim era outra” (Lispector, 2016d, p. 151). Parece que esse mero contato com a existência de outra moral é suficiente para despertá-la em relação a sua. É assim que, por um instante, a vida sadia que levava até então “pareceu-lhe um modo moralmente louco de viver” (Lispector, 2016d, p.152).

Uma mesma experiência de estranhamento moral também é vivida por G.H. Em seu caso, a entrada no quarto ainda está para ser conquistada. Depois de se deparar com o inesperadamente limpo, ela ainda será surpreendida por um desenho na parede – grossos traços feitos com ponta quebrada de carvão. Um mural deixado ali por Janair. Três figuras, quase em tamanho natural: um homem nu, uma mulher nua e um cão. Eram “contornos de uma nudez vazia”, três “autômatos”; até mesmo o cachorro tinha a “loucura mansa daquilo que não é movido por força própria”. Cada uma das três figuras olhava para frente – “como se nunca tivesse olhado para o lado” –, como se elas não soubessem que, do lado, havia alguém. G.H. sorri constrangida ao se dar conta de que, naquele mural, ela provavelmente estava sendo retratada. Uma “mensagem bruta” de Janair para quando ela abrisse a porta (Lispector, 1964/2009, p. 39).

Até se ver representada nesse mural, G.H. nunca antes havia pensado que, na “mudez de Janair”, pudesse existir alguma censura à sua própria vida. Só então ela se pergunta como teria sido ela julgada por Janair: “Havia anos que eu só tinha sido

julgada pelos meus pares, e pelo meu próprio ambiente que eram, em suma, feitos de mim mesma e para mim mesma” (Lispector, 1964/2009, p.40). Janair era a primeira pessoa “realmente exterior” de cujo olhar ela tomava consciência. Isso permite a ela se dar conta de que: “Eu vivia mais dentro de um espelho” (Lispector, 1964/2009, p.27),o que a conduz à suspeita de que, naqueles seis meses em que Janair esteve ali, provavelmente ela esteve a odiando em silêncio. Ao constatar que, na verdade, aquela mulher para ela fora uma “invisível” a quem ela nunca direcionou o olhar, G.H. se pergunta pelo contrário: “Perguntei-me se na verdade Janair teria me odiado ou se fora eu, que sem sequer a ter olhado, a odiara” (Lispector, 1964/2009, p. 42).

A essa altura das revelações, o que G.H. nem sonha é que, do inferno, ela ainda está apenas a bater na porta. Uma cólera inexplicável a toma, e ela entra no quarto assim: “eu queria matar alguma coisa ali” (Lispector, 1964/2009, p.43).Mas era como se tivesse entrado no nada; mesmo dentro, era como se ainda estivesse fora; o quarto não lhe cabia. Ao olhar para o guarda-roupa vazio e abrir a sua porta, que não podia ser totalmente aberta porque o pé da cama impedia, ela enfia o rosto ali dentro dessa brecha e se deixa ser “espiada” pelo escuro: “Então, antes de entender, meu coração embranqueceu como cabelos embranquecem”. É que da meia escuridão movera-se a barata grossa, “tão velha e imemorial”, imensa e pré-histórica: “A hostilidade me tomara, é mais do que não gostar de baratas: eu não as quero” (Lispector,1964/2009, p.48).

Sua tentativa de fuga do quarto resulta em queda. Ela tropeça entre o pé da cama e a porta aberta do guarda-roupa. Seu corpo se constrange em “nojo profundo”. Agora sim, ela está entrando em seu inferno. O minúsculo quarto se torna imenso deserto. E vai ser erguendo a mão como para um juramento que, num só golpe, ela fechará a porta do guarda-roupa sobre o corpo meio emergido da barata. As duas ficarão ali nesse quarto deserto por longas horas.

Em sua descida ao inferno, ela, que mal conseguia lembrar- se do rosto de Janair, que havia se demitido no dia anterior, verá então o rosto da barata:

Eu nunca tinha visto a boca de uma barata. Eu na verdade – eu nunca tinha mesmo visto uma barata. só tivera a repugnância pela sua antiga e sempre presente existência – mas nunca a defrontara, nem mesmo em pensamento (Lispector, 1964/2009, p. 55).

Agora sim a sua entrada no inferno fora finalmente conquistada: “a entrada para esse quarto só tinha uma passagem, e estreita: pela barata” (Lispector, 1964/2009, p.58). É dentro desse quarto que algo desse encontro com o “puramente vivo” derrubará a sua dita “moralidade anterior”: “Eu estava me liberando de minha moralidade, e isso era uma catástrofe sem fragor e sem tragédia” (Lispector, 1964/2009, p.85).

Freud, em *Psicologia das massas* igualmente pensa uma deposição da moralidade, mas a pensa em função da ascensão de uma nova autoridade (Freud, 1921/2020, p.156). Ele parece estar pensando uma deposição que acontece necessariamente na substituição, quando se deixa de obedecer a uma autoridade instituída e se passa a obedecer a uma nova. Clarice, por sua vez, parece estar problematizando uma queda, uma deposição da moralidade anterior, sem a momentânea ascensão de uma nova que a substitua. Trata-se de um momento de desorientação, algo similar a um lançamento no vazio, na incompreensão, na ausência de sentido e de lei. Para Ana, isso parece se expressar no seu espanto de ver o quanto as pessoas, como o cego mascando goma, se mantém por um mínimo equilíbrio à tona da escuridão. G.H., por sua vez, se sente posta à beira do nada, desgarrando-se de todo o resto: “A primeira ligação já se tinha involuntariamente partido, eu me despregava da lei, mesmo intuindo que iria entrar no inferno da matéria viva” (Lispector, 1964/2009, p.58).

Esses lugares outros em que elas entram, curiosamente, são lugares que chamam. Assim, essas mulheres podem então dar ouvidos a um chamado outro que não aquele chamado ao mérito ou à condecoração, que atrai os obedientes:

A vida do Jardim Botânico chamava-a como um lobisomem é chamado pelo luar. Oh! Mas ela amava o cego! pensou com os olhos molhados. No entanto não era com este sentimento que se iria a uma igreja. Estou com medo, disse sozinha na sala” (Lispector, 2016d, p.153).

G.H., por sua vez, vive nesse quarto deserto a sua grande dilatação: “Era um deserto que me chamava como um cântico monótono e remoto chama. Eu estava sendo seduzida” (Lispector, 1964/2009, p.59).

Esses lugares chamam, e elas vão, mesmo com medo, rumo ao encontro com o desconhecido. Entretanto, algo de uma vivência prévia parece já lhes adiantar que, ao se aproximarem do desconhecido, se aproximam de uma verdade. Há o que se sabe sem nem se saber como; mas é através do corpo, através da náusea, que Ana, por exemplo, pressente a aproximação de uma verdade. Uma verdade da qual não se quer saber, mas

da qual não se pode mais fugir. Isso vem marcado pela memória de sua relação à ostra, que, ao mesmo tempo, lhe suscita asco e fascínio: “Do mesmo modo como sempre fora fascinada pelas ostras, com aquele vago sentimento de asco que a aproximação da verdade lhe provoca, avisando-a”. Ou ainda: “Estava diante da ostra. E não havia como não olhá-la” (Lispector, 2016d, p.152).

Por sua vez, G.H. sente estar se aproximando de uma verdade que a difama, de uma afronta capaz de fazê-la rastejar como a barata:

Mas o meu medo não era o de quem estivesse indo para a loucura, e sim para uma verdade – meu medo era o de ter uma verdade que eu viesse a não querer, uma verdade infamante que me fizesse rastejar e ser do nível da barata (Lispector, 1964/2009, p. 59).

Disso ela sabe, porque há algo de um anterior contato com a verdade que resta inscrito: “Meus primeiros contatos com a verdade sempre me difamaram” (Lispector, 1964/2009, p.59).

Essa entrega ao chamado do Jardim ou ao chamado do quarto de empregada implica caminhar rumo ao desconhecido como quem vai ao encontro de uma verdade. O que essas mulheres parecem alcançar é a constatação de uma ausência de diferença entre eu e o outro. Entre eu e o cego, entre eu e a barata. Parece ser dessa ordem a verdade que difama: não vejo, tanto quanto o cego; ou me rastejo, tanto quanto a barata; e, tanto quanto eles, eu respiro. Ou seja, além de uma deposição da moralidade anterior à entrada no inferno do amor, também parece possível pensar uma deposição daquilo que Freud chama de narcisismo das pequenas diferenças.

Tal deposição pode ser constatada por um reposicionamento dessas mulheres no mundo. Se a entrada no inferno do amor se faz pelo ódio – Ana, em relação ao cego, e G.H., em relação à barata –, em algum momento, como quem se dá conta de que está mal posicionado no mundo, elas trocam de lado. Passam para o lado daquilo que inicialmente odiaram: “Olhei-a, à barata. Eu a odiava tanto que passava para o seu lado, solidária com ela, pois não suportaria ficar sozinha com a minha agressão” (Lispector, 1964/2009, p.57). Ana também: “em tortura ela parecia ter passado para o lado dos que lhe haviam ferido os olhos” (Lispector, 2016d, p. 153).

O que essa troca de lado também parece sugerir é um ultrapassamento do medo obediente de não pertencer. Desgarrar-se é a condição necessária para a troca de lado.

Não pertencer à casta ou ao seu particular “clube de pessoas”. Talvez ali se perceba que o tal clube, muito mais do que separar pessoas em castas, opera antes um separação muito mais cruel: pretensamente, define-se quem é e quem não é digno de ser considerado pessoa. Trocar de lado parece uma ruptura com os tácitos pactos narcísicos previamente estabelecidos. Ao se reposicionarem, elas parecem perceber que, ao estarem ao lado do que sempre chamaram eu, estão do lado errado. Abandonam o eu e seu respectivo clube de pessoas (a massa em que esse eu está inserido) e passam para o lado do outro. Se isso é possível, provavelmente é porque aí o eu já não é mais o mesmo; G.H., que era G.H. até no couro das valises, já se descobriu, irreversivelmente, outra.

Esse reposicionamento parece dar notícias de um redimensionamento narcísico. Isso vem por desistência, abandono e perda: “A despersonalização como a destituição do individual inútil – a perda de tudo o que se possa perder e, ainda assim, ser” (Lispector, 1964/2009, p. 174). Trata-se da gradual deseroização de si: “A deseroização é o grande fracasso de uma vida. Nem todos chegam a fracassar porque é tão trabalhoso, é preciso antes subir penosamente até enfim atingir a altura de poder cair” (Lispector, 1964/2009, p. 175). Talvez possamos pensar numa descida/queda do trono – *His Majesty the Baby*. Uma renúncia forçada à antiga satisfação narcísica por pura impossibilidade de seguir consistindo hierarquicamente as diferenças entre o eu e o outro. Passa-se de melhor e único para mais um no mundo. O abandono pela via da desistência faz-se a grande revelação: “Desisto e quanto menos sou mais vivo” (Lispector, 1964/2009, p.177).

Algo como, a partir da queda, aceitar minha condição – “já que ela é o que existe e não outra” (Lispector, 1964/2009, p.175). Aceitar a carência como nosso “destino maior” é o que parece poder abrir essas mulheres para um mundo outro, onde a piedade não tem mais lugar, passa a ser um resto prescindível. Se Ana inicialmente é tomada por uma piedade pelo cego que a sufoca e nauseia, no fim, ao se dar conta de que seus dias se haviam “rompido na crosta”, ela também percebe que aquilo que sentia já não era mais piedade: “não era só piedade: seu coração se enchera com a pior vontade de viver” (Lispector, 2016d, p.153). A piedade por si e pelo outro, sempre tão deformante e assimétrica, se transforma em algo inútil: “E via que o inferno era isso: a aceitação cruel da dor, a solene falta de piedade pelo próprio destino, amar mais ao ritual de vida que a si próprio” (Lispector, 1964/2009, p.120).

Talvez só atravessando o amor e seu inferno, travessia incerta e nunca garantida, é que se possa conquistar um amor outro. Quem sabe isso não possa ser pensado como a conquista de uma nova fechadura. Uma nova qualidade de amor, operada pela passagem do amor obediente, o amor-sacrifício, ao amor sem piedade. Justamente este é que permite uma abertura do eu ao que é outro, amar o que é não-eu, o que não depende da complacência narcísica da idealização, o que só se atinge por uma queda e alteração do próprio eu e pela destituição de seus próprios ideais. Indo em direção ao desconhecido como quem vai rumo a uma verdade, da qual não se quer saber: uma verdade que parece depor o bebê sua majestade. Deve ser por isso que G.H. inicia seu relato falando da desilusão: “Talvez a desilusão seja o medo de não pertencer a um sistema. No entanto se deveria dizer assim: ele está muito feliz porque finalmente foi desiludido” (Lispector, 1964/2009, p.11).

## 5. Desdobro especular

Ir em direção a uma verdade que me difama, desiludir-me e estar muito feliz; certamente, não é para todos. Eu diria que só para aqueles de alma forte. O ponto é que, se uma ilusão tem mesmo algum futuro, parece que ele não pode ser outro, senão este: a desilusão. Se a desilusão, seguida de felicidade, é só para aqueles de alma forte, adivinho Um, de alma muito frágil, que provavelmente não teria condições de suportar tamanha afronta do destino: o pai da horda. Diga-se de passagem, *feliz* é palavra que não combina em nada com ele.

Se, como Freud (1921/2020) propõe, a massa é uma revivescência da horda originária, isso só é possível porque esse “ser humano primitivo” se encontraria virtualmente conservado em cada indivíduo. A essa altura, nós já entendemos como o ideal do eu está a serviço dessa conservação. Por ele se encontrar virtualmente conservado em cada um de nós, a horda pode sempre se restabelecer a partir de uma multidão qualquer de seres humanos. A massa é apenas uma continuação da horda; parece que, com ela, nunca rompemos. À barbárie, à tirania do Um, do pai, podemos sempre retornar, por puro empuxo regressivo, por puro fascínio.

Se, como Freud afirma, logo no início de seu estudo, entre psicologia individual e social (ou das massas), não há oposição, então é possível supor que uma tenha de ser tão antiga quanto a outra, pois, desde o início, elas coexistiam:

Os indivíduos da massa eram tão ligados como hoje, mas o pai da horda originária era livre. Seus atos intelectuais eram, mesmo no isolamento, fortes e independentes, sua vontade não precisava do fortalecimento através do outro. Consequentemente supomos que seu eu era pouco ligado libidinalmente, ele não amava ninguém além dele, e só amava os outros na medida em que serviam às suas necessidades. Seu eu não cedia nada que sobrasse aos objetos (Freud, 1921/2020, p.201).

O pai da horda era livre. Ele não amava ninguém além dele. Nesse instante, parece inevitável não nos lembrarmos daquela frase: “É liberdade ou estou sendo mandada?” (Lispector, 2016b, p.311). Ser livre é mesmo isso? Não amar ninguém além de si? Então me lembro de que, certa vez, Clarice esteve em Brasília. Aqui, ela se sentiu presa na liberdade:

Mas vejo ao longe urubus sobrevoando. O que estará morrendo, meu Deus? – Não chorei nenhuma vez em Brasília. Não tinha lugar. – É uma praia sem mar. – Em Brasília não há por onde entrar nem por onde sair. – Mamãe, está bonito ver você em pé com esse capote branco voando (É que morri, meu filho). – Uma prisão ao ar livre. De qualquer modo não haveria para onde fugir. Pois quem foge iria provavelmente para Brasília. – Prenderam-me na liberdade. Mas liberdade é só o que se conquista. Quando me dão estão me mandando ser livre (Lispector, 2016g, p.593).

Sim, o pai da horda é livre, muito livre dentro da própria cegueira narcísica. Tão livre que não tem para onde fugir, pois, se tentasse fugir, retornaria a si. De fato, ele não precisa amar ninguém, ele não precisa de ninguém. Isso me faz pensar nos espelhos mágicos de Virginia Woolf. Em *Um teto todo seu*, ela fala do quanto, há séculos, as mulheres têm servido como espelhos “com poderes mágicos e deliciosos de refletir a figura do homem com o dobro do tamanho natural” (Woolf, 1929/2014, p.54). Cito-a:

Seja qual for o seu uso nas sociedades civilizadas, os espelhos são essenciais para todas as ações violentas e heroicas. É por isso que tanto Napoleão quanto Mussolini insistiam tão enfaticamente na inferioridade das mulheres, pois se elas não fossem inferiores, eles deixariam de crescer (...). Pois se ela resolver falar a verdade, a figura refletida no espelho encolherá; sua disposição para vida diminuirá. Como ele continuará a fazer julgamentos, civilizar nativos, criar leis, escrever livros, vestir-se bem e discursar em banquetes, a menos que consiga ver a si mesmo no café da manhã e no jantar com pelo menos o dobro do tamanho que realmente tem? (Woolf, 1929/2014, p.55).

Para Woolf, a alegoria do espelho é de importância suprema, porque ela recarregaria a “vitalidade” e a “autoconfiança” masculina. Ela completa: “Exclua isso e o homem morre, como o viciado em cocaína quando privado da droga” (Woolf, 1929/2014, p.56). Assim, parece ser possível afirmar que, sim, o pai da horda é livre dentro desse encanto da ilusão especular; ele é tão livre quanto “o viciado em cocaína” é livre da droga.



O pai da horda é livre, ele não precisa amar ninguém, ele não precisa de ninguém. Ele só precisa de todos e cada um sustentando-o na sua liberdade, na sua suposta autossuficiência, na sua ilusão de que ele basta a si mesmo. Ele só precisa de todos e cada um lhe servindo de espelho mágico, lhe refletindo a sua própria figura com o dobro do tamanho real.

E só há uma forma de oferecer ao outro esse espelho mágico: inferiorizando-se. Voluntariosamente. Se todos não forem inferiores a ele, ele deixa de crescer. Não esquecer: onde há dobro, o desdobro é sempre possível. Se os espelhos mágicos não lhe forem oferecidos, ele terá que se haver com sua metade. Se ele não puder contar com a voluntariosa inferiorização de todos e cada um, então ele terá de se haver com seu tamanho real. Se os espelhos complacentes não lhe forem oferecidos, então ele não terá outra saída senão lidar com o fato de que ele, como eu ou você, não vê tanto quanto o cego mascarando chicletes, rasteja tanto quanto a barata.

O ponto é que a tal “liberdade” dele nos custa a inferiorização. Essa inferiorização pode vir a nos custar nosso delicado essencial. Se amor é sacrifício (e se é heroico suportar), a pergunta é até que ponto é possível nos inferiorizarmos para que ele não deixe de crescer. É que a passagem insistente do tempo vai tornando isso tudo muito diário, diário, diário: “Às vezes arfante” (Lispector, 2016a, p.344). Até que chegamos ao dia em que a mulher, – “tendo dado uma mordida numa maçã sentiu quebrar-se um dente da frente”. É com a maçã ainda na mão e se olhando perto demais no espelho do banheiro que ela: “com cinquenta e tantos anos e sem um bilhete, em vez de ir ao dentista, jogou-se pela janela do apartamento” (Lispector, 2016a, p. 348). É esse o súbito fim do conto *Os obedientes*. É assim que o leitor, tão amornado por esse cotidiano compreensível e tedioso do casal, se vê violentamente arremessado numa repentina ausência de sentido. Esse fim, esse arremesso pela janela, em última instância, parece sugerir ser esse o destino obediente.

No fim, a obediência – suposto caminho seguro – revela seu custo: a vida. Aquilo que não entra nem poderia entrar nas constantes verificações de receita e despesa do casal. Porque ela, a vida, parece estar do lado da ausência de cálculo. Se, como propõe Freud (1930/2020, p. 402), o supereu é essa instância que decreta um mandamento sem perguntar e sem querer saber se é possível lhe obedecer, se o supereu é essa instância que, na severidade de suas imposições, não se preocupa com a

felicidade do eu, se ele não tem limites na sua exigência de renúncia e sacrifício, então parece que a obediência tem. O suicídio pode ser a única saída encontrada para fazer cessar e calar os imperativos que exigem sempre um sacrifício a mais. Oferta-se o próprio corpo em sacrifício último. Aquele que faz calar o tormento das exigências sem fim.

Haverá outra saída que não essa – jogar-se pela janela do apartamento? Parece que sim. Ouvi dizer que as portas do inferno estão sempre abertas. Do amor e seu inferno. Abertas para aqueles que ousarem atravessá-lo. Se liberdade é só o que se conquista, parece que não há outro caminho para conquistá-la senão descendo para conhecer as recusadas raízes em que se sustentam os elevados ideais.

Parece que é isso que a travessia do amor e seu inferno nos permite subverter: os elevados ideais do eu. Conquistar uma nova forma de amar, conquistar um amor impiedoso e a possibilidade de amar a si impiedosamente parece implicar um afrouxamento de laços aos ideais herdados do pai. Talvez se trate de um remodelamento do amor e sua fechadura.

Algo importante que Freud (1930/2020) aponta é o quanto o supereu é um vestígio do amor. Se há supereu é porque fomos capazes de amar aquele que nos trucidava. Não era apenas ódio. E isso segue tão atual – o quanto amamos quem nos trucidava? Freud brinca de adivinhar nossas raízes apagadas: para se livrarem do pai da horda e de suas ilimitadas exigências tirânicas por mais um sacrifício, os irmãos (apenas os homens, nessa adivinhação freudiana as mulheres não aparecem) se uniram e o mataram. A tirania não deixou outra escolha. E, quando julgavam estar, finalmente, livres, veio o remorso pelo assassinato. Talvez esse tenha sido o primeiro crime de amor, já que, por amor a ele, ao pai, em sua homenagem se erigiu um monumento vivo dentro de cada um: o supereu. Teria sido essa a maneira encontrada para se apaziguar a culpa pelo ato assassino. Agora o carregamos dentro, na forma de uma instância que, como o pai primevo, segue subjugando o eu.

Como o pai, o supereu nos vigia; na verdade, pior do que ele, já que, dessa instância, nada podemos esconder, nem mesmo os pensamentos. Se antes era o pai a nos vigiar e punir, a nos exigir sempre mais um sacrifício, agora é o supereu que o substitui tão severamente. O que Freud também adivinha é que provavelmente se tratava de um ciclo sem fim: nós vivíamos matando o pai eternamente; a cada assassinato, um novo

filho ascendia ao lugar vazio de grande tirano. A única maneira de colocar fim a esse ciclo infernal teria sido pela pactuação da renúncia pulsional. É preciso que, após o assassinato do pai, ninguém ceda à tentação de ocupar o lugar deixado vazio pela deposição do último tirano. A gradual interiorização da punição teria sido a via para pôr fim ao ciclo sem fim da barbárie. Teria sido esse o arranjo possível.

Se antes aguardávamos pela punição do pai, agora a necessidade de punição toma a dianteira e se faz manifestação pulsional. Como Freud ali aponta, é essa a grande desvantagem econômica da instauração dessa instância: parece que nada é capaz de apaziguar sua sede de punir. Ao tentarmos nos libertar da autoridade e da tirania do pai que nos trucidava, não encontramos outro caminho senão este: interiorizá-lo. É assim que o supereu se revela como uma evidência de quanto o amor tem parte na nossa relação ao pai primevo. Ele nos fascina, e nós pagamos o preço por amá-lo e admirá-lo em sua posição narcísica supostamente inatacável.

Parece que, em matéria de amor, o nosso modelo foi o pior. Porque o pai da horda trucidava tudo o que não era ele; achávamos que ele sim era livre. Mas essa é apenas nossa necessidade de acreditar que há Um que possa se livrar de nossa humana condição que é precisar. Precisar do outro para seguir existindo. Nosso problema é essa combinação perigosíssima entre nossa tendência ao fascínio e à adoração com a nossa necessidade de salvação do desamparo. O que, muitas vezes, equivocadamente, nos conduz à certeza de que esta vem através daquela. Adoramos quem nos trucidava como se disso dependesse a nossa salvação. Enquanto nosso ideal de liberdade ainda for esse tão antigo e infantil – bastar a si mesmo –, ainda estaremos presos na liberdade. Enquanto esse for o nosso ideal de liberdade, não é difícil adivinhar que ainda permanecemos sob efeito de fascínio hipnótico. Ainda precisaremos consistir Um que seja livre, à custa de nossa inferiorização, e fazê-lo como se disso dependesse a nossa salvação.

Se é essa nossa herança, se herança não se escolhe, apenas se herda, se não somos nós que determinamos nossos fascínios, mas parecemos, antes, ser determinados por eles, então Clarice parece nos lembrar de que ainda somos capazes de um fascínio outro. Além do fascínio pela posição narcísica inatacável, que tanto nos atrai, também somos capazes de fascínio pelo desconhecido, que nos suscita nojo e asco: “Como a repulsa que precedesse uma entrega – era fascinante, a mulher tinha nojo, e era

fascinante” (Lispector, 2016d, p.151). Também somos capazes de entrega ao desconhecido. Ainda bem.

Além de não nos deixar esquecer da nossa capacidade de entrega ao desconhecido, o pensamento de Clarice é também uma afirmação do quanto a conquista de alguma liberdade não está em nos aproximarmos dos nossos antigos anseios de onipotência, não está em bastar a si mesmo. A conquista de alguma liberdade talvez esteja na deposição desse equivocado ideal, e isso parece ter estreita relação com a conquista de uma nova forma de amar. Ou seja, de se ligar, estabelecer laços de outra qualidade. Realizar essa passagem do amor-sacrifício a um amor outro, ao amor sem piedade, é o que parece nos abrir para a liberdade de amar o que é não-ideal, não-eu, não-espelho: o outro, o rato, a barata, Macabéa.

Desobediência, portanto, é conquistar uma nova forma de amar. É construir a possibilidade de amar algo outro que não a única coisa que o tirano nos ordena a amar: ele mesmo. É construir a possibilidade de não amar quem nos trucidou. Enquanto nosso ideal de liberdade ainda for esse do tirano – bastar a si mesmo –, então ainda estaremos obedientemente amando o pai da horda, e não uns aos outros. Porque, no fundo, esse que nos serviu de modelo de amor era, na verdade, o mais obediente de todos a esse ideal de liberdade. Só subvertendo-o é que parece ser possível reconstruir o mundo, começar do primeiro começo. E, fazer o quê, se, para nos libertarmos dos ideais do tirano, precisamos suportar deixar cair nosso bebê majestoso? Ouvei dizer que ele caiu e passa bem. Foi justamente a queda que lhe abriu o mundo. Talvez só aí se conquiste também condições de oferecer outro espelho ao pai primevo, ou qualquer autoridade que o valha, seja ela o chefe da horda, da milícia, da igreja, do exército ou do Estado. Espelho outro, não aquele complacente, que lhe duplica o tamanho à custa de nossa obediente inferiorização, mas talvez espelhos impiedosos, que lhe ofereça a própria imagem em seu tamanho natural. Provavelmente como o mural de Janair – aqueles três autômatos nus em grossos traços feitos por ponta quebrada de carvão –, que, pelos contornos de uma “nudez vazia”, convocam G.H. a, através do estranhamento, atingir um reconhecimento de si.

Claramente, a saída do inferno do amor não se faz por uma afirmação narcísica, mas sim pela afirmação do desamparo. Só isso nos salva. Liberdade não é não precisar. Liberdade não é bastar a si mesmo. A afirmação narcísica e seu engodo autossuficiente

são sempre o passo através do qual retornamos à barbárie, ao inferno na terra. O que o pai da horda, essa frágil alma, mais teme é precisar, precisar do outro, fazer laço, depender; tudo isso para ele é um modo de se prender.

Parece que se sai do inferno sem medo de admitir que “Sou uma necessitada”. Sem medo de precisar. O inferno, por impor uma espécie de luta primária pela vida, parece revelar que solidão é não precisar: “Não precisar deixa um homem muito só, todo só. Ah! Precisar isola a pessoa” (Lispector, 1964/2009, p.170).

Ouvi dizer que se sai de lá, do inferno, confiando que, se o desamparo é a nossa condição, então ele é também a nossa única garantia. Essa travessia, ao que tudo indica, nos subverte e transforma nosso medo de precisar em nossa grande confiança:

É só precisar e ter. A fé – é saber que se pode ir e comer o milagre. A fome, esta é que é em si mesma a fé – e ter necessidade é a minha garantia de que me será dado. A necessidade é o meu guia (Lispector, 1964/2009, p.169).

E quem não precisa simplesmente não precisa. Então também não pode receber. Quem não precisa não sabe ter, e perde a chance de se aproximar de alguma felicidade. Afinal, quem poderia ser feliz precisando obedientemente eliminar tudo que é nãoeu? (A propósito, ainda não nos esquecemos de que, quase três anos depois, ainda não sabemos quem mandou executar Marielle Franco, mas não é difícil adivinhar que deve ter sido alguém bastante infeliz).

É assim que, para Clarice, liberdade é amar. Mas amar desobedecendo à nossa herança arcaica de amor. A liberdade só será conquistada por uma aceitação de nossa condição. Precisamos uns dos outros. Assim, quem sabe, se atinge então a possibilidade de outro cálculo: “Porque eu fazia do amor um cálculo matemático errado: pensava que somando as compreensões eu amava. Não sabia que, somando as incompreensões, é que se ama verdadeiramente” (Lispector, 2016e, p.405).

## **6. A rua é uma mãe**

Encaminhando-me finalmente para o abandono final dessa reflexão (como é difícil abandonar alguma coisa em que nos instalamos por tanto tempo, mas esse abandono será bom, poderei descansar no fim), faz-se incontornável o meu retorno à rua. Parece que, da reflexão de Clarice sobre a travessia do amor e seu inferno e sobre a

conquista de alguma liberdade a partir daí, é possível retirar uma consideração do quanto a entrada num lugar outro é fundamental ao favorecimento da descida do sujeito ao seu próprio inferno amoroso.

Se, como propõe Hélène Cixous (1989, p.129), cada um tem seu estranho pessoal, cada um tem o seu mais outro possível, a criatura que seria, para nós, a mais estrangeira possível (mas ainda dentro da esfera do reconhecível), então parece igualmente possível afirmar que cada um terá o seu inferno particular. A descida até ele nada mais é do que o movimento de ir ao encontro do seu outro. O ponto é que só descendo é que se pode descobrir quem ele é. Só descendo é que se tem a chance de encarar o seu Diabo de perto, ver o rosto do que mais se teme, de olhar nos olhos o que mais se tem nojo.

A entrada nesse lugar outro já marca a expulsão do sujeito de um lugar em que antes ele estava confortavelmente instalado: “Eu estava saindo do meu mundo e entrando no mundo” (Lispector, 1964/2009, p.62). Estrangeirar-se é uma vivência fundamental para o redimensionamento narcísico que se operará. E nem sempre é preciso ir longe para encontrar esse lugar outro; afinal, G.H. encontra um território estrangeiro dentro do próprio apartamento.

Algo aí parece sugerir que é só na experiência de encontro com o outro é que as instáveis fronteiras do eu podem ser redefinidas, numa espécie de jogo adivinhatório entre estranhamento e reconhecimento. Dois lados de uma mesma moeda, já que não há reconhecimento sem estranhamento, nem estranhamento sem reconhecimento. Talvez só a experiência seja capaz de promover tal deslocamento de fronteiras nesse terreno das certezas estabelecidas. Só o encontro com o que é outro, com o que me desorienta, pode me propiciar a vivência de destituição das minhas categorias de inteligibilidade do mundo, me propiciar a vivência de uma desestabilização da linha com a qual separo o que acredito ser possível do que acredito ser impossível, da linha com a qual separo o outro de mim.

Se, ao entrar nesse lugar outro, Ana se dá conta de que, no jardim, a moral era outra, eu, por minha vez, não consigo não pensar que, na rua, a economia era outra. Na rua, ele me disse: “ninguém passa fome”. O tênis que ele tinha no pé, a rua tinha lhe dado. “Na rua, quem trabalha lavando e vigiando carros nos estacionamentos públicos ganha mais dinheiro do que você”, ele me disse. E ele nem sabia com o que eu

trabalhava ou quanto eu ganhava, porque isso absolutamente não importava. Na rua, quem trabalha lavando e vigiando carros ganha mais dinheiro do que você também, que está me lendo agora. É que, na rua, a economia era outra. Entende?

Eu precisei dar uma grande volta para poder dar lugar a essa frase que me deslocou as categorias de impossível: a rua é uma mãe. Só agora eu consigo reconhecer o quanto essa frase, que eu achava falar algo sobre a mãe, talvez diga muito mais sobre o filho. Essa frase é um reconhecimento de maternidade. Eu nunca havia pensando nisso antes, nem no quanto esse reconhecimento não se prova com exames laboratoriais como aqueles de paternidade. É que, para o mais verdadeiro, eu ouvi dizer, não há provas: “Não se pode dar uma prova da existência do que é mais verdadeiro, o jeito é acreditar. Acreditar chorando” (Lispector, 1977/2017, p.46).

Foi assim que eu entendi que quem assume a mãe é o filho. A rua é uma mãe para o filho que for capaz de reconhecimento. A essa altura, como não pensar que a rua é a grande mãe impiedosa? Ela não é a mãe complacente, que nos oferece o trono através do qual atualiza o seu próprio narcisismo. A rua é uma mãe que nos descentra no mundo. Seus seios fartos nos nutrem com esse amor de qualidade outra – o amor impiedoso. De até onde eu tenho notícias, me parece que só ela atinge esse grau zero de impiedade. Só ela consegue ser tão impiedosa quanto o acaso. O que se pode aprender com essa mãe e com esse amor?

O filho que consegue reconhecer na rua uma mãe é porque provavelmente já reconhece que viver é a graça. Reconhece o quanto a vida é uma contingência, o quanto ela é fruto de um acaso. Reconhece o quanto: “Tudo no mundo começou com um sim. Uma molécula disse sim a outra molécula e nasceu a vida” (Lispector, 1977/2017, p.47). O que se pode aprender com esse filho, senão a grande arte que é saber ter a única coisa que realmente temos? – A vida.

Agora a rua me parece a grande mãe impiedosa que dá para quem sabe receber. E só cria condições de bem receber quem não tem medo de precisar. Precisar é a nossa benção, é o que nos abre, é o que nos salva da solidão e da impostura. Saber ter é chave da felicidade, e o segredo é lembrar-se, a cada vez, da graça que é ter. Porque ter é sempre um milagre (Cixous, 1989, p.147). A fome é a fé, e a necessidade é minha garantia de que me será dado (Lispector, 1964/2009, p. 169). Só retomando a cada vez o não ter, a cada vez se assumir despossuído, desamparado, é o que permite criar as boas

condições de recebimento da graça. A graça que é a vida. Receber de graça e também dar por pura graça. Desconfio que, na rua, a solução para precisar é dar, para receber é precisar.

Então, inevitavelmente, eu me pergunto: o que psicanalistas poderiam aprender sobre possessão e despossessão, sobre precisar e ter, sobre amor e liberdade com a grande mãe impiedosa? Nesses tempos de pandemia, longe da rua, eu me pego constatando o quanto a questão não era sobre o que nós, psicanalistas na rua, poderíamos fazer pelas almas corajosas que se sentavam nas cadeiras vazias ao nosso lado. Eu estava me colocando a pergunta errada. A questão é o que a rua poderia fazer pelos e pelas psicanalistas que se sentavam nela com uma cadeira vazia ao seu lado.

Como psicanalistas poderiam salvar-se do risco da contaminação pelo “ouro puro” da psicanálise? Será que a saída para não fazer da fome do outro uma abstração estaria em pisar o chão que ele pisa de pés descalços? Sem temer sujar os próprios pés, ir caminhando devagar com a ferida desprotegida e, aos poucos, conquistar aquela indistinção entre o que é pé e o que é chão? Poderia a psicanálise ir humildemente, de pés descalços, se abrindo à alteração, a partir do encontro com quem nunca antes pronunciou esse nome em sua vida? E, assim, abrir-se para se tornar *Psicanalaise* na boca de quem pronuncia pela primeira vez esse nome como se estrangeiro ele fosse? E que nome não começou sendo estrangeiro, sendo palavra vinda da boca do outro? Que chão pisam os pés do que eu chamo psicanálise?

Talvez seja um caminho sem volta buscar uma psicanálise feita à beira. À beira de suas certezas, à beira de suas purezas, à beira dos lugares em que ela está confortavelmente instalada. Agora, todo esse chão percorrido me faz pensar em apenas uma coisa. Se, como Ana, que foi capaz de dar ouvidos ao chamado do jardim, ou como G.H., que foi seduzida pelo chamado do deserto, o que poderia acontecer com cada um de nós se déssemos ouvidos ao chamado da rua? Como a rua nos alteraria? Que efeitos essa experiência suscitaria? Como a rua favoreceria a descida aos nossos infernos do amor? Importante não esquecer que a rua, essa mãe impiedosa, pode vir a ser nossa, se nós, como filhos, a reconhecermos.

Ouvi dizer que, quando ela dá para o filho orgulhoso, ela é capaz de se apagar completamente para que ele possa receber sem se sentir em dívida. Receber de graça, como se fosse dado pelo acaso. Então, eu fico pensando: o que psicanalistas



poderiam receber dessa grande mãe de seios fartos de amor impiedoso? Nesses tempos de pandemia, nesses tempos longe da rua, eu me pego alucinando uma nova cepa de psicanalistas que surgirá da rua e que será de transmissão tão potente quanto as novas mutações desse vírus, invisível a olho nu, que nos revirou e que já nos expulsou do mundo como o conhecíamos.

## Referências

- AfroCubism (2010). Al vaivén de mi carreta [Música]. On*AfroCubism* [Álbum]. World Circuit. Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=F7gLOA7XNW4>
- Assumpção, Itamar (1994). Milágrimas [Música]. On*Bicho de Sete Cabeças - Volume 2* [Álbum]. Baratos Afins. Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=Dxg3TOPzBro>
- Bethânia, Maria (2006). Felicidade [Música]. On*Tempo TempoTempoTempo* [Álbum]. Biscoito Fino. Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=8dfMrLteduA>
- Buarque, Chico (1978). Pedaco de mim [Música]. On*Chico Buarque* [Álbum]. Philips. Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=Zj8C9JTSISo>
- Campilho, Matilde (2019). *Jóquei*. São Paulo: Editora 34.
- Caruso, Enrico (1904). Una furtiva lacrima [Música]. Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=t936rzOt3Zc>
- Carvalho, Vladimir (Diretor). (1990). *Conterrâneos velhos de guerra* [Filme]. Vladimir Carvalho. Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=iDcz3Uw21wI>
- Cixous, Hélène (1989). *L'heure de Clarice Lispector*. Paris: Des femmes.
- Cixous, Hélène (2019). *Le prénom de Dieu*. Saint-Dennis: Presses Universitaires de Vincennes.
- Freud, Sigmund (2012). *A interpretação dos Sonhos*(Vols. 1-2, R. Zwick, trad.). Porto Alegre: LP&M. (Obra original publicada em 1900)
- Freud, Sigmund (2018). Sobre as teorias sexuais infantis. InG. Iannini (ed.), & M. R. S. Moraes (trad.), *Amor, sexualidade, feminilidade. Obras incompletas de Sigmund Freud* (pp. 95-116). Belo Horizonte: Autêntica. (Obra original publicada em 1908)
- Freud, Sigmund (2012). Totem e tabu. In InP. C. de Souza (trad.), *Totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos*(pp. 13-243). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1908b)

Freud, Sigmund (2015). Uma lembrança de infância de Leonardo da Vinci. In G. Iannini (ed.), & E. Chaves (trad.), *Arte, literatura e os artistas. Obras incompletas de Sigmund Freud* (pp. 69-166). Belo Horizonte: Autêntica. (Obra original publicada em 1910)

Freud, Sigmund (2010). Introdução ao narcisismo. In P. C. de Souza (trad.), *Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos* (pp. 151-169). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1914)

Freud, Sigmund (2011). *Luto e melancolia* (M. Carone, trad.). São Paulo: Cosac Naify. (Obra original publicada em 1915)

Freud, Sigmund (2014). As pulsões e seus destinos. In G. Iannini (ed.), & P. H. Tavares (trad.), *As pulsões e seus destinos. Obras incompletas de Sigmund Freud* (pp. 13-72). Belo Horizonte: Autêntica. (Obra original publicada em 1915)

Freud, Sigmund (2015). Transitoriedade. In G. Iannini (ed.), & E. Chaves (trad.), *Arte, literatura e os artistas. Obras incompletas de Sigmund Freud* (pp. 221-226). Belo Horizonte: Autêntica. (Obra original publicada em 1916)

Freud, Sigmund (2010). Uma dificuldade da psicanálise. In P. C. de Souza (trad.), *História de uma neurose infantil: ("O homem dos lobos") e outros textos* (pp. 240-251). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1917)

Freud, Sigmund (2017). Caminhos da terapia psicanalítica. In G. Iannini (ed.), & C. Dornbusch (trad.), *Fundamentos da clínica psicanalítica. Obras incompletas de Sigmund Freud* (pp. 191-204). Belo Horizonte: Autêntica. (Obra original publicada em 1919)

Freud, Sigmund (2019). O infamiliar. In G. Iannini (ed.), E. Chaves, & P. H. Tavares (trads.), *O infamiliar. Obras incompletas de Sigmund Freud* (pp. 27-126). Belo Horizonte: Autêntica. (Obra original publicada em 1919)

Freud, Sigmund (2020). Além do princípio de prazer. In G. Iannini (ed.), & M. R. S. Moraes (trad.), *Além do princípio de prazer. Obras incompletas de Sigmund Freud* (pp. 57-220). Belo Horizonte: Autêntica. (Obra original publicada em 1920)

Freud, Sigmund (2020). Psicologia das massas e análise do eu. In G. Iannini (ed.), & M. R. S. Moraes (trad.), *Cultura, sociedade, religião. O mal-estar na cultura e outros*

*escritos. Obras incompletas de Sigmund Freud* (pp. 137-232). Belo Horizonte: Autêntica. (Obra original publicada em 1921)

Freud, Sigmund (2011). O eu e o id. . InP. C. de Souza (trad.), *O eu o id, "autobiografia" outros textos*(Edição Kindle). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1923)

Freud, Sigmund (2016). O problema econômico do masoquismo. In G. Iannini (Ed.). & M.R.S. Moraes (trad.), *Neurose, Psicose, Perversão. Obras incompletas de Sigmund Freud* (pp. 287-304). Belo Horizonte: Autêntica. (Obra original publicada em 1924)

Freud, Sigmund (2020). O futuro de uma ilusão. In G. Iannini (ed.), & M. R. S. Moraes (trad.), *Cultura, sociedade, religião. O mal-estar na cultura e outros escritos. Obras incompletas de Sigmund Freud* (pp. 233-298). Belo Horizonte: Autêntica. (Obra original publicada em 1927)

Freud, Sigmund (2020). O mal-estar na cultura. InG. Iannini (ed.),& M. R. S. Moraes (trad.), *Cultura, sociedade, religião. O mal-estar na cultura e outros escritos. Obras incompletas de Sigmund Freud*(pp. 305-410). Belo Horizonte: Autêntica. (Obra original publicada em 1930)

Freud, Sigmund (2010). Um distúrbio de memória na Acrópole (Carta a Roman Rolland). InP. C. de Souza (trad.), *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos*(pp. 436-450). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1936)

Freud, Sigmund (2017). Construções na análise. InG. Iannini (ed.), & C. Dornbusch (trad.), *Fundamentos da clínica psicanalítica. Obras incompletas de Sigmund Freud* (pp. 365-382). Belo Horizonte: Autêntica. (Obra original publicada em 1937)

Gil, Gilberto (2000). O amor aqui de casa [Música]. On *As canções de eu, tu, eles* [Álbum]. Warner Music. Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=2bptRS1Qc3k>

Krassik, Nicolas (2008). O amor daqui de casa [Música]. On *Nicolas Krassik e cordestinos* [Álbum]. Rob Digital. Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=xWuUCCxn07U>

Lacan, Jacques (2003). Proposição de 9 de Outubro de 1967 sobre o psicanalista da escola. In J. Lacan, *Outros escritos*(pp. 248-262). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Obra original publicada em 1967)

Lerner, Júlio (1977). *Panorama com Clarice Lispector* [Entrevista]. TV Cultura. Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=ohHP112EVnU>

Lispector, Clarice (1999). *A maçã no escuro*. Rio de Janeiro: Rocco. (Obra original publicada em 1961)

Lispector, Clarice (2009). *A paixão segundo G.H.* Rio de Janeiro: Rocco. (Obra original publicada em 1964)

Lispector, Clarice (2017). *A mulher que matou os peixes*. Rio de Janeiro: Rocco pequenos leitores. (Obra original publicada em 1968)

Lispector, Clarice (2017). *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco. (Obra original publicada em 1977)

Lispector, Clarice (1999). *Um sopro de vida*. Rio de Janeiro: Rocco. (Obra original publicada em 1978)

Lispector, Clarice (2016a). Os obedientes. In B. Moser (org.), *Clarice Lispector: todos os contos*(pp. 342-348). Rio de Janeiro: Rocco.

Lispector, Clarice (2016b). O ovo e a galinha. In B. Moser (org.), *Clarice Lispector: todos os contos*(pp. 303-313). Rio de Janeiro: Rocco.

Lispector, Clarice (2016c). Menino a bico de pena. In B. Moser (org.), *Clarice Lispector: todos os contos* (pp. 417-421). Rio de Janeiro: Rocco.

Lispector, Clarice (2016d). Amor. In B. Moser (org.), *Clarice Lispector: todos os contos* (pp. 145-155). Rio de Janeiro: Rocco.

Lispector, Clarice (2016e). Perdoando Deus. In B. Moser (org.), *Clarice Lispector: todos os contos* (pp. 403-407). Rio de Janeiro: Rocco.

Lispector, Clarice (2016f). Brasília. In B. Moser (org.), *Clarice Lispector: todos os contos* (pp. 591-595). Rio de Janeiro: Rocco. (Obra original publicada em 1964)

- Lispector, Clarice (2016g). Brasília: esplendor. In B. Moser (org.), *Clarice Lispector: todos os contos* (pp. 595-618). Rio de Janeiro: Rocco. (Obra original publicada em 1974)
- Lispector, Clarice (2016h). Mineirinho. In B. Moser (org.), *Clarice Lispector: todos os contos* (pp. 386-392). Rio de Janeiro: Rocco.
- Lispector, Clarice (2016i). A legião estrangeira. In B. Moser (org.), *Clarice Lispector: todos os contos* (pp. 349-365). Rio de Janeiro: Rocco.
- Lispector, Clarice (2016j). Os desastres de Sofia. In B. Moser (org.), *Clarice Lispector: todos os contos* (pp. 261-279). Rio de Janeiro: Rocco.
- Lispector, Clarice (2016l). Felicidade clandestina. In B. Moser (org.), *Clarice Lispector: todos os contos* (pp. 393-396). Rio de Janeiro: Rocco.
- Lourenço, Iolando (11 de agosto de 2011). Descobertas frases deixadas por trabalhadores que construíram o Congresso Nacional. *Agência Brasil*. Recuperado de <http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2011-08-11/descobertas-frases-deixadas-por-trabalhadores-que-construiram-congresso-nacional>
- Magalhães, Danielle (2018). *Quando o céu cair*. Rio de Janeiro: 7letras.
- Malufe, Anita (2012). *Quando não estou por perto*. Rio de Janeiro: 7letras.
- Melo Neto, João Cabral (2016). *Morte e vida Severina: auto de Natal pernambucano*. Rio de Janeiro: Alfaguara. (Obra original publicada em 1955)
- Memorial da Democracia (s. d.). *Construção de Brasília*. Recuperado de <http://memorialdademocracia.com.br/card/construcao-de-brasilia>
- Piazzolla, Astor (1974). Libertango [Música]. On *Libertango* [Álbum]. Trova. Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=vaXNdVTGT0k>
- Rivera, Tania (2017). *Fora da imagem: (Foto)Grafias*. Rio de Janeiro: o autor.
- Verunschck, Micheliny (2017). *Maravilhas banais*. Goiânia: Martelo.
- Viola, Paulinho da (1972). Dança da solidão [Música]. On *A dança da solidão* [Álbum]. EMI. Recuperado de <https://youtu.be/PBtfKsXEhFo>

Woolf, Virginia (2014). *Um teto todo seu*. São Paulo: Tordesilhas. (Obra original publicada em 1929)